

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

OS FANA NO CONTEXTO GALO-ROMANO

Volume I: Dissertação de Mestrado

Tatiana Bina

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de *Mestre* em Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Maria Isabel d'Agostino Fleming

Linha de Pesquisa: Processos de Formação e Transformação Social

São Paulo

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Resumo

Essa pesquisa ensejou ampliar a discussão sobre os templos de tradição gaulesa em espaços urbanos na Gália romana durante o Alto Império Romano e fornecer substratos para a compreensão deste fenômeno. Alguns debates perpassaram toda a concepção, estudo e interpretação dos dados: a “romanização”, a relação entre política e religião, a questão da antecedência e continuidade de cultos religiosos gauleses e a organização de espaços na Gália romana. O levantamento de plantas onde os *fana* tinham uma relação com o espaço urbano construído segundo as tradições arquitetônicas romanas permitiu o estabelecimento de dados que, quando comparados, possibilitaram apresentar um quadro mais preciso sobre o papel da religiosidade galo-romana frente à instituição simbólica e material do espaço urbano.

Palavras-chave: Gália-romana, religião, templos, romanização e urbanização.

Abstract

This research envisaged to enlarge the discussion about the temples of Gaul tradition in urban spaces at the Roman Gaul during the High Roman Empire and to give bases for understanding these phenomena. Some debates perpassed all the conception, study and interpretation of data: the “romanization”, the relationship between politics and religion, the continuation of Gaul religious cults and the space organization in Roman Gaul. The survey of plans where the *fana* had a relationship with the urban space built according with Roman architectural traditions, has allowed the establishment of data which, when compared to each other, allowed for the presentation of a more precise image of the role of Roman Gaul religiosity in face of the material and symbolic institution of the urban space.

Key words: Roman-Gaul, religion, temples, romanization and urbanization.

A Francisco Inodelicato

(in memoriam)

“We are such stuff as dreams are made of”

William Shakepeare, Tempest, Acte IV

Agradecimentos

Aos meus pais, Aldo Bina e Miriam Trindade Inodelicato Bina, sem os quais esse trabalho não existiria: minha formação intelectual, prazer pelo conhecimento e desenvolvimento argumentativo são irrestritamente devidos à educação que me proporcionaram. Meu muito obrigado pelo amor, o apoio, a estrutura, o incentivo e os livros maravilhosos sobre mitologia grega e civilização inca da minha infância.

À minha orientadora Maria Isabel D'Agostino Fleming, a quem eu agradeço por ter sido uma orientadora excepcional e pelo exemplo de atitudes éticas, justas, generosas, humanas e pacientes.

À CAPES, cuja bolsa foi fundamental para a dedicação e execução dessa pesquisa.

Aos professores Norberto Guarinello e Elaine Farias Veloso Hirata, muito obrigada pelo exame atento na banca de qualificação, pelas sugestões, comentários e pela disponibilidade.

Ao meu irmão Rodrigo Inodelicato Bina, meu “colega de escritório”, muito obrigada pelas intermináveis conversas “filosóficas” e pelo suporte digital. Os dias de escrita foram muito mais agradáveis na sua companhia.

Aos meus familiares, por acreditarem na minha pesquisa, compreenderem as ausências e se empolgarem com as vitórias.

À minha querida amiga Cíntia Alfieri Gama, “intrépida companheira de aventuras pelo mundo da Arqueologia”, muito obrigada pelo estímulo, os diálogos e os alojamentos.

Ao amigo Gilberto da Silva Francisco, pelas discussões, provocações, interesse e companheirismo durante todos esses anos de MAE. Obrigada por sempre me fazer querer ser melhor.

À Juliana Bastos Marques, minha acadêmica favorita, obrigada pela acolhida há anos atrás em uma SBEC, pela torcida, pela troca de “referências” e pelos planos mirabolantes.

À Camila Zanon, cuja amizade é um dos maiores ganhos desse Mestrado, fico contente de termos compartilhado as alegrias, tristezas e aprendizados que vivemos durante esses anos.

Aos meus amigos e colegas do Grupo de pesquisa “Formas de contato e processos de transformação no Mediterrâneo antigo: Roma e suas províncias”, Irmina Doneux Santos, Márcia Severina Vasques, Silvana Trombetta e Vagner Carvalheiro Porto, esse mestrado só existe como tal graças às suas intervenções. Meu muito obrigado pelas discussões, os apontamentos, as trocas bibliográficas, o interesse, o incentivo e as risadas no Consulado Mineiro.

Às mais que colegas, amigas, Camila Diogo de Souza, Carolina Kesser Barcellos, Cibele Elisa Viegas Aldrovandi, Daniela Puccini, Joana Clímaco, Leilane Lima, Maria Fernanda Brunieri e Regina Helena Rezende, que tornaram meu percurso acadêmico muito mais feliz. Obrigada pelas conversas e palavras de estímulo.

Aos queridos, Artur Sartori, Breno Viotto Pedrosa, Carlos Ogawa, Fernanda Trindade Luciani, Helen Priscila Gallo Dias, Tatiana Machado Bolhosa e Yves Rolland, não tenho como exprimir o quanto é lisonjeira a amizade que me dedicam. Muito obrigada por estarem disponíveis sempre que precisei, pela compreensão, pela torcida e pelos socorros.

Aos professores Álvaro Hashizume Allegrette e Antonio Brancaglioni Junior, obrigada por sempre estarem dispostos a me mostrarem caminhos.

Aos demais colegas, professores e funcionários do Museu de Arqueologia e Etnologia, em especial da Secretaria Acadêmica e Biblioteca, obrigada pela convivência, pela ajuda, pela “quebração de galhos” e pela torcida.

A todos aqueles que de alguma maneira contribuíram na minha formação e na execução desta pesquisa, eu não teria como mencionar porque foram muitos, mas, todos ao seu modo, essenciais.

Sumário

VOLUME I: DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Resumo - Abstract	2
Dedicatória	3
Agradecimentos	4
Introdução	8
1.Presença romana na Gália: administração e política religiosa	15
1.1 A Gália: conquista e administração	16
1.2.A religião gaulesa na época da independência	27
1.3.A <i>interpretatio</i> romana e a “assimilação” dos deuses romanos	34
1.4.Uma religião galo-romana?	38
1.5.A política religiosa	41
2.Planejamento e organização do espaço urbano	50
2.1 A implementação urbana na Gália	51
2.2 Quais eram os locais escolhidos para a edificação de espaços urbanos ?	52
2.3 A <i>urbes</i>	57
2.4 <i>Uici</i> , capitais de <i>ciuitas</i> , colônias e assentamentos	61
2.5 Urbanização como elemento de transmissão cultural romana?	76
3.O Espaço religiosos: os <i>fana</i>	81
3.1 A arquitetura dos templos de tradição indígena	82
3.2 Antecedentes arquitetônicos dos <i>fana</i>	89
3.3 O lugar dos templos de tradição gauleses	93
3.4 A relação entre os <i>fana</i> e os edifícios urbanos de tradição romana	101
3.5 Análise dos dados	113
Conclusão	142
Os templos teriam contribuído para a “romanização”?	143
Bibliografia	150
VOLUME II: CORPUS DOCUMENTAL	
Índice	163
Notas ao <i>corpus</i> documental: as limitações da documentação e o	165

recolhimento de dados possíveis.

Fichas 170

Bibliografia 330

Introdução

Os *fana* no contexto galo-romano

O objetivo desse trabalho é apresentar ao público brasileiro um tipo de templo edificado na Gália romana (atual França) em suas conexões espaciais relativas aos espaços urbanos, no período de conquista romana. Esses templos, conhecidos como *fana*, são particularmente interessantes para os estudos do Império romano por serem estruturas que carregam elementos arquitetônicos gauleses e romanos associados e onde acontecia a prática religiosa galo-romana, fruto da combinação assimétrica dessas duas religiões.

A pesquisa aqui apresentada, os *fana* no contexto galo-romano, pretende ser uma contrapartida às obras que concebem esses templos isoladamente. Como a maioria dos *fana* se encontra em meio rural, são poucos os trabalhos que se dedicam a estudar a interação entre esses templos e outros edifícios e mesmo sua existência em um espaço urbano.

Inicialmente pensou-se em realizar um estudo que completasse o trabalho de Isabelle Faduet, publicado em 1993, “Atlas des sanctuaires romano-celtiques em Gaule” (Atlas dos santuários romano-célticos na Gália), já que nos últimos anos uma atenção maior nas escavações e publicações parece ter sido voltada para esse edifício. Contudo, a execução se revelou árdua, pela falta de material disponível nas universidades brasileiras, mas, sobretudo, porque não atingia especificamente o interesse primeiro da pesquisa: fornecer um quadro da inserção cultural e política dos *fana* na sociedade galo-romana. As análises das plantas arquitetônicas dos templos e espaços urbanos que continham os *fana* preliminares fizeram-nos perceber que estes tinham um posicionamento diferenciado em espaços urbanos e podiam ser indicativos da interação cultural entre romanos e gauleses no campo político e religioso. Desta maneira, optamos por realizar um estudo sobre essa questão que, embora já levantada, não resultava em nenhum trabalho que se ocupasse só do lugar que os *fana* ocupavam no espaço urbano. Colônias, *ciuitates*, *uici* e assentamentos com edifícios de padrão arquitetônico romano pareceram ser o local ideal para verificar os problemas de confronto e coexistência entre dois padrões culturais e arquitetônicos diferentes e em posições desiguais dentro da situação de conquista. Para tanto, foi necessário conhecer os casos de *fana* existentes em espaços urbanos. Até onde se sabe, são alguns casos excepcionais.

Existem hoje mais de 600 *fana* conhecidos, na sua maioria, eles se encontram em um ambiente que poderíamos caracterizar como rural; uma porcentagem bem menor deveria estar próxima de espaços urbanos ou em seu interior. São exatamente esses casos que procuramos aqui reconhecer e estudar, pois, procuramos compreender como esses templos coexistiam e eram “confrontados” com um modo de vida romana, afinal, esses eram espaços religiosos em que os deuses gauleses ainda tinham um lugar, ainda que de uma maneira bem diferente do período anterior à conquista. Acreditamos que o estudo dos *fana* nesses locais poderia nos fornecer indícios do verdadeiro papel da religião galo-romana nessa província romana. Nosso interesse é saber qual era a atuação dos romanos entre as populações conquistadas e como e se foi produzida a “romanização” da população. Teria sido ela um fenômeno de aculturação bem sucedido? Os gauleses teriam se tornado realmente romanos?

A religião é um aspecto da sociedade que pode suscitar a compreensão de seu funcionamento, sobretudo, porque na antiguidade não existia uma compartimentalização. A religiosidade tem um papel preponderante na vida dos homens até sua separação idealizada das esferas de poder na época contemporânea.

Assim, o estudo desses espaços religiosos pode levar a compreender o funcionamento do Império romano nos territórios provinciais. Nosso objetivo não é estudar o templo em sua forma arquitetônica, tampouco através do estudo desses edifícios entender a religião em si; compreendemos que a religião é uma esfera social que está ligada às demais e, nesse caso, a inserção dos *fana* em espaço urbano pode fornecer indícios de como Roma se comportava frente a elementos culturais das populações conquistadas, por vezes se apropriando destes e utilizando-os para seus fins políticos. A concepção dos *fana* como edifícios “híbridos” integrando elementos arquiteturais e como um espaço que servia a rituais galo-romanos é um pressuposto do trabalho, até por já estar bem definido como tal por uma ampla bibliografia (BEDON 2001, DUVAL 1963, FADUET 1993b, WARD-PERKINS 1981).

Os capítulos aqui apresentados têm como intuito fornecer e desenvolver questões relevantes para a compreensão e aprofundamento do tema de mestrado. Nosso objetivo não é fornecer informações nem promover discussões gerais; tópicos como a conquista da Gália são muito extensos e há uma vasta quantidade de publicações que fornecem sínteses sobre o

assunto e, na medida em que obras gerais foram consultadas para a realização dessa pesquisa, a bibliografia sugere títulos que podem ser interessantes aos leitores que quiserem se aprofundar em assuntos mais amplos.

No campo da religião, nossa pesquisa pretende contribuir para o debate a respeito da continuidade de cultos gauleses na Gália-romana e as novas combinações de formas arquitetônicas e religiosas graças à influência romana, como é o caso da associação dos *fana* com os teatros, um modelo mediterrâneo que parece se repetir na Gália, porém, em uma associação com templos de tradição galo-romana.

O termo contexto foi utilizado na sua multiplicidade de sentidos dentro dos estudos das ciências humanas. Pretendemos fornecer uma visão geral histórica do funcionamento administrativo e religioso na Gália durante o Império romano e o desenvolvimento desse templo dentro da inserção urbana romana na Gália. Empregamos o termo, sobretudo, como uma referência ao contexto arqueológico e espacial do território gaulês. Acreditamos que os *fana* não podem ser compreendidos por si sós, eles são um produto de um momento histórico e estão relacionados com outros vestígios materiais, de edifícios a oferendas

A “romanização”, uma temática importante quando se estuda a ocupação romana nas diversas províncias será um tema recorrente ao longo do texto e será mais especificamente tratada no primeiro capítulo. Não se trata de fazer um estudo aprofundado sobre o termo e sua utilização por diferentes autores, tampouco sua genealogia bibliográfica, o assunto é tratado aqui segundo uma perspectiva de contribuir para a discussão acerca dos *fana*, já que esses templos são datados de um período romano. Em razão das recentes críticas à idéia de uma romanização como uma aculturação, segundo a qual a cultura teria sido incorporada sem debates nem reformulações, defendemos um cuidado com o termo, demonstrado através da utilização de aspas, como maneira de mostrar sua relatividade, contudo, optou-se por deixar o termo sem aspas quando se menciona um autor que o emprega como tal.

Alguns autores preferem o termo “templos de tradição celta”, ao invés de *fanum*; essa palavra em latim, como será visto, apresenta problemas, pois seria um termo que podia ser empregado em diferentes contextos e que designaria um tipo de templo de tamanho reduzido. O uso do *fanum* se deve a uma opção bibliográfica francesa do começo do séc. XX e, sem dúvida, é bastante problemática. O termo celta também carrega em si uma série

de problemas, o primeiro é que essa é uma designação estrangeira a um número de comunidades (que ocupariam o território hoje de diversos países europeus) que não formaram nunca uma unidade política. O termo *keltoi* é grego e a designação celta foi usada por lingüistas, arqueólogos e antropólogos, entre outros, que reconheceram unidades lingüísticas, estilísticas, materiais e comportamentais, através de evidências arqueológicas e textuais. Num período em que as discussões de identidade estão em voga, devido a um momento histórico contemporâneo preciso, parece incoerente não realizar uma reflexão sobre o termo “celta” que leve em conta as auto-atribuições dos grupos que se consideram hoje que tenham sido celtas. No trabalho aqui presente optou-se por outro termo imposto exteriormente na antiguidade, mas pelos romanos, *galii*, não por ser superior no tocante às críticas feitas nas linhas acima, mas por dar conta de um território menor: os gauleses ocupariam o atual território da França e após a conquista seriam agrupados nas “Gálias”. É uma visão que é imposta por um período posterior à conquista romana e que acaba por reunir grupos diversos que serão uma unidade em um período futuro. Sempre que possível, quando se trata do período anterior à conquista, tentamos mencionar o nome da população que ocupava o território citado, todavia, esses nomes também foram a *grosso modo* repertoriados por autores romanos e dizem respeito aos momentos de contato, logo, é difícil saber quanto tempo antes aquela determinada comunidade, que a bibliografia mais antiga chama de tribos, estava em um território, se havia alguma outra antes dela ou se tinha se movimentado por diferentes territórios antes da conquista. Percebe-se, assim, que os nomes são todos atribuídos, se não no presente, no próprio passado, e navegam em um mar de incertezas.

Desta forma, optou-se pelo termo *fanum* ou *fana*, no plural, por ser um dos termos pelos quais se reconhece hoje o tipo específico de templo aqui discutido, sendo ressaltados os problemas de sua utilização. Outro termo empregado pela bibliografia francesa e aqui utilizado é templos de tradição indígena. No Brasil, indígena é uma palavra que remete às populações que ocupavam os territórios da América do Sul e Central antes da descoberta dos europeus. Sabe-se, na verdade, que o termo teria referências à população das Índias, não parecendo assim acertado nem no contexto americano, nem europeu. É uma opção da bibliografia francesa assim denominar a população anterior à conquista, decidiu-se manter o termo quando usado pela bibliografia citada, ainda que com as inúmeras dificuldades com

os termos desse período anterior à conquista, sabendo-se que a palavra não traz nenhuma veracidade histórica. Um outro termo da bibliografia francesa mantido é “Gália Independente”, sem dúvida, ele se opõe à Gália conquistada, entretanto, a Gália nunca viveu uma “independência” como concebemos hoje, na medida em que nunca foi uma unidade política reconhecida como tal. Tratava-se de um grupo de comunidades diversas e, de uma maneira extremamente generalizante, pode-se dizer que comandadas por um chefe, tendo como figuras religiosas mais importantes druidas. Por demarcar o contraste entre as Gálias ocupadas e a Gália não submetida ao poder romano, embora essa não exista de fato, manteve-se o termo, com as ressalvas agora feitas. Uma outra ressalva é necessário fazer: o uso dos termos para reconhecer os *fana* neste trabalho, o termo templo é usado como sinônimo dos edifícios conhecidos como *fana*, na sua conotação moderna de um espaço religioso.

O estudo da relação espacial entre um templo de características arquitetônicas híbridas, onde deuses galo-romanos eram cultuados, e edifícios de tradição romana estruturados em um espaço urbano pode, sem dúvida, contribuir para o conhecimento das práticas imperiais romanas, contudo, o aspecto físico urbano religioso é apenas uma das facetas de um mundo complexo, onde se tornar romano, para as populações conquistadas, vai além da expressão arquitetônica, passando pela língua, pela economia e pelo imaginário. Assim, esperamos contribuir, a partir da questão aqui levantada, para a amplitude do conhecimento deste mundo gaulês romano imperial através de um estudo arqueológico das plantas de assentamentos urbanos, qualquer que seja seu status.

A pesquisa é apresentada em dois volumes, o primeiro traz três capítulos e a conclusão. Esses capítulos abrangem um primeiro momento de contextualização político-religiosa da conquista da Gália e a relação romana com a religiosidade gaulesa que vai ser modificada. O segundo capítulo é dedicado à questão urbana na Gália, sua implementação, os diferentes status e a discussão da inserção urbana como um elemento capaz de trazer novas concepções de vida e alterar a paisagem e geopolítica gaulesas. Sobretudo, apresentamos, através de tabelas comparativas, o perfil de assentamentos urbanos de status diferentes que têm *fana* entre seus edifícios. O terceiro e último capítulo oferece uma análise das informações arqueológicas e do estudo das plantas baixas dos assentamentos

urbanos, discutindo a importância dos antecedentes religiosos e os tipos de interação entre edifícios e os templos de tradição galo-romana. A conclusão que se segue tenta mostrar a inter-relação entre esses três tópicos, no estabelecimento, desenvolvimento e função desses *fana* na sociedade galo-romana. No segundo volume é possível ter acesso ao *corpus* documental, que reúne as fichas dos assentamentos urbanos estudados.

1. Presença romana na Gália: administração e política religiosa

1.1 A Gália: conquista e administração

Quando se pretende entender a Gália romana é necessário compreender o que existia antes nesse território. É de amplo conhecimento que os gauleses que habitavam a região eram celtas, mas, eles não estiveram sempre lá. Hubert (1941/1942) em seu livro, que foi uma das mais importantes referências sobre o tema da “Expansão celta”, narra a expansão celta que teria começado no séc. VIII a.C. na Alemanha; esse povo teria descido o Reno até ocupar França, Espanha, Portugal, norte da Itália, Inglaterra, Irlanda, entre outros. Hoje, se questiona se realmente uma população saída de um único lugar teria a quantidade de gente suficiente para ocupar todos esses lugares, em um período de tempo reduzido. Alguns autores acreditam que essa expansão não foi apenas imposta pela força, ao contrário da posição de Henri Hubert, que dedicou a este tema um livro de dois volumes: *Los Celtas y la Expansión Céltica hasta la Época de la Tène* e *Los Celtas desde la Época de la Tène y la Civilización Céltica*. Roux & Guyonvarc’h (1993: 53) e Renfrew (*apud* Treguer: 42) acreditam que não teria sido possível que de uma única região tivessem saído contingentes em número suficiente para se instalar e dominar tantos lugares da Europa. Tendo em conta essa perspectiva, o que chamamos de expansão deve significar também uma “assimilação” artística e cultural provocada por contatos pacífico e econômico. Isso porque a principal evidência desse fenômeno é a cultura material com traços celtas que passa a ser encontrada em quase toda a Europa. Concretamente, ainda se sabe muito pouco sobre esse período. Nesse caso, a antropologia física pouco pode ajudar porque uma das marcas das populações celtas é não ter um tipo físico único. O que se pode afirmar, com certeza, é que esses lugares passaram a sofrer influências culturais celtas. Os indícios arqueológicos onde pode se verificar essa mudança que marcaria a nova presença cultural seriam as necrópoles. Essas, entre o séc. VIII a.C. e V a.C., seriam definidas por serem tumulares, pela riqueza de mobiliário funerário, na maioria das vezes organizado em uma câmara funerária com um carro usado para o transporte do morto e de oferendas. Há também uma tendência a sepulturas individuais, sobretudo, trata-se de uma personagem importante para a comunidade, mas também existem sepulturas coletivas. Esses enterramentos são utilizados por um longo período sem interrupção, às vezes por séculos, e são comuns na Europa Central. A inclinação a sepulturas individuais se acentua no séc. V a.C., porém, o

mobiliário funerário não é mais tão excepcional como na fase precedente. Uma outra marca da época é a generalização da inumação, apenas alguns lugares conservam a prática da incineração, que voltará a se expandir no séc. III a.C. (KRUTA 2000:81).

Assim, temos que considerar que antes de serem invadidos pelos romanos, os celtas já haviam feito algo semelhante e, da mesma maneira, como não podemos desprezar a influência celta em período romano, também não podemos esquecer que havia outras culturas que devem ter deixado suas marcas. Os autores que têm a preocupação de levar esse dado em consideração (Brunaux 2004 & Thevenot 1968) evidenciam, sobretudo, a tradição indo-européia presente nessas populações. Thevenot (1968:7), um autor que já faz parte da bibliografia “clássica” sobre os estudos da religião galo-romana tem a preocupação de nomear seu livro como “Divinités et sanctuaires de la Gaule” (Divindades e santuários da Gália), a razão para isso é, como explica no seu “avant-propos”, que os celtas chegaram “tardamente” e se misturaram com a população anterior. O culto das águas, a veneração das deusas-mães são constatados desde a “idade das pedras” e continuam até a Gália romana. Deste modo, ele prefere chamar os deuses os quais trata de “divindades da Gália”, não “dos Gauleses” e menos ainda “dos celtas”. Portanto, essa não é nenhuma abordagem recente. E para boa parte dos autores, incluindo Thevenot, não interessa diferenciar uma religião da outra, mas entender a religião da Gália, antes e depois da conquista.

De fato, há evidências de que haveria na Gália outras populações, cuja influência permaneceu, Vendyes (*apud* Brunaux 1997: 53) chama atenção para o fato que um bom número de teonímios de deuses não é celta, nem romano.

Portanto, temos na Gália uma população que é herdeira de tradições culturais múltiplas, mas que também passa por processos históricos que a diferenciam no campo social, político e religioso, inclusive, das demais populações celtas que ocupam outros lugares da Europa.

A supremacia romana em toda a Gália Cisalpina, que correspondia ao norte do Apenino na Itália (essencialmente na planície do Pó) data de 192 a.C.. Cento e vinte anos antes de Cristo é a data da tomada da Gália do Sul, a qual foi denominada *Província*. Nesse território os romanos fundaram duas colônias – *Aqua Sextiae* (Aix-en-Provence) em 123 a.C., *Narbo Martius* (Narbonne) em 118 a.C. –, instalaram também uma guarnição em *Tolosa* (Toulouse) em 106 a.C.. A província foi rebatizada em 27 a.C., como Narboneses por

Augusto, quando este por lá passava, na ocasião em que foi atribuída ao senado. Assim sendo, pela antiguidade e amplo contato, a província Narbonesa é a que tem uma presença romana mais forte. O poder da Gália Narbonesa, durante o período de dominação romana, ficava a cargo de um pro-cônsul, enquanto as outras três: Lionesa, Aquitania e Belga, faziam parte do domínio imperial e o seu governador era o próprio imperador.

A diferença entre a Narbonesa e as demais províncias é, devido a vários fatores, também o cultural. O mais relevante deles é o longo contato com o Mediterrâneo, no séc. V a.C. os fócios, população helênica, fundaram uma colônia: *Massalia* (Marselha); a cidade tinha uma importância comercial muito grande, era um ponto receptor de estanho e transmissor, para os banquetes gauleses, do vinho. Não se sabe até que ponto ela serviu como uma porta de entrada para uma troca cultural com o Mediterrâneo. Imagina-se que muito da influência helênica na religião e a difusão do alfabeto grego, nos sécs. III e II a.C., se deva a essa proximidade. Embora, seja claro o esforço da cidade para se manter helênica e aristocrática, o que implicava em uma falta de interesse pelos celtas (Momigliano 1991: 57). Contudo, apesar do contato com o Mediterrâneo, a Gália apresentada por Júlio César revela sua alteridade: a influência romana na Gália, um pouco antes da conquista é apenas econômica e política (Guyonvarc'h & Le Roux-Guyonvarc'h 1986:436).

Quando César vai para a Gália, não é para exercer propriamente a função de general, mas para assumir o cargo de pro-cônsul para o qual fora eleito em 59 a.C. Suas prerrogativas eram a administração da Gália Cisalpina e Transalpina, cuja importância estava em serem barreiras para os ataques celtas. Porém, César não se limitou a defender e a fortalecer essa posição, marchou para o norte.

A Guerra Gálica tem seu ponto de partida na rivalidade política dos éduanos e dos avernos, tendo como consequência a aliança dos sequanos e dos germanos, conduzidos por Arioviste e a aliança dos éduanos e dos romanos. (Guyonvarc'h & Le Roux-Guyonvarc'h 1986: 432), associação essa que vai durar por muito tempo e ter várias repercussões.

César descreve em sua obra a insurreição dos Belgas ao poder romano; as rebeliões de povos gauleses contra as quais os romanos lutam; a viagem à Britânia¹ e, finalmente, o

¹ Enquanto combatem os romanos, os gauleses pedem ajuda a povos da Britânia (Inglaterra) (César IV e V). Esse fato para os estudiosos é muito interessante, pois prova o contato direto entre celtas do continente e da ilha, justificando assim a aplicação de conhecimentos de um local às lacunas do outro. Obrigou César a

episódio mais conhecido: o combate contra Vercingetórix. Filho de um aristocrata da tribo dos Avernos (cujo território está localizado no centro da Gália), esse homem liderou uma coligação de populações gaulesas contra César. Vencido em 52 a.C., em Alésia, ele permaneceu seis anos como prisioneiro em Roma, sendo executado em 46 a.C..

As dificuldades que César narrou ter enfrentado na Gália deveriam servir como propaganda sua em Roma. Descendente de uma das mais antigas famílias da aristocracia romana, César estudou retórica e filosofia na Grécia, escreveu versos e uma tragédia para, só mais tarde, entrar na vida política. Em 60 a.C. foi eleito cônsul e em 46 a.C., graças a um golpe de Estado, se tornou ditador de Roma.

Publicada em 51 a.C., em Roma, sua obra sobre a Guerra na Gália foi fundamental para o cumprimento dessa trajetória política. Primeiro porque “o *De Bello Gallico* [...] *fora de importância decisiva para a divulgação de seus feitos no Senado*” (Mendonça 1999, Introdução César *Bellum Civile*, a Guerra Civil: 28). Em segundo lugar, a conquista deu a César base territorial para outras campanhas, assegurou um exército disciplinado e obediente e lhe rendeu seu primeiro tesouro, conseguido às custas do dinheiro dos gauleses subjugados. Mas, mais importante que tudo, o coroou com a reputação de ter garantido as fronteiras da Itália como barreira aos assaltos celtas.

O estilo, que Otto Maria Carpeaux (Carpeaux s.d. Introdução César *De Bello Gallico*) caracteriza como sem ostentação de estilo, e a natureza (*commentarius*) ajudaram na propagação dessa obra. Todas essas características do escrito permitiram que o texto fosse conservado pelos séculos e ainda hoje tenhamos uma das mais importantes fontes documentais sobre a Gália. A *Guerra Gálica* traz dois tipos de informações: a militar e as informações sociológicas, etnográficas e religiosas (Roux & Guyonvarc'h 1993: 37). Acredita-se que César não escreveu sua obra baseado unicamente em observações e, segundo Momigliano (1991: 66), César usou Posidônio, tornando a obra coerente com o que os romanos sabiam dos gauleses.

A efetiva conquista da Gália não se deu com as lutas empreendidas pelo exército romano contra populações gaulesas, nem a famosa batalha de Alésia, na qual César teria vencido Vercingetórix, importante líder que congregou populações gaulesas contra Roma,

planejar uma expedição à Britânia, entre 55 e 54 a.C., para conter o auxílio britânico, tendo sido a conquista nessa época difícil e apenas momentânea.

mas sim com a conquista das elites gaulesas. A ação de César na sua “Guerra Gálica” se estruturou nas rivalidades internas que já existiam antes da Guerra Gálica. Desta maneira, aquelas populações que o apoiaram e lutaram a seu lado foram recompensadas, ao contrário dos aristocratas gauleses que lutaram contra ele.

Entretanto, não é porque fossem rivais que não se congregavam, não eram capazes de reconhecer interesses comuns ou não tinham uma estrutura social organizada (Poux 2006:119). O próprio César menciona em seu relato a existência de assembleias políticas, de votos ou eleições, de mercados, banquetes e execuções capitais.

Parte da aristocracia celta foi dizimada durante a Guerra Gálica, mas os que ficaram ao lado de César durante as campanhas e o seguiram durante a Guerra Civil, conservaram e aumentaram suas fortunas e influência. As recompensas que esses nobres recebiam por ficar ao lado de César eram o crescimento de suas propriedades, magistraturas, cidadania romana, às vezes entrada no Senado de Roma. Além do que, para algumas pessoas nas províncias, cultura romana é algo que pode ser copiada para seus propósitos de expressão de poder (Huskinson 2000: 20). Contudo, fazer parte de um império, não fez com que as antigas rivalidades desaparecessem, na verdade, elas foram exacerbadas pela luta pelas magistraturas, os concursos e promoções de carreiras (Goudineau 1999: 32). Até mesmo porque Roma concluiu, unilateralmente, segundo sua vontade, tratados com as cidades gaulesas, de acordo com seu grau de hostilidade no passado ou fidelidade à causa de César (Guyonvarc’h & Le Roux 1986: 437)

Uma teoria corrente é a da substituição da elite gaulesa nos sécs. I e II d.C., esta é propagada por vários pesquisadores, entre eles Whittaker (1997: 159-160). A razão para isso seria uma troca de uma elite antiga por uma mais “cooperativa”. Goudineau (1999) se opõe a essa idéia, para ele houve uma redistribuição de riquezas entre a elite que já existia. Para tanto, ele cita Tácito, quando este se refere à revolta de 21 a.C., cujos líderes foram um treviano, *Julius Florus* e um eduano, *Julius Sacovir*, ambos pertenciam a *nobilitas*, seus ancestrais haviam recebido a cidadania romana em razão de seus méritos militares (*uirtus*). A revolta foi motivada por impostos. Tibério, precisando de recursos impôs por um longo período tributos a populações que deles haviam sido dispensadas, quando vencidos, ambos os líderes se suicidaram. Esses movimentos foram empreendidos por fatias remanescentes das aristocracias gaulesas.

Uma nova revolta acontece em 68 d.C., essa liderada pelo então governador da Gália Lionesa que se revolta contra Nero. O Imperador romano tinha perdido o apoio em Roma e, por fim, acabou se suicidando. Portanto, dentro do contexto político imperial romano esse não foi um evento extraordinário.

É relevante ressaltar que as resistências podem se dar de muitas maneiras e que essas podem acontecer em ações e usos cotidianos. Os textos antigos registram os movimentos acima citados, porém, essa não é a única fonte para o passado. Mesmo a adoção de uma cultura material, pode ser uma “obediência tática” (Webster 1997: 182), o que significa que a pessoa que se utiliza daquela cultura material o faz obrigada. Também são conhecidos casos nos quais a cultura material ganha outros usos. É difícil definir quando há uma “obediência tática”, ou, em seu lugar há resistências e mesmo fenômenos de transculturação, ou ainda, se encontram vestígios materiais que mostram uma continuidade cultural que pode ser entendida apenas como um prosseguimento de um modo de fazer, ou por ser prática, ou mesmo porque não encontrava resistências romanas.

A idéia de resistência, sugerida pela história recente das sociedades colonizadas e dos movimentos anticolonialistas, permite a reflexão sobre os limites da romanização (Roux 1998:13). Esse termo tem sofrido nos últimos anos sérios questionamentos devido a suas implicações. A primeira, e mais óbvia, é imaginar os locais conquistados por Roma como locais de reprodução das tradições, arquitetura, arte e cultura e até mesmo mentalidade romanas. Entretanto, nem sempre é isso que a cultura material mostra, ao invés, é possível verificar uma interpretação das influências trazidas pelos romanos e transformadas de acordo com o substrato cultural local.

O conceito de uma “romanização” como um fenômeno de transferência cultural unidirecional vem perdendo espaço graças à compreensão da ação romana nas províncias como uma negociação, nas quais diversas influências atuam no jogo de interesses entre romanos e elite, elite e camadas mais baixas e estas com os romanos.

Whittaker (1997) propõe, por exemplo, o termo “adaptação resistente” no lugar de “romanização”, pois, segundo ele, esse processo não pode ser definido por conformidade e resistência, já que, em uma sociedade não existe uma única classe e um único sistema de valores, de forma que a cultura romana era apenas mais uma escolha. Às vezes resistência, adaptação e aceitação podem ocorrer simultaneamente.

Huskinson (2000) também vê na cultura material uma multiplicidade de possibilidades interpretativas tal, que a simples adoção da cultura material estrangeira por parte das elites autóctones não pode ser considerada indício de aculturação, visto que, os objetos podem ser re-interpretados, ganhando novos usos. Assim como a cultura material pode ser múltipla, a identidade cultural também; as pessoas podem se ver e serem vistas como pertencentes a várias culturas. Portanto, os povos conquistados desenvolveram o que ela chama de uma “cultura híbrida”, na qual houve, sim, assimilação, mas, houve também apropriação de características locais, pelos romanos, para mostrar receptividade às instituições locais.

Se por um lado essa perspectiva crítica contra a romanização tem na sua linha de frente os pesquisadores ingleses, pode-se ver que autores franceses já parecem adotar uma postura crítica contra o termo, um exemplo é Patrick Le Roux, com um livro introdutório sobre o Alto Império Romano. Segundo ele, em um dos trechos mais significativos:

“Não é possível saber exatamente o que queria dizer “se tornar um romano” ou “assimilado a um romano” para indivíduos que não são nunca idênticos; a obtenção da cidadania reflete imperfeitamente o conjunto das mutações que tiveram lugar durante a integração. O critério de língua latina não parece ser mais satisfatório, porque ele pode remeter a atitudes opostas, ligadas à escolha e obrigatoriedade, assim como pode mascarar um bilingüismo que não significa necessariamente conformidade ao modelo romano” (Roux 1998:14).²

Para esse autor, no lugar de substituir o termo, o ideal seria falar de romanizações, o que mostraria o aspecto múltiplo e variado dessa experiência.

Esse termo, embora criticado não tem uma substituição satisfatória, pois traz consigo uma gama de reflexões, assim, nessa dissertação se optou por utilizar o termo, mas com aspas, para denotar sua relatividade.

A discussão em torno de se teria sido romanizada a população gaulesa ressalta, na realidade, a importância do papel da aristocracia gaulesa na manutenção do poder romano:

² Tradução do seguinte trecho: “On ne voit pas exactement ce que voudrait dire “être devenu Romain” ou “assimilé à un Romain” pour des individus qui ne sont jamais identiques; l’obtention de la citoyenneté ne reflète qu’imparfaitement l’ensemble des mutations intervenues au cours de l’intégration. Le critère de la langue latine ne paraît guère plus satisfaisant, car il peut renvoyer à des attitudes contrastés, liées au choix et à la contrainte, comme il peut masquer un bilinguisme qui ne signifie pas obligatoirement la conformité au modèle romain”

ela é fundamental, efetivamente, é ela que faz o intermédio com a população, assim sendo, é essencial que ela seja persuadida dos benefícios em adotar modelos e padrões culturais romanos. A adoção desses se deu de várias formas, seja pelas vantagens que esses gauleses poderiam usufruir, como por medidas mais firmes dos romanos. Tácito (Annales III, XLIII) descreve os filhos dos aristocratas gauleses sendo educados em *Augustudum* (Autun) em 20 a.C..

É importante salientar que mesmo com toda a influência romana que a Gália sofreu, o número de romanos que efetivamente ocupavam a Gália não era grande: alguns funcionários ao redor do governador de cada província – os outros eram notáveis gauleses, soldados e comerciantes. Não se pode dizer que a Gália sofria de uma ocupação militar permanente: mil homens somente ficavam em uma base em Lyon. A real preocupação romana era com as fronteiras, especialmente a germânica: havia legiões romanas estacionadas junto ao Reno. Em caso de necessidade eram enviadas legiões para reprimir as revoltas (21 d.C., 68 d.C., 186 d.C.), para construir ou supervisionar as rotas, para explorar minas e os domínios do Estado. Se essas legiões foram responsáveis pela transmissão de valores culturais romanos isso se deve ao fato de que fora de Roma o grupo que mais seguia os costumes romanos era o exército. A vida religiosa desses corpos de homens era romana, seguida graças a um calendário específico para cada corpo do exército, que era diferente do civil, embora também glorificassem outros deuses.

O baixo contingente de soldados romanos não nos deve levar a pensar que o aspecto militar fosse irrelevante na ocupação romana. Ao contrário, é por meio dele ou de sua fama que os romanos se impõem em novos territórios. A violência romana tinha uma grande reputação, Paul Veyne (1992) exalta a crueldade da guerra romana. Segundo ele “... Roma e o Oriente tinham duas políticas em relação a uma coletividade vencida: aniquilá-la ou, pelo contrário, por um cálculo interessado, acolhê-la na sua própria coletividade a fim de se engrandecer” (Veyne 1992: 291). Esse último parece ter sido o caso na Gália.

Provavelmente, uma das maiores “novidades” que os romanos levaram à Gália foram as *ciuitates*, um espaço físico, geralmente com uma estrutura urbana, cuja diferenciação dos demais assentamentos se dava em razão do seu papel político. As *ciuitates* eram subdivididas em *pagi* e esses em *uici*, os últimos compreendidos também como assentamentos secundários, que mantinham uma relação de dependência com os *pagi*

e as *ciuitates*. A diferença entre a antiga estrutura social gaulesa – marcada por uma organização em comunidades e outras agrupadas em torno dessas – e a nova se dá em vários aspectos, tanto na alteridade administrativa, na disposição social, como na própria organização do espaço e paisagem. Antes da chegada dos romanos, o que de mais próximo os gauleses tinham das *ciuitates* eram os *oppida*, sua caracterização é difícil: os pesquisadores discordam seja quanto ao tamanho, seja quanto à organização, mas, de uma maneira geral podemos apontar que eram grandes fortificações onde as pessoas podiam habitar, mas sem uma estrutura urbana. Picard (1993: 353) os qualifica como um lugar de praças fortificadas, que continham santuários, mercados, lugares de assembléia e de habitação. A principal diferença desses com as *ciuitates* era a falta de um centro administrativo político. O destino desses quando os romanos chegaram à Gália foi variado, no geral, foram destruídos. Por exemplo, em Nimês, na Gália Narbonesa o *oppidum* foi arrasado e em seu lugar os romanos construíram a “Torre Magna”; nas proximidades de Corseul o antigo *oppidum* sofreu um incêndio e os habitantes que lá ainda residiam no séc. I d.C. se viram na eminência de mudar-se para Corseul (Langouet 1996).

A capital das *ciuitates* recebia as instituições municipais e era encarregada da administração do conjunto da unidade territorial. Na Gália, à exceção do resto do Império, aproximadamente durante um século, as cidades serão governadas por um magistrado único (*vergobret* – velho termo gaulês – ou pretor) (Goudineau 1999:33). Mais tarde, a Gália seguirá o modelo italiano: dois ou quatro magistrados, eleitos anualmente, asseguravam a administração, a jurisdição primária e a manutenção da ordem. Eles são ajudados pelo senado local, os *decuriões*.

Porém, para os olhos de Roma nem todos os espaços urbanos eram iguais, ou mesmo mereciam a alcunha de *ciuitates*, seus status variavam e a prerrogativa de seus cidadãos também. Originalmente esse status está relacionado à posição que cada cidade ocupou na Guerra da Gália, os aliados de Roma obtiveram as melhores posições e com isso os maiores privilégios, eram os municípios de direito latino e seus magistrados ascendiam à cidadania romana. Os que tinham sido inimigos de Roma ficaram restritos às cidades ditas “peregrinas”, nas quais eles podiam manter suas instituições, mas não tinham acesso aos privilégios do direito latino. Um terceiro grupo eram as cidades fundadas pelos veteranos que tinham um grande número de privilégios, inclusive a cidadania romana para todos os

seus habitantes: as chamadas *coloniae* eram “mini-Romas” e tinham ritos de fundação que remetiam à fundação de Roma (Beard, North & Price 2000: 329). Porém, por sua distância, a imitação da religião da capital inclui um processo criativo envolvendo adaptação e mudança, com uma expressão própria da identidade romana (Beard, North & Price 2000: 333).

Picard (1993:355), em um artigo a respeito da “romanização” da Gália: “La romanisation de la Gaule, problèmes et perspectives”, questiona o sucesso dessa transposição que aparece nas obras básicas sobre a Gália e cuja organização foi acima exposta. Segundo ele, houve uma inadequação entre a estrutura pré-existente e a transplantada, a tal ponto que a palavra *municipium* é ignorada na Gália e uma mesma cidade, como Trèves, é igualmente chamada de *colonia* ou *civitas*³. As comunidades mistas, como Vienne, de status incerto, parecem mais favorecidas economicamente e socialmente que muitas das verdadeiras colônias romanas (Picard 1993:359).

Também, como ele ressalta, mesmo que os vestígios arqueológicos mais abundantes e destacados sejam os dos espaços urbanos, na realidade, a maioria da população que vivia na Gália era camponesa e esses eram os menos favorecidos de todos; as únicas imagens sobre a atividade agrícola que temos são aquelas que glorificam a riqueza dos proprietários, como, por exemplo, o mosaico que figura um calendário rústico de Saint-Romain-en-Gal (Figura 1). O mosaico ornava uma rica habitação. Ele totalizava 40 m² e era composto de 40 “quadros”, dos quais 27 foram conservados; eles figuram atividades no campo de acordo com as estações. A atividade parece organizada e frutífera, contudo, através dessas representações não é possível ter o ponto de vista das populações camponesas.

A restrição da cidadania romana durou até o séc. III d.C. Quando foi concedida a todos os habitantes livres do Império em 212 d.C. por Caracala. Até este momento a cidadania era vista como uma recompensa por servir Roma e sua aquisição promovia competição pelos privilégios (Hanson 1997: 77) e a adoção de práticas e instituições religiosas trazia ganhos políticos.

³ Picard nesse artigo trabalha no esteio de Pierre Gros com a arquitetura e a disposição do espaço, porém, criticando-o. Assim, esse seu artigo será retomado no capítulo IV.

Contudo, não se deve pensar que até que a cidadania fosse estendida esta fosse



Figura 1: Detalhes do mosaico de Saint Romain-en-Gaul.

(Beck, Françoise & Chew, Hélène. *Quand les gaulois étaient romains*. Paris: Gallimard, 1989, pp. 63, 65 e 67).

restrita às colônias. Uma das marcas de Roma é a possibilidade de ascensão e mudança social, tanto individual quanto dos espaços urbanos, cujo status podia ser alterado. Assim a “romanização” deveria acontecer por vontade dos seus próprios habitantes. Essa também é a opinião de Bedon (1999: 22), de acordo com este autor, cujo principal foco de estudo são as cidades gaulesas e sua organização, os próprios magistrados e senadores gauleses tomavam a frente da urbanização como maneira de seus habitantes mostrarem sua lealdade a Roma. Todavia, a cultura material revela que essa adoção dos padrões romanos não significava que as

crenças gaulesas foram esquecidas, como atesta o culto dos deuses galo-romanos e até suas múltiplas representações em diversos suportes materiais, como os mosaicos. Nas habitações, o *domus* se dividia em duas partes: uma pública, onde o senhor recebia seus clientes e tratava com os amigos; e uma reservada à vida íntima. A casa tinha um papel público que explica a riqueza da decoração e a característica publicitária das pinturas murais em mosaicos.

O status do espaço urbano era um aspecto de grande relevância da vida dessas populações, não só porque os qualificava dentro do Império, mas também porque as exigências romanas com relação a esse mudavam. O tributo imposto a todos que não eram cidadãos romanos era de quarenta milhões de sestércios, todavia, essa não era a única taxa possível de ser aplicada: existiam as taxas sobre as terras concedidas e 5% sobre as heranças. Existia também a contribuição militar: os gauleses deviam servir nas armadas

auxiliares de cavaleiros e arqueiros. Algumas tribos foram mais beneficiadas que outras, no séc I d.C. temos a seguinte distinção: 1) as cidades que estabeleceram tratados com Roma (os Remos, os Lingones, os Héduos, os Hélivícos) não pagavam impostos; 2) as cidades livres, que se arreponderam e se submeteram, têm as mesmas vantagens que as cidades

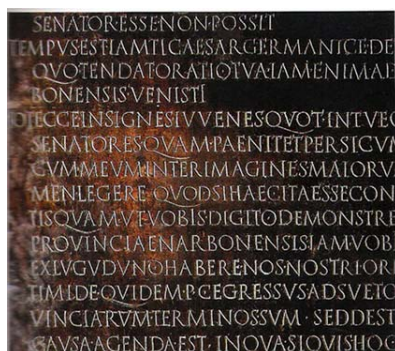


Figura 2: Detalhe da tábua de Cláudio.
(Lasfargues 2003: 31)

federadas; 3) todas as outras cidades são submetidas à autoridade direta do poder imperial através de um intermediário do governo da província e deveriam pagar um tributo (*stipendium*).

Politicamente, os gauleses foram particularmente favorecidos quando o Imperador Cláudio governou. Ele ofereceu numerosos monumentos, mas mais importante, em 48 d.C., proferiu um discurso no Senado no qual defendia admissão de notáveis gauleses no senado romano (Hatt 1989: 108). Esse privilégio, após alguma oposição, foi concedido a notáveis eduanos que tinham uma estreita relação com Roma desde a Guerra Gálica.

Esse discurso foi gravado em placas de bronze (Figura 2) e devia estar exposto no fórum de Lyon como forma de propaganda ao imperador. Esses objetos se conservam até hoje e estão localizados no Museu da Civilização Galo-Romana em Lyon.

1.2. A religião gaulesa na época da independência

Durante muito tempo as únicas fontes para o conhecimento da religião gaulesa foram as fontes antigas, embora fornecessem pistas a respeito dessa época, elas não davam conta de sua totalidade e tinham, quase sempre, como assuntos preferidos os druidas e os sacrifícios humanos. A arqueologia é, portanto, responsável por grande parte do conhecimento do período. Se antes se acreditava que os celtas tinham dominado toda a Gália, e, deste modo, teríamos uma religião celta que teria se desenvolvido localmente, hoje se salienta a existência de uma outra religião, anterior à dos gauleses, que teria sobrevivido e se misturado. Hatt (1986:411), em suas pesquisas chegou à conclusão de que quando os romanos chegaram à Gália existiam ainda duas religiões distintas:

- a) Uma religião céltica de origem indo-européia, fundada sobre a distinção das três funções (1.a soberania, 2. a guerra e 3. a produção, a riqueza e a vida eterna), de acordo com as teorias de G. Dumézil (*L'ideologie tripartite des Indo-Européens*, Bruxelles 1958, p.59);
- b) Uma religião pré-céltica, fundada sobre a supremacia de um deus único, plurifuncional, associado a Marte, seguido de numerosos nomes indígenas. A essa divindade masculina era em geral associada uma feminina, também plurifuncional. Essa religião pré-céltica não está ligada às concepções indo-européias, embora tenha deixado vestígios impregnados de suas crenças até o período galo-romano.

A divisão entre essas seria geográfica, a religião céltica dominaria nas cidades gaulesas do nordeste da Gália, entre o Reno Superior e o Sena. A zona de preponderância da religião céltica corresponde à repartição das tumbas do Bronze Final I. A religião pré-céltica é predominante nos distritos alpinos, na Provença, na Suíça, a leste; nos Pirineus Centrais, no sudoeste; na Bretanha e no centro-oeste; entre os habitantes de Treves e os sequanos, no noroeste.

Isso não significa que aqui para entendermos a religião gaulesa devemos separar a Gália em duas partes e as tratar como situações isoladas, mesmo porque esses territórios não são contínuos. Ainda assim, é importante ressaltar a complexidade do assunto.

Se as fontes não nos dão acesso a uma série de informações, pelo menos sobre os druidas, a literatura é ampla e não trata apenas de César. Diodoro da Sicília (*Biblioteca Histórica* V, 31), Estrabão (*Geography* IV, 4, 4-6) e Plínio, o Velho (*N.H.* XVI, XCV, par.v 249) descrevem o respeito que os gauleses têm pelos druidas e a importância a eles atribuída. Porém, cada um deles levanta aspectos diferentes e contraditórios sobre os druidas: enquanto Plínio os considera como “mágicos” (*magos*) e traça a relação desses com a natureza e as plantas, Estrabão debita aos “vates” essa função, eles se ocupariam das cerimônias religiosas e praticariam as ciências da natureza enquanto os druidas exerceriam a filosofia ética. Essa também é a visão de Diodoro da Sicília, os druidas seriam filósofos, teólogos e videntes. Essa diferença não pode ser explicada pela data, pois Diodoro da Sicília é datado da segunda metade do séc. I a.C., Estrabão, do fim do séc. I a.C. ou I d.C e Plínio, da segunda metade do séc. I d.C. Ainda assim, é difícil saber porque em um período

posterior é a visão do druida como um homem ligado à natureza que prevalece sobre o filósofo. É assim também, que em outro capítulo, Plínio, o Velho (*N.H.* XXIV, LXII, 103, 104.), explora a função médica dos druidas, nesse trecho ele relata os conselhos druídicos do uso de plantas para a cura de doenças específicas.

Os autores que o consideram como alguém ligado à reflexão e ao conhecimento expõem a crença celta na imortalidade da alma (Valério Máximo, *Atos e palavras memoráveis* II, 6 – 10) que seria uma das principais marcas da religião difundida pelos druidas, acredita-se que essa teria relação com a filosofia pitagórica. Diodoro da Sicília (*Biblioteca histórica*, livro V, 28) narra não só essa crença, mas também aquela segundo a qual a alma depois de uma certa quantidade de anos voltaria à vida, penetrando em um outro corpo. Durante o funeral, também, eles jogariam no fogo, junto com o corpo que está sendo incinerado, cartas escritas aos parentes mortos.

Esses trechos literários acima mencionados, entre outros, levaram a que importantes autores tentassem formular o que seria a estrutura da filosofia religiosa gaulesa. Sob essa perspectiva a figura do druida ganha um papel fundamental, já que muitos textos antigos falam deles e eles parecem ter sido o baluarte da religião, pois seriam os responsáveis pela medicina, decisões judiciais e religião, dividiriam, assim, com o chefe das “tribos” o seu governo.

Entretanto, é preciso deixar claro que mesmo quando temos textos escritos a respeito dos druidas e outros aspectos da religião gaulesa, não se pode considerar que sejam testemunhos reais do passado. Há uma ampla literatura, tanto arqueológica, quanto histórica que discute o quanto a análise de documentos escritos deve ser cuidadosa e incluir dados sobre o autor, o público ao qual se destinaria, a recepção, a época etc. Contudo, no caso dos druidas, a arqueologia não encontrou muitos vestígios de sua existência, ao contrário do número de fontes que os descrevem, por essa razão, mesmo que passíveis de crítica, as fontes escritas são o melhor testemunho sobre a existência dessa personagem.

A falta de informações a respeito dos locais de culto e dos deuses cultuados, pelo menos antes da Guerra Gálica de Julio César, fez com que a arqueologia adquirisse um papel preponderante no conhecimento dessa sociedade e de sua religião. Hoje em dia se sabe que no séc. IV a.C. a Gália se “cobriu” de grandes santuários, com o espaço sagrado delimitado por muros, abrigando edifícios e altares, fabricados com madeira (Poux

2006:118). Com relação a este tópico Brunaux (1993) realizou uma apresentação em um Congresso, posteriormente publicado nos respectivos Anais, com o título de “Os bosques sagrados dos celtas e dos germanos” (*Les bois sacrés des Celtes et des Germains*), seu objetivo é apresentar estudos recentes de paleobotânica e sua relação com os santuários no período pré-romano. As conclusões desse estudo são que uma boa parte das grandes florestas francesas já tinha sido destruída na Idade do Ferro; um pouco antes da conquista romana o que existia eram santuários com pequenos bosques dentro, o que pode ser comparado com os santuários gregos a Demeter. Essa perspectiva é extremamente interessante porque vai contra uma tradição baseada nas fontes antigas de se considerar a religião gaulesa como uma religião “da natureza”. Contudo, quanto à recepção desse artigo, pode-se dizer que, se por um lado não parece ter tido uma grande repercussão no mundo acadêmico, mesmo sendo seu proponente um pesquisador renomado, por outro lado não chegou a ser contestado.

Esses santuários pré-romanos deveriam ter um lugar importantíssimo na sociedade gaulesa, não só porque esta era, como é corrente na antiguidade, uma sociedade na qual a religião não se separava de outros aspectos da vida, como o político e as trocas comerciais. Também porque, ao menos na Gália, eles parecem centralizar importantes esferas da vida gaulesa. Poux (2006:126) descreve a descoberta de vestígios que indicariam que em certas regiões da Gália do Norte os santuários e seus entornos representam um importante pólo de emissão monetária e não se trataria de um artesanato banal, mas de uma atividade que englobaria o conjunto da comunidade. Foram encontrados equipamentos de produção dessas moedas como cunhos e mesmo balanças. Alguns desses objetos saíam do seu contexto religioso para integrar a esfera econômica, tanto que as moedas produzidas, de bronze, prata ou electrum, são encontradas longe de seus territórios, mas também, existem aquelas moedas que são destinadas apenas a um uso local e há mesmo objetos de cerâmica com uma forma semelhante às moedas. Como conjectura Poux (2006:126), esses podiam servir para o controle de entrada no santuário. A principal fonte que Poux utiliza para esse estudo das moedas dos santuários é o santuário de Corrent, onde foram encontrados setecentos exemplares. Já que a metade estava concentrada no perímetro de entrada, se acredita que seriam apenas dotados de um valor simbólico, tendo validade apenas dentro do recinto.

Cotidianamente, a atividade ritual nesses santuários se reduzia a um serviço litúrgico mínimo, contando com sacrifícios e libações, oferendas modestas trazidas por fiéis ou peregrinos. Provavelmente também aconteciam atividades artesanais ou comerciais; dado o grande número de recipientes de cerâmica normalmente encontrados nesses

santuários, é difícil saber se não teriam um uso quotidiano (Poux 2006:131).

A vida nos santuários devia ser animada por uma serie de cerimônias, se acredita que em datas fixas. Uma das descobertas mais interessantes a respeito desse assunto é o “calendário de Coligny” (Figura 3), datado de época romana, mas escrito em língua gaulesa. Ele foi achado nas proximidades de Lyon em um depósito, não tendo, portanto, um contexto arqueológico preciso, fabricado com bronze, ele estava desmontado em 150 fragmentos quando foi encontrado. Há muitas dúvidas a respeito deste objeto, porém, sabe-se que é um calendário lunar com intercalações ou meio-lunar. Ele contém cinco anos de doze meses, divididos em duas quinzenas, alternadamente de 30 e 29 dias. Embora ele não seja preciso, cálculos recentes mostram que não acompanha



Figura 3: Detalhe do “Calendário de Coligny”. (Lasfargues 2003: 39).

exatamente o ano solar, portanto, seria necessário acrescentar alguns dias. O estilo das letras e dos números utilizados o data do séc. II d.C. e apesar de usar a língua gaulesa, as letras e os números são romanos, ainda assim, é considerada a maior inscrição em língua gaulesa, talvez até por isso: as suas poucas inscrições até hoje não conseguiram ser traduzidas. Como foi encontrado junto de outros 400 fragmentos de uma grande estátua de divindade confeccionada no bronze, provavelmente um Marte, acreditou-se que ele deveria estar em um contexto religioso (Lasfargues 2003:38). Assim, o calendário mostra que os

gauleses tinham uma organização temporal constituída e, talvez o mais impressionante: ela durou até o séc. II d.C., mesmo com a existência de calendários romanos.

De acordo com os estudos de Jean Louis Brunaux (2004), a maioria desses santuários decaiu de importância nos séc. II e I a.C., razão pela qual o autor sustenta que os *fana* não teriam sua origem nos santuários gauleses. Essa é uma questão importante e controversa que será retomada no cap. III. Para além do problema da continuidade dos templos gauleses em direção aos *fana* há a perplexidade e o desconhecimento sobre as mudanças ocorridas no período. Hatt (1986:412-413) elaborou uma proposta para o período: no I séc. a.C., época de que foi datado o caldeirão de Gundestrup⁴, uma transformação se operou, marcada por um retorno às categorias indo-européias e tendo como consequência uma distinção mais clara entre as três divindades principais: Taranis, Teutatès e Esus (Cernunus).

As origens desse retorno parecem de origem política e militar. Isso porque quando os celtas se “expandiram”⁵ pela Europa trataram de elaborar associações e compromissos religiosos destinados a permitir a associação de civilizações e culturas de origens diversas. Mas em um segundo momento houve uma retomada de traços culturais celtas, o que se percebe nas imagens religiosas e na numismática.

Corrent parece ter abrigado um santuário importante, pois mesmo após a conquista foi reconstruído, porém a própria paisagem humana do seu entorno tinha se modificado. A antiga capital dos avernos deu lugar a uma *urbs*, hoje cidade de *Clermont-Ferrand* a alguns quilômetros de distância. Assim, o santuário parece mais ser um local de memória, já que o número de objetos diminuiu consideravelmente (Poux 2006:133). Podemos também pensar que se constitui em um local de resistência, mesmo sem a antiga importância.

⁴ Esse recipiente de prata de 9 Kg é um dos objetos arqueológicos mais discutidos e considerado relevante para as pesquisas iconográficas e religiosas sobre os celtas. Encontrado em 1891 na Dinamarca, foi depositado como oferenda votiva. Como estava desmontado, a reconstituição da ordem das placas é um problema que ainda intriga os pesquisadores, nessas placas estão representados animais e figuras que, segundo alguns, poderiam representar as constelações astronômicas, para outros seriam divindades (Kruta 2000:650; Picot 2002:352)

⁵ A idéia de uma “expansão celta” tem sido revista pela bibliografia contemporânea. Renfrew (*apud* TREGUER: 42) acredita que não teria sido possível que de uma única região tivessem saído contingentes em número suficiente para se instalar e dominar tantos lugares da Europa. Tendo em conta essa perspectiva, o que chamamos de expansão deve significar também uma assimilação artística e cultural provocada por contatos pacíficos e econômicos.

A dificuldade para conhecer arqueologicamente as divindades cultuadas na Gália antes da chegada dos romanos se deve ao fato de que os gauleses não representavam seus deuses antes de se relacionarem com as populações mediterrânicas (Brunaux 1997:52). Na verdade, nem as formas humanas. Momigliano (1999:55) acredita que foi no séc. III e II a.C. devido ao contato com os gregos, que isso começou a mudar. Nos últimos séculos da Gália independente, há um certo número de figurações que aparecem em imagens monetárias e esculturas, todavia, é impossível ter certeza de que se trata de uma divindade, de um herói, ou apenas de um ancestral (Brunaux 1997:51).

Embora nem todos os autores concordem com essa idéia: Hatt (1989: 38-72) dedica um capítulo do seu livro *Mythes et Dieux de la Gaule* (Mitos e deuses da Gália) – “L’Art Celtique, expression de la religion” (A arte celta, expressão da religião) – para demonstrar que os celtas, e não apenas os gauleses, usavam moedas, a arte decorativa, torques, esculturas, espadas e capacetes para figurar seus deuses, com isso ele se contrapõe à corrente que considera que a arte celta conta essencialmente com uma inspiração vegetal. Todavia, a maioria dos artefatos que compõem a argumentação de Hatt provém de outras localidades que não a Gália, essencialmente, o grupo é composto de cultura material de origem germânica.

A idéia de que os celtas não representariam seus deuses é especialmente fundamentada no relato a respeito da invasão de Breno ao santuário de Apolo em Delfos (Diodoro da Sicília. *Biblioteca histórica*, livro XXII, 9), segundo este, o chefe dos celtas teria rido quando viu as figurações de divindades no templo. A verdade é que é impossível saber com precisão se a figuração de deuses na Gália não se deve a uma influência romano-helênica. Esses povos estiveram em contato muito antes da conquista de César.

Quando se trata da religião gaulesa uma questão que deve ser ressaltada é a da não existência de um panteão gaulês. É praticamente consenso entre a bibliografia especializada (Andriga 2002, Brunaux 2000, Hatt 1989) que as divindades gaulesas não teriam uma relação de hierarquia como as helenas⁶, nem seus deuses teriam funções tão rígidas. A religião gaulesa é constituída por um grande número de divindades de alcance

⁶ Apesar de ter adotado divindades helenas, a religião romana não pode realmente ser equiparada àquela. Primeiramente, porque as divindades romanas também não são uma tradução exata das divindades helenas. Existiam divindades anteriores romanas que se acomodaram às helenas, é o caso, por exemplo, de Vulcano. Da mesma maneira, o conceito de panteão, tal como existia nas cidades helênicas não se aplica a Roma.

local, o que se sabe graças a estudos da toponímia. Assim, se imagina que cada região tinha a sua, ou suas, divindades particulares. O nome Teutatès é bastante conhecido, ele seria o deus protetor da “tribo”, Brunaux (1997: 53) propõe que, na verdade, esse fosse uma espécie de título, cada “tribo” teria o seu próprio deus Teutatés, além de outros deuses menos importantes. Há autores que, em razão disso, chegam ao extremo de considerar os celtas monoteístas, ou seja, apesar de conhecermos muitos nomes de divindades, na realidade, cada grupo cultuaria um único deus. Essas são interpretações feitas, sobretudo, no âmbito dos estudos a respeito da cristianização da Irlanda.

1.3. A *interpretatio* romana e a “assimilação” dos deuses romanos

Quando Júlio César escreveu a “Guerra Gálica”, preocupou-se em relatar não apenas as campanhas realizadas contra os gauleses, tentou descrever também a estruturação da sociedade gaulesa (tripartite). Um dos aspectos que julgou relevante narrar foi a organização religiosa, deu especial ênfase ao papel religioso dos druidas, mas também tentou descrever quais eram os deuses mais importantes da Gália (César. *De Bello Gallico* VI, XVII): adorariam principalmente Mercúrio, o consideravam como o inventor de todas as artes, o guia dos caminhos e das jornadas e o protetor do comércio; Apolo que expele as doenças; Minerva transmissora das técnicas de produção dos artefatos; Júpiter teria o império dos céus e Marte preside à guerra.

Esse trecho, apesar de pequeno, é muito discutido, porque apresenta os deuses gauleses sob nomes romanos. Efetivamente, os gauleses, especialmente da *Prouincia* já deviam conhecer essas divindades, mas César os descreve como sendo “os deuses mais cultuados da Gália”, portanto, é provável que ele tenha escrito dessa maneira com vistas a seu público: os romanos. A *interpretatio* romana é adaptar dentro da língua e cultura romanas coisas julgadas semelhantes às de outros povos. Apesar da multiplicidade de aplicações da *interpretatio* romana, a que nos concerne nesse momento é a religiosa, sobretudo, a que diz respeito aos deuses gauleses. Desta maneira, neste caso, temos a transposição sistemática das divindades indígenas aos padrões romanos. César não é o único a se utilizar desse recurso, essa é uma prática corrente entre os autores latinos e

helenos (Brunaux 1997:54), Tácito, por exemplo, também usou o recurso para falar dos deuses Germânicos, na *Germânica*.

Acreditando que esse trecho de César não correspondia à realidade exata dos deuses da Gália, vários autores tentaram o interpretar. Brunaux (1997:54) adota a interpretação de Dumèzil, para ele, cada uma das divindades citadas – Mercúrio, Marte, Júpiter, Apolo e Minerva – seria a síntese ideal dos deuses que existiam na Gália e não necessariamente existiria *per si*. Porém, Brunaux (1997:57) vai além, e acredita que cada um desses deuses teria um culto mais regional, mesmo se conhecidos por toda a Gália. Assim o Marte descrito por César é um deus importante para a Gália Belga, população conhecida por ser extremamente belicosa.

William Van Andringa (2002:132) tem uma hipótese muito interessante a esse respeito, para ele mais importante do que a interpretação de deuses gauleses, que acaba resultando em uma mudança com relação a seu caráter original, é a inter-relação entre os cultos dos “grandes” deuses romanos e do culto imperial. Mesmo porque, uma vez que a “correspondência” fosse feita, as divindades romanas e locais não eram mais rivais, na verdade, elas eram quase como se fossem iguais. Essa afirmação é pautada em Tito Lívio (*apud*: Andringa 2002:132), que teria afirmado que os deuses são os mesmos em todos os lugares.

Se por um lado o autor vê uma integração pacífica e quase “natural” entre os deuses gauleses e os romanos, inclusive, utilizando o termo “romanização” sem ressalvas; por outro, acertadamente defende uma posição, não tão recorrente, de que a religião galo-romana é, mais do que tudo, uma religião nova:

“A associação dos antigos deuses locais, romanizados ou não, com uma forma do poder imperial divinizado estão na origem de combinações culturais inéditas, de uma nova linguagem religiosa que marcaram de maneira decisiva a incorporação dos deuses locais na civilização municipal”⁷(2002:153).

Quando se fala de associação entre um deus e outro, isso implica em discutir o sincretismo. O caso galo-romano foi estudado em suas estruturas por Clavel-Lêvêque: de acordo com ela, o fenômeno se manifesta tanto nos casos em que os deuses mantêm seus

⁷ L’association des anciens dieux locaux, romanisés ou non, avec une forme du pouvoir imperial divinisé fut à l’origine de combinaisons culturelles inédites, d’un nouveau langage religieux qui marquèrent de façon décisive l’incorporation des dieux locaux dans la civilisation municipale”

nomes indígenas – como Cernus, ou Epona e que são reconhecidos pelos romanos como tendo características similares aos seus deuses monstruosos –, como no caso dos que recebem nomes romanos. Esse sincretismo teria permitido passar de uma religião a outra sem grandes dificuldades, já que as duas seriam fundamentadas em um fundo indo-europeu comum, mas a evolução das duas religiões não permitiria uma correspondência direta. Os deuses, portanto, podem ser interpretados de diversas maneiras, com diferenças, sobretudo entre o ambiente rural e os mais impregnados do classicismo grego-romano.

Essa visão não é compartilhada por todos os autores, Andriga acredita que a adesão progressiva dos provinciais aos deuses pátrios, à cidade local e Roma, não implicava exatamente em um sincretismo. Para ele, nunca houve uma mistura dos papéis, pelo menos no espaço público⁸(Andriga 2002:289). Entretanto, vale a pena ressaltar que o foco de estudo e as fontes de Andriga são as cidades galo-romanas. Nosso estudo se centra nos *fana* e sua relação com as edificações urbanas, o que não necessariamente se limita às cidades, visto que também há templos de tradição galo-romana em assentamentos e fugindo da nossa delimitação, isolados.

Feita essa ressalva, vale a pena explicar as principais idéias desse autor a respeito das modificações religiosas feitas nas cidades. Durante os três séculos que atendem à delimitação de nossa pesquisa, os deuses gauleses que foram trazidos para um ambiente romano, mesmo que sobre aparências romanas, foram sofrendo mutações tanto na sua forma de culto quanto na sua representação iconográfica. Conseqüentemente, definições estáticas de quem eram esses deuses e suas funções são passíveis de erro. Um exemplo disso são as mutações que o Marte cultuado na Gália sofreu. O Marte gaulês não corresponde exatamente a nenhum deus da Gália, prova disso são os inúmeros epítetos que ele tem, em cada local: Marte recebia um segundo nome que o ligava a um deus cultuado pelos gauleses em cada localidade. Contudo, se há um deus com o qual o Marte Gaulês mais se aproxima, este é Teutatès. Conhecido na época da independência como uma divindade relacionada à manutenção da comunidade, sendo responsável pela proteção, independência e integridade do território desta, ou seja, o contexto social que desaparece

⁸ “L’adhesion progressive des provinciaux aux deux patries, la cité locale et Rome, n’impliquait pas, à proprement parler, de syncrétisme. Il n’y a jamais eu de mélange des rôles, du moins sur la place publique. Manifestement, la découverte de la politique passait par une reformulation des rites et des cultes dans un sens normatif et hiérarchique sans qu’il ait fusion ou mélange des habitudes religieuses et des entités divins”

com a conquista romana. Mas Teutatès também era o deus das migrações, das batalhas e das armas, essas características não vão propriamente desaparecer quando transferidas para o Marte, mas vão ser “pacificadas”.

Para Andriga (2002:150), o caso dos Martes indígenas mostraria como a *interpretatio* romana seria um processo oficial de elaboração política da cidade, ou seja, deuses como: Marte *Mullo*, *Lenus* Marte, Marte *Camulus* são deuses da cidade, o que significa que receberam uma consagração municipal. A tal ponto que em Renes foi construído um *templum* público a Marte *Mullo*, seu culto era público, o que quer dizer, gerido pelas autoridades municipais. Inscrições deixam entrever que o culto ao Marte indígena é o único na Gália, além daquele de Augusto, e de Roma e de Augusto, no qual os sacerdotes se intitulam *flâmines* (Hatt 1986: 417). Entretanto, esses não eram uma classe sacerdotal independente, mas sim chefes tradicionais das cidades, que acumulavam funções religiosas, cívicas e militares.

Jean-Jacques Hatt, em “*Mythes et dieux de la Gaule, 1. Les Grandes divinités masculines*” (1989) tem um capítulo⁹ exclusivamente sobre o uso político imperial de aspectos da religião gaulesa. Hatt separa por grupo de imperadores o “tratamento” dado às divindades, assim, segundo ele, Augusto e Tibério, no início do seu reino, são liberais, permitindo que, apesar das influências helênicas e romanas, a religião gaulesa pudesse se manifestar abertamente (1989:119). A tal ponto que o reino de Tibério é marcado por uma tendência sincrética celta-romana

Hatt é um renomado pesquisador, contudo, é necessário dizer que as fontes arqueológicas para essas conclusões se situam, sobretudo, no sul da França e em Lugdunum (Lyon), capital das três Gálias. Para os seus objetivos esse foco espacial não apresenta muitos problemas, todavia, quando tratamos dos templos de tradição gaulesa, os *fana*, não se pode deixar de salientar que suas afirmações não valem como regras absolutas. Ainda mais à luz de novas propostas sobre a transmissão de padrões culturais romanos a outras populações.

Em 1952 (Duval 1952:305), “*La vie quotidienne en Gaule pendant la paix romaine*” (A vida cotidiana na Gália durante a paz romana), procura entender essa relação entre os deuses gauleses e romanos através do conceito de politeísmo, o que aconteceu na Gália só

⁹ Trata-se do capítulo V: La politique religieuse des empereurs et l’opinion gauloise, p. 102-121.

teria sido possível porque se tratava de duas religiões politeístas. De acordo com ele, os gauleses deram aos deuses romanos atributos de seus deuses, porém, não os consideravam como o mesmo deus: são “assimilações imperfeitas” que formam divindades novas e não a sobreposição de uma divindade pela outra.

Os deuses cultuados nos *fana* não são os deuses romanos, como acontece nos foruns das cidades, eles são os chamados deuses galo-romanos e os deuses gauleses que conseguiram sobreviver, por terem características que remetiam a figuras mediterrânicas, como Sucellus e Esus. Desta maneira, tentar entender a relação que os *fana* ocupam com relação à *urbes* é também um esforço para o aprofundamento desta questão: afinal, qual era a posição desses deuses na sociedade galo-romana?

1.4 Uma religião galo-romana?

O principal tema da conferência proferida por Scheid (2002) no *Collège de France* e publicada na revista *L'Archéologie* é, de fato, a não existência de uma religião romana. De acordo com ele, devido aos estudos realizados pelos antropólogos da religião, essa idéia foi perdida. Para ele, o conjunto de práticas, o juridismo e o ritualismo romanos não consistiam em uma religião. É o ritualismo que formaria a expressão desse sentimento religioso, como também concordam Beard, North & Price (1998:167). Trata-se de um ritualismo apoiado em uma tradição oral, ela mesma constantemente renovada pela jurisprudência sacerdotal, ou seja, pela adaptação de costumes orais a casos precisos. Essa seria, então, uma “religião do rito”, cujo interesse não está nem na sobrevivência, nem na saúde da alma ou em questões metafísicas. Quando pratica sua religião, o romano se liga à celebração de ritos destinados a garantir o bem estar terrestre da comunidade da qual ele participa. O autor considera que não é que as questões metafísicas não interessassem aos romanos, mas eles não as colocavam no exercício da sua religião, eles as faziam num quadro intelectual exterior à prática religiosa. A ignorância de toda ortodoxia, a ausência de livros sagrados, assim como de um sistema religioso único fariam com que as questões e, por conseqüência, as respostas, ainda suscitadas pelos ritos, fossem inúmeras, multiformes, e mesmo contraditórias. O que importa definitivamente, como na maior parte das religiões

politeístas, o rito, para continuar a existir plenamente, tem necessidade de ser sem questionamentos.

Essa análise de Scheid se baseia em uma interpretação da idéia republicana que os romanos teriam feito do seu mundo, pois, para ele, do ponto de vista institucional, o ritualismo protegia o ato e o interesse público contra todas as influências subjetivas. Pelo rito, o ato e a intenção se tornavam objetos comuns a todos. O ritualismo era uma garantia para as elites, pois, desta maneira se fazia acreditar que sempre os magistrados agiam com o aval dos deuses. Elaborado ao longo da República, o ritualismo representava um esforço de racionalização da vida coletiva e do mundo, uma racionalização que visava controlar um e outro.

Assim sendo, é natural que nos questionemos se a Gália seguia esse padrão, já que a “religião”, esse conjunto de rituais, foi em certa medida transplantado para as *ciuitates* galo-romanas, lógicas que devemos levar em conta que, em outro contexto, não deveriam ter o mesmo sentido. Uma das principais diferenças, como já foi citado, é o “Culto ao Imperador”.

Augusto foi um governador extremamente importante para a Gália, durante seu reinado não só houve um florescimento urbanístico e monumental, mas também várias festas foram feitas em sua homenagem; no dia um de agosto se festejava a majestade de Roma sob a lembrança de Augusto em Lyon, mesmo dia da festa de Lug¹⁰. De três a doze de outubro havia jogos em honra do seu retorno do Oriente (Duval 1952: 316). Provando que na Gália existiam festas e rituais.

Alguns aspectos da religião romana estão presentes também quando olhamos para o contexto galo-romano, um exemplo é o voto (Scheid 2002); na religião romana este é um contrato com uma divindade, ou uma promessa condicional, estipulado a partir de testemunhos, geralmente colocado por escrito, depois selado e depositado em um local de culto, ou nos arquivos. Esse contrato enuncia condições precisas e fixa uma data limite. Se a divindade não satisfaz as condições enunciadas o voto pode ser desfeito e substituído por um novo voto. O princípio do voto romano corresponde ao “*da ut dem*”, ou seja, dê para que eu dê. Nesse ínterim, as oferendas são dons dedicados aos deuses, graças à execução de um voto, ou não. Matthieu Poux (2006:117), professor da Universidade de Lyon, em um

¹⁰ O nome da cidade *Lugdunum*, hoje Lyon, era uma homenagem ao deus Lug.



Figura 4: Anel de bronze com inscrição latina (Poux 2006:117).

capítulo do livro *Religião e Sociedade na Gália*, apresenta um exemplo de como isso também acontecia na Gália. Um pequeno anel de bronze foi encontrado na parte central de um santuário romano na Gália Central – infelizmente ele não cita o nome do lugar –, a alguns metros da porta sagrada por onde os fiéis entravam no recinto sagrado. No anel se encontra a inscrição em latim *Si das/dabo*: se me deres, eu darei (Figura 4). Segundo o autor, essa não é a única inscrição desse tipo nos santuários da Gália romana, onde esse tipo de documento é encontrado centenas de vezes em inscrições na pedra ou no metal. É desta maneira que podemos compreender os ex-votos, o objeto ofertado em contrapartida a um voto executado pela divindade. Na Gália romana o número de ex-votos é grande e seus suportes variados, há desde inscrições até objetos em forma de olho, para agradecer a cura¹¹. Por essa razão Poux (2006:117) considera que do séc. I ao séc. IV a atividade de um santuário se reduzia a uma troca de oferendas, de sacrifícios animais e de rezas.

Em seu artigo, “Il n’y a pas de religion gallo-romaine” (2000), Brunaux defende sua posição de não nomear a religião pós-conquista como galo-romana. Para ele existe uma religião romana na Gália e existem cultos indígenas que se desenvolvem durante este período, contrariando os que pensam que, como alguns locais de culto gauleses continuaram a ser utilizados na época do predomínio romano, as concepções dos dois seriam parecidas, se não as mesmas.

Desenvolvimento é o termo preferido por Brunaux e não transformação, isso porque as práticas gaulesas não desaparecem, mas podem finalmente se desenvolver de maneira diversa da que ocorria sob a dominação dos druidas, mesmo que seguindo concepções mais mediterrâneas.

Conforme vimos, o que existe na Gália no séc. I ao III d.C. é uma situação bastante plural com relação aos deuses: 1) em primeiro lugar, há a continuação do culto de deuses gauleses desde que tenham sofrido as devidas adaptações, é o caso dos Martes indígenas,

¹¹ Isabelle Fauduet, responsável por um Atlas dos templos de tradição indígena, uma das mais importantes obras sobre os *fana*, realizou um estudo a respeito desse tipo de ex-voto (FAUDUET, Isabelle. *Les ex-voto anatomiques du sanctuaire de Bû*. *Revue archéologique de l'Ouest*. CNRS, n°7, 1990 p.93-100).

que na forma de um deus romano foram acalentados; 2) alguns deuses gauleses continuaram a ser cultuados, numa associação com deuses romanos de características ou funções próximas; 3) dependendo da situação política, o próprio poder romano alçava uma ou outra divindade gaulesa a uma posição importante, sobretudo, depois de crises; ou quando queria combater um segmento político ou religioso, destacava uma entidade contrária a esses. Isso acontecia porque a religião dos gauleses era extremamente plural.

A tolerância romana frente à religião dos povos conquistados é uma idéia bastante difundida; segundo esta, contanto que o culto imperial fosse seguido e a religião nativa não se sobrepusesse aos interesses romanos não havia porque persegui-la, tanto que a perseguição aos druidas e aos sacrifícios humanos é vista pela historiografia como uma exceção, causada pelo poder subversivo dos druidas. Como aponta Hingley (1999), essa visão deve sua propagação à historiografia inglesa, respondendo a interesses colonizadores e se utilizando das fontes literárias antigas, entretanto, a opção por continuar a construir segundo as maneiras tradicionais da arquitetura mostra a existência de conflito e a necessidade de uma interpretação que leve em conta as interações complexas e contínuas de várias influências no processo de mudança.

Whittaker (1997) também defende a existência de uma ação romana, e não apenas reação no tocante à religião. Segundo o autor, os romanos tentavam censurar e substituir os cultos locais, a evidência mais forte para esta constatação é que o culto imperial era associado com cultos locais e com a administração civil, contudo, os processos de mudança cultural também tiveram como agentes as elites gaulesas preocupadas em manter seu poder e o ostentar de outras formas, como a construção de edifícios públicos diversos seguindo modelos arquitetônicos romanos. Assim, a religião constitui uma esfera de difícil interpretação, pois é considerada um sistema conservador (Green 1998) e se revela um terreno propício para a discussão da memória enquanto uma forma de resistência.

1.5 A política religiosa

A política religiosa na Gália estava em constante movimento, ela pode ser mais bem entendida de acordo com os eventos políticos, com os quais cada imperador teve que lidar.

Dois fatores parecem determinantes na política religiosa imposta por Roma: o culto imperial e a perseguição dos druidas que teve seu ponto máximo com Cláudio.

No campo religioso uma das primeiras medidas que os romanos tomaram, tendo conquistado a Gália, foi proibir o sacrifício humano praticado pelos druidas. Contudo, a prática continuou até o começo do séc. I d.C. A perseguição contra os druidas começa com Tibério, mas é Cláudio que erradica o druidismo (Suetônio, *Diuus Claudius*, A5, 5). Considera-se que a perseguição ao sacrifício humano, mais que tudo, se deve ao fato de estar associado à independência e à política antiga (Whittaker 1997: 157). Para Hatt (1989: 107) a erradicação do druidismo passou por três fases: 1) durante o império de Augusto foi interdito aos cidadãos romanos o exercício da prática do druidismo. Essa medida pretendia ser eficaz porque César tinha aberto a cidadania aos membros da aristocracia gaulesa e eram os filhos dos membros da aristocracia os que podiam se dedicar aos longos estudos que levavam ao sacerdócio; 2) sob Tibério a interdição recaí sobre os druidas que presidem os sacrifícios humanos; 3) por sua vez, durante o governo de Cláudio – mesmo que sob os protestos de uma minoria que fazia parte dos antigos povos eduanos e dos lingoges-senuanos – qualquer um que portasse símbolos druídicos podia ser condenado à morte:

“Praetera est ovorum genus in magna fama Galliarum, omissum Graecis [...] Druids ad victorias litium ac regum aditus mire laudatur, tantae vanitatis ut habentem id in lite in sinu equitem R. e Vocontiis a diuo Claudio principe interemptum non ob aliud sciam. Hic tamen complexus anguium et frugifera eorum concórdia in causa videtur esse quare exterae gentes caduceum in pacis argumentis circumdata effigie anguium fecerint, neque enim cristatos esse in caduceo mos est” (Plínio, *N.H.*, XXIX 52-54).

“Existe também uma espécie de ovos, cuja reputação é grande entre os gauleses e que é desconhecida dos gregos. Seu surpreendente poder para ganhar os processos e para chegar perto de um regente é proclamado pelos druidas, mas é uma fraude tão mentirosa que um cavaleiro romano dos vocontes, por manter um no seu peito durante uma corte não criminal, foi executado pelo Imperador Cláudio, apenas por essa razão. Contudo, esse entrelaçamento e união fértil entre cobras parece ser a razão pela qual povos estrangeiros, quando discutem

termos de paz entornem um caduceu com uma representação de serpentes. É comum que as serpentes sobre o caduceu não tenham a protuberância da cabeça”¹².

A razão pela qual Roma perseguiu os druidas é um tema controverso, acredita-se que não se tratou de uma simples questão moral, pois a idéia de sacrifício humano não era estranha no mundo mediterrâneo. Portanto, o objetivo era diminuir o poder político que tinham essas personagens, já que os druidas tinham uma relevância crucial na organização social gaulesa e cuidavam inclusive de questões “jurídicas”. Assim, se imaginava diminuir o poder político de uma figura que fazia parte da aristocracia gaulesa.

O agravamento das tensões políticas da época – a crise de 21 d.C. na Gália e a revolta da população icenica na Britânia, comandada por Boudica, em 61 d.C. – fizeram com que o poder romano tomasse atitudes firmes com relação à religião celta. Além de perseguir os druidas, Cláudio, se utilizando de tradições locais, foi cultuado, na Britânia (Inglaterra), pelos “bárbaros” como um deus (Sêneca. *Apokolocynthisis Diui Claudii*, 8, 3). Além disso, Cláudio e Nero censuram imagens muito específicas de deuses celtas nos monumentos de “piedade coletiva”¹³.

De acordo com Hatt (1989: 109), conforme o momento político, os governantes romanos se utilizavam das tradições religiosas gaulesas para os seus interesses, é assim que o autor entende que a Coluna de Mayence e os monumentos de Júpiter cavaleiro, no reinado de Nero, servem para recuperar a religiosidade celta, tendo em vista a defesa das fronteiras germânicas. O período de Nero foi extremamente conturbado, na Britânia, devido à revolta de Boudica, mas, mais do que tudo, pela crise de 68-70 d.C. Aulus Vitellius era comandante do exército da baixa Germânia, mas, em 2 de janeiro de 69 d.C., em Colônia, foi proclamado imperador pelas legiões gaulesas e germânicas. Vitellius acaba por entrar em

¹² Versão feita a partir da tradução para o inglês (GOOLD, G. P.(ed.) **Pliny, *Natural History*. The Loeb Classical Library. Cambridge.** Mass.; London : Harvard University Press: W. Heinemann, 1993) e para o francês (Goudineau, Christian. **Religion et société en Gaule**. Paris: Éditions Errance, 2006) .

¹³ Os monumentos de piedade coletiva eram bastante comuns no Império Romano. Na Gália – romana o mais conhecido é o *Pilier des Nautes* (Pilar dos Marinheiros). Achado embaixo da Catedral de Notre Dame em Paris e datado do séc. I d.C. Ele é uma oferenda dos navegadores de *Parisii* ao imperador. Sua importância reside nas representações iconográficas: há deuses romanos, deuses gauleses e deuses gauleses e romanos associados. Hoje, o monumento se encontra exposto no Museu Nacional de Idade Média em Paris. (SARAGOZA, Florence.

Le Piller des Nautes Retrouvé – Histoire d’une Métamorphose. Dijon: Éditions Fatons S.A., 2003)

Roma com 60 mil soldados, Vespasiano o vence e é proclamado imperador pelo senado. Durante o “reino” de Vitelius, Maricus, um plebeu da tribo dos boecios, subleva o centro da Gália, ele se auto-proclamava a reencarnação de Dis Pater, que segundo César era considerado o “pai” de todos os gauleses. Maricus junta um exército de 8 mil homens, preso em combate, foi condenado a ser comido pelas feras no teatro de Lyon, como essas não o devoraram e os que estavam presentes começaram a acreditar em um milagre, foi assassinado pelos guardas de Vitelius (Tácito, Hist., II, LXI). Depois da morte de Vitelius, a Gália viveu um novo conflito, os civis atacavam os romanos e as legiões de Vitelius preferiam ser dominadas por estrangeiros a obedecer ao imperador Vespasiano. Esse trecho



Figura 5: Estátua da deusa Tutela.
(Beck, Françoise & Chew, Hélène.
Quand les gaulois étaient romains.
Paris: Gallimard, 1989, pp.17).

é narrado por Tácito (Hist., IV, LIV, 3, 4), mas o mais interessante é que ele narra que druidas, provavelmente clandestinos, faziam profecias a respeito.

Hatt (1989: 110) considera que neste momento se tomou consciência da Gália. Os gauleses se separavam em três tendências: uma separatista, na Germânia em cidades limítrofes; uma tendência político-aristocrática, tendendo ao retorno à *libertas*; e a tendência a um regime militar e autoritário nas províncias do leste e os distritos da armada da Germânia. Essa tomada de consciência da Gália se justificaria pelo perigo germânico, que agiu como um cimento na união dos gauleses.

Assim, quando os Flavios assumiram o poder, parecem ter favorecido o culto do Marte indígena. Os Martes gauleses eram provavelmente divindades tribais pré-célticas (Hatt 1989: 111). É bastante difícil estabelecer a natureza desses deuses, eles são plurifuncionais: são deuses dos céus, das montanhas, das águas, protetores das atividades humanas, da tribo em guerra, da saúde dos indivíduos e da coletividade, dos santuários, dos adivinhos e médicos. São reconhecíveis porque freqüentemente têm um segundo nome autóctone acoplado. A proposta seria fortalecer um deus que fosse comum a todos os gauleses e não tivesse uma relação com os druidas. De

fato, apenas as elites municipais parecem ter participado ativamente deste culto; no séc. II essa manifestação religiosa diminui e no século seguinte o culto desaparece.

Hatt (1989:112) se apóia na decoração de um vaso de cerâmica que celebra as vitórias de Trajano sobre os Dácios e os Partas, para dizer que os gauleses parecem ter reconhecido no sucesso de Trajano a intervenção eficaz dos seus deuses nacionais: Taranis e Teutatès. Essa interpretação se baseia na representação de símbolos que remeteriam a essas divindades. A partir de Trajano (Hatt 1989:114) a Gália perde a posição privilegiada que tinha na defesa dos limites romanos, a fronteira danubiana tomou o lugar da (do Reno). Mas a Gália também passa a viver uma nova situação, inclusive econômica, a partir desse período experimenta uma prosperidade, graças a isso a adoção de padrões culturais romanos teria avançado ainda mais; nas artes, a figuração passa a seguir um estilo mais helenístico. No séc. II d.C. o culto de Cibele é introduzido na Gália, por ser uma grande mãe o culto pode entrar facilmente por suas relações com as deusas-mães gaulesas, fazendo mesmo reviver o culto a essas através da deusa Tutela (Figura 5), essa era para os romanos a deusa protetora das cidades tendo em sua cabeça uma coroa que representa uma muralha. O culto de Tutela aparece na Gália no fim do séc. II d.C. e se desenvolve no durante o séc. III.

Durante o período Severiano os albinos se sublevaram, esse partido agrupava as aristocracias municipais da Gália Narbonesa e da Céltica (Aquitania, Lionesa e Bélgica), hostis aos militares da Germânia. Contudo, a vitória é do imperador e assim o que se verá é o ressurgimento dos monumentos de piedade coletiva. O liberalismo e o provincialismo acentuados da dinastia dos Severos favoreceram o ressurgimento das divindades indígenas com o seus nomes celtas (Hatt 1989:115). Essa “volta” dos deuses gauleses é conhecida da bibliografia há muito tempo, porém, as explicações podem mudar; em 1948 Maurice Toussaint escreveu a respeito desse retorno: “A partir do fim do séc. II, as coisas mudaram: os deuses latinos perderam cada vez mais o espaço que tinham conquistado e as velhas divindades indígenas terão sua revanche. Essa situação se explica pelo fato de que ao lado dos cultos do Estado, haviam subsistido os deuses próprios da “cidade”, as divindades de cada lugar e aquelas de cada família. Foram os deuses locais que resistiram melhor e mais tempo. As classes sociais inferiores, e mais particularmente as gentes dos campos, se mantiveram mais atadas, ao contrário das classes elevadas da população que se

acomodaram aos deuses de Roma e se mantiveram fieis até a chegada do cristianismo” (Toussaint 1948: 201).¹⁴

Esse trecho mostra como a abordagem de Hatt difere da de Toussaint, que via a subsistência de uma religião gaulesa simplesmente ligada a uma camada inferior, Hatt, ao contrário, mostra o quanto a escolha por divindades “da moda” estava relacionada à política” e não era um simples atraso de pessoas simplistas.

Devido às invasões, no séc. III, o poder imperial começa a se desconcentrar, a Gália ganha um imperador para ela e Trêves se transforma na capital. A partir da segunda metade do séc. III d.C. o número de objetos com temática própria da Gália reaparecem, isso se explica pelas conturbações políticas do período de problemas civis e invasões, provando que a “romanização” nunca foi realmente total.

Ainda no campo religioso, os romanos já em 12 a.C. fundaram o santuário das três Gálias em Lugdunum (Lyon), por sua posição geográfica – tendo o Saona e o Ródano nas suas imediações – a cidade se tornou a capital das três Gálias: Aquitania, Lionesa e Belga, assim, as confederações gaulesas se reuniam na cidade e freqüentavam esse espaço religioso. Segundo Hatt (1989: 103) mais do que o culto imperial, os sacerdotes deste templo foram os instrumentos de uma certa política religiosa destinada a concorrer com os cultos druídicos e o culto dos Martes indígenas, favorecido pelos Flávios, entre outros. A relação entre o culto imperial e a aristocracia gaulesa fica evidente quando pensamos que o primeiro sacerdote no altar das Gálias foi um eduno (Goudineau 1999:33), entretanto, a influência dessa instituição não foi além da aristocracia provincial.

O culto imperial parece ter sido extremamente forte na Gália, especialmente na Narbonesa, conquistada em 152 a.C. Considera-se que o culto imperial tenha começado com Augusto e continuado com seus sucessores, trata-se do culto ao imperador divinizado; em Roma isso só acontecia após a sua morte, contudo, nas províncias, ainda vivo ele podia ser cultuado. O culto imperial parece ter sua inspiração no Oriente, onde o culto dos soberanos se mistura com o dos deuses, em Roma ele não parece ter sido visto com bons

¹⁴ “Dès la fin du IIe siècle, les choses changèrent: les dieux latins perdirent de plus en plus le terrain qu’ils avaient conquis et les vieilles divinités indigènes prirent leur revanche. Cette situation s’explique par le fait qu’à côté des cultes d’Etat, avaient subsisté les dieux propres à la « cité », les divinités de chaque lieu et celles de chaque famille. C’était ces dieux locaux qui avaient résisté le mieux et le plus longtemps. Les classes sociales inférieures, et plus particulièrement les gens des campagnes, leur étaient restés plus attachés, à l’encontre des classes élevées de la population qui s’étaient accomodées aux dieux de Rome et leur demeurèrent fidèles jusqu’à la venue du christianisme.”

olhos. A verdade é que o culto imperial é um fenômeno apenas provincial, Roma jamais aceitaria um imperador que fosse venerado como um deus. As confusões nesse campo se dão porque foi instituído o culto ao *numem* – poder divino de Otávio – e ao gênio de Otávio. Na realidade, o imperador se encontrava em um ponto em que não era uma divindade, mas se encontrava mais perto dos deuses do que a maioria dos homens.

A princípio esse culto imperial se limita ao culto do imperador vivo e comporta duas modalidades: um culto provincial consagrado a Roma e ao Imperador – no qual cada província ou grupo de províncias tinham um sacerdote – e um culto municipal, no qual alguns municípios dispõem de um templo particular e um sacerdote, eleito pelos decuriões. O culto provincial tem, em seu início, um caráter religioso, que logo ganha uma conotação política. Para os fiéis, o culto devia ser acima de tudo o símbolo de sua lealdade a Roma (Duval 1952: 313). As diversas cidades de uma mesma província designavam delegados que se reuniam anualmente no templo, ao redor do altar, para celebrar cerimônias religiosas e realizar jogos solenes. Essa foi a origem das assembleias provinciais que depois teriam papel fundamental no controle administrativo. O culto imperial, para Roma, tinha a vantagem de integrar o Império, pois era algo que todos os romanos compartilhavam: não havia separação entre o culto imperial e outras formas de religião (Beard, North & Price 2000:318).

Sobre o culto imperial deve ser considerado que:

- 1) Se adora o “*genius*” do Imperador, ou seja, a parcela divina encarnada nele.
- 2) O culto dos Lares, deuses da casa e da família – que faz parte da tradição republicana –, por ocasião da reorganização da administração urbana¹⁵, em 14 a.C., transforma-se em Lares imperiais, de forma que toda população deve cultuar os deuses da família imperial.
- 3) O culto imperial nas províncias, que a princípio era popular, irá se transformar em uma instituição do Estado.

¹⁵ Otávio reestruturou a organização de Sêrvio Túlio – o sexto rei de Roma –, em 7 a.C. Otávio dividiu Roma em 14 distritos, 265 *uici*, os cultos passaram a ser para os *Lares Augusti* e o *Genius Augusti*. A celebração tradicional também mudou do primeiro de maio para o primeiro de agosto, os magistrados também tomaram serviço do culto, e a responsabilidade da decoração dos altares era dos oficiais locais. Assim, a veneração privada de cultos particulares à família imperial passou a ser de todos.

Hatt (1989: 103) considera que na Gália tenha havido uma ligação carismática entre Augusto e Júpiter, vale lembrar que esse último foi bastante relacionado a Taranis, desta maneira se verifica em estelas e esculturas o caráter misto dessa representação. Assim, os



Figura 6: Altar representando o imperador com uma divindade ligada à fertilidade (Arquivo pessoal).

gauleses mantiveram em relação ao imperador um sentimento de respeito religioso, que passa a considerá-lo como um herói favorecido por Taranis assimilado a Júpiter, permitindo ao poder imperial romano utilizar a seu proveito a religiosidade celta (1989:119). Muito provavelmente entre os principais “seguidores” desse culto estavam os veteranos, os corpos auxiliares, mas devido à devoção especial que os gauleses tinham por chefes vencedores, o culto imperial se alastrou. Por isso nos santuários dedicados aos deuses indígenas e em alguns monumentos endereçados aos deuses romanos é possível encontrar elementos de religiosidade galo-romana associados a altares, templos e conjuntos dedicados a Roma e ao imperador (Bedon 1999: 313).

Essa associação pode ser conferida em um altar (Figura 6) que se encontra no Museu Lapidário de Avignon, descoberto em Vaison-la-Romaine. Datado do séc. I d.C., o altar figura Júpiter com Juno. O deus veste uma roupa militar, na sua mão direita segura um raio sobre uma águia, que está no chão, com a sua mão esquerda se apóia em uma roda, atributo típico de Taranis. Por sua roupa militar, freqüentemente o deus é chamado de imperador.

De uma forma geral, os deuses gauleses quando continuaram a ser cultuados foram pacificados, isso aconteceu não só com Marte, mas também com Teutatès (1989: 104). Hatt (1989: 102-121) tem um capítulo dedicado à política religiosa dos imperadores. É nele que o autor sustenta, através de objetos materiais e epigrafias, que a política religiosa de Tibério foi fortalecer o culto imperial mandando construir, ele mesmo, um templo próximo de

Lyon, além de ter favorecido o casal divino Mercúrio e Maia, tema já comum na iconografia galo-romana, a razão seria que Maia seria vista como mãe de Tibério (Hatt 1989:106).

Hatt (1989:121) acredita que a lealdade gaulesa ao governo romano se deve à política liberal dos primeiros imperadores. Dessa maneira, ao invés de servir como ponto de discórdia, a religião teria sido usada pelo poder imperial como um elemento de congregação, mesmo que, em cada período um aspecto mais interessante fosse ressaltado em detrimento de outros.

De fato, o que Hatt mostra em seu livro é como a religiosidade gaulesa nunca desapareceu realmente. É importante ressaltar que legalmente não há nenhum indício de interdição oficial romana da religião celta, mesmo que fossem correntes os relatos a propósito da crueldade dos sacrifícios humanos (Guyonvarc'h & Le Roux-Guyonvarc'h 1986: 431). Nunca uma lei romana obrigou os gauleses a mudar de religião, nem a mudar de língua. Porém, não é por isso que se deve acreditar em uma romanização voluntária em larga escala. Com a conquista da Gália, houve sim mudanças políticas que tornaram vantajosas, se não mesmo, necessárias a apreensão e aplicação de padrões culturais romanos.

Em contrapartida, houve por vezes um favorecimento imperial às tradições gaulesas, assim, a religião gaulesa persistiu e, embora não tenha sido o caso para a maioria da população, em dados momentos foi utilizada em prol dos interesses gauleses descontentes com Roma, como é o caso das revoltas em 21 e 69 d.C.

2.Planejamento e organização do espaço urbano

2.1 A implementação urbana na Gália

A constituição urbana da cidade de Roma não foi em seu princípio planejada, e são conhecidos os problemas que a cidade enfrentava, de forma que melhorias eram freqüentemente prometidas por grupos políticos. A cidade imperial teve seu aspecto modificado com Augusto, que teria encontrado uma cidade de tijolos e a transformado em uma de mármore. Assim sendo, esta cidade, em termos de planejamento urbano não parece ter sido modelo para a fundação e transformação de cidades provinciais. Na Gália, quando analisamos as plantas baixas dos assentamentos urbanos fica claro, em muitos casos, a instauração de planos ortogonais e o planejamento da ocupação urbana. A análise dessas plantas pode possibilitar ao arqueólogo a compreensão do planejamento urbano inicial, o reconhecimento dos edifícios construídos em épocas anteriores à presença urbana e as modificações posteriores no plano e no alinhamento dos edifícios.

O período de Augusto é um marco em termos políticos, mas também arquitetônicos. As províncias, e particularmente a Gália romana, têm em Augusto um marco arquitetônico, já que muitas cidades foram fundadas, edifícios construídos e um estilo próprio difundido. Barton (1995: 76) chama o estilo augusteano de romano coríntio, que nesse período teria se tornado diferenciado do jônico e adquirido sua independência. Só com relação aos templos, Augusto construiu em seu sexto ano de reinado, 28 a.C., 12 templos e restaurou 82, indicando a importância da religião no seu período em termos arquitetônicos. Também é sabido, em se tratando de religião, que Augusto reformou os colégios sacerdotais. Uma das tradições republicanas que se difundiu pelo império durante o período de Augusto, foi a de cidadãos oferecerem edifícios públicos às suas cidades. Na Gália, a construção e dedicação desses edifícios deixaram vestígios que permitem entender quem eram os membros da elite, graças a sua necessidade de afirmação à lealdade imperial e à construção de suas “carreiras”.

Além do período de Augusto, os períodos de outros governos imperiais que tiveram uma grande importância em termos arquitetônicos foram os de Cláudio, Trajano, dos Flávios, Adriano e Antoninos. Esses períodos são especialmente marcados pela instauração de tipos de edifícios, como as termas, um fenômeno do séc. II d.C., enquanto os anfiteatros teriam sido edificadas no período flaviano (PICARD 1993:361).

A urbanização gaulesa também passa pelo desenvolvimento de suas relações políticas com Roma. Quando se fala da Gália é preciso ter em conta que seus limites territoriais vão ser constantemente modificados e, com isso, o número e status de colônias, *ciuitates*, *uici* e assentamentos, sua organização interna e mesmo a maneira com a qual Roma lida com a província. Como já foi dito, em 158 a.C. Roma conquista a Gália Narbonesa, posteriormente César conquista os territórios que serão futuramente conhecidos como as três Gálias, essas serão reorganizadas em 27 d.C., por Augusto. Domiciano também irá reorganizar a região com a criação das províncias da Germânia Superior e Inferior, às expensas da Gália belga. Com os Flávios um novo período de expansão urbana se inicia, contudo, essa está mais focada na construção de edifícios públicos do que no urbanismo, em si.

2.2 Quais eram os locais escolhidos para a edificação de espaços urbanos ?

Saber quais foram as razões que levaram à escolha da estruturação urbana em um local e não em outro é um tema controverso e que, no momento, parece mais bem resolvido em casos individuais, desta maneira sendo difícil estabelecer uma regra geral sobre a escolha do espaço. Tratando da Grécia, François de Polignac escreveu um livro intitulado “O nascimento da cidade grega”, nele defende a importância da localização dos santuários, como marcos territoriais, para a formação de uma comunidade que se une em prol de interesses relativos às atividades religiosas¹⁶. Essa seria a comunidade que daria origem à *polis* grega. Na sua obra o nascimento da cidade é apresentado como resultado da desagregação da sociedade de solidariedade privada, dominada por clãs de nobres reagrupados em fratrias e tribos e colocados sob a autoridade de uma instituição monárquica progressivamente desmantelada (POLIGNAC 1984:15). Sua obra, que coloca uma grande ênfase na religião como catalizadora da união de grupos sociais, embora, mesmo para o mundo helênico as *polis* nas quais ele baseia sua argumentação não

¹⁶ “*Le sanctuaire des confins, s’il delimité l’espace de la cité, l’affirme aussi face au voisin. Il est le signe de la cohésion du groupe des guerriers. En fin, consacré à des divinités courtoches, il est intégrateur des jeunes, mais aussi des femmes, et à la limite, dans le domaine colonial, des non Grecs.*” (MOSSÉ In:apud POLIGNAC 1984: 9)

correspondem a totalidade de *poleis* helênicas. A visão que o autor apresenta mereceu uma revisão: tribos e fratrias só se desenvolveram no seio da *polis* formada.

A repercussão do seu texto parece ter ido além de suas delimitações temporais e espaciais, no colóquio “Les sanctuaires celtiques et leur rapports avec le monde méditerranéen” (Os santuários celtas e suas relações com o mundo mediterrâneo) Polignac foi convidado para falar exatamente de seu tema, mostrando o interesse de pesquisadores da Gália-romana pela sua pesquisa. É difícil ter uma precisão exata da sua influência nos trabalhos escritos na França, mas a idéia de que os santuários existiriam antes das associações humanas se fixarem em uma estrutura como uma *polis* parece recorrente, mesmo para a Gália romana. Bedon (1999:175), por exemplo, trabalha com a idéia de que as novas *ciuitates* romanas teriam sido fundadas em razão da proximidade com locais sagrados. Bedon acredita que os espaços urbanos onde é possível comprovar uma relação entre um culto anterior e a presença de uma *ciuitas* seriam Corseul, Périgueux, Cahors, Bourges, Saintes, Jublains, Bayeux, Meaux e Altbachtal, provavelmente também Autun, Tours, Sens, Besaçon, Tongres e Périgueux (BEDON 199:175 e 182).

Brunaux também é um dos autores que acredita que a hipótese de apropriação do território, através da religião seria aplicável também aos gauleses (BRUNAUX 1991:8), assim, segundo ele, na Picardie no período gaulês os santuários estruturam a paisagem e marcam as fronteiras, parecendo mesmo poder defendê-las, mesmo os *oppida* teriam se desenvolvido a partir das estruturas religiosas que os cercavam e não o contrário. A aplicação dessa hipótese proposta por Polignac acaba abarcando um outro problema: o aparecimento da cidade. Brunaux acredita que como no conjunto do mundo mediterrâneo a sociedade gaulesa também se orientava em direção à cidade e a um funcionamento político, a religião estaria em primeiro plano, pois é ela que gera a política. Essas afirmações foram feitas no mesmo colóquio de que Polignac participou. O principal assunto da apresentação de Brunaux foi discutir as duas tendências que unem os estudos entre os celtas e o mundo mediterrâneo, o comparativismo, principalmente no campo da “história das religiões” e os contatos, que são uma das causas apontadas com frequência quando se observa um fenômeno entre os celtas e entre os gregos e romanos, sendo que ele parece mais tendente à última abordagem. Dentro dessa concepção, mesmo a pilhagem de santuários teria chegado à Gália graças à influência exterior mediterrânea, junto com novas atitudes religiosas e

concepções de guerra, essa influência teria acontecido no séc. V a.C. através da atividade mercenária gaulesa. Contudo, isso não significaria que os celtas fossem totalmente permeáveis à influência mediterrânea para formar sua cultura, uma prova seria a tardia representação antropomórfica dos deuses. A influência funcionaria nas duas vias, já que se conhece um santuário com características celtas no território etrusco (BRUNAUX 1991:9).

A questão do território e da constituição de uma paisagem religiosa é fundamental para os autores que parecem se articular com as idéias de Polignac; Scheid (1990) não menciona o autor, mas tenta compreender, em sua apresentação, a extensão do culto dos *uici*. Para ele a atividade religiosa dos *pagi* reflete e realiza a empresa colonial sobre o território, assim, apesar de descrever a existência de uma “constituição” de uma colônia, que dentre os aspectos religiosos abrangia a responsabilidade sobre os *fana* locais, não seria a responsabilidade jurídica que determinaria o culto instaurado, mas muito mais uma demarcação territorial, segundo afirma. O autor (SHEID 1990:52) tem a impressão de que é o *uicus* que exerce o poder religioso sobre o território e não o *pagus* nem o senado da colônia. Em termos do culto das divindades ele acredita que haveria deuses romanos com uma função importante no seio do território e divindades locais interpretadas, assim, divindades que não faziam parte do grupo de deuses cultuado nas colônias também faziam parte do enquadramento simbólico do território. A idéia de que os gauleses estariam em uma fase pré-políade também é verificada em Sheid, o autor afirma que Trèves estava em um processo de evolução que caminharia para o desenvolvimento de uma polis e quando os romanos conquistaram a Gália pararam esse processo.

Em seu texto “Les espaces clos, lieux de pouvoir (fora, sanctuaires) et espaces clos” (Os espaços fechados, lugares de poder (fóruns, santuários) e espaços fechados), Michel Provost (2007) defende a idéia de que em um número importante de cidades gaulesas Roma escolheu um sítio religioso anterior à conquista para colocar a capital da cidade que deveria suceder o *oppidum* principal da tribo, seria o caso de *Augustonemetum* (Clermont-Ferrand), escolhida por Augusto para ser a capital dos Avernos e para suceder o *oppidum* de *Gergovie*, assim como *Augustudum* (Autun) que irá substituir o *oppidum* dos eduanos, *Bibracte*. Como o próprio autor admite, a existência anterior de um *oppidum* não é o único fator que motivou a fundação de *Augustonemetum*, a cidade teria sido fundada para controlar uma grande rota de peregrinação que foi retomada pela via de Agrippa e que ia de

Lyon a Saintes, tendo em seu caminho três santuários de Mercúrio. É interessante notar que mesmo tendo em seu título os fóruns, é pela via religiosa que irá explicar a construção desses edifícios e mesmo a fundação de cidades. Mais do que isso, existiria uma relação estreita entre fórum e santuários peri-urbanos, quando existiria um santuário peri-urbano deveria existir uma ausência de fórum. O autor cita quatro casos que confirmariam sua teoria, as duas mais conhecidas seriam Corseul e Vieil-Evreux (perto de Evreux). Sua hipótese, na realidade, é a de uma continuação de ocupação e utilização de locais de culto anteriores. Devido a essa perenidade se desenvolvem nesses sítios funções políticas e religiosas romanas. O autor acredita que desde o princípio da conquista romana construir um fórum tradicional era custoso e em muitos casos inútil, isso deveria ser compreendido como uma das sutilezas da romanização em um território indígena pouco urbanizado. A idéia proposta pelo autor tem tanto pontos positivos quanto negativos; os positivos são que este propõe uma interpretação para os santuários peri-urbanos onde os mesmos estão relacionados com as necessidades e o desenvolvimento do espaço urbano, por outro lado, sendo que ele fornece apenas quatro exemplos, sua hipótese aparece apenas como uma possibilidade. Uma outra questão a ser posta é se esses santuários peri-urbanos substituem as funções políticas e religiosas do fórum, como se deve compreender os casos onde o *fanum* ou os *fana* estão próximos do fórum.

Efetivamente, a religião tem um papel fundamental da vinda de um espaço urbano romano, sobretudo, quando ele está sendo constituído, isso porque a delimitação do espaço romano é feita religiosa e juridicamente em espaço cívico extra-muros e suas dependências extra-muros, ou seja, os assentamentos secundários que fazem parte de seu *ager*. Os dois espaços seriam complementares, mas haveria uma oposição religiosa e cívica entre seus habitantes (HERMON 2007:410).

Contudo, o objetivo de Polignac é entender o surgimento da *polis* grega, que se deveria em grande parte aos santuários extra-urbanos que teriam contribuído para coesão social, mais também para o aparecimento da questão do território, sua delimitação e proteção, como base para decisões de um grupo em oposição a outro. Mesmo que se possa acreditar que na Gália os santuários do período da independência tenham agido na direção da aproximação de comunidades, na Gália não houve a formação de *polis*. Como já foi dito,

a organização espacial de suas comunidades divergia do padrão mediterrâneo. Desta maneira, a hipótese de Polignac deve ser pensada com cuidado no que concerne à Gália.

Em nossos estudos verificamos que os templos e santuários, mesmo quando existentes, não são a única razão para a implementação de um conjunto urbano. Com a constituição de uma estrutura imperial, a proximidade em relação às vias se torna também um fator decisivo, além das possibilidades estratégicas e comerciais que o local possa ter. Entretanto, nenhum desses fatores é suficiente para que a estrutura urbana mantenha sua importância ao longo dos séculos de poder imperial romano na Gália. O que não significa acreditar que não haja uma continuidade de culto com relação aos locais já atribuídos de significação religiosa, portanto, é necessário observar a constituição e desenvolvimento dos espaços urbanos.

Em um suplemento do *Journal of Roman Archeology* sobre a romanização e a cidade, Paul Zanker (2000) publicou um artigo intitulado “The city as symbol: Rome and the creation of an Urban Image” (a cidade como um símbolo: Roma e a criação da imagem urbana) no qual pretende estudar o fenômeno da realização de certas idéias abstratas na “construção do ambiente” (ZANKER 2000:25), tal termo significaria para ele a instituição de uma cidade romana em seus aspectos que a caracterizam como tal.

O que interessa a Zanker são os símbolos, como em sua obra “Augusto e o poder da imagem” (1992). Porém, o artigo aqui citado tem o mérito de tentar traçar uma visão geral sobre a questão da cidade. O autor vai focar seu interesse no aspecto físico da cidade romana, não nos pequenos detalhes, seu recorte são as cidades da Itália e do oeste do Império, especialmente as que são fundadas graças à influência romana, ele também se limita ao espaço público, deixando de lado o residencial. Seu objetivo é buscar evidências do que é tipicamente romano, sem deixar de lado o que seria o “desenvolvimento histórico da cidade” que poderia ser visto como produto e expressão da sociedade.

Roma em si não era um modelo de cidade, seu desenvolvimento foi lento e específico, enquanto que essas novas fundações deveriam ser projetadas com um “design” premeditado para como o funcionamento do ambiente romano deveria ser (BROWN *apud* ZANKER 2000:26). O autor vê como expressão de romanização a reprodução de estruturas políticas específicas e padrões, formas arquitetônicas particulares, mas também a concepção urbana abstrata e idealizada: a cidade romana ideal. Para Zanker existe uma

diferença muito grande nas intervenções planejadas e decididas por autoridades e as anônimas, fruto da necessidade, é nas primeiras que ele acredita poder conseguir entender como era a cidade romana ideal. Embora, o desígnio seja fundamental para o estabelecimento de um padrão conceitual da cidade romana, vale a pena ressaltar que a cidade que ele terá como o modelo nunca teria existido na prática, já que as intervenções anônimas e não planejadas também fazem parte da paisagem urbana que irá se estabelecer e essas intervenções, mesmo que não planejadas, dialogam com o espaço urbano já construído, fazendo parte dessas cidades “romanas”. A conclusão de Zanker (2000:41) nesse artigo é a de que não é a aparência física da cidade que importa, mas seu efeito estético, já que a organização e a arquitetura remeteriam à cidade de Roma e ao poder imperial .

A construção da urbes em si demonstrava o poder de subjugação romano, já que as irregularidades naturais eram dominadas, como no caso dos aquedutos, que transportavam a água por longas extensões e cuja construção era baseada em recursos técnicos para vencer as adversidades do terreno.

2.3 A *urbes*

Antes da chegada dos romanos não existia no território gaulês nenhum tipo de organização urbana comparável à mediterrânica, contudo, existia uma forma de organização espacial fortificada chamada de *oppidum*. Geralmente se tende a conceber esses sítios como proto-urbanos, com funções políticas, religiosas e econômicas, embora nem sempre esses conceitos sejam aplicáveis. Ao mesmo tempo que existiam os *oppida* é possível encontrar santuários também fora desse espaço, nas suas proximidades, ou mesmo isolados.

Segundo Picard (1993: 367), César diferencia estruturas como uma praça forte – chamando-as de *oppida* – das habitações – chamando-as de “*urbes*” (termo que abarcaria vários tipos de organização) –; na independência, elas podiam coexistir e não eram equivalentes. Com a conquista romana de territórios dominados, entre eles a Gália, esses passam a incorporar elementos da cultura romana, entre eles um modo de vida urbano que requeria a construção de um tipo espacial não corrente entre essas populações. É sabido que

o exercito se deslocava com pessoas especializadas na construção de estruturas romanas; no caso da Gália existia ainda, desde 600 a.C. um contato prévio com as colônias gregas como *Massalia* (Marselha) e Glanum que deve ter contribuído para a introdução desse tipo de organização espacial.

As organizações urbanas mais importantes em termos políticos e quase sempre com uma estrutura urbana mais desenvolvida eram as colônias e as capitais de *ciuitates*. A diferenciação entre as cidades não estava no seu florescimento econômico, tampouco no seu tamanho, mas sim na sua importância política. Esse é um dado a se levar em conta quando se observam as plantas das estruturas urbanas e seus edifícios. Uma grande quantidade de edifícios e uma ampla extensão do espaço urbano não significam decisivamente um papel político importante. Contudo, ter um status relevante não significa que essas localidades fossem importantes para os gauleses em termos da vida econômica e desenvolvimento urbano. É sabido que foram os próprios gauleses quem realmente edificaram essas cidades galo-romanas, provavelmente, segundo seus interesses, gostos e necessidades, seguindo parâmetros de edificação e de funções de edifícios romanos. As razões para que os próprios gauleses, membros da elite, tenham se interessado pela empreitada de construir cidades com padrões romanos seriam, segundo (BEDON 1999: 22), o desejo de demonstrações de ostentação de poder, a vontade de dar ao seu poder bases mais sólidas e a consciência de que esse era um domínio privilegiado de demonstração de lealdade.

Igualmente é a concentração de edifícios públicos romanos em assentamentos, que poderão vir a se desenvolver e receber títulos, que irá mudar a organização espacial e a paisagem de espaços não urbanos. Glanum nos fornece um exemplo interessante de como mesmo uma estrutura urbana de tradição mediterrânea teria que ser modificada no período imperial, muito mais aqueles locais onde essa tradição de elaboração espacial não existia.

A história de Glanum (figura 7) pode servir de exemplo das diferentes fases de ocupação de sítios, resultando em organizações espaciais urbanas diversas dependendo de seus construtores. O sítio foi reocupado diversas vezes, em todas houve aproveitamentos e modificações. Inicialmente, o local teria sido ocupado pelos salienos, no séc. VI –II a.C, já que foram encontrados vestígios de uma fonte já freqüentada no período. Pressupõe-se que essa fonte teria sido considerada sagrada e devido a isso teria sido construído um santuário,

em torno do qual foram encontradas habitações. Nesse mesmo período se construiu um muro com 300m de comprimento cercando a região. No séc. II a.C., ou no começo do séc. I a.C., foi construído um novo muro com torres sobre um território maior que o primeiro. São desse período as construções galo-gregas. Uma tensão entre essa população e os massalotas fez com que os últimos pedissem ajuda aos romanos para vencer os salienos em 125 a.C., mas, é só em 90 a.C. quando os salienos são vencidos em nova rebelião, que o território passou a ter edifícios romanos. Na época augusteana o assentamento deve ter recebido o título de colônia latina. No mapa abaixo é possível ver as principais diferenças entre esses dois períodos. A principal via de acesso da parte ocupada do sítio é a mesma, as mudanças se concentram, sobretudo, na edificação de edifícios com funções públicas romanas como a Basílica, o Fórum e templos.



Figura 7: O centro monumental helenístico e romano.

Conges, Anne Roth. *Glanum de l'Oppidum à la Cité, Itiner. Patrimoine. Centre des monuments nationaux*, 2000.

Legenda:

- 5 – Belvederio
- 15 – Muro
- 16 – Porta
- 17 – Praça
- 18 – Pórtico dórico
- 19 – Base de uma coluna votiva
- 20 – monumento romano recobrando duas estátuas salienas.
- 21 – Bouleterio
- 22 – Edifício com dois cômodos
- 23 – Exdra
- 25 – Parte do fórum
- 26 – Teatro
- 27 – Fonte romana
- 28 – Fonte helenística
- 29 – Pequeno templo germinado
- 30 – Grande templo germinado
- 31 – Peribolo dos templos
- 32 – Pórtico oeste do fórum
- 33 – Fórum
- 35 – Pórtico leste do fórum
- 36 – Basílica do segundo fórum
- 37 – Capela do culto imperial
- 38 – Cúria
- 39 – Portas
- 40 – Habitação
- 41 – Basílica do primeiro fórum
- 42 – Habitação
- 43 – Habitação
- 44 – Templo toscano
- 45 – Poços
- 46 – Grande edifício

2.4 *Uici*, capitais de *ciuitas*, colônias e assentamentos

Como já foi dito, a organização política dos espaços urbanos na Gália era diferente da romana, quando iniciou a conquista César preferiu unir populações gaulesas em *pagi*, porque, segundo Picard (1993:355), Roma preferia unidades populacionais maiores do que *polis*, como já havia feito em Cartago.

Dentro desta pesquisa é de grande importância saber o status que um assentamento urbano tinha, pois isso define sua importância política, o que pode se refletir no tipo de arquitetura e na relação entre os edifícios, além de ser um parâmetro para os assentamentos próximos, que estavam subordinados segundo seu status. Via de regra, todo conjunto urbano é considerado como sendo um assentamento urbano, já que é a edificação de um espaço urbano em uma paisagem

Sem dúvida, existem diferenças no número, tamanho e tipo de edificações entre os assentamentos urbanos, contudo, a construção de um grupo de edifícios seguindo um modelo arquitetônico romano já diferencia aquele espaço de um que poderia existir antes da conquista, ou sem elementos de influência romana. Desta maneira, o status foi um critério extremamente importante na constituição do *corpus* documental, na falta dessa informação, ou em vista da importância política reduzida desse espaço urbano, este foi tratado como um assentamento urbano sem status definido.

Uici e *pagi* são termos latinos usados pelos romanos. Os dominadores quando chegaram à Gália reconheceram um sistema que tinha precedentes em Roma e que nomearam com esses nomes. A definição exata desses conceitos ainda é um problema nos estudos da Gália-romana. De uma maneira sucinta é possível dizer que os *uici* são aglomerações com população estáveis, relativamente importantes, constituídas de artesãos e comerciantes, misturando espaços públicos e habitat (PICARD 1993:367). Com relação a esses, Monica Rorison teve sua tese de doutorado publicada sobre o título “*Vici* in Roman Gaul” (*Vici* na Gália romana), além de tentar estabelecer um quadro com o design, função, cronologias e relações sociais, ela também tenta fazer um levantamento desses. Uma das questões mais relevantes por ela tratada é a definição do termo. Segundo ela, na antiguidade o termo tinha sido usado por César (BG I, 5, 24) para definir um agrupamento de um tipo que estaria abaixo de *oppidum* e acima das vilas, e por Varrão (LL, V, 160) como sinônimo

de um grupo de casas que dependia de uma rua para se comunicar. Rorison cita um autor do final do séc. II d.C., Festo (L, 502-8), para quem o emprego do termo dependeria de três tópicos, sendo que dois são realmente considerados relevantes:

1) O *uicus* seria um assentamento rural que teria a função de mercado e elege-se anualmente magistrados;

2) Seria a parte de um subúrbio de uma cidade com topografia e nomes distintos.

O significado das três categorias acima merece ser explicitado

Com essas informações se confirmaria a hipótese de uma administração local, subordinada à capital da *ciuitas*. Contudo, existem apenas três inscrições que comprovariam a existência de administrações locais, mencionando a existência de um corpo administrativo ou de magistrados. Para a autora não é necessário que todos os itens sejam atendidos, mas a existência deles poderia fornecer indícios para essa qualificação.

Todavia, Rorison estabelece diferentes pontos que podem levar um assentamento urbano ser caracterizado como um *uicus*:

- 1) Organização interior do plano de ruas de um assentamento. A presença de uma grade regular de ruas é geralmente o sinal de um desenvolvimento urbano;
- 2) A parte central do assentamento é considerada, se procuram edifícios públicos como um fórum;
- 3) Diversidade e extensão dos tipos de edifício;
- 4) Extensão da atividade econômica;
- 5) Status, reconhecível pela epigrafia ou literatura.

Dentre os assentamentos que a autora considera *uici*, segundo nossas pesquisas, oito teriam *fana* conhecidos e suas plantas baixas foram publicadas. Isso não significa que oito seja o número total, em primeiro lugar porque nem todas as plantas de *uici* foram publicadas, também nem sempre esses sítios foram completamente escavados. Um outro problema é a falta de certeza do status de alguns *uici*, é o caso de Sanxay, considerado também um santuário. Outros sítios que a bibliografia considera como *uici* e que têm *fana* em seu espaço urbano são: Alesia, Antigny, Chassenon, Mandeure, Reze, Sanxay, Talmont-Barzan e Vertault. Rorison fornece tabelas por regiões, segundo a moderna divisão política francesa. Por nosso lado, para que possamos fazer uma comparação entre esses espaços, criamos uma tabela a partir das tabelas da autora (RORISON 2001: 6-15) tendo como

referência os locais que apresentam informações comprovadas sobre os *uici*, segundo escavações e documentos; é interessante observar que o tipo de templo existente não é um critério para ela.

	Alésia (Alise-Sainte-Reine) (Côte-d'Or)	Antigny (Vienne)	Chassenon (Charentes)	Mandeure (Doubs)	Rezé (Loire-Atlantique)	Sanxay (Vienne)	Talmont- -Barzan (Talmont-sur-Gironde) (Charente-Maritime)	Vertault (Côte-d'Or)
Planta de ruas	X	X		X	X			X
Fórum	X		X			X		X
Quarteirão público								
Templo	X	X	X	X		X	X	X
Teatro	X	X	X	X		X	X	
Anfiteatro							X	
Termas	X	X	X	X		X	X	X
Basílica	X							X
Zonas	X	X		X	X	X		X
Pórticos	X			X	X	X		X
Lojas/ Ateliês	X	X		X				X
Aqueduto			X				X	
Cerâmica				X				X
Trabalho com metal	X			X	X			X
Outros artesanatos	X	X		X	X		X	X
Comércio	X			X	X			X
Porto				X	X			X
Ponte				X				

Documento que confirma o status	X							X
Presença militar								
Itinerários			X	X				
Inscrições	X	X		X	X	X	X	X
Escultura	X	X	X	X		X	X	X
Necrópole	X		X	X				X
Moedas romanas	X	X	X	X	X	X	X	X

A tabela indica que uma planta de ruas era uma constante entre os *uici* com *fana* (7), enquanto o fórum estava presente em apenas quatro casos. Os três edifícios mais constantes em todos os assentamentos urbanos, templo-teatro-termas, existem em seis casos, já em Reze nenhum dos edifícios existe e em Vertault apenas o teatro não existe, em oposição, a Basílica só existe em dois casos. A separação por zonas ocorreu em seis casos e pórticos foram encontrados em cinco casos. Apenas Chassenon e Talmont-Barzan não têm nenhum tipo de artesanato, embora em só quatro *uici* haja vestígios de comércio, o porto como deveria servir a este fim, só existe em três dos quatro *uici* com atividades comerciais. O status é confirmado em apenas dois casos, também, não há vestígio de presença militar em nenhum dos *uicus*. Impressionantemente, apenas dois *uici* têm itinerários reconhecidos. Foram encontradas inscrições em sete casos, esculturas em sete, necrópole em quatro e moedas romanas em todos.

A partir dessa tabela é possível formar um quadro geral dos *uici* que conteriam *fana*, mas é relevante lembrar que essas informações concernem a um período mais estendido que a delimitação aqui proposta e sem as datas é impossível saber quais edifícios teriam coexistido, assim como as diferentes fases de desenvolvimento urbano, deste modo essa interpretação é aproximativa. Segundo esses dados é possível crer que a instituição urbana foi em grande parte planejada, os *uici* que continham *fana* não se caracterizavam por uma expressão política arquitetônica muito forte, em menos da metade havia fóruns e as que tinham basílicas eram a metade desse número, contudo, os edifícios que permitiam “o

modo de vida romano”, com teatro, templo, termas, existiam em quase todos os casos. O teatro não está presente em apenas dois casos, considerando que é um edifício dispendioso e abriga outras pessoas, além da comunidade, é uma quantidade grande que pode se explicar pela sua estreita relação com os edifícios religiosos, já os anfiteatros em apenas um caso. Os *uici* onde foram construídos os templos de tradição gaulesa também se destacam por terem alguma importância ou no artesanato ou no comércio de produtos, mesmo que em três casos esses objetos não parecem ter tido saída, nem portuária, nem por rotas. Inscrições, esculturas e moedas são descobertas constantes nesses *uici*, todavia, as necrópoles foram encontradas na metade dos casos. A não existência de necrópoles não necessariamente indica a ausência de túmulos do período gaulês, que parecem ter uma relação importante com o surgimento de edifícios religiosos no período anterior à conquista. Um dos dados mais interessantes é a total ausência de ocupação militar nesses sítios, o que poderia explicar uma ausência romana que, por sua vez, explicaria a continuidade de traços de religiosidade gaulesa. Todavia, é necessário nos questionarmos, já que os *uici* têm um status mais baixo, se eles efetivamente contavam com uma presença romana. Nessas tabelas a autora analisou 191 *uici*, desses apenas 10 estão notados como tendo tido uma presença militar, assim não é possível dizer que o que diferenciaria um *uicus* com *fana* de outro sem *fana* seria a ausência militar, mas essa informação é relevante para o conhecimento dos *uici* como um todo, pelo que é possível saber, sem edifícios que denotam uma preocupação com a administração política desse espaço, nem a presença militar, o esforço urbano foi predominantemente local.

Todavia, a tabela fornecida por Rorison deixa de levar em conta outros *uicus* considerados como tal pela bibliografia e aqui repertoriados, eles seriam: Windish, Vitodurum, Vidy, Tours Mirande, Studen, Saint Marcel, Izernore, Iuliomagus, Bauducet. Rorison não procurou analisar os *uici* do território conhecido como a Suíça galo-romana; esses assentamentos foram estudados por Fellmann (1992). Sobre esses não é possível estabelecer uma tabela com tantas informações como a da autora, contudo, tentamos abaixo organizar os dados de forma que possamos estabelecer uma comparação com a tabela anterior.

	Bauducet	Iuliomagus	Izernore	Tours	Saint	Studen	Vidy	Vitodurum	Windisc
--	----------	------------	----------	-------	-------	--------	------	-----------	---------

Itinerários		X					X		X
Inscrições	X								
Escultura									
Necrópole					X	X	X	X	
Moedas romanas							X		

Dentre nove sítios, cinco faziam parte do território hoje suíço, assim, na maioria dos trabalhos que tratam da Gália-romana, essas localidades não contam, desta maneira, as referências bibliográficas são menores como o são para os *uici* em geral. A localização em uma posição de fronteira contraria a não existência de ocupação militar nos outros dezessete *uici*. De uma maneira geral, os *uici* dessa segunda tabela, que não estariam entre os repertoriados por Rorison, mas que foram levantados nessa pesquisa, não divergem essencialmente das conclusões realizadas com a primeira tabela, uma estrutura administrativa com fórum existe possivelmente em três dos nove casos. Quase todos os *uici* que fazem parte do corpus documental tinham atividades comerciais ou de artesanato, o que indica que esses sítios tinham uma relevância econômica. Entre os *uici* dessa segunda tabela, nem todos têm os quatro edifícios: teatro, anfiteatro, templo e termas, mas sete têm pelo menos dois, embora, apenas um tenha pórtico, enquanto nos da tabela acima cinco entre nove *uicus* o tinham.

A atribuição do status no caso dos *uici* foi feita com base no trabalho de Rorison (2001) e na nomeação feita pelos autores consultados para cada sítio. Embora o sistema romano reconhecido na Gália seja de *uici* e *pagi*, os *pagi* não são mencionados como tal pela bibliografia, os demais status são colônia, capitais de *ciuitates* e assentamento. É necessário compreender cada uma dessas categorias separadamente, já que a separação em status é um critério de diferenciação do período.

As colônias de cidadãos, que seriam as percussoras da típica cidade romana seguiam uma planta básica pensado para acomodar uma população de 300 cidadãos, assim, só era preciso uma planta rudimentar. Esse planta básica, axial simétrica, teria três principais características:

- 1) A cidade não apenas fica nas estradas romanas de longa distância, mas eixos principais, o *cardo* e o *decumanus*, estão inseridos na estrada.
- 2) Essa estrada principal que está inserida na cidade passa pelo Capitólio situado na intersecção entre o *cardo* e o *decumanus*.
- 3) O local principal da comunidade fica em frente ao Capitólio. Nas primeiras colônias essa área não tinha o caráter de um fórum completamente desenvolvido, já que os cidadãos romanos podiam exercer seus direitos políticos apenas em Roma.

Essa idealização da cidade, que corresponde às primeiras colônias, não parece ter sido reproduzida na Gália, onde se conhece apenas 20 Capitólios no total. Sobre essa três características, Zanker (2000) ressalta dois aspectos fundamentais nesse projeto, o primeiro seria o posicionamento do Capitólio no centro da planta ortogonal, o segundo seria a repetição desse modelo que difundiria o poder de Roma, através de um projeto que demonstraria a permanência romana, usando para isso uma nova forma de cidade. Dentre os espaços urbanos analisados nenhum é uma colônia de veteranos, mas ter em vista sua constituição serve como parâmetro para aquelas que veremos a seguir.

As colônias aqui apresentadas têm em comum o fato de nenhuma ter sido fundada como tal, em primeiro lugar elas foram capitais de *ciuitates*. Uma capital de *ciuitas* não é uma cidade no sentido atual do termo, se trata mais de um espaço central com relação a outras comunidades, mas não pela quantidade e qualidade de suas edificações, nem mesmo este precisa ter muros, e suas edificações podem passar seu território (DUBY 1980: 14). O que diferenciaria uma capital de *ciuitas* de um *uicus*, é que o último funcionaria quase como “satélite” da primeira, a sua elite estaria numa posição inferior e tentaria copiar o comportamento e edificações da elite das capitais de *ciuitates*.

Na época de Augusto se contava com um número de dez colônias, a maioria na Gália Narbonesa – que podiam ter cidadãos romanos, beneficiários de uma terra gratuita –, ou as colônias honorárias, que não tinham uma população romana, mas também tinham vantagens jurídicas e materiais. Se ocupada por cidadãos romanos ela seguia o direito romano e de direito latino se seus cidadãos houvessem renunciado a sua cidadania. Politicamente a colônia se distinguia por ter um “quadro administrativo”, tendo idealmente um senador, dois consules, patrícios e plebeus.

Necrópole		X	X	X	X	X	X	X
Moedas romanas								

As informações sobre os espaços urbanos trabalhados variam e nem sempre estão completas ou as escavações permitem obter todas as informações, dessa maneira, itens como “itinerários” que visam indicar se havia vias de comunicação com outros locais nem sempre são mencionadas, embora se saiba que os espaços urbanos raramente estavam isolados. Igualmente as moedas romanas, esculturas e inscrições são pouco mencionadas na bibliografia que trabalha espaços urbanos, salvo as moedas, importantes indícios de datação. Em quase sua totalidade, as colônias estão abastecidas de quatro edifícios principais fórum (oito), teatro (sete), anfiteatro (sete), termas (sete), sendo que só uma não tem os três últimos edifícios (Sens). Da mesma maneira, todas as colônias têm plantas ortogonais e todas estão envolvidas com atividades de produção ou comércio, embora com maneiras e produtos diferentes. A questão da presença militar, que segundo a bibliografia discutida deveria ser corrente nas colônias, não pode ser verificada arqueologicamente, assim, só em dois casos a presença militar é certa durante a existência da colônia. Em todos os casos estudados o título de colônia foi concedido a capitais de *ciuitates*, nenhuma foi fundada como colônia, todas também receberam o título ainda no séc. I d.C. A basílica é um edifício raramente encontrada entre os espaços urbanos que continham os *fana*, entre as colônias há três que têm esse edifício em seu território, parecendo ser uma prova do desenvolvimento urbano de características romanas que essas colônias experimentavam. Além disso, apenas a metade tem pórticos indicados pela bibliografia, uma estrutura corrente nas estruturas urbanas romanas. Como foi visto entre os *uici* necrópoles nem sempre existem em espaços urbanos, todavia, entre as colônias estudadas todas tinham locais de enterramento para os mortos, indicar ou não a existência desses é relevante pois os templos gauleses tinham uma relação estreita com os enterramentos antes da conquista da Gália.

As capitais de *ciuitates*, ou seja, espaços urbanos que tinham sob sua jurisdição política outros assentamentos, sendo dessa maneira “pólos”, existem em número maior do que de colônias, contabilizando doze espaços urbanos, cujas tabelas comparativas se encontram abaixo:

	Amiens (Somme)	Bordeaux (Gironde)	Cahors (Lot)	Corseul (<u>Côtes- d'Armor</u>)	Jublains (Mayenne)	Martigny (Suíça)
Planta de ruas	X	X	X	X		X
Fórum	X	?		X	X	X
Quarteirão público						
Templo	X	X		X		X
Teatro			X		X	
Anfiteatro	X	X				X
Termas	X	X	X	X	X	X
Basílica	X					X
Zonas						
Pórticos						
Lojas/ Ateliês	X		X	X	X	X
Aqueduto	X	X			X	X
Cerâmica	X		X		X	
Trabalho com metal	X	X	X	X	X	X
Outros artesanatos	X	X			X	X
Comércio	X					
Porto	X	X				
Ponte	X	X	X			
Documento que confirma o status						
Presença Militar						
Itinerários	X					
Inscrições						
Escultura						
Necrópole	X	X	X		X	X
Moedas romanas					X	

	Meaux	Perigueux	Saintes	Tongres	Tours	Vieux
--	-------	-----------	---------	---------	-------	-------

	(Seine-et-Marne)	(Dordogne)	(Charente-Maritime)	(Tongeren) (Bélgica)	(Indre-et-Loire)	(Calvados)
Planta de ruas	X	X	X	X		X
Fórum		X	X	X		X
Quarteirão público						
Templo		?	X	X		X
Teatro	X		?			(teatro-anfiteatro)
Anfiteatro	X	X	X		X	
Termas	X	X	X	X	X	X
Basílica		X	?	X		X
Zonas						
Pórticos				X	X	X
Lojas/Ateliês		X	X	X	X	X
Aqueduto	X	X	X	X	X	X
Cerâmica			X		X	X
Trabalho com metal		X	X			X
Outros artesanatos					X	X
Comércio						X
Porto				X		
Ponte			X			
Documento que confirma o status						
Presença militar						
Itinerários		x			x	x
Inscrições	x			x		x
Escultura						
Necrópole	x	x	x	x	x	
Moedas romanas	x					

Como era de se esperar, o equipamento urbano nas capitais de *ciuitates* não é equiparável ao das colônias em termos de densidades de estruturas arquiteturais de tradição

romana, as tabelas comprovam que a diferença do status político concedido tem influência imediata no desenvolvimento urbano, embora as atividades de produção e comércio não sejam tão diferentes entre as colônias e as capitais de *ciuitates*, talvez mesmo porque as colônias acima analisadas foram capitais de *ciuitates* antes de terem obtido o título de colônia, contudo, os *uici* também tinham uma atividade econômica bastante relevante.

Assim como entre as colônias a instalação de plantas ortogonais é uma constante, embora não seja absolutamente necessária para que um assentamento tivesse o título, dos doze locais que se enquadram nesse status, em dois não foram encontrados vestígios do traçado de ruas. Quando se consideram os edifícios se revelam as diferenças, quatro locais não têm fóruns, só quatro localidades têm teatros, sendo que em uma é um teatro-anfiteatro, forma híbrida que serviria às atividades próprias de cada um dos edifícios; o número de anfiteatros é maior: sete dentre os doze assentamentos têm um edifício como esse, assim, é possível crer que em um assentamento não tão importante quanto a colônia, era preferível investir na construção de um anfiteatro, ainda que essa edificação não fosse exclusiva das colônias e capitais de *ciuitates*, nos *uici* entre dezessete, sete tinham anfiteatros, embora nesses haja uma pequena preferência pela construção de teatros, já que foram encontrados nove teatros. A existência de um número maior de anfiteatros do que de teatros nas capitais de *ciuitates* é um dado interessante, já que, como será visto, a bibliografia indica uma relação próxima entre os teatros e os *fana*. Metade das capitais de *ciuitates* analisadas tinham outros templos, além do fórum e dos *fana*. Ao mesmo tempo em que é um número relevante, ele também não serve de indicativo de uma relação mais profunda entre assentamentos do tipo capital de *ciuitas* e uma extensão religiosa que envolveria os templos de tradição gaulesa.

As termas, assim como nas demais localidades, são um dos edifícios mais corriqueiros em uma estrutura urbana, todas as capitais de *ciuitates* analisadas têm pelo menos um edifício como esse, ainda que só dez tenham aquedutos. O número de basílicas encontradas entre as capitais de *ciuitates*, cinco, é proporcional ao número nas colônias, desta maneira é possível imaginar que a construção desse edifício não tivesse relação direta com o status local. O número de pórticos, que não era alto nas colônias, parece diminuir entre as capitais de *ciuitates*, já que apenas três locais os têm. Entre esses assentamentos dez têm lojas ou ateliês, nove têm vestígios de produção metalúrgica, seis tinham outras

fabricações, utilizando couro ou madeira e seis têm indícios cerâmicos seja de produção local, o mais comum, ou externa.

A respeito dos meios de comunicação, há três portos, quatro pontes e quatro vias mencionadas pela bibliografia consultada e indicadas no corpus documental, embora deva haver um número maior de vias. Nenhuma das capitais de *ciuitates* teve uma presença militar durante seu desenvolvimento urbano. O número de inscrições, esculturas e moedas é reduzido, embora não seja possível, por esses dados, saber de sua frequência. A última questão relevante para o conhecimento das capitais de *ciuitates* que tinham *fana* entre seus edifícios são as necrópoles, das doze, dez tinham necrópoles.

A tabela abaixo indica os dados sobre assentamentos sem um status definido, a bibliografia consultada não consegue definir se se trata de santuários ou assentamentos que eles nomeiam como cidades no sentido moderno do termo, assim, eles estão numa categoria à parte, todos têm um espaço religioso gaulês, habitações em suas proximidades e um ou mais edifícios de tradição arquitetônica romana.

	Anderlecht (Belgica)	Bois l'Abbé(Eu) (Seine- Maritime)	Genainville (Val-d'Oise)	Le Vieil- Évreux (Eure)	Bouchauds (Saint- Cybardeaux) (Charente)	Le Vieux- Lisieux (Calvados)	La Terne (Charente)
Planta de ruas					X		
Fórum				X		X	
Quarteirão público							
Templo		X		X			
Teatro	X	X	(teatro- anfiteatro)	X	X	(teatro- anfiteatro)	X
Anfiteatro							
Termas	X			X	X	X	
Basílica							
Zonas							X
Pórticos	X	X	X	X		X	
Lojas/ Ateliês	X				X		
Aqueduto				X	X	X	
Cerâmica	X					X	X
Trabalho	X						

com metal							
Outros artesanatos							X
Comércio					X		X
Porto							
Ponte							
Documento que confirma o status							
Presença militar							
Itinerários				X	X		
Inscrições							
Escultura							
Necrópole	X						
Moedas romanas						X	

Entre esses assentamentos a estrutura urbana diverge bastante das já vistas, *uicus*, colônia e capitais de *ciuitates*, a quantidade de edifícios diminui consideravelmente, apenas Bouchauds tem um plano de vias instituído, assim como a atividade econômica é menos constante. Quanto aos edifícios públicos mais corriqueiros entre os espaços urbanos já vistos, aqui há apenas dois fóruns reconhecidos, dois templos além dos fóruns e espaços religiosos galo-romanos, nenhum tem anfiteatro e quatro, entre sete assentamentos, têm termas, há também três aquedutos, por outro lado, todos os assentamentos têm teatros, sendo que dois, em Genainville e Le Vieux-Lisieux, são teatros-anfiteatros.

O trabalho com o metal foi atestado em uma localidade, assim como outras produções, vestígios cerâmicos, foram encontrados em três sítios; o comércio foi atestado em dois locais, sendo que em La Terne, em que além de existirem fabricações e terem sido encontrados vestígios cerâmicos, também havia um diferenciamento por zonas. As vias de comunicação só são confirmadas pela bibliografia em dois casos e apenas uma tem necrópole.

O cruzamento de dados executado através da elaboração dessas tabelas indica que no caso dos espaços urbanos que tinham ao menos um espaço religioso galo-romano,

caracterizado aqui pela construção de um edifício arquitetônico elaborado com elementos arquitetônicos gauleses e romanos, podem ser compreendidos pelos seguintes pontos:

1) A aparelhagem urbana está relacionada com o status político, mais que com aspectos econômicos, sendo que existe pouca diferença entre as colônias e as capitais de *ciuitates*, uma diferença maior com os *uici* um pouco menos completos e uma alteridade grande com os assentamentos, segundo o nível atual da pesquisa arqueológica nesses sítios.

2) Embora haja uma constância de edifícios públicos, fórum, templos, teatros, anfiteatros, são as termas os edifícios mais frequentes nos espaços urbanos com *fana*. De quarenta e quatro espaços urbanos analisados, trinta e sete têm termas e vinte e seis têm teatros.

3) O número de fóruns, vinte e quatro, não permite afirmar que os *fana* substituam esses edifícios, na verdade, parece existir um acúmulo cultural, já que trinta e um espaços urbanos têm outros templos além do fórum e edifícios galo-romanos, sendo que em vinte um os fóruns se somam a esses templos. Desta maneira, alguns assentamentos parecem mais “religiosos” que outros.

4) A presença militar é restrita nos espaços urbanos com *fana*. Sendo que em alguns casos os locais estão em posições fronteiriças,¹⁷ talvez seja possível pensar os *fana* como apaziguadores ou um ponto de inserção com as comunidades próximas.

2.5 Urbanização como elemento de transmissão cultural romana?

Em 1993 Picard escreveu um texto sobre a romanização da Gália “La romanisation de la Gaule, problèmes et perspective” (PICARD 1993). O texto é extremamente relevante, pois trata da urbanização sob o ponto de vista da “romanização”, mas também porque incorpora a discussão sobre os *fana*.

Seu texto discute a romanização primeiramente através de um debate com Pierre Gros e, analisando, como estudo de caso, o exemplo de Gué-de-Sciaux, *uici picto* que contém *fana* e teatro, entre outras estruturas. O objetivo do autor é mostrar a fragilidade das organizações urbanas nos primeiros tempos do império e sua susceptibilidade. Picard

¹⁷ Um croqui com a posição das colônias pode ser visto na página 138, nele é possível perceber a proximidade de assentamentos urbanos na Gália Bélgica, próximos das fronteiras Germânicas.

despreza as teorias de resistência, ao mesmo tempo em que afirma o pequeno acesso que se tem à história dos camponeses, ou seja, a maioria da população. Por fim, Picard lança mão da teoria de Alföldy para se opor à idéia de classes sociais e de luta de classes tanto na Gália quanto em Roma.

A teoria de G. Alföldy diz que a sociedade imperial podia ser representada por uma pirâmide dividida horizontalmente em duas partes desiguais, a primeira era formada de ordens e a segunda de camadas, as ligações essenciais se formavam de cima para baixo, o que exclui a possibilidade de classes sociais e, portanto, de uma luta de classes¹⁸.

Quanto à questão da luta de classes, Picard considera que com o empobrecimento de gauleses ricos, que durante os primeiros tempos de império não souberam diversificar sua fonte de rendimentos para além da produção agrícola, não conseguindo, por exemplo, estabelecer relações de clientelismo, esses deixaram de fazer parte da elite galo-romana. A solidariedade entre as pessoas se dava de forma horizontal, fazendo nascer classes sociais que não existiam antes. Apesar dessa horizontalidade, cada um sempre dependia de um superior, sendo, portanto, o pertencimento a uma hierarquia uma regra válida para todos.

Picard critica Gros, por considerar que sua visão se remeteria a eventos contemporâneos da França: a Gália teria nascido livre e depois de cinco séculos teria sofrido uma colonização frágil. O trabalho de Gros, que utiliza como fonte principalmente as evidências arqueológicas, não pode ser separado, para o autor, do de Mario Torelli¹⁹, cuja obra se foca na história da arquitetura e do urbanismo.

O autor acredita que, realmente, a presença de Roma se verifica pela construção de cidades e remodelamento das “cidades embrionárias” para seguirem o desenho romano, como Glanum. Pois, para Gros, se o urbanismo grego se integra à natureza, o romano o remodela para o submeter a uma ordem política (PICARD 1993:354), conduzindo a ordem da *ciuitas* (forma romana da *polis* mediterrânea). Desta forma, o Império romano teria se mantido mais graças às cidades do que até mesmo ao exército.

Este autor não discute em pormenores o termo romanização e sua visão sobre o termo parece ser tradicional, contudo, ele acredita que na Gália a ocupação romana acabou

¹⁸ ALFÖLDY, G. **Histoire sociale de Rome**. Paris, 1991, p. 133-134 *apud* PICARD 1993: 384).

¹⁹ GROS, P. & TORELLI, Mario. **Storia dell'urbanistica, Il Mondo romano**. Rome-Bari, 1988.

produzindo um tipo particular de romanos.²⁰ Essa posição mostra uma percepção da não igualdade cultural com os que seriam os romanos “legítimos”, ao mesmo tempo que os engloba no Império. A partir da sua afirmação, cabe perguntar se havia um romano típico, considerando que apenas entre os habitantes de Roma havia estrangeiros e escravos. Fica claro que essa comparação se estabelece com o cidadão romano que seria o portador da cultura romana em seus aspectos mais tradicionais e típicos.

No tocante aos espaços urbanos, os *uici* e os assentamentos de cunho religioso, como santuários, ficariam subordinados às *ciuitates* politicamente e as classes sociais dos dois primeiros também estariam subordinados às últimas, teria sido desta maneira que Roma teria conseguido englobar a Gália ao seu mundo²¹.

Segundo os autores consultados, ao adotar o urbanismo os gauleses pretendiam mostrar sua lealdade a Roma que garantia a proteção dos espaços urbanos, era uma maneira de manifestar rivalidade contra outros espaços urbanos, fossem eles *ciuitates* ou assentamentos secundários, competição essa que já existia antes da conquista romana; mas, inclusive estabelecer relações com essa cultura urbana que também tinha aspectos interessantes, como a possibilidade de ter água trazida de longe. Falando de Autun, Woolf (1998) discute a urbanização da *ciuitas* a partir do conceito de civilização: adotar o estilo arquitetônico das edificações romanas e o modo de vida urbano seria “civilizar-se”, esse conceito viria já dos autores romanos. Na concepção de Virgílio²² e Vitruvius²³, o processo de civilização está amplamente relacionado com a importância do urbanismo. Em se tratando da Gália, o autor do tratado “Da Arquitetura”, apenas a menciona para dizer que assim como a Ibéria suas técnicas arquitetônicas são primitivas.

Woolf (1998:121) também se preocupa em como essa influência urbanística teria chegado aos gauleses, existem fontes que dizem que a educação de membros da elite gaulesa acontecia em Autun, contudo, o autor não acredita que se deva exagerar na

²⁰ “...il y a eu mutation fondamentale et irréversible em ce quart de notre histoire, de la fraction d’humanité qui vivait sur le sol. Cette mutation a été essentiellement culturelle, car il ne paraît pas qu’il y avait eu d’immigration massive [...] ce sont les Gaulois qui ont changé fondamentalement et sont devenus des Romains d’un type particulier”. (PICARD 1993: 383)

²¹ “Ainsi, à partir d’une structure politique apparemment irréductible aux normes de la civilisation méditerranéenne, Rome et ses empereurs sont parvenus à faire de la Gaule une part originale mais non hétérogène de l’orbis romanus, et à créer les données culturelles et spirituelles sur lesquelles vit encore le peuple français”(PICARD 1993:385).

²² Aen. 1.421-49.

²³ Vitruvius 2.1.4.

importância da educação para os gauleses. Os gauleses devem ter tido conhecimento da importância do urbanismo para os romanos de várias formas: moedas, arcos triunfais, pinturas murais, viagens (para Roma). Lyon era considerada o espelho de Roma na Gália. Já à primeira geração da aristocracia gaulesa educada foi oferecida uma educação para que entendessem a importância da cultura de construção da cidade.

Woolf (1998:123), ao trabalhar com a cidade, relativiza a sua importância como fator de “romanização, segundo ele, tudo depende do ponto de vista do habitante. A cidade efetivamente tinha como pretensão atuar como um símbolo para civilizar os gauleses. Mas cada um podia entender e viver na cidade de diferentes maneiras; ou achando que estava em Roma, ou se confrontando com esse tipo de espaço construído. Os próprios construtores, os nobres, podiam ter visões diferentes, a educação e a cidade não garantem a adoção da ideologia romana, até mesmo porque a cultura romana não era monolítica.

A argumentação de Woolf sobre a competição entre as diversas cidades estaria embasada em uma comparação com as catedrais góticas, pois, segundo ele, em ambos os casos, os modelos seriam estrangeiros. Embora, as catedrais não tenham aparecido espontaneamente em cada local onde foram construídas, sua edificação não está no mesmo contexto de uma construção romana, pois os gauleses foram conquistados por uma outra população de onde vinha um novo modelo arquitetônico, já as catedrais estavam inseridas dentro de um contexto cristão, uma cidade medieval que não construiu uma catedral não era mais nem menos cristã, enquanto a construção de edifícios romanos provava a lealdade local a Roma, o que visava garantir proteção em termos de ataques e aumento da importância política do assentamento urbano e da família. No caso dos galo-romanos, assegurar a boa vontade dos romanos era essencial, pois até os tributos variavam de acordo com as relações que Roma estabelecia com os espaços urbanos; servia também para demonstrar à população local e regional que a elite era legítima, pois adotava padrões culturais romanos.

Comparando os três tipos de construção Woolf chegou às seguintes conclusões:

- 1) A emergência desse tipo de monumento conduz a maiores mudanças na sociedade e provê uma resposta para ela.

- 2) A construção desses monumentos é tão cara, em todos os sentidos, que atrai para si forças políticas poderosas. Monumentalização oferece uma chance para confirmar e redefinir a ordem política, simbólica, financeira.
- 3) Programas desse tipo são inovadores e são declarações de fé na posterioridade, pois muitos monumentos não são completos no período de uma vida.

Zanker (2000:36) ressalta que embora o processo de romanização viesse de fora, em um segundo momento de desenvolvimento a romanização individual de cada espaço urbano reflete as necessidades individuais destas. É por essa razão que acredita que o ímpeto é de erguer certos tipos de construção, mais do que certos tipos de modelo arquitetônico, isso quer dizer que se considerava mais importante que houvesse lugares para determinadas funções romanas.

Sendo que a implementação de uma estrutura de ruas ortogonais nem sempre é concomitante com a edificação de outros edifícios necessários para uma vida civil e administrativa romana, é o caso de se questionar sobre a relação entre essa estrutura de ruas e os templos. No caso em que os templos estão claramente fora dessa *grade*, os templos seriam o limite dessa? Eles teriam a mesma posição dos anfiteatros, estando fora da malha urbana. Como vimos, na maioria dos casos, os muros só são construídos no séc. III, realmente tendo uma função defensiva. Os muros sempre tiveram uma grande importância simbólica, porém, no caso da Gália romana, eles não parecem ter sido construídos unicamente em razão desse aspecto, tanto que é apenas quando são efetivamente necessários são construídos.

3.O Espaço religiosos: os *fana*

3.1 A arquitetura dos templos de tradição indígena

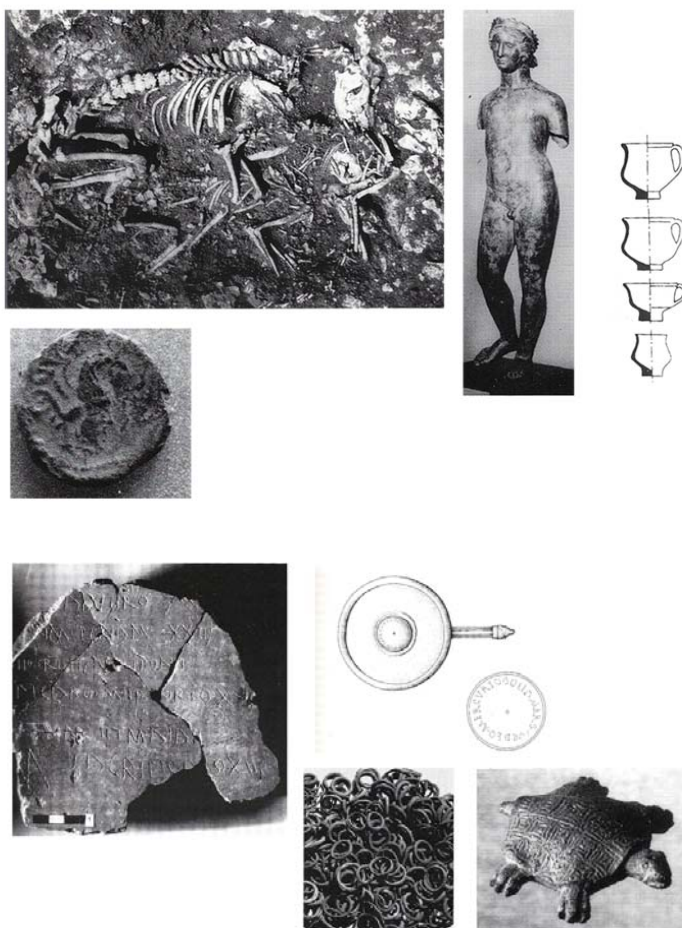
A Gália vivenciou durante o período em que fez parte do Império Romano a implantação de uma série de instituições de formas arquitetônicas romanas, o período do séc. I ao III, no entanto, também conheceu o surgimento de um templo híbrido, associando elementos tanto romanos quanto de tradição celta. Geralmente, essas estruturas são chamadas de *fanum*, termo usado para descrever os edifícios que se distinguem do templo clássico (Fauduet 1993). No entanto, na antiguidade o termo não desfrutava de um consenso entre os autores, tais quais Tito Lívio, Varrão, César e Marco Aurélio, basicamente o termo se referia a pequenos templos e podia ser empregado em contextos diversos, assim, não era específico para a Gália romana.

A escolha pelo termo se deu devido à própria historiografia que se habituou a assim os chamar, mesmo que muitos autores mais recentes preferiram usar expressões para designá-los templos de tradição indígena, como Isabelle Fauduet (1993 *a e b*). Para Duval (1963: 42) o nome *fanum*, utilizado por ele, se justificaria graças ao tamanho dos templos que seriam menores que um *templum*, lembrando que o termo *templum* não corresponde simplesmente ao edifício, esse seria o *aedes*. Vale lembrar que as delimitações espaciais religiosas eram elas mesmas realizadas através de critérios religiosos. A área do *templum* seria definida por augúrios, realizados pela leitura dos auspícios (BARTON 1995:67).

Um *fanum* pode ser reconhecido por uma *cella* de plano central, que pode ser octogonal, circular, quadrada, redonda e retangular; envolta por uma galeria – pórtico de muro baixo que sustenta uma colunata de madeira ou pedra e cuja entrada é voltada ao leste. Essa estrutura permitiria a continuação do rito de circunambulação (dar voltas em torno do deus), descrito pelo autor grego Estrabão.

O empréstimo do termo para tal uso é moderno; o termo latino foi introduzido em 1909 por L. de Vesly (PICARD 1993:367). Não há mesmo evidências escritas para esse tipo de construção e, dessa maneira, os melhores indícios sobre a existência desse espaço e seu uso provêm dos vestígios arqueológicos: ex-votos dedicados a deuses galo-romanos, como Apolo Moritasgo, em Croix-Saint-Charles, e ao casal Mercúrio e Maia, em Châteauneuf (Savoie); moedas gaulesas em Morvillers St-Saturnin (Somme); esculturas de animais: javalis, em Vienne, de cavalos, em Châteaubleau (Seine-et-Marne), de uma galinha e um

cachorro, em Bolards (Côte d’Or); esculturas de deuses: de Apolo, em Vieil Evreux (Eure), de Epona, em Châteaubleau (Seine-et-Marne), de uma deusa-mãe, em Genainville (Val d’Oise); ex-votos anatômicos, em Sceaux du Gâtinais (Loiret) e em Bolards (Côte d’Or); rodas em Nanteuil (Ardennes); anéis, em Châtelard de Lardiers (Alpes de Haute Provence), além de altares ligados ao culto imperial, só para citar alguns. A partir desses e outros vestígios (Figura 8 – 15) é possível concluir que nos *fana* eram realizados sacrifícios de animais e, também, que esses abrigavam procissões e jogos. Mesmo assim, há ainda muitas dúvidas sobre as cerimônias religiosas realizadas nesses espaços, em suas escavações, arqueólogos têm encontrado ex-votos, restos de animais, – provavelmente sacrificados –, esculturas e oferendas, atestando a veneração de divindades galo-romanas e do culto ao imperador.



Vestígios encontrados nos fana.

Figura 8 Fossa com o esqueleto de dois animais; Figura 9: Apolo; Figura 10: Recipientes de terra cota; e Figura 11: Moeda gaulesa com representação de galo; Figura 12: Ex-voto à Mercúrio e Maia; Figura 13: Patera dedicada à Mercúrio; Figura 14: Anéis e; Figura 15: Tartaruga em bronze.

FAUDUET, Isabelle. Les Temples de tradition celtique em Gaule romaine. Paris, Errance, 1993: 127, 106, 113, 105, 101, 103, 120 e 107.

Não há um local geográfico específico para a presença de um *fanum*, ele pode estar situado tanto próximo a cidades quanto nos meios

rurais, porém, são mais comuns no segundo. Também podem estar associados ou não a outras estruturas, como teatros e termas, ou mesmo inseridos em santuários. Felizmente nos últimos anos as pesquisas arqueológicas têm dado atenção à ocupação longe dos grandes centros, o que tem permitido seu estudo.

A história do estudo dos *fana* está fortemente ligada à história dos autores que fizeram levantamentos arqueológicos sobre essa cultura material. Seu início pode ser encontrado no final do séc. XVI, momento em que os vestígios começavam a ser reconhecidos como templos. Um primeiro inventário de templos na Gália só foi feito em 1869, por Caumont, em uma obra chamada *Abécédaire ou rudiment d'archéologie*. A maioria dos estudos desde essa época e até hoje são feitos em nível local, à exceção de alguns pesquisadores, de importância reconhecida, como Camille Julian, durante o começo do séc. XX, Albert Grenier, na década de 30 e Paul Marie Duval e Émilie Thevenotm, na década de 60.

Camille Jullian é um autor de extensa erudição que escreveu uma grande obra intitulada “Histoire de la Gaule” com oito volumes, todavia, não se atém aos *fana*. Porém, Grenier, que tem como uma das suas obras principais o “Manuel d’Archeologie Gallo-Romain”, já considera a existência desses edifícios, que são mesmo representados em plantas baixas de sítios arqueológicos. Sua interpretação dos *fana* é de templos onde teria ocorrido uma verdadeira fusão entre os templos grego-romanos e celtas, pois em Champlieu e Avenches o plano da *cella* é quadrada, mas foi aumentada com um longo *pronaos* com meias colunas e sem a galeria; em Trèves, os templos de *Lenus Marte* e o templo de Iznore têm a *cella* retangular, sem *pronaos* e rodeada de uma galeria de circulação (DUVAL 1963: 44).

Uma interpretação inovadora, para a época, ocorreu no VIIº Congresso Internacional de Arqueologia Clássica, em que Paul-Marie Duval expôs um texto intitulado “L’originalité de l’architecture gallo-romaine”, o artigo publicado nos Anais do Congresso em 1963 tinha como tema precisamente as especificidades do desenvolvimento da arquitetura romana em território gaulês. O autor defendia a observação da originalidade da arquitetura que se forma no território gaulês na época romana. Ainda mais porque ele também acreditava que mesmo a Gália Narbonesa tendo sido conquistada em um período muito anterior às demais Gálias, essa primeira província não devia ter exercido uma

influência arquitetônica relevante, talvez apenas no campo das técnicas de construção, sobretudo, no que concerne à construção em pedra, material mais durável. Contudo, essa influência também é reduzida devido ao retardamento da construção da edificação de edifícios romanos na Gália, que só teria acontecido cerca de 70 anos depois da conquista da Gália Narbonesa em 128 a.C. e em alguns centros urbanos.

O artigo é um marco na bibliografia por ser um dos primeiros textos a evidenciar as particularidades arquitetônicas da Gália-romana de uma maneira positiva, não como degenerações de estilo, mesmo que para tanto um de seus argumentos para essa originalidade seja “a mistura dos estilos helenístico e italiano que se combinaram nas criações coloniais em um terreno novo, vasto e livre, onde a audácia e o espírito de invenção dos arquitetos podia ter o mais livre curso” (DUVAL 1963:37). Sem dúvida, é relevante ressaltar a criatividade dos construtores do período, mas é anacrônico imaginar “arquitetos audaciosos e com espírito de invenção”, além do que a criatividade no campo arquitetônico muitas vezes deve-se mais a questões relativas à adaptação tanto de técnicas e materiais quanto de usos diferenciados de estruturas. Finalmente, a mistura não é só de estilos helenístico e italiano, há de se levar em conta a influência da população local.

Os *fana* têm uma posição privilegiada na argumentação de seu texto. A definição do que seria um templo galo-romano, ou mesmo celta-romano, como ele menciona, é estabelecida tendo por base a contraposição com os templos romanos e helenísticos. Primeira diferença: ele é quadrado, ou próximo dessa forma, enquanto um templo romano é alongado; em seguida, a existência de uma galeria de circulação, que existiria na maioria dos templos, teria uma cobertura mais baixa que a parte central; a abertura do templo seria para o leste, assim como a maioria dos templos helênicos; a estátua de culto deveria estar no meio da *cella*; e finalmente, o templo freqüentemente está em posição dominante (1963:41). O principal indício que garantiria a influência romana sobre a construção desses templos celtas, trazendo a eles uma diversidade de expressões, seria para Duval (1963:43) a existência de um *pronaos* e um *podium* no plano quadricular. Mesmo a existência de templos redondos pode ter sido importada dos *tholoi* greco-romanos, tendo depois uma livre adaptação.

Esse artigo de Duval, além da importância nos estudos dos *fana*, sendo um texto de grande repercussão, citado até hoje, traz consigo a possibilidade de entrever o nível de

conhecimento sobre esse edifício na época. Fica claro, que muitos dos principais templos discutidos até hoje já eram objeto de questionamentos. Duval (1963: 43) também coloca questões relativas à delimitação do templo, se este era entornado de um muro, alto ou não, ou apenas de um pórtico.

Os primeiros esforços de síntese sobre a questão dos *fana* foram feitos por Peter Horne e Anthony King na década de 80, em uma obra intitulada: “*Romano-celtic temples in Continental Europe*”, e Yves Cauby em 1991 com “*Les temples gallo-romain des cités Tongres et Trévire*”. Todavia, os trabalhos de maior densidade sobre o assunto até hoje foram realizados por Isabelle Faduet, ela publicou no mesmo ano, 1993, duas obras uma intituladas “*Les temples de tradition celtique en Gaule romaine*” e a outra “*Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums*”. O primeiro é desenvolvido tendo como diretriz fornecer informações sobre a constituição desse tipo de templo em seus aspectos arquitetônicos, espaciais e religiosos. Seus capítulos tratam do ambiente do santuário, o espaço sagrado, a “configuração” do templo, a cronologia do santuário, as práticas culturais e a organização do culto. Essas informações proviriam das análises dos templos repertoriadas em seu Atlas. No ano em que escreveu essa obra havia 635 *fana* registrados, sendo que 377 tinham sido objeto de pesquisas. Os números são impressionantes, considerando que até 1960 só se conheciam 132 santuários, com a prospecção aérea, a partir dessa data foram encontrados outros 414; em 1979 já se somavam mais 146 descobertas; entre 1986 e 1993 mais 42 templos foram descobertos. A fotografia aérea, seguida de sondagens foram fundamentais na descoberta dessas estruturas, mudando em algumas décadas a compreensão da religião galo-romana. Os sítios mais beneficiados foram os que se encontravam nos campos, graças a isso, uma nova visão sobre os *fana*, se estabeleceu. Hoje se sabe que a presença desses templos é muito mais constante nos campos, também se percebeu que sua edificação e utilização era algo corriqueiro na Gália-romana e não um fenômeno reservado a apenas algumas localidades.

Esses números dizem respeito a um tipo de templo com uma cronologia precisa. Os santuários apresentados no Atlas não concernem aos templos clássicos, muito menos aos pequenos santuários privados ou lugares de devoção perto de grutas ou fontes, mas aos templos cuja arquitetura se inspira na tradição celta, influenciada progressivamente por

técnicas de construção vindas de Roma, produzindo assim um templo que tem a sua entrada voltada para o leste, mas tem altares em pedra, como os romanos.

O estudo da estrutura urbana romana fez com que Barton (1995), inclusive pensasse que em Roma houve mudanças da arquitetura religiosa romana da República para a época de Augusto. Segundo o autor, contudo, depois de Augusto as únicas mudanças acontecem nas províncias, onde a romanização não as atinge profundamente.

Um templo romano geralmente é indissociável do altar e da delimitação da área sagrada, essa composição que também existe na Grécia, segundo Polignac (1984:28) seria do fim da época geométrica, diferenciando essa concepção da “homérica” que apareceria na *Ilíada* e na *Odisséia* que são caracterizadas pela indeterminação espacial, não há separação entre o sagrado e o profano. Se há uma diferenciação dos espaços religiosos, pode-se dizer que nos poemas homéricos o lugar sagrado mais comum é o bosque consagrado. O altar é o de atestação mais antiga, assim, ele seria o primeiro componente estável do culto.

Os *fana* também apresentam essa composição, embora seja difícil determinar-se qual o grau de influência romana nela contido. No que concerne aos altares Brunaux (2006:101) defende que o altar gaulês era um fossa escavada diretamente no solo, que servia como uma maneira de comunicação “mais direta”; já no período galo-romano, eles seriam elementos indissociáveis do sacrifício aos deuses (FADUET 1993b:44), estando dispostos nas proximidades do templo, em geral na entrada, mas, como ela mesmo ressalta, raramente são encontrados intactos quando descobertos. Em razão de seu aspecto sacrificial, a autora narra a reforma de alguns de modo que podem ser usados como fornos. Em seu livro, infelizmente não há uma cronologia, nem uma quantidade ao certo de quantos foram reformados dentre os encontrados e, nem mesmo o número de altares conhecidos. O altar, apesar de ter um tamanho muito reduzido em relação à estrutura desse tipo de espaço sagrado é muito importante nas religiões da antiguidade, a posição do altar é, inclusive, um aspecto determinante na diferença das disposições arquitetônicas entre um edifício religioso cristão, onde o altar fica dentro, e um “pagão”. Nas plantas baixas dos espaços urbanos pesquisados a existência ou não de um altar não é representada e tampouco nas plantas baixas dos templos no Atlas de Fauduet (1993a). Só é possível encontrar esse dado nas publicações de escavações.

Uma outra questão controversa é o períbolo, nem sempre essa edificação que tem a função de delimitar o espaço sagrado foi encontrada. Em parte isso pode estar relacionado ao desinteresse pelos entornos dos templos até a década de 60 – até então só 82 eram conhecidos –, mas também ao fato de que muitos dos templos reconhecidos e catalogados o foram por meio da fotografia aérea, em uma parte se fez prospecções, mas essas serviram para confirmar se o espaço era ou não um templo. Afinal, a estrutura de um *fanum* é extremamente simples e pode ser facilmente confundida com outras edificações. Segundo Faduet (1993a) dos 653 sítios repertoriados, 233 estão dentro de um períbolo. Dos 387 restantes, 150 têm estruturas adjacentes, dos quais 18 parece que teriam períbolo.

Ela analisou 215 períbolos, concluindo que a maioria é constituída por um muro de pedras, geralmente foram feitos no meio do I século d.C., 181 teriam forma quadrangular, 17 trapezoidal, sete poligonal de quatro lados, dez oval ou circular. Nesses a entrada do períbolo é geralmente estreita, às vezes é mais do que uma, às vezes com um pórtico.

Dentre os que não têm um muro de períbolo de pedra, 17 têm uma área sagrada entornada de um fosso (Souzy, Noyen-sur-Seine, Oisseau-le-Petit, Sainte-Ruffine, Eschau). A existência de uma paliçada remonta ao período augusteano ou anterior. O entorno é irregular em Riaz e Grobbendonk, L à Augst (584), Nuits-Saint-Georges e Pierre-de-Bresse (Faduet 1993a).

A abertura de um *fanum* sempre é a leste, como os templos gregos, porém, a dos templos romanos varia, os romanos não têm uma regra fixa, pois dependem do augúrio. No começo era mais comum o sul, porém os templos romanos, na prática, podiam ser dirigidos para qualquer direção. O texto de Barton (1995) sobre edifícios religiosos traz comentários pertinentes sobre sua construção, contudo, seu problema principal é dar pouco valor para a romanização, para ele, esse processo cultural teria tido pouca influência, mesmo sobre os *fana*. Quanto à galeria, a princípio, não há explicação do porquê alguns templos teriam uma e outros não, já que esse traço gaulês diferencia o templo dos demais, além de ser interpretado como um traço arquitetônico que responderia a um rito gaulês. Faduet (1993a) considera que a razão de alguns templos não terem galeria pode estar na perenidade das galerias. Essa explicação pode levar a crer que todos os *fana* deveriam, em teoria, ter uma

galeria. Sendo que a realidade das descobertas arqueológicas mostra que esses templos tanto poderiam ter galerias quanto não ter.

O estudo dos *fana* aqui realizado não se focou nos templos em si mesmos, não procuramos desenvolver um estudo comparativo entre as diferenças e semelhanças entre os templos, nem sobre os vestígios arqueológicos encontrados no interior destes, embora fosse possível e provavelmente interessante para uma melhor compreensão sobre as características do grupo de templos que existem em espaço urbano. Contudo, este estudo teria que ser feito como uma contraposição aos templos encontrados afastados de assentamentos urbanos; como já foi dito, o objetivo desse trabalho era traçar a relação entre esse templo com edifícios de tradição arquitetônica romana e sua posição dentro do espaço urbano.

Isabelle Fauduet fornece uma série de dados sobre os templos repertoriados por ela, contudo, esses dados não concernem nunca ao total de templos apresentados no seu Atlas porque muitos não foram escavados. Assim seus números são sempre relativos a uma quantidade dentre os quais ela dispõe de um tipo de dado, por exemplo, dos 635 templos que estão no seu Atlas, 233 estão em um períbolo e os demais contam com estruturas adjacentes. Dos que estão em um períbolo, 215 são passíveis de nos informar qual era o formato do períbolo, sobre os demais não há números. A falta da totalidade dos dados, sem dúvida, se deve à ausência de pesquisas arqueológicas, mas, a fragmentação dos números que mudam para cada tópico geram uma dificuldade de se estabelecer um padrão, ainda mais quando a autora só dispõe de dados para a metade, ou um terço do seu número total. Ainda assim, e mesmo sendo uma pesquisa realizada em 1993, esses números oferecem um padrão de comparação, já que os templos aqui estudados estão próximos a espaços urbanos.

3.2 Antecedentes arquitetônicos dos *fana*

Um quadro da construção do espaço religioso vem se delimitando cada vez mais e melhor nos últimos anos. Ainda existem controvérsias sobre inúmeras questões, sobretudo, o aparecimento dos primeiros santuários. Jean-Louis Brunaux (2006:100) – responsável pela escavação de um dos santuários mais importantes arqueologicamente do séc. III a.C., Gournay-sur-Aronde – acredita que o estabelecimento dos santuários mais antigos teria

acontecido nos territórios ocupados pelos belgas que imigravam entre o final do séc. IV e começo do séc. III a.C. Segundo o autor, esses santuários já seguiam um padrão mediterrâneo, o espaço sagrado era delimitado, neste contexto por um muro de madeira, com uma fossa na arte interna e externa, havia um tipo de altar no centro do espaço sagrado, algumas árvores. Contudo, o altar em muitos aspectos divergia do mediterrâneo, na verdade, tratava-se de uma fossa escavada diretamente no solo, protegida por uma estrutura aberta de madeira. À diferença do padrão mediterrâneo não existia um templo, as entradas eram voltadas para o leste. Dentro desse espaço sagrado deveria haver um local aonde eram fixados cabeças humanas e animais, também havia armas. Aparentemente, esses santuários parecem ligados a cultos guerreiros, pois não só eram depositadas armas, mas no mesmo período de aparecimento destes houve a interrupção da inumação dos guerreiros aristocratas.

Em um período posterior os santuários gauleses passam a ter um templo, esse tipo de edifício era pensado na antiguidade como um local para abrigar o deus; na medida em que representações plásticas de deuses só aparecem na Gália no séc. I a.C., era preciso um local para proteger essas estátuas. Os templos de período gaulês têm comprovação arqueológica, a partir da qual é possível saber que tinham uma estrutura simples, por vezes quadrada, contando apenas com quatro paredes e um teto. Assim os templos gauleses, antes da conquista, eram compostos essencialmente de um espaço delimitado por um fosso e paliçada, um templo de madeira que poderia ser uma estrutura quadrada fechada, ou aberta, sendo essa estruturação formada por colunas de madeira, no seu interior são encontrados vestígios de oferendas e também de ossos animais, esses depósitos foram encontrados nas proximidades dos templos, embora se acredite que alguns dos objetos enterrados em fossas ficassem expostos por um tempo antes de serem enterrados, é o caso das armas. Bedon (1999: 311) defende a existência desse tipo de templo nas proximidades das instalações urbanas em seu princípio, com a conquista romana haveria um abandono ou transformação desse edifício. O autor descreve o caso de Limoges, onde um templo gaulês foi construído próximo do fórum nos primeiros anos da “cidade”, desaparecendo no início do período romano. Em Jublains, o santuário gaulês teria sido substituído na época de Nero, segundo moedas encontradas. Esses exemplos tornam evidente o não convívio do templo gaulês, como era durante o período da independência, com os edifícios romanos. Desta maneira, a

construção dos templos de tipo *fana* é ainda mais surpreendente longe dos espaços urbanos, situação na qual a maioria desses edifícios se encontrava.

Se por um lado, os estudos sobre os espaços religiosos gauleses ainda está em desenvolvimento, as influências romanas são mais facilmente reconhecíveis:

- 1) A construção com materiais mais duráveis, como a pedra;
- 2) Por vezes a presença de um *podium* ou *pronaos*;
- 3) Possivelmente, a existência de frontões e decoração, algumas pesquisas parecem indicar a existência de pintura interna dentro das *cellae*;
- 4) O altar de pedra na frente do templo.

A evidenciação das características romanas nesses templos também serve para tentar encontrar traços particulares a uma arquitetura gaulesa, que não teria surgido na época romana, mas remontaria ao período de independência. Essa crença na possibilidade de que os elementos gauleses do edifício tenham proveniência de um período anterior à conquista levantaria a possibilidade de uma continuidade, não são poucos os autores que fazem essa afirmação. Essa também traria a possibilidade de uma continuação de ocupação; em alguns casos, arqueologicamente essa hipótese é verificável como faremos na nossa análise. Apesar de a continuidade existir²⁴, também houve templos que foram abandonados e *fana* que foram ocupados em locais, que mesmo que fossem sagrados, não apresentam vestígios de edifícios de caráter religioso anteriores. A continuidade deve ser estudada e, provavelmente, é um fator decisivo na elaboração do edifício, mas não deve ofuscar a compreensão dos *fana* como um edifício criado e com usos no período galo-romano. Pela quantidade de edificações, é impossível pensar em uma mera continuidade, aparentemente, a religião gaulesa foi re-elaborada com a presença romana.

Em 1993, Faduet estabeleceu uma cronologia *post quem* de um número de santuários dentre os que havia repertoriado (FADUET 1993b: 91).

	Antes de 50 a.C.	50 a.C. - 15 d.C.	15 d.C. - 50 d.C.	50 d.C. - 100 d.C.	100 d.C. - 200 d.C.	200 d.C. - 280 d.C.
Número	5	80	21	75	39	8

²⁴ Dentre os templos estudados por Isabelle Faduet (1993b: 90) foram contabilizados pelo menos 80 templos construídos sobre estruturas preexistentes.

A tabela apresenta um crescimento exponencial que se inicia em 50 a.C. e tem seu seus ápice entre 50 a.C. e 15 d.C. e depois, novamente entre 50 d.C. e 100 d.C.. Como Faduet deixa claro, essa tabela não traz os dados de reconstrução, um dado importante no estabelecimento das datações dos templos. É preciso adicionar que a tabela traz a data de 228 templos, sendo que no mesmo ano ela lançou uma publicação (FADUET 1993a) na qual tinha repertoriado cerca de 600 templos. Embora não tenha sido feita uma contabilização sistemática passados quinze anos, se sabe que hoje o número de templos conhecidos é maior, assim a tabela diz respeito a menos da metade dos templos conhecidos até então, e que hoje proporcionalmente é em número ainda menor. Sem dúvida, a datação desses templos é de difícil estabelecimento e, provavelmente, o número de templos com dados seguros sejam apenas esses. Também é importante ressaltar que a tabela não traz uma divisão por localidade, desta maneira, é difícil saber se esses crescimentos são homogêneos ou localizados.

Uma questão relevante que desponta em uma reflexão sobre o surgimento dos *fana* e que parece não ter sido ainda colocada é a convivência de templos gauleses que existiam quando os romanos conquistaram a Gália e permaneceram em locais onde se instalaram assentamentos urbanos com aqueles construídos quase concomitantemente à entrada romana e conviveram com os edifícios romanos, ou mesmo com *fana* construídos em suas imediações.

Entre os sítios aqui analisados, existem ao menos três casos nos quais os habitantes de um *oppidum* se mudam para os espaços urbanos que estão surgindo, um *fanum* é construído quase em seqüência. Esses casos são Corseul, Autun e Trèves, este último é particularmente interessante, pois se acredita que no interior do *oppidum* havia um espaço público que, segundo Lontcho (2001:50), seria um espaço religioso. Este teria sido abandonado quando o centro de poder se transferiu para Trèves e só mais tarde os habitantes teriam sido autorizados a edificar em cima desse primeiro monumento, que no período da independência era um edifício retangular de 14 m de comprimento por 6 m de largura, seus troncos deviam sustentar um teto, embora, não houvesse muros ligando um pilar ao outro. No meio do séc. II d.C., quando os habitantes puderam construir nesse espaço, edificaram um *fanum*, com duas construções anexas entornando a *cella* e o pórtico.

Foram descobertos mais de 400 fragmentos de esculturas, o templo foi abandonado em 275 d.C.

Autun, ou *Augustudum* é uma das *ciuitas* mais conhecidas da Gália romana pela sua importância – entre o final do séc. I d.C. e III d.C. ganhou o status de colônia –, mas também pela sua localização. Fundada no período augusteano, *Augustudum* foi construída nas proximidades do *oppidum* de *Bibricate*, edificado pelos eduanos na época de La Tène, aos pés do *Mont Beauvray* (WOOLF 1998:115). Neste caso também foram edificados *fana*, o mais famoso, conhecido como templo de Juno, embora não fosse realmente dedicado a essa divindade, é um dos templos desse tipo em melhor estado de conservação.

A continuidade religiosa pode ser verificada em um dos santuários mais importantes para o estudo da religiosidade gaulesa Ribemont-sur-Ancre. Conhecido pelas evidências de ossos humanos e armas, também pode ser caracterizado pelo seu isolamento, não há indícios de assentamentos próximos, tampouco estava em uma fronteira e é um dos maiores da Gália-romana, associados a ele existiam um teatro e uma terma. O santuário foi arrasado no período dos Flávios, contudo, um pequeno santuário se mantém em seu lugar, esse só foi abandonado ou destruído nos últimos anos do séc. III d.C. Em seu artigo “Organisation spatiale et chronologie du sanctuaire de Ribemont-sur-Ancre” (Organização espacial e cronologia do santuário de Ribemont-sur-Ancre) Cadoux (1990:156) afirma que o esforço de romanização do sítio falha.

Contudo, a continuidade e subsistência de templos em espaços rurais não devem implicar a idéia de uma população rural celta em contraposição a uma população urbana romana. Picard (1993:367) se opõe à idéia de que os santuários rurais teriam uma religiosidade popular, fortemente marcada pela tradição celta e pouco transformada pela romanização. O autor (PICARD 1993:381) chega a afirmar que nenhum *conciliabulum* sobreviveu ao começo do século II d.C.

3.3 O lugar dos templos de tradição gauleses

Dentro do tema proposto para essa pesquisa, “O contexto dos *fana* galo-romanos”, foi efetuada uma escolha pelo estudo desses templos em sua relação espacial com espaços urbanos. O número de *fana* conhecidos ultrapassa 600 e desses apenas uma minoria está em

um espaço que tinha uma estrutura urbana com uma tradição romana. A maior parte dos edifícios está em uma situação rural e muitas vezes sequer há uma via mesmo que secundária que leve a eles. Porque então escolher a minoria das situações para estabelecer esse quadro do contexto desses templos? Os *fana* são um fenômeno essencialmente datado do séc. I d.C. ao séc. III d.C., mesmo que alguns tenham sido edificadas antes e uma boa parte abandonada no séc. IV d.C., o que nos faz entender que esse tipo de edificação é corrente no período galo-romano e, embora contenha traços arquitetônicos dos templos gauleses, os *fana* fazem parte de desenvolvimento da religião galo-romana. Assim, pensamos que é dentro do espaço urbano que poderemos ter uma melhor compreensão sobre a sua interação com a religião e a administração romanas. Nos parágrafos abaixo tentamos estabelecer um quadro da situação dos *fana* no território gaulês, os dados aqui apresentados dizem respeito à relação com o espaço urbano e não urbano, eles serviram de base para a proposta de hipóteses de análise das plantas e informações recolhidas no *corpus* documental.

No mundo helênico há uma tradição de templos como marcadores espaciais em locais de altitude elevada e assim acentuada visibilidade, seguindo esse princípio que parece também ter sido obedecido na Gália, Faduet (1993a) analisou os dados de implementação topográfica de um *fanum*, segundo ela a maior parte dos templos se encontra em montanhas, 197; seguido por vales, 139; platôs, 105 e espaços planos, 75. Dentre esses analisados, a autora também os separou entre os que estavam próximos de assentamentos e os que estavam em meio rural. Em todas as categorias, menos entre os vales, a proporção é equivalente, já nos vales a maioria dos templos se encontra próxima de assentamentos. Por esses dados, estar perto ou não de um assentamento não interfere no local de instalação de um templo, embora seja clara a preferência por lugares altos.

Segundo Faduet (1993a) havia 119 sítios situados mais ou menos entre duas ou três *ciuitates*, a maioria perto de um assentamento, esse dado foi estabelecido por ela através da comparação entre a localização dos *fana* e a posição das primeiras dioceses, inscritas em documentos medievais. Existe uma hipótese bem aceita, de que as dioceses teriam sido instaladas nas *ciuitas* galo-romanas na França. Assim, esse dado não corresponde à totalidade dos sítios encontrados e permanece muito mais como uma possibilidade. Páginas depois, na mesma obra, a autora vai declarar que haveria 269 templos em assentamentos e

285 fora, dos quais, 23 estão em um conjunto de habitações, 47 em *villae* e 187 isolados. Chevallier (*In*: BEDON, R.; CHEVALLIER, R. & PINON, P. 1988:147) vai além e afirma que todas as cidades da Gália possuíam santuários suburbanos, embora não mencione suas características arquitetônicas nem a qual deus era dirigido o culto. Nas nossas pesquisas encontramos cerca de quarenta e quatro *fana* associados de maneira direta com os espaços urbanos, provavelmente devem existir mais, todavia, nem sempre foram escavados e seu material publicado.

Seria ótimo aplicar a teoria de Polignac para o nascimento das cidades gregas na Gália, embora ele mesmo não o faça, contudo, segundo nossas análises isso não seria possível já que a análise das plantas de assentamentos e *ciuitates* mostra que nem sempre havia antecedentes religiosos nos sítios onde uma organização espacial romana irá se desenvolver. Isso não quer dizer que não haja casos onde um santuário pré-existente tenha tido uma importância decisiva nesse desenvolvimento. Observamos unicamente que não é possível afirmar que um espaço urbano se desenvolve exclusivamente por uma antecedência religiosa, em alguns casos, os sítios aonde os espaços urbanos galo-romanos iriam se desenvolver já haviam sido ocupados, mas, não foram encontrados vestígios de um espaço sagrado. Ainda assim, foram realizadas pesquisas (FAUDUET 1993b:26) com a intenção de descobrir se os santuários eram determinados pela proximidade de uma fronteira. Como resultado, se descobriu que mais do que uma centena de sítios estavam na fronteira entre dois e três *ciuitates*, sendo que quase a metade perto de um assentamento. Neste caso, é preciso se levar em conta também a hipótese de que esses templos tenham sido construídos em período imperial para atender a uma necessidade política de demarcação do território com esse edifício tão próprio da Gália-romana.

Como foi dito, existe uma quantidade relevante de templos que têm como antecedente um templo gaulês, entretanto, o destino dessas edificações é variado, há casos onde esses templos foram abandonados, transformados em *fana*, ou até em templos romanos. Um caso interessante é o de Tongres: se constrói um *fanum* no séc. I d.C. que no séc. II d.C. será transformado em um templo romano. É necessário ter em conta que a conquista romana estabeleceu uma nova geografia de rotas, comércio e fronteiras, desta maneira, locais antes importantes podiam deixar de sê-lo.

Igualmente, levantou-se no início da pesquisa a possibilidade de os *oppida* terem um papel no futuro desenvolvimento urbano, o que significaria que a existência de um templo como esse em um espaço urbano podia ser um chamariz entre os assentamentos com habitações nas proximidades, pois, garantiria a uma população que ocupava um espaço sem características urbanas romanas que pudesse cultuar seus deuses em um local recém-fundado. Todavia, à exceção de alguns espaços urbanos como Corseul, a maioria dos assentamentos e *uici* não tem como percussor um *oppidum*. É preciso deixar claro que a não existência de um *oppidum* não significa que o local não fosse ocupado, ou não tivesse uma importância política para as populações que ali habitavam. Como já foi mencionado, as pesquisas sobre os *oppida* tiveram um interesse renovado, pois se vislumbra a possibilidade de se considerar essas edificações como um estágio anterior à criação das cidades, entretanto, nos casos analisados os *oppida* não eram pré-condições para o surgimento de um assentamento ou *ciuitas* no sítio ou em um local próximo.

De acordo com as nossas análises provavelmente as vias e estradas seriam um dos fatores de maior relevância para o surgimento desses espaços urbanos. Acredita-se, assim, que o desenvolvimento do espaço urbano estaria relacionado a questões estratégicas. As estradas e vias passavam por locais importantes do Império, visando o controle político e militar, tanto quanto o transporte de alimentos, metais, cerâmica e demais cultura material produzida e consumida no Império. É relevante lembrar que em muitos casos o *cardo* era parte de uma via ele próprio. Todavia, se parece haver uma relação entre as vias e os espaços urbanos, não há uma relação direta entre as vias e os *fana*. De acordo com Fauduet (b:28), em 1993 uma relação de proximidade entre vias e *fana* havia sido repertoriada somente em 80 casos e, ela mesma, uma das maiores especialistas no estudo desse tipo de templo, não sabia precisar as distâncias.

Quando se trata do tipo de implementação, segundo Fauduet (1993a) ela dependeria do local onde o templo fosse ser construído. A maior parte dos assentamentos dotados de um santuário seriam pequenos “burgos”, cruzamento de rotas, ou estariam no limite das *ciuitates*. Os que são implantados em capitais de *ciuitates* são os pequenos santuários de bairro, ou extra-muros, os quais apresentam uma arquitetura híbrida.

Um dado não arqueológico relevante para a compreensão dos *fana* é fornecida por Scheid (1991:45). Tratando da constituição da colônia de Urso, o autor afirma que foi

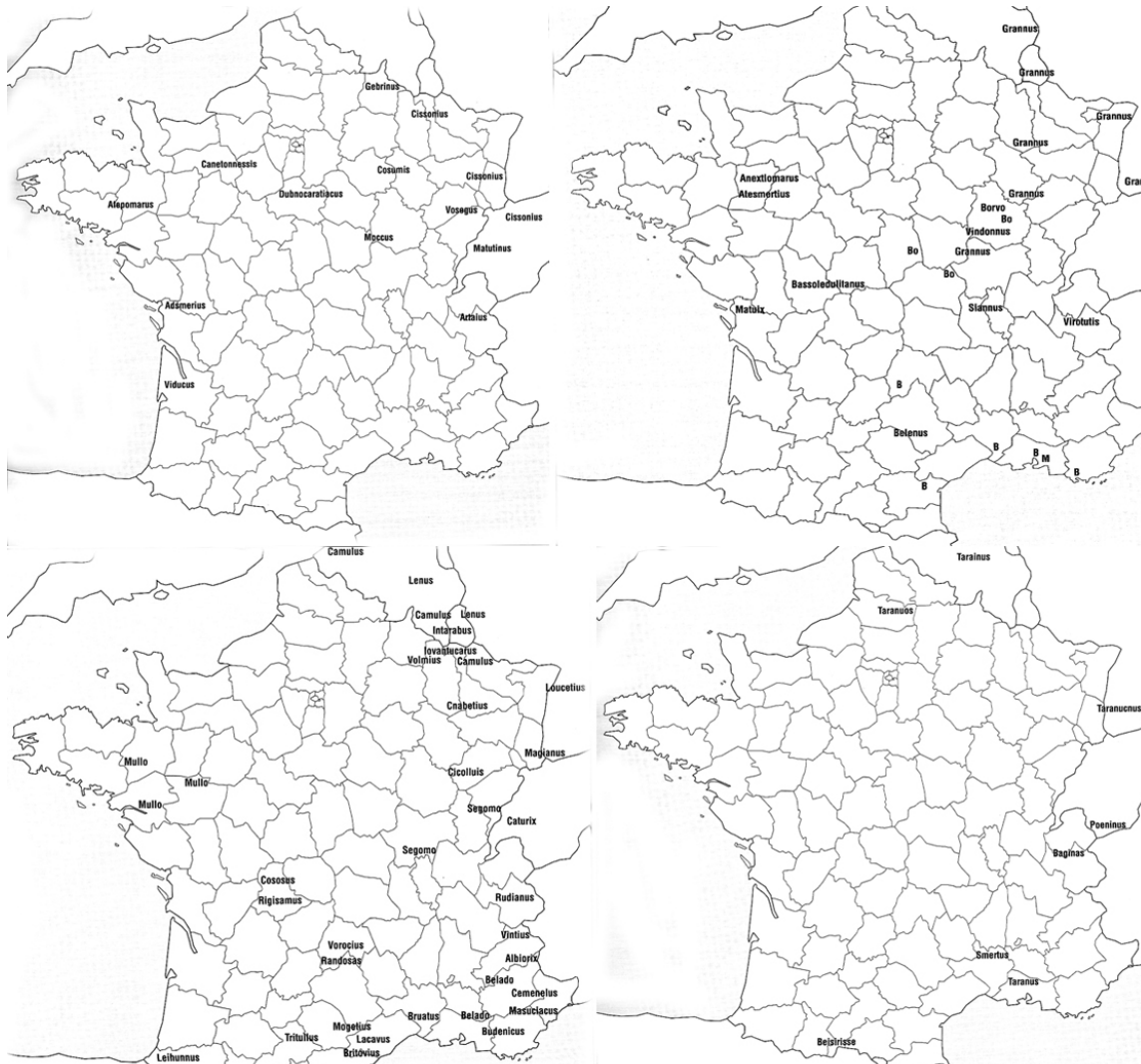
configurada uma lei municipal que ditaria todas as regras sobre os atos públicos religiosos, cada ano os magistrados deveriam nomear os *magistri* dos *fana*, templos, além de definir os cargos litúrgicos anuais que terão que ser executados. É impossível afirmar que fosse assim em todos os espaços urbanos, é preciso levar em conta os templos isolados e os que estavam em assentamentos secundários, a não ser que se acredite que esses eram definidos pelos *uici*. Não é possível determinar se este é um caso único, de qualquer modo, ao menos nessa colônia os *fana* estavam entre os lugares públicos a cargo da administração da cidade. Essa “constituição” também não proibia os outros cultos, porém, apenas os cultos públicos, celebrados pela e para a colônia recebiam os meios, estavam submetidos a uma legislação e um título, escolhidos entre os magistrados e os sacerdotes públicos. Neste caso é possível saber que os rituais e celebrações que ocorriam nos *fana* faziam parte da religiosidade oficial da colônia, o templo e as atividades que nele aconteciam não eram considerados estrangeiros. Todavia, o próprio autor não sabe se é possível afirmar que em outros lugares, como Trèves, o culto no santuário de Altbachtal era público, afinal, não é porque o santuário é bem atestado e monumental que ele é público. A outra possibilidade é que seja um culto comunitário controlado por um colégio, um *uicus*, ou uma família de notáveis. Além da “constituição”, os notáveis também tinham liberdade para organizar o culto público. Quanto ao santuário de Altbachtal, Sheid (1991: 48) considera que mesmo não se sabendo do seu status, por estar dentro do muro urbano o santuário devia estar localizado sob a autoridade da colônia. Percebe-se que, para ele, o fato de estar dentro do muro pode ser um indicativo do status do santuário, ele faria parte dos cultos públicos da cidade. É preciso lembrar que neste caso os muros foram considerados em uma data posterior ao santuário, a noção de fora e dentro da cidade não tem essa delimitação física, assim não é possível ter certeza do status do santuário.

Durante a análise das plantas baixas dos assentamentos urbanos percebeu-se que a posição dos *fana* com relação à planta ortogonal e a outros prédios depende da configuração espacial e arquitetônica desse espaço. Nossa hipótese era de que os *fana* em espaço de urbanismo romano tenderiam a se encontrar afastados do centro urbano, embora associados a edifícios de padrão romano, com associações religiosas, como os teatros e termas. Também tentamos levar em conta que em Roma a posição de um templo também depende do deus ao qual o templo é dedicado. Uma das características da religião romana é

o sedentarismo de seus deuses que têm um espaço consagrado exclusivamente para eles. Assim, templos dedicados a Marte e Vulcano ficariam fora do centro urbano, o primeiro por estar associado ao militarismo (VERNANT 1979:50). Ainda, segundo Vitrúvio, os templos dos deuses tutelares e de Júpiter, Juno e Minerva deveriam ficar nos lugares mais elevados, Mercúrio, Isis e Serapis teriam templos próximos de mercados, Apolo e Baco nas imediações dos teatros e Vênus perto das portas (CHEVALLIER 1973:5). Scheid (1991:52) quando analisa o santuário de Altbachtal, em Trèves, acredita que essa tradição romana se enquadraria no santuário, Mercúrio, conhecido por ser o deus das passagens, seria cultuado nas capelas perto das duas entradas, fora do santuário; o famoso templo de Lenus Marte era suburbano, segundo ele, na Gália todas as dedicatórias a Marte foram encontrados na periferia.

Contudo, situações como essa não são constantes, mesmo que se estabelecesse um quadro geral com os nomes dos deuses e – quando há a informação arqueológica, epigráfica ou mesmo literária – é muito difícil estabelecer a quem era o culto em determinado *fanum* galo-romano. As estátuas encontradas geralmente estão fragmentadas e, não raro, correspondem a mais de um deus, os objetos votivos, anéis, moedas, cerâmica não parecem fornecer uma pista conclusiva sobre a dedicatória, há também a oferenda de figurações de animais de bronze ou cerâmica, geralmente se remetendo a animais, esses podem carregar um aspecto ctônico associável a vários deuses, o mais conhecido Mercúrio. Os ex-votos anatômicos oferecem melhores indícios, já que a cura está associada a um grupo menor de deuses, como Apolo e Sirona. A epigrafia constitui uma fonte mais clara por mencionar o nome do deus a quem é realizado o ex-voto, contudo, não há garantia de que o culto fosse dedicado apenas a ele. A questão do culto aos deuses e uma tentativa de identificação das divindades cultuadas nesses templos não é mesmo posta na obra de Faduet (1993b) “Les temples de tradition celtique em Gaule romaine”, que pretende ser a obra de referência sobre esses templos. Longe de culpabilizar a autora por essa “falta de atenção” é preciso lembrar as dificuldades já mencionadas na correlação de um deus e um templo galo-romano. Conhecem-se regionalmente locais de maior influência de um deus, isso graças à quantidade de vestígios materiais e epigrafia dedicados a ele em uma quantidade de sítios. Esses mapas apenas fornecem pistas de a qual deus um templo poderia ser dedicado, mas não são conclusivos.

Um repertório de deuses gauleses foi escrito em 2001 por Nicole Jufer e Thierry Loginbühl, o objetivo da obra é conhecer o nome de todos os nomes de “divindades celtas” conhecidos pela epigrafia, textos antigos e toponímia. Desta maneira, os autores estabelecem uma lista tendo como critério as “tribos” conhecidas a partir do texto de César a *Guerra Gálica* e outras fontes. Apesar de pretenderem encontrar os deuses gauleses, os



(Da esquerda para a direita) Figura 16: Distribuição espacial dos epítetos de Mercúrio; Figura 17: Distribuição espacial dos epítetos de Apolo; Figura 18: Distribuição espacial dos epítetos de Marte; Figura 19: Distribuição espacial dos epítetos de Júpiter. (JUFER & LUGINBÜHL 2001: 93, 96, 103 e, 107).

vestígios aos quais têm acesso são de época galo-romana e muitos deles são epítetos de deuses romanos. Igualmente, esses vestígios que eles consultam não determinam o culto nos *fana*. São extremamente significativos os mapas que eles apresentam com a repartição dos epítetos que remetem a quatro dos cinco deuses mencionados por César: Mercúrio, Marte, Apolo e Júpiter. Neles é possível perceber uma clara diferença regional, mas, como já dito, não conclusiva sobre a dedicatória dos templos (figura 16-19).

De alguns poucos templos foi possível encontrar um deus a quem o templo parece ter sido dedicado, esse é o caso do templo de *Allonnes*. A importância de Marte perto de Mercúrio na Gália Romana parece ter sido menor, contudo, Marte foi associado a um número muito maior de epítetos gauleses, enquanto o culto a Mercúrio parece mais estabilizado. Marte foi associado a divindades guerreiras gaulesas e durante o período dos Flávios passou por uma pacificação. Em 2003 foi realizado um colóquio internacional sobre os santuários de Marte no Ocidente “Autour d’Allonnes (Sarthe), les sanctuaires de Mars em Occident”, publicado em 2006 (BROUQUIER-REDDÉ; BERTRAND; CHARDENOUX; GRUEL *et alii* 2006), os atos do colóquio são divididos nos seguintes itens: As figuras de Marte no Ocidente; Lugares de culto: tipologias e identidades; Problemática; Métodos e Abordagens e Conclusão. Dentre esses, no primeiro capítulo do segundo item “*variations autour d’un plan type de sanctuaire*”, as autoras, Broouquier-Reddé e Gruel, tentam estabelecer a tipologia de templos com *cella* circular na Gália romana a partir do templo de Allonnes e explicitam a dificuldade em ter certeza da dedicatória de Marte de templos na Gália romana²⁵.

Uma outra possibilidade de explicação para a existência de templos no espaço urbano, mas afastados do seu centro político, estaria na construção das primeiras colônias, descrita por Zanker (2000:30). Segundo ele, seria um costume do fim da República construir edifícios públicos nas cidades no centro da Itália, em sua maioria esses edifícios eram santuários orientados para “fora”, para a estrada, ou em um terreno plano. Sua

²⁵ “Le sanctuaire de la Tour aux Fées d’Allonnes est l’un des rares sanctuaires de Mars dont les vestiges archéologiques sont identifiés et étudiés en Gaule. Mars *Mullo* et l’empereur y sont honorés. Ce dieu est vénéré au sanctuaire des Provençères à Athée, mais il s’agit là d’une fouille ancienne et inachevée. Le sanctuaire de ce dieu n’a pas été localisé à Rennes. Celui de Corseul pourrait être dédié d’après le toponyme *Fanum Martis*, à Mar et le sanctuaire de Cigognier d’Avanches à Mars Caturix. Quelques rares indices plaident en faveur d’une dédicace au dieu Mars, à Barza et éventuellement à Jublains (graffite). Une divinité poliade, la Tutèle, est honorée à la Tour de Vésone à Périgueux. La carte du culte de Mars *Mullo* est plus restreinte [...] que celle des temples à *cella*-tour” (BROUQUIER-REDDÉ; BERTRAND; CHARDENOUX; GRUEL *et alii* 2006:150).

arquitetura grandiosa tem como objetivo produzir o máximo de efeito sobre os passantes, que poderiam ver esses complexos de longe. A arquitetura dos *fana* não tem a mesma grandiosidade de um templo romano com suas colunas sobre um *podium* e é difícil imaginar que os romanos quisessem que o primeiro edifício a ser visualizado na chegada dos passantes fosse um templo que não era o mais representativo do modo de vida romano. Contudo, esse dado permite demonstrar a intencionalidade na escolha de um local para a construção de um edifício e o uso intencional dos limites da *urbes*.

Zanker (2000:37) acredita que a estrutura fixa da cidade romana seria um produto do meio da República, os primeiros lugares onde teria sido testada seriam as colônias de cidadãos e, embora tenha havido mudanças na sua estruturação e modificação da relevância de alguns edifícios, será esse o modelo que servirá de padrão para as fundações posteriores. Esse modelo visava estabelecer uma Roma, talvez até mais perfeita que a própria, na medida em que essa nova fundação podia ser organizada. Nessa fundação tudo é relevante, o local de sua instalação, o estabelecimento do plano ortogonal, a topografia e a construção de edifícios essenciais para a vida romana. Ao longo do tempo o grau de importância de alguns edifícios foi modificado e outros que não existiam antes ou tinham menor relevância passam a ter um papel fundamental no espaço urbano. No caso das fundações urbanas republicanas que tinham uma estrutura urbana rígida, a solução foi edificar esses monumentos fora do centro da cidade. Os *fana* não se encaixariam nessa condição, pois foram construídos em geral ao redor do século I d.C., concomitantemente à fundação dos espaços urbanos, além disso nem sempre o grau de desenvolvimento urbano nos assentamentos urbanos da Gália romana era tão denso a ponto de impossibilitar sua construção no centro. Contudo, é preciso levar em conta que as *urbes* desenvolvidas no fim da República e começo do Império criaram precedentes, se não modelos, de estruturas urbanas que poderiam ser seguidos, instituindo edifícios fora do centro, mesmo que houvesse espaço para sua edificação no espaço urbano.

3.4 A relação entre os *fana* e os edifícios urbanos de tradição romana

Faduet (1993a) estabelece dois critérios para definir se dois edifícios formam um conjunto cultural: a) distância; b) data de construção. Contudo, o ângulo e a posição de entrada desses

edifícios também são informações relevantes. Nos parágrafos abaixo objetivamos fornecer uma pequena síntese das informações sobre a relação entre *fana* e edifícios encontrados nos espaços urbanos galo-romano, segundo a bibliografia.

A planta ortogonal

A existência de uma planta ortogonal mostra o planejamento da modificação da paisagem existente em uma paisagem urbana que possibilitasse uma existência segundo alguns parâmetros romanos. Em muitos dos casos observados, essa planta precedia a construção dos edifícios e era previsto um projeto para o futuro. Na medida em que as ruas não eram todas ocupadas, a construção de edifícios não ficava restrita a um centro, o desenvolvimento urbano era espelhado e “buracos” deixados para futuras edificações, como em *Iuliomagus*. Tão importante quanto, a planta ortogonal oferece sentidos angulares que terão que ser seguidos pelas edificações a serem construídas, tanto que esse é um dos mais importantes indícios, pelos arqueólogos e arquitetos, para se saber se um edifício foi construído antes ou depois. Bedon (2001) menciona sempre que possível esse dado em seu “Atlas des Villes, bourgs, villages de France au passé romain”.

A planta ortogonal estabelece um planejamento do espaço que foi e será construído. Todavia, a realidade histórica do desenvolvimento urbano é outra. A ordenação do espaço depende desse planejamento, mas também é resultado de um processo de evolução histórica anônima e de longa duração (ZANKER 2000:25). Em um espaço urbano planejado, mudanças e reformulações foram realizadas ao longo dos séculos de domínio romano. Por exemplo, em uma cidade fundada em torno do período augusteano, como muitas das aqui analisadas, a construção de um muro é posterior. O muro tem uma função simbólica muito importante, mas também no aspecto da cidade, ele vai instituir o que está dentro e fora do espaço urbano.

Uma questão já ressaltada entre as notas ao catálogo é a da ausência de certeza sobre a extensão dos planos ortogonais e a tentativa hipotética de reconstruir seus traços através de um número reduzido de dados sobre as vias encontrados em escavações. Um problema tão sério quanto é o conhecimento que se tem do seu planejamento e edificação. Sabe-se que a maior parte das cidades fundadas pelos romanos na Gália foram dotadas de um programa que comportava, entre outras coisas, uma rede regular de vias, embora, haja

casos conhecidos de plantas irregulares, como Limoges, Rouen e Amiens, embora não sejam a maioria. Com certeza quarenta e sete cidades se beneficiaram de um programa de planificação elaborado pelas autoridades coloniais (PINON 1985:188). Esse número de cidades não é desprezível, mas demonstra que em muitos casos, foi a própria população a responsável por estabelecer os padrões urbanos romanos na Gália.

O Teatro

A relação entre os templos e os teatros parece inegável. É necessário ressaltar que o estudo dos teatros na Gália é particularmente complexo, pois em boa parte os teatros, à diferença da Itália, estão fora das *ciuitates*, além disso, há indícios de que seu uso fosse diferente do italiano: há evidências de que muitas vezes os teatros teriam o mesmo uso dos anfiteatros, ou seja, aconteceriam jogos de gladiadores e representações no mesmo espaço físico. Um exemplo interessante dessa situação é o teatro de Drevant situado no Centro da França (Cher), que tem nas suas imediações um templo. Sua forma não parece ter precedentes conhecidos e se encontra entre a do teatro e a do anfiteatro. Na parede à direita da orquestra, foram encontrados cômodos, dentre os quais, um continha peças de vestuário de gladiadores.

A associação entre templos e teatros é comum tanto em Roma, nas cidades Italianas e nas províncias. Em 1959, Hanson escreveu um livro intitulado *Roman theater-temples*. Na Gália existiam tanto templos de tradição galo-romana associados aos teatros, como templos “romanos”, como em Orange e em Vienne, onde ficavam em um santuário provavelmente dedicado a Apolo, protetor de Augusto. Essa associação não constitui, portanto, nenhuma novidade. Por falta de documentação, ainda não se tem certeza de quais eram as representações apresentadas nesses teatros.

Acontece também de o teatro, as termas e os *fana* estarem reunidos em um espaço religioso como em Ribemont-sur-Ancre, Vendevre-du-Poitou, Champlieu, Vieil-Evreux e Sanxay. Fauduet (1993b:32) e Genainville, Naintré e Clion (FADUET 1993a) acreditam que essa junção seria típica do centro-oeste da Gália, embora admitam a dificuldade de saber se há um programa de construção única e mesmo se e há realmente uma relação

direta. Uma pergunta não proposta por Fauduet, mas igualmente importante seria a natureza dessa tripla associação.

Do total dos mais de 600 templos de tradição indígena analisados por Fauduet (1993b:35), foi extraída pela autora a seguinte tabela de associação:

	Teatro	Termas	Teatro/termas
Quantidade de sítios	37	25	26

O Fórum

A existência de um fórum em um espaço urbano devia ter no período uma grande importância dentre as edificações de um espaço urbano, a começar por seu posicionamento, geralmente entre o *cardo* e o *decumano*, que também indicava uma relevância política local. Constituído basicamente de um templo de tradição romana rodeado por um pórtico, com uma entrada monumental e ao redor do qual se agrupavam os edifícios públicos, o fórum é uma das principais construções dos assentamentos urbanos e, nem sempre existente, por estar vinculado ao poder administrativo romano. Os templos contidos nesses espaços podiam ser dedicados à tríade capitolina, mas também a Roma, ao Imperador e membros da sua família, como por exemplo o templo de Viene, conhecido como templo de Augusto e Lúvia, enquanto a “Maison Carré”, em Nimês era dedicada aos netos de Augusto. Bedon (1999: 316) afirma que as “cidades” que teriam o maior número de evidências arqueológicas, como altares, textos comemorativos, inscrições epigráficas e monumentos e grupos de estátuas, seriam *Agedincum*, Sens; *Durocortorum*, Reims; e *Augusta Treuerorum*, Trêves. Segundo o autor, nesses locais a lealdade ao Império parece ter sido mais acentuada.

O fórum é um dos únicos edifícios de composição determinada dentro do modelo urbano reproduzido na Gália, assim, até o séc. XIX acreditava-se que todos os novos espaços urbanos, sobretudo os instituídos por Augusto e Agripa, deveriam ter um fórum (PRVOST 2007:144), por essa razão, a reconstituição do planta de vias foi um dos grandes temas da arqueologia até o séc. XX, contudo, em boa parte dos espaços urbanos não foi possível encontrar evidências destas.

Provost acredita que existem casos nos quais o fórum é construído em um lugar de culto pré-romano (PROVOST 2007:147), neste caso o culto imperial recuperaria os poderes das divindades ancestrais. Seus principais exemplos seriam Nimês e Alba, a última lhe é particularmente relevante, pois, um santuário gaulês foi transformado em um local de culto imperial no período de Augusto e na época de Claudio teria sido destruído para dar lugar a um *fanum*. Essa hipótese que será verificada mais adiante, parece não se comprovar entre os espaços urbanos analisados.

O culto capitolino, como existia em Roma, dedicado a Jupiter, Juno e Minerva não teve uma grande expansão na Gália, são conhecidos apenas 20 locais onde este teria existido (PICARD 1993:376). Quando ocorre a edificação de um templo dedicado a esses deuses, sem dúvida, é uma manifestação de lealdade, endereçada a Roma no que ela tem de mais sagrado e mais tradicional. Esse tipo de templo, surgido da tradição itálico-etrusca, até o séc. I d.C. só podia ser erguido em assentamentos urbanos que tivessem o título de colônia (MIERSE 1999:7). Depois de Trajano, a tríade Capitolina é expressamente invocada como protetora das armas romanas. Picard (1993) acredita que um dos supostos templos de Gué-de-Sciaux, assentamento urbano que se encontra também repertoriado no *corpus* documental, na verdade, seria um Capitólio em miniatura o que incorreria em uma manifestação de a Roma. Essa necessidade de mostrar lealdade a Roma deveria acontecer especialmente nos locais mais susceptíveis a ataques e desordens e, assim, dependentes da proteção de Roma.

Zanker (2000:35) acredita que em um primeiro momento o fórum, em seu conjunto, Capitólio e praça aberta, fosse a construção mais importante do novo assentamento urbano, na medida em que esse espaço se torna mais restrito em termos políticos, a importância desse complexo decaiu e outras construções podiam rivalizar com ele ao invés de estarem simplesmente subordinadas.

As Termas

Não se pode dizer que as termas teriam uma importância vital na edificação de um espaço urbano, os principais acontecimentos políticos e religiosos da vida urbana não eram realizados nesses locais, esses edifícios também não têm a relevância da Basílica, onde a

população se reunia para tomar decisões e realizar negócios diversos, contudo, as termas são dos edifícios mais construídos na Gália, ainda que seu custo fosse dispendioso, sua técnica de construção exigisse uma engenharia precisa e elas dependessem do abastecimento de água, que às vezes tinha que ser feito por canais e aquedutos. Mesmo em alguns assentamentos secundários, onde não havia fórum, nem tampouco basílica é possível encontrar termas.

Em um aspecto as termas são fundamentais a essas novas fundações: elas fornecem o equipamento necessário para o modo de vida romano. Talvez, nenhum edifício seja mais representativo do desejo de se inscrever na romanidade do que as termas, os banhos não eram uma necessidade, mais um dos prazeres que a vida romana podia oferecer.

Dentre as plantas de espaços urbanos analisados percebe-se uma certa quantidade de assentamentos secundários onde os *fana* estão relacionados com as termas. As termas não tinham precedentes no mundo gaulês anterior à conquista e são dos edifícios de maior marca do desenvolvimento de um modo de vida romana, assim, são indicativo do reconhecimento da população local de parâmetros culturais mediterrâneos e da vontade de importar, ao menos, uma parte deste modo de vida. A religião galo-romana tem relações estreitas com a água e essa pode ser uma das maiores razões para a edificação dessas estruturas nas proximidades uma da outra.

Outra característica das termas é a falta de um espaço físico definido dentro da planta ortogonal, tampouco, uma relação espacial específica com o centro político e religioso. Assentamentos urbanos de grande porte escavados no território da Gália romana, como Vaison-la-romaine e Saint-Romain-em-Gal mostram a existência de mais de uma terma em grandes assentamentos urbanos, cada grupo de habitações, quase “bairros” tinham uma terma própria, sendo possível que houvesse uma maior que deveria servir a toda população urbana e outras menores servindo a um conjunto de habitações. Em algumas das habitações mais abastadas também havia, quando possível, um cômodo pequeno dedicado aos banhos.

O Anfiteatro

Em termos simbólicos o anfiteatro era um dos principais edifícios dos assentamentos urbanos, pela sua magnitude e dispêndio que sua construção demandava. Os anfiteatros costumavam abrigar um número maior de pessoas do que havia no assentamento urbano onde estava inserido. Logo, em um espetáculo, evento extremamente custoso para quem oferecia, deveriam assistir também à população rural e vizinha. A organização interna do espaço do anfiteatro, com lugares fixos para pessoas com cargos, funções e posições específicos, acabava por deixar à vista de maneira proposital a estrutura social local. Desta maneira, a sociedade romana local era ostentada.

Tanto os teatros quanto os anfiteatros podem estar inseridos na planta ortogonal ou adjacentes ao espaço urbano. Embora o teatro seja mais comum que o anfiteatro e graças ao seu grande porte não esteja dentro do plano ortogonal, esse afastamento talvez até facilitasse a entrada da população não pertencente ao espaço urbano local. O teatro, o anfiteatro e as termas constituíam facilidades do modo de vida romana, garantindo entretenimento à população, mas mais do que isso criavam um calendário de atividades e festividades sobre o qual a vida cotidiana girava.

Dentre as plantas de espaços urbanos repertoriadas foram encontrados dezessete anfiteatros, desses, cinco estão próximos de *fana*, um número próximo do contabilizado por Fauduet (1993a). A autora acredita que em toda Gália apenas em oito sítios há um santuário próximo a um anfiteatro, sendo que em nenhum caso fora da zona de habitat. O número pequeno de anfiteatros associados pode ser mesmo explicado por um número menor desses edifícios em comparação com teatros e termas.

A Basílica

Nos casos estudados a relação mais forte de um *fanum* com um outro edifício público de tradição arquitetônica romana é com os teatros, menos numerosos; mas também importantes são os casos em que os *fana* estão associados às termas, dentre as plantas repertoriadas temos treze basílicas dentre os quarenta e quatro espaços urbanos, sendo que apenas duas basílicas estão associadas a *fana*.

Essa pequena incidência pode ser explicada pelas próprias características do edifício. A basílica era um dos monumentos mais importantes da cidade, sua estrutura

permitia que seu interior comportasse múltiplas funções. Trata-se de um espaço público fechado e coberto, onde aconteciam negócios, transações legais, veneração à família imperial. Arquiteticamente sua relevância é perceptível pela posição que ocupava na planta ortogonal, funcionando quase como um contrapeso para o templo, graças a seu tamanho e localização (ZANKER 2000:36). Um assentamento urbano ter a presença de um fórum e uma basílica mostra sua autonomia urbana, além da sua fidelidade e subserviência a Roma e aos seus deuses.

As estradas

As estradas têm como principal função facilitar o acesso a locais de constante trânsito, elas também criam um caminho fixo e estático, seguido por aqueles que precisam acessar locais diversos. Essas vias, como foi visto, também organizam espaços urbanos, inseridos nelas, passando pelo cruzamento entre o *cardo* e o *decumano*, o que tornaria o acesso ao centro político do assentamento urbano obrigatório, mas, mais do que isso, a malha de estradas possibilitaria que mesmo locais longínquos estivessem ligados a Roma (ZANKER 2000:29). Nas estradas ainda era possível encontrar marcos de distância, dando aos habitantes uma idéia da vasta extensão territorial controlada pelos romanos.

A relação entre os *fana* e as vias parece ser estreitíssima, dentre os casos estudados por Faduet (1993 *a* e *b*) duzentos e sessenta e sete templos de tradição celta estavam próximos de vias, sendo que, dois terços são santuários próximos de assentamentos, ou associados a um grupo de habitações. No caso dos *fana* aqui estudados, as estradas de alguma maneira estão próximas aos templos, na medida em que os espaços urbanos estão inseridos nas vias, uma proximidade efetiva, nem sempre é certa. Uma associação entre *fana* e vias pode ser entendida, já que templos e santuários são lugares de peregrinação, um fácil acesso a eles é necessário para garantir a manutenção do culto.

Os rios

Alguns dos espaços urbanos se encontram nas imediações de um rio, ou este está incrustado nas margens de assentamento ou *ciuitas*; a cidade galo-romana de Lyon foi

essencialmente construída nas margens do Saona. Na porção de terra entre o Reno e o Saona foi edificado o anfiteatro, provavelmente um santuário, há tumbas e evidências de mosaicos e ânforas, que parecem indicar uma atividade comercial, nas margens do Reno há apenas tumbas. Não longe dali, em Vienne, o Reno passa pelo meio da *Colonia Iulia Vienna/Uiennensium*, os principais edifícios ficavam na margem leste do rio, na oeste foi descoberto em torno de 1967 um bairro com entrepostos e grandes habitações, o trabalho arqueológico sistemático se iniciou em 1981 e hoje o bairro de Saint-Romain-em-Gal é um sítio aberto a visitação, onde é possível ter uma dimensão do tamanho dos entrepostos ali localizados e da riqueza gerada pelo comércio marítimo.

Sem dúvida, existe uma relação religiosa entre os celtas e a água, dentre as *ciuitates* galo-romanas a que melhor fornece indícios dessa ligação é Nimês. Antes de os romanos chegarem havia um santuário em torno de uma fonte dedicado ao deus *Nemausus*, de onde o nome da *ciuitas* deve ter vindo. Já na primeira metade do séc. I a.C., Nimês pertencia à Gália Narbonesa, o sítio foi monumentalizado, no seu interior foram construídos edifícios relativos à religião romana e seu espaço foi ampliado.

Contudo, o desenvolvimento desses espaços urbanos na Gália, próximos de rios, se devem também a um comércio relevante, para o qual os rios eram vias importantes. Assim, não é de se estranhar que haja *fana* nesses espaços urbanos próximos dos rios, embora não pareça haver necessariamente uma relação entre o templo e o rio. Dentre os casos estudados, há dezesseis espaços urbanos que têm rios em suas proximidades, estes são Trèves, onde o rio está fora dos muros da colônia, Antigny, onde o córrego efetivamente está perto dos templos, Augst, onde o rio e um confluente parecem cercar dois lados da colônia, Avenches, onde há um canal navegável próximo do santuário galo-romano de Em-Chaplix; Besaçon, que é rodeada pelo Doubs; Bordeaux tem a leste o Garonne; Cahors, rodeada pelo Lot; Mandeure, também rodeada pelo Doubs; Meaux, onde o Brasset contorna todo assentamento; Perigueux também tinha um córrego que contornava parte do assentamento; Saint Marcel, onde o Creuse passava próximo; Saintes, próxima do Charente; Sanxay, que tem um rio separando teatro e habitação do resto do assentamento; Sens, tendo o Yonne a oeste; Vidy, às bordas do “*Lac Léman*” e; Windish, próxima do Reuss.

Os rios eram um meio de transporte muito utilizado desde o período gaulês, mas em alguns casos o espaço urbano parece ter sido construído em um local rodeado por um rio, assim, dando a impressão de que esses rios delimitam o espaço, como em August, Besançon, Cahors, Mandeure, Meaux, Perigueux, Sanxay. A idéia de que esses serviriam como delimitação pode estar reforçada pela não existência de muros na maioria desses espaços urbanos, apenas August, Avenches, Besançon, Cahors (provavelmente), Trèves e Windish foram muralhadas. Ainda entre esses espaços urbanos apenas em Antigny, August, Besançon, Mandeure Sanxay o rio separa edifícios e zonas e só em Meaux, Mandeure e Sanxay templos ficam separados.

As Necrópoles

Um estudo conciso sobre a possibilidade de relações entre os *fana* e as necrópoles ainda está para ser realizado. Segundo Faduet (1993a), alguns templos se aproximam de necrópoles, com as quais as relações não são sempre diretas. Contudo, nos casos estudados a possibilidade de uma proximidade entre os templos e as necrópoles se dá pela sua condição externa ao centro do assentamento urbano. A religião galo-romana também apresenta aspectos ctônicos e é difícil imaginar que não existisse uma relação entre a religião e o mundo dos mortos, mesmo que noções cristãs de céu e inferno não existissem.

A ligação entre o “mundo dos mortos” e os templos parece ser mais clara com relação aos templos gauleses, datados de antes da ocupação romana. Em uma obra a respeito de Argentomagus, “Argentomagus, du site gaulois à la ville gallo-romaine” (Argentomagus, do sítio gaulês à cidade galo-romana) Gerard Coulon (1996) indica a existência de fornos ou áreas de cremação do séc. I ao séc. III d.C., esta será posteriormente recoberta por um pórtico. O autor também indica a existência de fossas antes da época de Nero, contemporâneas à construção com pedras dos templos 1 e 2. A importância do templo foi tamanha que o espaço urbano teria se desenvolvido a partir dele, o mesmo conjunto cultural abrigará além das divindades galo-romanas, deuses orientais. Se houve realmente uma continuidade ela seria extremamente relevante, pois o sítio de Argentomagus apresenta indícios de culto imperial e mesmo de um colegiado que organizaria o culto. Argentomagus contaria ainda com quatro necrópoles, uma quantidade

expressiva. Quanto a relação entre o “mundo dos mortos” e o espaço religioso, deve-se ressaltar que muitas das estátuas e seus fragmentos encontradas nos templos gauleses e galo-romanos não podem ser identificadas com deuses. Há uma discussão sobre quem essas estátuas representariam. Uma das possibilidades apresentadas por Fernand Benoit (*apud* COULON 1996:135) seria de que essas figuras representariam mortos heroicizados; representando o defunto como um herói ele estaria em uma posição mais próxima das divindades, contudo, outros autores pensam que essas representações seriam de guerreiros, aristocratas ou membros da sociedade que tivessem feito alguma benfeitoria ao templo.

Assim, ao que tudo indica a relação das necrópoles com a “religião” galo-romana, estaria muito mais calcada em uma reminiscência da religiosidade gaulesa. O sítio de Ribemont-sur-Ancre, já mencionado forneceria evidências dessa relação, já que nele foram encontrados ossos humanos, sobre cujo significado de seu enterramento muito se especula. Em Lousonna-Vidy, um *fanum* foi construído em cima de uma sepultura datada do período de La Tène final, dentro do santuário.

A maneira de sepultar os mortos é um traço cultural que para os arqueólogos pode fornecer indícios diversos. Nas análises arqueológicas existe uma relação muito estreita entre a maneira de sepultar os mortos e as mudanças sociais e tecnológicas. Em se tratando do *fanum* de Vidy, os arqueólogos associaram a passagem do rito de exposição ao de incineração exatamente no mesmo momento em que há uma mudança arquitetural do santuário, como foi dito no parágrafo anterior, para este templo a origem funerária é claramente estabelecida, embora não haja nenhuma sepultura galo-romana nos arredores imediatos do santuário. As oferendas também passam por um processo comparável, até o fim do séc. I ou começo do séc. II d.C., as oferendas animais eram expostas, depois passam a ser queimadas.

Os Muros

Os muros são, segundo Zanker (2000), mais do que uma proteção um símbolo da cidade romana, estabelecendo o que está dentro e fora do espaço urbano. No caso dos sítios analisados a construção de uma estrutura como tal muitas vezes é tardia, em muitos casos data do séc. II d.C e no séc. III d.c., e em alguns exemplos esses muros incluem, com seu

traçado, *fana* antes longe do núcleo central da cidade, mais precisamente distantes dos *fora*. Sem dúvida, segundo os dados coletados na Gália, por mais que tivessem uma função simbólica também mantinham o seu caráter militar. Boa parte dos espaços urbanos selecionados para este *corpus* sofre destruições no séc. II d.C. e III d.C.

É importante ressaltar que a bibliografia francesa que fornece os dados sobre os sítios tende a “encaixar” essas destruições a eventos políticos bem conhecidos, como as invasões bárbaras e revoltas. É difícil avaliar se foram realmente assaltos externos a esses espaços urbanos que causaram tal destruição, já que incursões eventuais tendem a deixar poucos vestígios arqueológicos e poucos são os autores que realmente explicitam as fontes que legitimariam tais explicações. Por uma impossibilidade de investigação, tais “explicações” para as destruições foram reproduzidas no catálogo.

Nos espaços urbanos aqui vistos, os muros não surgiram logo em sua fundação, na maioria dos casos foram construídos por volta do séc. II d.C., assim, se deve considerar que até então os limites urbanos eram mais fluidos, mesmo se levamos em conta o enorme contraste entre esse novo tipo de organização e o espaço rural. A construção de um muro é uma edificação extremamente dispendiosa, tanto que em alguns locais efetivamente foram os romanos que os edificaram e não a elite gaulesa, esse ato era considerado uma atitude de generosidade. A questão sem resposta parece ser porque construir um muro nesse século em que existia a *pax romana*, a Gália não estava sendo atacada e mesmo os conflitos internos parecem apaziguados.

Os *Fana*

Não pode deixar de ser salientado que os conjuntos culturais com um ou mais *fana* poderiam conviver com outros conjuntos culturais como esses em geral estando um dos santuários no centro do assentamento, é o caso de Pithiviers-le-Vieil, Saint-Cybardeaux, Altbachtal (Trèves), Antigny, August, Beauce (Mérouville), Briou, Villexanton. Faduet (1993a) acredita que existem duas hipóteses: a) pertencem a um mesmo complexo religioso; b) se sucedem no tempo. O próprio Duval (1963) ressalta a existência ocasional de conjuntos de dois ou três *fana* com a mesma orientação, embora, não saiba o porquê. Ele imagina que seja uma característica da religião gaulesa, ou mesmo galo-romana. Contudo,

essa questão permanece em aberto e requer mais estudos. Mais rara é a conjunção de um templo de tradição romana com um espaço cultural galo-romano, como em Cigognier (Avanches), Saintes, Autun, Vienne, Châteaubleau.

3.5 Analise dos dados

Com base nas informações, estabelecidas no *corpus* documental, sobre os assentamentos urbanos é possível estabelecer tabelas sobre a posição dos fana nos assentamentos urbanos, a primeira diz respeito aos *uici*, com a tentativa de estabelecer um padrão para os *uici* que continham *fana*, a seguir é possível encontrar uma tabela que indicaria o situação dos templos nas capitais de *ciuitates*.

	Alésia Bourgogne	Antigny Poitou- Charentes	Chassenon Poitou- Charentes	Mandeure Franche- Compte	Reze Pays de la Loire	Sanxay Poitou- Charentes	Talmon -Barzan Poitou- Charentes	Vertault Bourgogne
Fora dos muros								
Tem muros								X
Próximo do assentamento, mas afastado do seu centro público	X	X	?	X	?			?
Em posição central	X	X				X	?	
Há no <i>uicus</i> também templo(s) romano (incluindo o fórum)	X	X		X				X
Há mais de um <i>fanum</i>								
Próximo de termas		X	X			X	X	

termas									
Próximo de teatro					X				
Próximo de anfiteatro									
Próximo de fórum				?			X		
Próximo de basílica							X		
Próximo de necrópoles									
Nas imediações de vias		X			?				X
Mais de um espaço religioso galo-romano		X			X		X		
Antecedentes religiosos			X						

As fichas foram realizadas de acordo com os espaços urbanos sobre os quais já se foram discutidas as características dos *uici*. Sempre que não se tinha certeza de uma informação, esta não foi adicionada para evitar erros, assim como nas demais tabelas de *uici*, alguns são considerados como tal por Rorison, embora, nossas pesquisas revelem que existem dúvidas sobre seu status, que em boa parte dos casos podia ser um grande santuário e não um *uicus*. Nesses casos, as fichas com as informações relativas a esses espaços se encontram em anexo e não junto ao *corpus* documental.

Quanto à localização dos *fana*, nos *uici* é possível dizer que em metade dos casos o templo de tradição galo-romana está associado a termas, a um teatro, um anfiteatro ou fórum, edifícios que estão constantemente relacionados com a atividade religiosa galo-romana. Com relação aos foruns, sete *uici* entre dezesseite têm com certeza a presença de fórum e em dois casos há um *fanum* associado a um fórum, ao menos para os *uici*, assim é possível crer que quase metade desses *uici* tinham alguma forma política estruturada, ainda que não fossem *ciuitates*. Em quatro casos de *uici* que não continham fórum, o templo está em posição central, em nove *uici* os *fana* estão próximo do conjunto urbano, mas não em posição central junto com outros edifícios públicos. O fato de poucos *uici* terem os *fana* em

Séc. III d.C.								
Divindade	Taranis, no período gaulês. <i>Vcuëtis</i> e <i>Bergusia</i> no centro do assentamento. Apolo Moritasgus na periferia.	Mercurio (1) Apolo e Brito (12), todos em posição central.						

Cronologia	Bauducet	Iuliomagus Suíça	Izernore	Tours Mirande	Saint Marcel	Studen Suíça	Vidy Suíça	Vitudurum Suíça	Windish Suíça
Fundação do <i>uicus</i>	Séc. I d.C.		Séc. I a.C.	Havia um assentamento na época gaulesa. Fundação no séc. I d.C.	Havia um assentamento na época gaulesa. Plano ortogonal da época de Augusto	Havia um assentamento na época gaulesa.	Havia um assentamento na época gaulesa.	Antes de 69 d.C.	17 d.C.
Construção dos <i>fana</i> : Séc. I d.C.	Séc. I d.C.		Templo gaulês, reconstruído depois de 70 d.C.	Séc. I d.C.	Séc. I d.C.		Séc. I d.C. (origem funerária)		
Séc. II d.C.									
Séc. III d.C.									
Divindade			Marte e Mercúrio	Mercúrio	Mercúrio				

A partir dessas tabelas é possível dizer que dos dezzeste *uici*, oito foram construídos sobre assentamentos já ocupados, ou seja, de quase a metade desse número, de dois templos é possível ter certeza da sua continuidade, contudo, quatro templos no total tiveram suas origens em um período gaulês. Talvez seja a existência de um assentamento de período

gaulês a maior responsável pela fundação de um espaço urbano com características romanas e não os templos, embora não seja possível deixar de considerar que possa ter havido templos ainda não descobertos nesses assentamentos, anteriores ao período romano. Dentre os templos instaurados nos *uici* nenhum foi construído no séc. II ou III d.C., aparentemente, eles foram construídos junto com os primeiros edifícios de padrão arquitetônico romano, mesmo quando se tratava de uma reconstrução, demonstrando que em espaço urbano sua estrutura era bem disseminada e talvez fosse um dos edifícios considerados necessários à existência desses sítios. Quanto às divindades, como já foi dito, é muito difícil determinar com precisão a quem um templo galo-romano era dedicado, no caso dos deuses mencionados nessa tabela a atribuição é feita com base em inscrições e oferendas, todavia, é possível que haja múltiplas oferendas para deuses diferentes em um mesmo espaço. Das dez atribuições quatro são a Mercúrio, seus templos deveriam ficar em posições de passagem, embora não fora dos limites urbanos. Em Tour-Mirande e Antigny os templos ficam em posição central, em Iznore e Saint Marcel os templos ficam fora do centro urbano. Já Apolo foi reconhecido em dois templos, sendo que só em Alesia o templo fica próximo do teatro. Em Iznore, onde o templo também era dedicado a Marte, não é possível dizer que ele ficasse fora dos muros, porque o *uicus* não era muralhado, desta maneira é possível afirmar que, ao menos no que concerne aos *uici*, os poucos sítios cujo deus foi atribuído não obedecem ao posicionamento dos cânones romanos.

A tabela apresentada a seguir indica os dados referentes à relação dos *fana* dentro das colônias. Apesar de não constituírem um número extenso, as informações são relevantes por se tratar de uma estrutura urbana com o status mais elevado que era possível ser obtido, o que incluía uma série de vantagens políticas e uma aparelhagem arquitetural urbana mais extensiva.

	Alba (Ardèche)	August (Augst) (Suíça)	Autun (Bourgogne)	Avenches (Vaud - Suíça)	Besançon (Doubs)	Saint Bertrand (Haute- Garonne)	Sens (Yonne)	Trèves (Trier) (Alemanha)
Fora dos muros			X	X				X
Tem muros		X	X	X	X			X
Próximo do	X			X		X	X	X (SÉC.

assentamento, mas afastado do seu centro público								III)
Em posição central		X			X			
Há também um templo(s) romano (incluindo o fórum)	X	X	X	X	X	X	X	X
Há mais de um <i>fanum</i>	X	X	X	X				X
Próximo de termas								X
Próximo de teatro (ou arenas)			X	X	X			
Próximo de anfiteatro		X						X
Próximo de fórum		X			X			
Próximo de templo romano		X						X
Próximo de basílica								
Próximo de necrópoles				X				
Nas imediações de vias		X		X				
Mais de um espaço religioso galo-romano	X	X	X	X	X			
Antecedentes religiosos			X	X	?			

Pensando que as colônias têm um urbanismo romano mais estruturado é surpreendente perceber que entre oito colônias apenas em três os templos de tradição galo-romana estão fora dos muros. No caso das colônias o mais comum é que os *fana* próximos do núcleo urbano, é o que ocorre em cinco casos, em dois os templos estão em posição central. Ainda que seja um número pequeno, é relevante, pois se trata de colônias. Todas as colônias têm fóruns e seis têm outros edifícios além do fórum e do templo de tradição gaulesa. Também há uma profusão de templos, em cinco colônias há mais de um *fanum*, sendo que Trèves é conhecida pelo santuário de Altbachtal que tem dezoito *fana* próximos do que se pode considerar um quarteirão público, contudo, não consideramos esse santuário como estando próximo do fórum, já que há *insulae* entre eles. Há outros dois casos nos quais os *fana* estão próximos dos fóruns.

Nas colônias, diferentemente dos *uici*, os *fana* não estão próximo de outros edifícios públicos importantes, dos casos estudados um está próximo de termas, três de teatros, dois de anfiteatros, dois de outros templos romanos e nenhum está próximo de basílicas. A proximidade das vias de acesso à colônia também é restrita, na medida em que ocorre em apenas dois casos. Embora sete colônias tenham necrópoles, em apenas um caso ela esta próxima de um *fanum*: em Avenches, local que tem mais de um espaço religioso galo-romano e que teve uma ocupação religiosa antes da conquista romana. À exceção de Avenches, apenas em mais um local foram encontrados vestígios religiosos gauleses, ainda que sobre um haja dúvidas. Das oito colônias, cinco têm mais de um espaço religioso galo-romano, assim, seus habitantes aparentemente tinham uma possibilidade de diferentes interações religiosas. Sobre a questão da freqüentação não existem ainda estudos arqueológicos para saber quem participava de ritos nos diferentes tipos de templo, assim, não é possível saber se os freqüentadores de um *fanum* também o eram do fórum ou mesmo de templos a Mitra, como existe em Martigny, uma capital de *ciuitas*.

Abaixo apresentamos a tabela relativa à cronologia da fundação das colônias e a construção dos *fana*:

	Alba (Ardèche)	August (Augst) (Suíça)	Autun (Bourgogne)	Avenches (Vaud - Suíça)	Besançon (Doubs)	Saint Bertrand (Haute- Garonne)	Sens (Yonne)	Trèves (Trier) (Alemanha)
--	-------------------	------------------------------	----------------------	-------------------------------	---------------------	--	-----------------	---------------------------------

Fundação	O território já era ocupado desde a pré ou proto-história. Vestígios romanos de 20 a.C -30/40 d.C.	Entre 44 e 43 a.C. e refundada na época de Augusto	15 a.C., na Idade do Bronze e do Ferro havia necrópoles.	8 a.C., mas tinha uma ocupação religiosa anterior	Ocupação continua desde o período neolítico. O assentamento surge em II a.C. Na época de Augusto começa a ganhar edifícios urbanos	72 a.C., mas antes da presença romana havia um <i>oppidum</i>	Havia um <i>oppidum</i> nas proximidades. A fundação é augusteana	Provavelmente no período dos Flávios.
Construção dos <i>fana</i> :			X	X	X		?	
Séc. I d.C.							?	X
Séc. III d.C.								
Divindade	Sucellus		No período gaulês <i>Anuallus</i>		Marte Vesontio e Vesontio			Apolo, <i>Ancamna</i> e <i>Xulsigiae</i>

Como é visto nessa e em outras tabelas nem sempre é possível saber a data de construção dos *fana*; a atribuição das divindades também é difícil e hipotética, contudo, os dados fornecidos por essa tabela indicam que no caso das colônias o território já era ocupado antes da conquista romana em seis casos, fosse essa ocupação religiosa ou não. Dos quatro *fana* que se tem certeza da sua datação, três são do séc. I d.C. e um do séc. II d.C., em um caso há dúvidas se seria entre o séc. I ou séc. II d.C. Precisamente são os templos datados do séc. I d.C. que estão nos locais onde existem registros arqueológicos de antecedentes religiosos, é possível nesses casos supor uma continuidade de culto. As divindades atribuídas em três casos para o período galo-romano mostram a continuidade de culto a alguns desuses gauleses e a associação desses com deuses romanos. Um caso particularmente interessante é o de Besançon, com dois *fana* em locais diferentes, um mais

próximo do fórum teria sido dedicado a Marte Vesontio, segundo uma inscrição, e outro mais afastado da concentração de edifícios públicos a Vesontio.

As próximas tabelas permitem fazer o mesmo tipo de comparação com relação às doze capitais de *ciuitates* analisadas:

	Amiens (Somme)	Bordeaux (Gironde)	Cahors (Lot)	Corseul (Côtes- d'Armor)	Jublains (Mayenne)	Martigny (Suíça)
Fora dos muros						
Tem muros	X (TARDIO)		?			
Próximo do assentamento, mas afastado do seu centro público	X	X	X	X	X	X
Em posição central						
Há também templo(s) romano (incluindo o fórum)	X	X		X		X
Há mais de um <i>fanum</i>						X
Próximo de termas	X					X
Próximo de teatro (ou arenas)						
Próximo de anfiteatro						
Próximo de fórum						
Próximo de basílica						
Próximo de necrópoles		X	X		?	
Nas	X		X	X	X	X

imediações de vias						
Mais de um espaço religioso galo-romano			?			
Antecedentes religiosos				X	X	X

	Meaux (Seine-et-Marne)	Perigueux (Dordogne)	Saintes (Charente-Maritime)	Tongres (Tongeren) (Bélgica)	Tours (Indre-et-Loire)	Vieux (Calvados)
Fora dos muros						
Tem muros				X		
Próximo do assentamento, mas afastado do seu centro público	X		X			
Em posição central		X		X	X	X
Há também templo(s) romano (incluindo o fórum)			X	X		
Há mais de um <i>fanum</i>	X					
Próximo de termas						
Próximo de teatro (ou arenas)						
Próximo de anfiteatro		X				
Próximo de fórum		X				
Próximo de basílica						
Próximo de	X					

necrópoles						
Próximo de ateliês / lojas						X
Nas imediações de vias						X
Mais de um espaço religioso galo-romano				X		
Antecedentes religiosos	X					

Entre as capitais de *ciuitates* poucas têm muros, é possível contabilizar três, sendo que num caso a data é bastante tardia, quase no séc. IV e em outro há dúvidas da sua existência, assim sendo, as capitais de *ciuitates* entre o séc. I a III d.C. podem apenas ter *fana* no centro do espaço urbano (oito casos), ou próximo desse, mas afastados do núcleo central (quatro casos), essa situação parece ser a mais freqüente também entre as colônias e os *uici*, embora não seja absoluta. Em apenas um caso o templo galo-romano está próximo do fórum, isso considerando que na metade dos casos o espaço urbano conta também com um fórum ou um templo romano.

Se entre as colônias o mais comum é que os *fana* estivessem próximos de termas, o mesmo não ocorre aqui entre as capitais de *ciuitates*, há apenas dois casos nos quais templos e termas estão nas imediações e apenas um de anfiteatro. Segundo os dados analisados os *fana* dentro das capitais de *ciuitates* estão mais próximos das vias (seis casos), assim, é possível pensar que seus freqüentadores não pertenciam todos ao espaço urbano no qual eles estavam inseridos. Assim como a desarticulação com termas e teatros – edifícios constantemente relacionados com os templos de tradição gaulesa – faz crer que nas capitais de *ciuitates* o desenvolvimento de complexos religiosos não é uma característica desses espaços urbanos, provavelmente só em dois casos há mais de um templo de tradição arquitetônica galo-romana no mesmo espaço religioso.

Igualmente, entre as doze capitais de *ciuitates* analisadas, apenas quatro estão relacionadas com necrópoles. Apesar do número reduzido, ele é significativo, pois é mais do que o número relacionado a termas, teatros e anfiteatro juntos. No caso de uma

associação com necrópoles é importante saber em quantos casos há antecedentes religiosos, já que no período gaulês há uma associação entre enterramentos e espaços religiosos. Entre as capitais de *ciuitates* aqui vistas, apenas em Meaux há ao mesmo tempo indícios de proximidade com uma necrópole e antecedência de culto confirmada para o sítio.

Abaixo é possível encontrar os dados relativos à fundação das capitais de *ciuitates*, a datação dos templos e os deuses cultuados, quando identificados:

	Amiens (Somme)	Bordeaux (Gironde)	Cahors (Lot)	Corseul (Côtes- d'Armor)	Jublains (Mayenne)	Martigny (Suíça)
Fundação	Séc. I a.C.	Assentamento do séc. III a.C., plano ortogonal da época de Augusto	Época de Augusto, embora, se acredite que havia um assentamento fortificado antes.	10 a.C. mas há vestígios de cerâmica e o local já era um cruzamento de rotas gaulesas. A urbanização começa sob Trajano.	A ocupação gaulesa data do séc. IV ou III a.C. Em 50 d.C. já estava integrada ao império	Assentamento gaulê ocupado por uma legião romana. O assentamento ganha seu nome latino em 47 d.C.
Construção dos <i>fana</i> : Séc. I d.C.		Entre 41 e 60 d.C.			Santuário da Idade do Ferro reconstruído	No séc. I d.C. se estruturou uma área sagrada que incorporou o templo gaulês.
Séc. II d.C.						
Séc. III d.C.						
Divindade			Mercúrio		Júpiter, Vênus, deusas- mães, e estátuas de divindades gaulesas “romanizadas”	Mercúrio associado com uma divindade gaulesa

	Meaux (Seine-et- Marne)	Perigueux (Dordogne)	Saintes (Charente- Maritime)	Tongres (Tongeren)	Tours (Indre-et- Loire)	Vieux (Calvados)
--	-------------------------------	-------------------------	------------------------------------	-----------------------	-------------------------------	---------------------

	Marne)		Maritime)	(Bélgica)	Loire)	
Fundação	I a.C., mas já havia um assentamento no local.	Período augusteano, mas havia dois <i>oppida</i> nas proximidades, o mais antigo datando da Idade do Bronze.	Entre 20 e 19 a.C., mas no séc. I a.C. já havia um assentamento gaulês.	Último decênio do séc. I a.C.	Entre 10 a.C e 10 d.C.	Augusto
Construção dos <i>fana</i> : Séc. I d.C.	O templo do séc. IV a.C. foi reconstruído no período romano	Fim do séc. I ou começo do séc. II d.C.	Começo do século	X	40 d.C.	
Séc. II d.C.		?				
Séc. III d.C.						
Divindade		<i>Telo e Stanna</i>				

Dentre as doze capitais de *ciuitates* apenas para quatro a bibliografia não fornece indícios de uma ocupação territorial anterior, entre esses seis que eram assentamentos gauleses, a ocupação de três parecem ter sido reaproveitada para a edificação de um espaço urbano de tradição romana, como Jublains e Martigny. As outras seis sem precedentes “nascem” no séc. I d.C. Em oito casos os *fana* foram construídos no séc. I d.C., sobre os demais não há dados, sendo que em três se tratou de reconstruções. Assim como entre as colônias, os deuses cultuados nos *fana* nas capitais de *ciuitates* eram gauleses, galo-romanos e romanos que poderiam ter sido associados com divindades gaulesas. Há também o caso de um Mercúrio associado a uma divindade feminina gaulesa, esse tipo de representação não é exclusivo de Martigny e foi encontrado em outras partes da Gália, como Reims, Metz, Chatenois, Lyon, Glanum e Nèris-les-Bains com Mercúrio e outra divindade feminina, embora, também houvesse representações de Marte (Mavilly, Alise-Sainte-Reine), Apolo (Mâlain, Champs-Marlots) e Júpiter (Orange). A imagem abaixo é uma reprodução de um Mercúrio com uma consorte feminina que deve seguir o mesmo

esquema de representação de Martigny. Os “Casamentos divinos” eles mesmos explicam a complexidade da associação religiosa ocorrida na Gália.



Mercúrio e Rosmerta
Encontrados em Metz
THEVENOT, Émilie. *Divinités et sanctuaires de la Gaule*. Paris: Librairie Arthème, 1968: 81.

As últimas tabelas são referentes aos assentamentos urbanos sem status definido pela bibliografia, mas que por suas dimensões e estruturas se aproximam de santuários:

	Anderlecht (Bélgica)	Bois l'Abbé (Eu) (Seine- Maritime)	Genainville (Val-d'Oise)	Le Vieil- Évreux (Eure)	Bouchauds (Saint- Cybardeaux) (Charente)	Le Vieux- Lisieux (Calvados)	La Terne (Charente)
Fora dos muros					X		
Tem muros					X		
Próximo do assentamento, mas afastado do seu centro público							
Em posição central	X	X	X	X		X	X

Há também templo(s) romano (incluindo o fórum)		X		X		X	
Há mais de um <i>fanum</i>		X		X			
Próximo de termas	X			X		X	
Próximo de teatro (ou arenas)	X	X	X	X	X		X
Próximo de anfiteatro							
Próximo de fórum		X		X		X	
Próximo de basílica							
Próximo de necrópoles							X
Próximo de ateliês / lojas	X						
Nas imediações de vias						X	
Mais de um espaço religioso galo-romano							
Antecedentes religiosos	X	X		X			

Nos assentamentos a situação dos *fana* diverge de sua posição nos assentamentos urbanos vistos acima, em seis dos sete casos os templos estão em posição central, só um caso no qual o templo está fora dos muros em Bouchauds. Ao contrário dos demais espaços urbanos, nesses assentamentos quase todos estão próximos de teatros, salvo em Le Vieux-Lisieux, em três casos estão próximos de termas, em três de fóruns, embora só em um esteja próximo de vias, em um de lojas e em um de necrópoles. Todos contam com um

único espaço religioso galo-romano, sendo que em dois há mais de um templo. Apesar de terem os *fana* em uma posição importante, só em três casos há antecedentes religiosos.

A seguir é possível avaliar as datas de fundação desses espaços e dos templos:

	Anderlecht (Bélgica)	Bois l'Abbé (Eu) (Seine- Maritime)	Genainville (Val-d'Oise)	Le Vieil- Évreux (Eure)	Bouchauds (Saint- Cybardeaux) (Charente)	Le Vieux- Lisieux (Calvados)	La Terne (Charente)
Fundação	Havia enterramentos e práticas rituais durante a Idade de Ferro e do Bronze. Não há data de fundação, a ocupação parece ter sido contínua.	Depósitos rituais datando do último terço do séc. I a.C., usados até o reino de Tibério, ou de Cláudio	O santuário data do séc. II d.C. e era contemporâneo ao teatro.	Séc. I d.C., mas havia um santuário gaulês no local.		Existia um <i>oppidum</i> nas proximidades. O desenvolvimento ocorreu no séc. II d.C	Séc. I d.C.?
Construção dos <i>fana</i> : Séc. I d.C.	Período augusteano.	X		Séc. I d.C.			
Séc. II d.C.			X				
Séc. III d.C.							
Divindade	Marte, Mercúrio, Júpiter e Minerva		Apolo e Mercúrio	Apolo, Hércules e Júpiter		Apolo ou Diana	

Segundo os dados aqui apresentados em dois casos a estruturação do espaço se deu no séc. II d.C., em dois no séc. I d.C., um no séc. I a.C. e outro teve ocupação contínua desde a Idade do Bronze. Em dois casos a fundação da estrutura urbana foi concomitante à construção dos *fana*, em dois foi posterior, a estrutura urbana surgiu antes da construção dos templos, em um caso, dos três com antecedentes religiosos do período gaulês, havia já um santuário no local. Surpreendentemente, nesses assentamentos que não têm um núcleo

urbano desenvolvido, os deuses a quem eram dedicados os templos eram todos romanos, sendo que em três casos eram Apolo, dois Mercúrio, dois Júpiter, um Minerva, um Diana e um Marte e de três assentamentos não se sabe a quem eram dedicados os templos. Considerando que só dois tinham mais de um templo em um espaço religiosos não é possível pensar que fossem santuários de grandes dimensões quanto a sua estrutura religiosa, a não ser que se pense que esses assentamentos poderiam garantir um tipo de religiosidade específica que ocorreria na junção de *fana* e teatros.

A partir das tabelas analisadas acima é possível traçar um perfil da inserção dos *fana* nos espaços urbanos de tradição romana na Gália durante o século I ao século III d.C. Em primeiro lugar, uma maioria de *fana* está próxima do núcleo urbano, embora não façam parte do mesmo, como em 26 casos; em 19 casos os templos estão inseridos dentro do núcleo central urbano e em apenas cinco casos os templos estão fora dos muros. A existência de um muro não implica necessariamente que os *fana* estejam fora, há seis casos de assentamentos nos quais os espaços religiosos estão contidos dentro do muro; dos espaços urbanos com muro, três apresentam *fana* em posição central e cinco os têm afastados do núcleo principal, lembrando que esse número não totaliza seis porque alguns assentamentos tinham mais de um espaço religioso. Como a inserção em uma posição central é menos comum que a inserção em uma posição não central, não é possível dizer que o muro tenha influência para os *fana* que estavam dentro dos muros.

É possível estabelecer uma relação dos edifícios de tradição arquitetônica mais associados aos *fana* de maneira geral, em primeiro lugar temos os teatros, que são encontradas adjuntos aos templos em 14 casos, depois as termas com 11 casose os fóruns com 10 casos, e por último os anfiteatros, associados em cinco casos. A associação entre teatros e templos não é surpreendente já que este é mesmo um fenômeno mediterrâneo, ainda que seja um indício importante de um templo de tradição arquitetônica híbrido que em sua associação com os teatros está dentro de um esquema religiosos diverso do gaulês. Todavia, é extremamente interessante notar que o número de *fana* associados aos fóruns é praticamente o mesmo dos associados às termas, por esse indício, é possível reafirmar a dúvida sobre a teoria de que os *fana* substituiriam esses edifícios em espaços urbanos onde fóruns não existissem, até mesmo porque, dos quarenta e quatro sítios estudados, vinte e quatro teriam fóruns como já foi visto. O número de anfiteatros é restrito, o que é comum

para a construção desses edifícios, há apenas 17 no grupo analisado, sendo que a maioria se encontra nas colônias e capitais de *ciuitates*.

Não há uma relação direta de necrópoles com *fana* no período galo-romano. É sabida a associação entre espaços religiosos e enterramentos durante o período gaulês, todavia, no período galo-romano, em espaço urbano, nem sempre os templos estão próximos das necrópoles galo-romanas, o que ocorre em apenas seis casos, e não tem relação com a existência de vestígios de ocupação religiosa no local. As necrópoles respondem à necessidade de enterramento dos mortos, pessoas que tinham vivido e ocupado o espaço, seria interessante um estudo que visasse saber se as necrópoles galo-romanas tinham alguma relação com os enterramentos de período gaulês dentro dessa perspectiva religiosa.

Antecedentes religiosos do período gaulês, nos locais aonde serão construídos os *fana* existem e têm uma grande relevância, contudo, vestígios arqueológicos que comprovam essa antecedência foram encontrados em quinze casos, é um número substancial, porém, não se trata mesmo da maioria, assim, não parece possível crer que os espaços urbanos teriam surgido em razão dos espaços religiosos anteriores. Entretanto, isso não significa que fossem desocupados os locais onde seriam construídos os espaços urbanos e os *fana*. Entre ocupação religiosa, funerária e mesmo habitações há vinte e seis espaços urbanos que antes de o serem eram ocupados pelos gauleses, ou seja, um pouco mais que a metade. Desta forma, é possível atestar uma continuidade de uso territorial, mas também evidência da construção de espaços urbanos e mais ainda, de templos de tradição galo-romana em territórios antes não ocupados. Outro dado que poderia atestar a continuidade religiosa seria saber que os deuses cultuados nos assentamentos com antecedentes do período da independência são deuses gauleses. Em seis casos os deuses cultuados têm nomes gauleses e podem atestar uma continuidade de culto, Alésia, Alba, Besançon, Jublains, Martigny e Perigueux, sendo que Alba e Besançon são colônias. Em dois casos, assentamentos urbanos fundados durante o período galo-romano têm atestação de culto de deuses gauleses, porém, em seis casos locais com ocupação anterior à conquista romana têm entre seus deuses apenas nomes romanos. Finalmente, em dois casos a fundação é de período romano e os deuses também têm os nomes romanos. Esses dados não possibilitam saber o porquê em seis casos o culto parece ter sido alterado para o de deuses

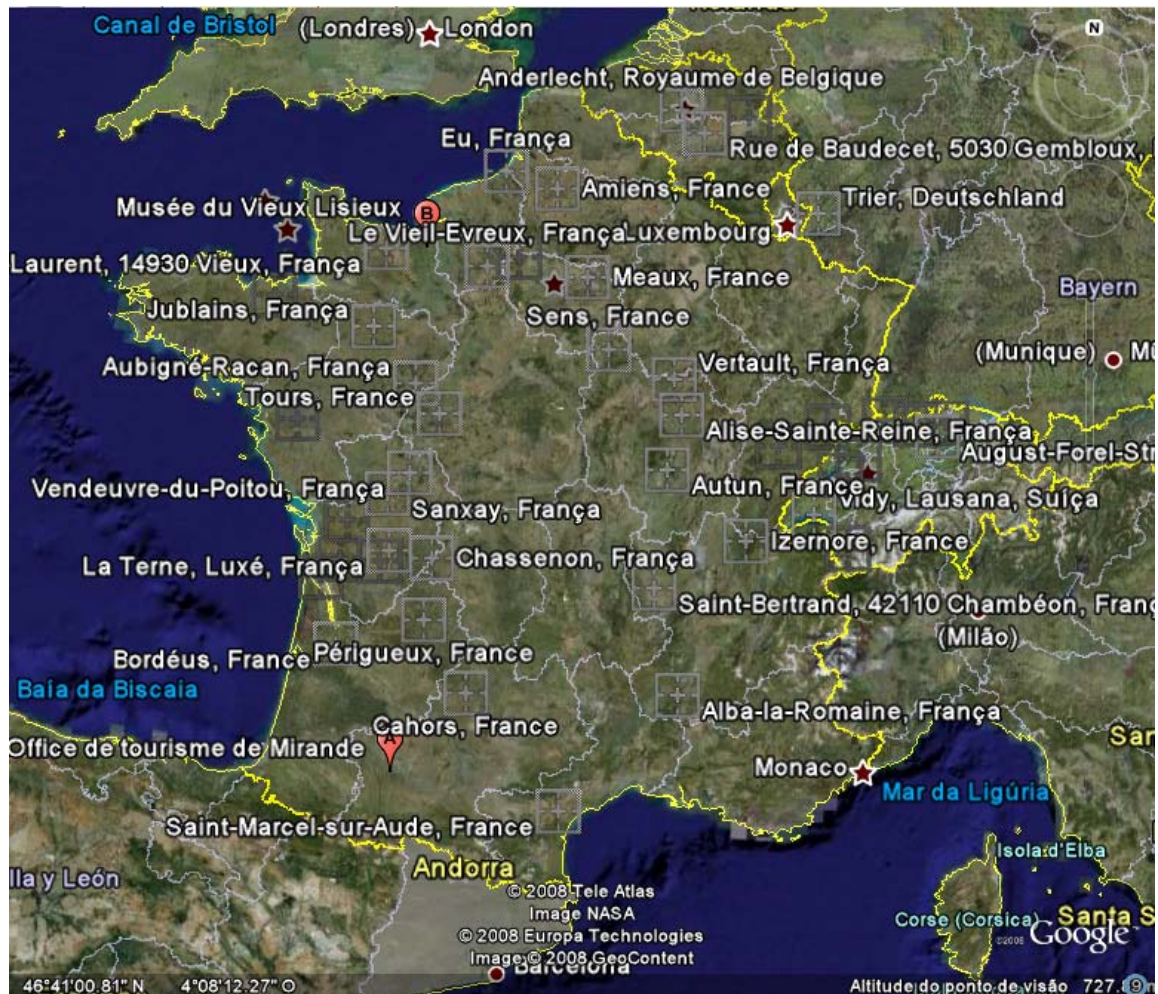
romanos, ainda mais porque, desses, três estão entre os assentamentos sem status definido, Anderlecht, Le Vieil-Évreux e Le Vieux-Lisieux, onde se imagina que a influência romana seria menor. Além disso, um é capital de *ciuitas*, Cahors e dois são *uici*, Tours Mirandes e Saint Marcel. Contrariamente, é em Trèves, que teria sido fundada no período dos Flávios, que foram encontrados indícios de culto a *Ancamna* e *Xulsigiae*. É possível imaginar que nas colônias a presença romana era mais forte, por isso era possível existir uma variedade maior de cultos, assim, os deuses gauleses podiam ter um espaço mais “tranquilo”, ao contrário de assentamentos e *uici* onde os deuses precisavam ser romanos.

A hipótese de Vitrúvio, a respeito da relação entre a divindade cultuada e seu local na *urbes* em território romano, também não pode ser atestada, na medida em que são apenas três os templos onde existem indícios de culto para Marte e, em dois deles, os templos estão em posição central. Dos quatro casos onde se sabe que Apolo era cultuado, em apenas dois há *fana* próximos de teatro, em Alésia e Le Vieil-Évreux. Também não foram encontrados templos de Mercúrio associados a mercados. Contudo, esse deus também pode ter templos em locais de passagem: de oito locais onde existem indícios de culto ao deus, quatro possuem um templo dedicado a Mercurio próximo de vias. No total são quatorze casos em que os *fana* estão próximos de vias. Esse número não é exato já que entre os sítios escavados as vias nem sempre são mencionadas, na realidade acreditamos que boa parte dos espaços urbanos estava ligada por um sistema de vias, ainda mais quando existiam produção e comércio de bens.

O croqui a seguir indica a localização dos sítios que estão no *corpus* documental, compreendidos nos atuais territórios da França, Suíça, Bélgica e Alemanha. Graças a essa projeção é possível perceber que os *fana* em espaços urbanos estavam espalhados pela Gália, pode-se dizer que só não era possível os encontrar na Gália Narbonesa, território de domínio romano mais antigo. Também é interessante notar que um número maior de templos se concentra nos territórios da Aquitânia e da Bélgica, que no período englobava parte do território francês e Suíça, além da própria Bélgica, a exceção fica por conta de Trier (Trèves), na Germânia, a Gália Lionesa tem substancialmente menos espaços urbanos do que as duas Gálias mencionadas.



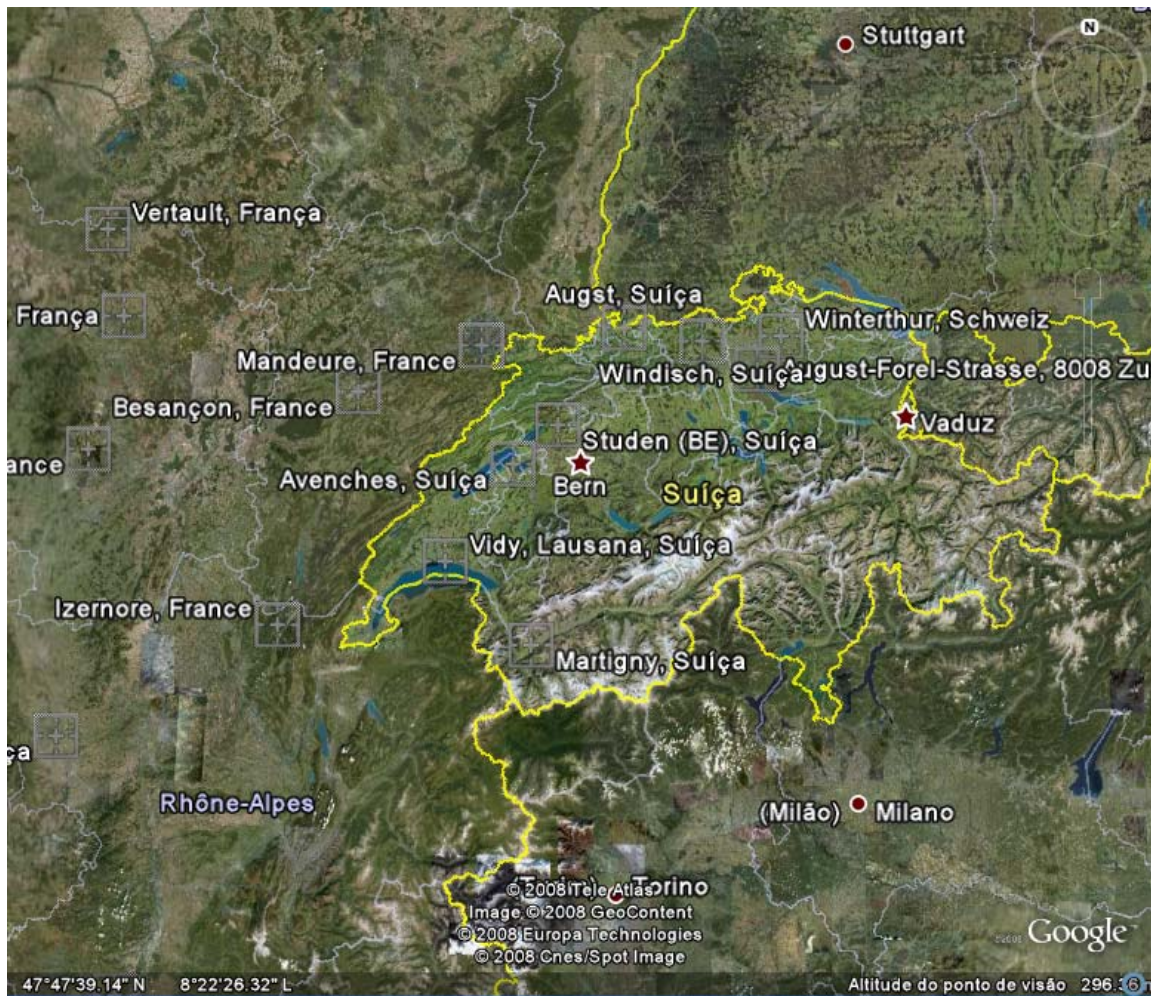
A Gália romana
(PICOT 2002 :497).



*Croqui da localização dos espaços urbanos com fana
Google Earth. Acessado em 23/11/2008*



Detalhe: Gália Aquitania e Lionesa
 Google Earth. Acessado em 23/11/2008



Detalhe: Gália Bélgica.
Google Earth. Acessado em 23/11/2008

Já que nossa análise da estrutura desses espaços urbanos se baseou no status desses, consideramos relevante inserir mapas que indicassem a distribuição dos sítios do *corpus* documental segundo esse critério:



Distribuição dos uici
Google Earth. Acessado em 23/11/2008



Distribuição das colônias
Google Earth. Acessado em 23/11/2008



Distribuição das capitais de ciuitas
Google Earth. Acessado em 23/11/2008



Distribuição dos assentamentos
 Google Earth. Acessado em 23/11/2008

Os croquis por status são mais reveladores por mostrarem concentrações regionais, é o caso dos assentamentos, dos sete, apenas de um não foi estabelecida sua localização, Le Vieil-Lisieux, contudo, cinco estão no norte da França, entre o território da Gália Lionesa e Belga. No caso das capitais de *ciuitates* a distribuição está mais espalhada, devendo ocupar parte do território da Gália Lionesa, Aquitânia e Belga, contudo, é relevante notar que nenhuma dessas capitais está próximo das fronteiras leste da Gália e esse é o dado mais interessante que esses croquis podem fornecer: todas as colônias com *fana* estão no leste da Gália, sendo que Trèves está na praticamente na fronteira germânica. Considerando que todas as colônias foram capitais de *ciuitates* que obtiveram o título durante o séc. I d.C. e

como será visto, em alguns casos os deuses cultuados eram galo-romanos, enquanto nos assentamentos eram, sobretudo, romanos, é difícil não crer que essas colônias mais do que um puro papel de guarnição de territórios próximos das fronteiras têm um papel religioso, embora não seja possível estabelecer se os *fana* nesses territórios servem como ponto de intersecção com as populações vizinhas ou se era permitido aos habitantes de colônias manter crenças religiosas gaulesas em territórios menos estáveis politicamente.

Quanto aos *uici*, os espaços urbanos mais numerosos, eles seguem o mapa geral, estão espalhados pela Gália, embora haja uma concentração de sete entre a Gália Aquitânia e Lionesa e outra no leste da Gália, sobretudo, focada na Gália Belga, com oito *uici*. Baudect, um dos pontos extremos ficava próximo de Trèves, desta maneira, no leste da Gália se concentram especialmente *uici* e colônias. É relevante ressaltar que a Gália Lionesa tem um número menor de assentamentos urbanos com *fana*, enquanto na Narbonesa não foi encontrado nenhum assentamento urbano assim.

A importância da preparação e observação desses croquis é poder indicar que dentro do território galo-romano como um todo, espaços urbanos com templos de tradição galo-romana ou sobreviviam em locais de menor influência romana, ou tinham usos políticos, como é o caso dos sítios na Gália Belga, alguns em locais muito próximos das fronteiras Germânicas, onde a conquista romana enfrentou um grande grau de dificuldade. Há ainda a possibilidade de que a influência de um tipo de estruturação religiosa em santuários fosse mais presente na Gália Belga, pois, segundo Brunaux (2006:100) os primeiros grandes santuários em território gaulês teriam acontecido nessa região, durante a instalação dos belgas, em razão de migrações, no fim do séc. IV a.C. ou começo do séc. III a.C. Se essa possibilidade for considerada deve-se concordar que tenha havido uma longa continuidade religiosa. Segundo Faduet (1993b), haveria uma predisposição à existência de *fana* nos territórios que corresponderiam às antigas divisões de comunidades gaulesas, no limite entre os territórios senon e carnute, cenoman e diablinte, picto e turon e nas fronteiras dos Ambiens e Bellovaques.

Conclusão

Os templos teriam contribuído para a “romanização”?

O contexto arqueológico de uma cultura material é sempre atribuído, ele não existe por si só. O arqueólogo que trabalha no campo procura tentar criar um vínculo entre um vestígio arqueológico e outros que estejam na mesma camada estratigráfica em um segmento parcial de território, considerado como sítio. No momento de analisar esses dados terá em conta o “período histórico” correspondente através da bibliografia especializada, também decidido aleatoriamente por um número de eventos políticos que por vezes não têm relações diretas com a vida cotidiana. Nosso esforço nessa pesquisa foi colocar em relação os templos de tradição gaulesa com outros elementos da sociedade galo-romana. Não que já não se tivesse percebido que em espaços urbanos os *fana* tinham um tipo particular de instauração, mas nunca se dedicou uma pesquisa sobre essa única questão.

Atribuímos ao projeto de *urbes* romana as qualificações de uma entidade única, embora diversa em cada caso, na qual os *fana*, templos sobretudo rurais e com cultos a deuses que remeteriam aos deuses gauleses, seriam um elemento destoante. Uma das principais referências para a elaboração de fichas sobre espaços urbanos foi Robert Bedon (2001), com seu “Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain”, o autor contabiliza 169 espaços urbanos, aos quais atribui status bastante diversos do seu título. Esse número não corresponde ao total de espaços urbanos existentes na Gália, já que nem para nosso estudo ele pode ser uma única fonte, mas o número já é indicativo de que os *fana* não faziam parte nem de 50% dos espaços urbanos, uma vez que repertoriamos 45 com plantas publicadas.

Surpreendentemente, a organização urbana é muito mais “livre” do que seria possível imaginar. Há um número essencial de edifícios urbanos e em alguns casos localizações estabelecidas dentro de um plano ideal urbano, como os fóruns que deveriam e efetivamente estavam entre o *cardo* e o *decumano*, ou as necrópoles afastadas do centro urbano e preferencialmente fora dos muros quando esses existissem. Todavia, a disposição, o número e tipos de edifício variam, os *fana*, como os demais, também não têm uma única posição possível, seu afastamento do centro urbano muitas vezes é acompanhado por teatros e outros edifícios públicos romanos de grande importância para a vida, de alguma maneira, próxima da romana.

A preocupação com as delimitações de um espaço urbano romano, como as vias e os muros, foi pautada na relevância que esses tinham na antiguidade, o *Pomerium*, por exemplo, só existia em Roma, nas antigas cidades do Lácio e nas colônias romanas, trata-se de um limite entre a *urbs* e o *ager*. Para preservar a integridade desse espaço é interdito instalar uma tumba, o exército só entra para os triunfos. A linha pomerial, na verdade, definiria o *imperium domi*, poder civil, e o *imperium militae*, poder pleno. Mesmo os templos romanos têm seu espaço sagrado delimitado antes da construção por augúrios.

Para a Gália não é possível ter certeza da transferência desse conceito de limites espaciais; como foi visto, os muros não existem na totalidade dos casos analisados e quando existem foram construídos mais tarde, embora muitos dos assentamentos estivessem nas imediações de rios e lagos que podiam estabelecer um limite, para além das atividades comerciais e cotidianas. Nos poucos *fana* aos quais foi possível sugerir a atribuição a algum deus romano, pode-se verificar que os templos não estavam posicionados segundo a ordem ideal de Vitruvius, essa evidência tanto pode sugerir a não acomodação dos *fana* às funções de um templo romano, mas também, como os outros pontos indicaram, a existência de uma maior fluidez de limites espaciais na Gália-romana.

Ainda não há um consenso bibliográfico sobre o significado deste tipo de construção na Gália, Picard (1993:367-9) é um autor que tende a acreditar que os *fana* são um tipo de arquitetura romana adaptado às necessidades e tradições locais, os santuários rurais seriam distinguíveis por uma religiosidade popular, fortemente marcada pela tradição celta e pouco transformada pela romanização. Contudo, em alguns espaços urbanos estudados os *fana* eram sucessores diretos de templos gauleses, cuja estrutura arquitetônica era bastante próxima da futura estrutura dos templos. De qualquer forma, acreditamos que um dos traços característicos da associação de elementos de ambas as tradições, gaulesa e romana, é que os *fana* são uma manifestação do período imperial. Os locais de culto, quando continuamente ocupados são reformados, ganham características de um *fanum*. Assim, é impossível dizer que o surgimento e o uso dos *fana* não esteja relacionado com a presença romana na Gália, inclusive, mesmo nos santuários rurais. Infelizmente, a difusão da estrutura, o perfil dos seus construtores e frequentadores ainda são questões lacunares, cujo esclarecimento em muito contribuiria para o estabelecimento de um quadro mais nítido sobre a religiosidade galo-romana.

Entre a bibliografia consultada François de Polignac mostrou ser uma referência fundamental para a elaboração de uma valorização do papel religioso na Gália-romana, contudo, algumas diferenças devem ser estabelecidas. Para Polignac (1984) a religião é um dos elementos fundamentais para a coesão de um grupo em um determinado território, em oposição aos outros, assim, sendo a gênese da *polis*. À diferença de outros autores que tratam da questão, esse processo idealizado é confrontado com as situações provinciais. Sobre essa questão, o autor acredita que os santuários extra-urbanos teriam como função manter a cidade, criando lugares para os bárbaros e colonizadores. Assim, esse santuário seria o responsável por mediar as relações culturais entre essas populações de origem diversas. A maior diferença entre o modelo de colonização romana e helênica é a capacidade de integrar as populações conquistadas. Arnaldo Momigliano (1991), em sua obra “Os limites da helenização” descreve o pouco interesse helênico em conviver com as populações vizinhas aos locais onde foi fundada uma colônia, tendo como principal exemplo Marselha, na própria Gália. A outra principal diferença entre os dois casos mencionados é que os helenos estavam fundando colônias, locais para onde eles próprios migravam e que tinham relações estreitas com as suas *poleis* de origem, enquanto os romanos estabeleciam relações com as populações locais, elas mesmas modificadoras de sua paisagem, transformando-a em um espaço urbano. Não havia uma extensa migração de uma população romana para outro ponto do império, a exceção eram as colônias de veteranos, mas essas tinham uma função sobretudo militar.

Em termos arquitetônicos essa ocupação diversa se reflete na Gália a partir de um conjunto de edifícios que, apesar de terem como parâmetro os padrões romanos, têm suas estruturas arquitetônicas reformuladas para atenderem a necessidades diversas, como os teatros-anfiteatros. Além do que, a urbanização na Gália aconteceu às expensas das elites interessadas em mostrar sua lealdade. Contudo, Polignac tem o mérito de, tratando de outro contexto e de outro tipo de santuário, sublinhar a importância de uma religião “adaptada” na mediação entre uma população conquistada e outra conquistadora. Nas colônias helênicas essa adaptação religiosa seria essencialmente nos cultos e ritos a deuses helênicos, cujo culto foi instituído em função de elementos próximos entre as populações. Segundo o autor, essa religiosidade não teria uma expressão própria em termos

arquitetônicos. Ao contrário, os *fana* são, em si mesmos, o testemunho arquitetônico da interação entre romanos e gauleses.

Graças à seleção dos espaços urbanos com *fana* foi possível perceber que, em se tratando das colônias, estas estavam todas concentradas no leste da Gália, não longe das suas fronteiras com a Germânia. Considerando que essas colônias ganharam o seu status político no séc. I d.C. é difícil não considerar que as revoltas gaulesas, em especial a da crise de 68-70 d.C, tenham tido alguma importância na atribuição desses status político. Trêves, uma das colônias mais importantes entre as do grupo aqui estudado, teria a princípio sido fundada por Augusto para “romanizar” a Gália Belga, isso porque apesar da sua oposição a Roma, sua população também não tinha se aliado à Gália revoltada. Ela é considerada a maior cidade do Ocidente depois de Roma, sua posição estratégica permitiu defender o leste da Gália das invasões germânicas. Em um local como esse, onde os dezoito templos de tradição galo-romana estão inseridos em um santuário no interior dos muros, próximo do fórum e do *cardo* e *decumano* é difícil acreditar em uma oposição à religiosidade galo-romana. O santuário está próximo de termas, do circo, do anfiteatro e de um outro templo, edifícios que moldavam uma existência espacial próxima de um ideal de vida romana. Nas proximidades de Trêves foi encontrado um templo dedicado a *Lenus* Marte e que data precisamente do séc. II d.C., momento que, como indicamos no capítulo I, o culto às divindades gaulesas volta a ter espaço, porém, não é em um templo de tipo gaulês de antes da conquista, mas em um *fanum*, próximo de uma colônia e com um nome composto gaulês e romano.

A concentração de *fana* no leste, oeste e norte da Gália também parece ter uma estreita relação com uma relevância religiosa anterior; por exemplo, os templos que estão a oeste, nas colônias não só têm uma grande importância devido a sua posição com relação às fronteiras, mas também foi a região onde houve uma primeira instalação de um espaço religioso configurado como santuário, não exatamente nos moldes mediterrânicos, mas com muitos paralelos com esses. O mesmo se passa no norte, onde há uma concentração de *fana* em assentamentos, cujos santuários no período gaulês chegariam mesmo a produzir suas próprias moedas.

Os recentes estudos a respeito da “romanização” trazem à tona a questão das resistências e negociações autóctones frente ao poder imperial romano. Os trabalhos de autores como Mattingly, Alcock, Webster e Whittaker são expoentes dessa discussão. De modo geral, eles clamam por uma abordagem que compreenda a complexidade das relações de poder. Outro ponto de destaque é a interpretação dos vestígios materiais que, nessa conjuntura, deve levar em conta que os objetos podem ser vistos de várias maneiras dependendo de quem os faz. Dessas reflexões surge uma terceira questão, que só pode ser pensada à luz de uma perspectiva histórica contextual (Hodder 1994): até que ponto uma continuidade é uma resistência?

As discussões em torno da “romanização” trabalham muito com conceitos como resistência e continuidade quando elementos culturais da população conquistada subsistem sob o poder do dominador. No caso dos *fana*, há a continuidade de elementos arquitetônicos e espaciais, quando havia uma construção religiosa anterior no local, ou aquele já era considerado um local sagrado. Contudo, é necessário tecer algumas considerações sobre a resistência:

- 1) Um *fanum* é uma estrutura com um padrão arquitetônico definido, mesmo que haja variações com a presença ou não de galerias, tipos de colunas, instalação sobre um *podium*. Existem mais de 600 *fana* repertoriados, encontrados em diferentes lugares da Gália e construídos durante apenas três séculos. Se a construção de um templo assim fosse uma manifestação de resistência ela teria que ser reconhecida como tal.
- 2) No caso da religião galo-romana, ela é formada graças à associação de elementos religiosos gauleses e romanos, os *fana* igualmente contêm elementos das duas culturas. Embora desta maneira seja possível manter o culto aos deuses gauleses, seria um equívoco imaginar que essa religião era a mesma do período anterior à conquista romana. Como foi argumentado, essa religião deve ser entendida como galo-romana, uma religião diferente da anterior e com uma estrutura mesmo física própria para sua existência.

- 3) A manutenção de elementos culturais, rituais ou maneiras de fazer, de construir, por si só não significa uma resistência ao poder imperial. O Império romano não se opunha à cultura local desde que ela não o prejudicasse. No que se refere aos deuses, os romanos admitiam a existência e a veracidade de outras divindades além das suas, desde que não interferissem nas práticas religiosas romanas.
- 4) Os *fana* trazem arquitetonicamente e culturalmente marcas de continuidade e de manutenção de aspectos religiosos existentes antes da conquista, mas isso não pode ser entendido como resistência nos termos do século XX, no contexto de estudo de sociedades pós-coloniais, pois a idéia de resistência como a concebemos hoje não existia.

Esse esforço para criar espaços urbanos segundo parâmetros romanos foi realizado pelas elites provinciais que mesmo que tenham sido coagidas em um primeiro momento, se envolveram com o processo de modificação urbana, construindo e dedicando espaços públicos. Contudo, essa associação não é perfeita, nem com relação aos deuses, tampouco arquitetonicamente. Parece que não constituindo uma ameaça e estando subordinado a padrões romanos não havia objeções à continuidade de cultos gauleses, inclusive porque seu espaço muda. Os *fana* não são mais os templos que existiam durante o período da independência e, considerando o quanto foram propagados, é possível dizer que a religiosidade gaulesa foi alterada tanto em áreas urbanas, quanto longe dessas. A religiosidade gaulesa como no período da independência não mais existia, ela cedeu lugar a uma atividade religiosa que continha elementos das duas culturas. É impossível dizer que o processo foi homogêneo, embora tenha atingido toda a Gália, já que é possível observar *fana* de aparência muito mais romana que outros: a aparência do templo depende da sua data de construção, mas também do desenvolvimento histórico local. Admitir a estreita relação e dependência dos *fana* com relação à conquista romana não significa crer numa “romanização” como aculturação, mas sim na criação de uma sociedade nova.

Acreditamos, assim, que os *fana* tiveram um papel fundamental na convivência entre gauleses e romanos e desenvolvimento de uma sociedade galo-romana. A religiosidade gaulesa foi foco de atenção e repressão, em um primeiro momento, com a perseguição da sua classe sacerdotal, os druidas, e a interdição de sacrifícios humanos. Não se tratava de negação ou pressão a uma religião, mas sim aos seus elementos considerados perigosos. Em um segundo momento a religiosidade gaulesa foi recuperada e, na medida dos interesses políticos, incentivada.

Desde que essa religiosidade não ameaçasse a religiosidade oficial romana e nem incitasse a uma desobediência não havia porque a repreender. A permissão da existência de um local de culto e a aceitação de elementos dos conquistados garantiram, entre outras táticas, a conquista e manutenção do Império romano.

Isso não significa acreditar em uma total aceitação romana, sem oposições, nem resistências, que, como foi visto, efetivamente aconteceram. Os modernos teóricos sobre a “romanização”, que tão bem indicaram a possibilidade de uma multiplicidade de visões sobre a cultura material romana, e mesmo a “obediência tática”, deixam de mencionar que essas possibilidades de compreensão da cultura material, se efetivamente ocorreram na antiguidade, permitem uma convivência sem conflitos capaz de desarticular o poder imperial. Se a população local tem a possibilidade de manter a sua religiosidade, mesmo que fragmentada, não precisa opor-se à obrigação cultural imperial. Quanto à posição que os templos ocupam no espaço urbano é possível dizer, segundo nossa análise, que não parece haver uma rivalidade entre a religiosidade gaulesa e a religiosidade romana, mas mesmo assim os *fana* têm seu lugar, sua edificação e freqüentação evidenciam a relevância da religião galo-romana mesmo quando havia um recinto para a prática dos rituais religiosos romanos.

Bibliografia

Actes du Colloque International (1985 : Rome).

1987 **L' URBS: espace urbain et histoire (Ier. siècle av. J.-C. - IIIe. siècle ap. J.-C.)**. Paris, École Française de Rome.

ANDERSON, James C.

1997 **Roman Architecture and Society**. Baltimore, Johns Hopkins University Press.

ANDRIGA, William Van.

2002 **La religion en Gaule romaine: Piété et politique (Ier-IIIe siècle apr. J.-C.)**. Paris, Éditions Errance.

AUBIN, Gérard, LAUBENHEIMER, Fanette & VIALOU, Denis (dir.).

1996 **Gallia Informations, L'Archeologie des régions. Corse, Borgogne, 1994-1995**. Paris, CNRS.

BARTON, Ian M.

1995 Religious Buildings *In*: BARTON, Ian M. **Roman Public Buildings**. Devon, University of Exeter Press.

BEDON, Robert

1986 Les Premiers Monuments Urbaines des Trois Gaules. Dossiers d'Histoire et Archeologie. Dijon, Éditions Faton, n°109, out.:68-88.

1999 **Les Villes des trois Gaules - De César à Néron – dans leur contexte historique, territorial et politique**. Paris, Picard.

2001 **Atlas des villes, bourges, villages de France au passé romain**. Paris, Picard

BENEVOLO, Leonardo.

1976 **Corso di Disegno 2, L'arte e la città antica**. Roma, Editori Laterza.

BERTAUX, Chantal.

1991 Divinités et Cultes Antiques. Archeologia. Dijon, S.F.B.D., n°16, jul-ago. : 42-49.

BLAKE, Marion Elizabeth.

1947 **Ancient Roman Construction in Italy from the prehistoric period to Augustus**. Washington D.C., Carnegie Institution of Washington.

BOT, Anne Le.

- 2003 Les Thermes Gallo-Romains en Armorique. Les Dossiers du Centre régional archéologique d'Alet. Saint-Malo, Centre régional d'archéologie d'Alet.
- BROUQUIER-REDDÉ; BERTRAND; CHARDENOUX; GRUEL *et alli* (ed.)
- 2006 **Mars em Occident: actes du colloque international “Autours d’Allonnes (Sarthe), les sanctuaires de Mars en Occident”**. Le Mans, Université du Maine, 4-5-6 juin 2003. Rennes, Presses Universitaires de Rennes.
- BRUNAU, Jean-Louis.
- 1993 Les bois sacrés des Celtes et des Germains. *In* : **Les bois sacrés: actes du colloque international organisé par le Centre Jean Bérard et l'École pratique des hautes études (Ve section), Naples, 23-25 novembre 1989**. Naples, Centre Jean Bérard.
- 1996 **Les religions gauloise, rituels celtiques de la Gaule Indépendante**. Paris, Éditions Errance.
- 2000 Il n’y a pas de Religion Gallo – Romaine (Dossier – Images des Dieux et des Heros Gaulois). L’Archéologue. Archéologie Nouvelle. Paris, Éditions Errance, n°46, fev.-mar. : 19-20
- 2001 Gallic Blood Rites. Archaeology. Archaeological Institute of America: 54-57.
- 2006 Religion et sanctuaires. *In*: GOUDINEAU, Christian. **Religion et Société en Gaule**. Paris, Éditions Errance.
- BRUNAU, Jean-Louis (org.)
- 2004 **Guerre et Religion en Gaule, essai d’anthropologie celtique**. Paris, Éditions Errance.
- BOËTHIUS, Axel.
- 1970 **Etruscan and Roman architecture**. Harmondsworth, Penguin.
- CÉSAR, Júlio.
- 1999 **Bellum ciuile, a Guerra Civil**. São Paulo, Estação Liberdade.
- s.d. *Comentários sobre a Guerra Gálica (De Bello Gallico)*. Rio de Janeiro, Ediouro.
- CHEVALLIER, Raymond (org.)
- 1973 Sources littéraires concernant les sanctuaires de Gaule. *In*: Pour une géographie sacrée de l’occident romain actes du colloque, problèmes

topographiques posés par l'implantation des sanctuaires. Caesardunum. Tours, Université de Tours, n°8: .3-5.

1986 Les Debuts de l'Urbanisation en Gaule. Archeologia. Dijon, S.F.B.D., n°109, out.: 6-95.

CLAVEL – LÉVÊQUE, Monique.

1972 *Le Syncretisme Gallo-Romain: Structures et Finalités*. Rome, Praelectiones Patevinae : 90-134.

CORDEL, Michel (org.).

1991 Grand, Haut lieu de notre Histoire. Les dossiers d'Archeologie. Dijon, Éditions Faton, n°16, jul.-ago.: 2-82.

COULON, Gerard.

1996 **Argentomagus: du site gaulois à la ville gallo-romaine**. Paris, Éditions Errance.

DEYTS, Simone

1999 À la Rencontre des Dieux Gaulois. L'Archéologue. Archéologie Nouvelle. Paris, Éditions Errance Paris, n° 40, fev.-mar. : 41-43.

DEYTS, Simone & ROSSEL, Louis.

1989 Une Inscription a Sucellus Découverte a Ancy-Malain (Côte d'Or). Revue Archéologique de l'est et du Centre-Est. Dijon, CNRS, n°156, jun.-dez : 243-247.

Direction des Antiquités Historiques de Bourgogne.

1973 **L'art de la Bourgogne romaine**. Dijon, Musée Archeologique de Dijon & Direction des Antiquités Historiques de Bourgogne.

DREFRESSYGNE, Sylvie.

1986 Dossier d'Initiation: Les Dieux Gaulois. Archeologie, Dijon, S.F.B.D., n°218, nov.:66-67.

DUBY, Georges.

1980 **Histoire de la France urbaine**. Paris, Sevil.

DUPONT, Florence.

- 1998 Gramática da alimentação e das refeições romanas. *In* : FLANDRIN, Jean-Luis & MONTANARI, Massimo. **História da Alimentação**. São Paulo, Estação Liberdade: 199-216.
- DUPONT, Jean & BÉNARDS, Jacky.
- 1995 Le sanctuaire gallo-romain à bois votifs de la Fontaine Segrain, à Montlay-en-Auxois (Côte-d'Or). Revue d'Archeologie d'Est. CNRS, n°46: 59-78.
- DUVAL, Paul-Marie.
- 1952 **La vie quotidienne en Gaule pendant la paix romaine**. Paris, Hachette.
- 1963 L'originalité de l'architecture gallo-romaine. *In* : **VIIIe Congrès International d'Archeologie Classique. Paris, 3-13 septembre 1963**. Paris, Éditions E. De Boccard: 33-54.
- FAUDUET, Isabelle.
- 1990 Les ex-votos Anatomiques du Sanctuaire de Bu. Revue Archeologie de l'Ouest. CNRS, n°7: 93-100.
- 1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums**. Paris, Éditions Errance.
- 1993 **Les temples de tradition celtique en Gaule romaine**. Paris, Éditions Errance.
- FELLMANN, Rudolf.
- 1992 **La Suisse Gallo-Romaine, cinq siècles d'histoire**. Suisse, Territoires, Éditions Payot.
- FRÉZOULS, Edmond (dir.)
- 1997 **Les villes antiques de la France. Lyonnaise 1 : Autun – Chatres – Nevers**. Paris, De Boccard.
- GABUCCI, Ada (ed.).
- 2002 **Ancient Rome art, architecture and history**. Los Angeles, J. Paul Getty Museum.
- GOLVIN, Jean-Claude.
- 1987 Les amphitheatres de Gaule. Dossiers d'Histoire et Archeologie, Dijon, Éditions Faton, n°116, mai.: 26-33.
- GOUDINEAU, Christian.

- 1999 L'aristocratie celtique après la guerre des Gaules. L'Archéologue. Archéologie Nouvelle. Paris, Éditions Errance Paris, n° 40, fev.-mar: 30-33.
- GOUDINEAU, Christian (org.)
 2006 **Religion et Société en Gaule**. Paris, Éditions Errance.
- GRENIER, Albert Toulouse.
 1934 **Manuel d'Archeologie Gallo-Romain**. Paris, Éditions Picard
 1946 **La Gaule Province Romaine**. Paris, Didier.
- GREEN, Miranda Jane.
 1998 God in Man's Image: Thoughts on the Genesis and Affiliations of Some Romano-British Cult- Imaginary. *Britannia/London*. London, W.S. Maney and Son LTD., v°29:17-30.
- GRIMAL, Pierre.
 1971 **Les villes romaines**. Paris, Presses Universitaires de France, 4^a ed.
- GUICHARD, Vincent, PERRIN, Franck, POUX, Matthieu, MÉNIEL, Patrice, *et alii*.
 1999 Dossier: Les Derniers Aristocrates Celtes. L'Archéologue. Archéologie Nouvelle. Paris, Éditions Errance Paris, n. 41, abr.-mai.: 4-33.
- GUYONVARCH, Christian-J. & LE ROUX-GUYONVARCH, Françoise.
 1986 Remarques sur la religion Gallo-Romaine: Rupture et Continuité *In: TEMPORINI, Hildegard & HAASE, Wolfgang (ed.) Aufestig und Niedergang der Römischen Welt – Geschichte und Kultur Roms im Spiegel der neuren forschung II*. Berlin, New York: Walter de Gruyter: 423-455
- HATT, Jean-Jacques.
 1966 **Histoire de la Gaule Romaine. Colonisation ou Colonialisme ?** Paris, Payot.
 1986 Les deux sources de la religion gauloise et la politique religieuse des empereurs romains en Gaule. *In: TEMPORINI, Hildegard & HAASE, Wolfgang (ed.) Aufestig und Niedergang der Römischen Welt. Principat*. Berlin, New York, Walter de Gryter: 410-422.
 1989 **Mythes et dieux de la Gaule**. Paris, Editions Picard.
- HANSON, John Arthur.

1959 **Roman theater-Temples**. Princeton, Princeton University Press.

HERMON, Ella.

2007 Intra et extra muros : le concept de la cité et son ager. Pour une relecture des libri *coloniaram*. In: BEDON, Robert; LIÉBERT, Yves; MÁVERAUD, Hélène *et alii*. Les espaces clos dans l'urbanisme et dans l'architecture en Gaule romaine et dans les régions voisines: Hommage à Raymond Chevallier. Caesarodunum. Limoges, Presses Universitaires de Limoges et du Limousin: 397-429.

HODDER, Ian.

1994 **Interpretación en Arqueología**. Barcelona, Crítica, 2^aed.

HOMO, Leon.

1951 **Rome imperiale et l'urbanisme dans l'antiquité**. Paris, Albin Michel.

HUBERT, Henri.

1941 **Los Celtas y la Expánsion Céltica hasta la Época de la Tène**. Barcelona, Editorial Cervantes, vol.1.

1942 **Los Celtas desde la Época de la Tène y la Civilización Céltica**. Barcelona, Editorial Cervantes, vol.2.

HUSKINSON, Janet. (ed.)

2000 **Experiencing Rome: Culture, Identity and Power in the Roman Empire**. NY, Routledge.

JEANCOLAS, L.

1973 Un Fanun Gallo-Romain de Tradition Celtique aux environs de Lyon. Archéologie. Dijon, S.F.B.D, n°63, out.: 68-69.

JUFER, Nicole & LUGINBÜHL, Thierry

2001 **Répertoire des dieux gaulois: Les noms des divinités celtiques connues par l'épigraphie, les texts antiques et la toponymie**. Paris, Editions Errance.

JULLIAN, Camille.

s.d. **Histoire de la Gaule**. Paris, Calman-Lewt.

KRUTA, Venceslas.

2000 **Les Celtes – Histoire et Dictionnaire**. Paris, Éditions Robert Laffont S.A.

LASFARGUES, Jacques.

- 2003 **Lugdunum. Des objets qui racontent l'Histoire.** Lyon, EMCC.
- LAVENU, Mathilde & MATAOUCHEK, Victorine.
- 1999 **Dictionnaire d'Architecture.** Luçon, Éditions Jean-Paul Gisserot.
- LEONI, Giovanni D (trad.)
- 1957 **Res gestae divi avgvsti.** Polítipo, São Paulo.
- LESELEUC, Anne de.
- 2001 **La Gaule, Architecture et civilisation.** Paris, Flammarion.
- LÉVÊQUE, Monique Clavel & Pierre.
- 1971 **Villes et structures urbaines dans l'Occident romain.** Paris, A. Colin.
- LEVI, Mario Attilio.
- 1989 **La città antica: morfologia e biografia dell'aggregazione urbana nell'antichità.** Roma, "L'Erma" di Bretschneider.
- LIEBESCHÜTZ, Wolf.
- 1992 Religione romana. *In* : GABBA, Emilio & SCHIAVONE, Aldo. **Storia di Roma.** Roma, Giulio Einaudi editore, vol.2 : 237-281.
- LONTCHO, Frédéric
- 2001 Temple gaulois, sanctuaire dans la capitale des Trévires. L'Archeologie, Archéologie Nouvelle. Paris, Éditions Errance. Paris, n° 51, dez. 2000- jan.: 50-51.
- 2002 Mercure Gaulois. L'Archeologie Archeologie Nouvelle. Paris, Éditions Errance, n°57, dez. 2001 - abr.: 44-45.
- 2005 Les armes sacrées des Gaulois. Découverte exceptionnelle em Corrèze. L'Archeologie. Archeologie Nouvelle. Paris, Éditions Errance, n°76, fev.-mar.: 33-37.
- MARGARET, Guido.
- 1973 **Southern Italy: An Archaeological Guide – the main prehistoric, Greek and Roman Sites.** New Jersey, Noyes Press.
- MATTINGLY, D. J. (ed.)
- 1997 Dialogues in Roman imperialism: Power, discourse, and discrepant experience in the Roman Empire. Journal of Roman Archaeologie, Supplement 23. Portsmouth, Journal of Roman Archaeology, mar.

MERMET, Christian.

1993 Le sanctuaire gallo-romain de Châteauneuf (Savoie). Gallia. Paris, CNRS.

Ministère de la Culture, direction du patrimoine.

1996 Gallia Informations: Corse et Bourgogne, 1994-1995. Paris, CNRS Éditions.

MIERSE, William E.

1999 **Temples and towns in Roman Iberia. The Social Architectural Dynamics of Sanctuary Designers from Third Century B.C. to the third century**

A.D. Berkeley, Los Angeles, London, University of California Press.

MOMIGLIANO, Arnaldo.

1991 **Os limites da helenização**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

NAVEAU, Jacques.

1986 Jublains ou l'échec d'une ville. Dossiers d'Histoire et Archeologie. Dijon,

Éditions Faton , n°106, jun .: 29-35.

OWENS, E.J.

1944 **The city in the Greek and Roman world**. New York, Routledge.

PAOLI, Ugo Enrico.

1990 **Urbs, la vida en la Roma antigua**. Barcelona, Iberia, 6^aed.

PICARD, Gilbert.

1993 La Romanisation de la Gaule, problèmes et perspectives. Revue Archéologique. Paris, PUF, fascicule 2: 353-385.

PICOT, Jean – Pierre.

2002 **Dictionnaire historique de la Gaule**. Paris, La Différence.

PINON, Pierre.

1985 La notion de plan « programatique » et son application à la ville gallo-romaine. Actes du colloque Les débuts de l'urbanisation en Gaule et dans les provinces voisines, 18-20 mai 1984. Caesarodunum. Paris, E.N.S., n° 20: 197-214.

1991 **La Gaule retrouvée**. Paris, Gallimard.

PLANSON, E. & LAGRANE, A.

- 1975 Un nouveau document sur les syncrétismes dans les religions gallo-romaines : le groupe de divinités des Bolards. Revue Archéologique. Paris, PUF, fascicule 2 : 267-285.
- POLIGNAC, François de
- 1984 **Naissance de la cité grecque: cultes, espace et société**. Paris, Éditions la Découverte.
- POUX, Matthieu.
- 2006 Religion et société. Le sanctuaire arverne de Corent *In*: GOUDINEAU, Christian. **Religion et Société en Gaule**. Paris, Éditions Errance.
- PROVOST, Michel.
- 1993 Le Val de Loire dans l'Antiquité. Gallia. Paris, CNRS, n°52.
- 2007 Lieux de pouvoirs (*fora*, sanctuaires) et espaces clos (p. 143-157). *In*: BEDON, Robert; LIÉBERT, Yves; MÁVERAUD, Hélène *et alii*. Les espaces clos dans l'urbanisme et dans l'architecture en Gaule romaine et dans les régions voisines : Hommage à Raymond Chevallier. Caesarodunum. Limoges, Presses Universitaires de Limoges et du Limousin: 143-157
- RICH, John & WALLACE-HADRILL, Andrew (ed.)
- 1944 **City and country in the Ancient world**. London, New York, Routledge.
- ROMAGNA, L'Emilia.
- 1983 **Studi sulla città antica**. Roma, L'Erma di Bretschneider.
- RORISON, Monica
- 2001 **Vici in Roman Gaul, BAR International Series 933**. Oxford, Archaeopress.
- ROSE, Charles Brian.
- 1997 The Imperial Image in the Eastern Mediterranean. *In*: ALCOCK, Susan E. (ed.). **The Early Roman Empire in the East**. Oxford, Oxbow Books: 108-120.
- ROUSSELLE, Aline.
- 1990 **Croire et guérir. La foi en Gaule dans l'Antiquité tardive**. Librairie Arthème Fayard.
- ROUX, Françoise Le & GUYONVARCH, Christian J.
- 1993 **A Civilização Celta**. 2^a d.. Portugal, Publicações Europa – América.

SCHEID, John.

1991 Sanctuaires et territoire dans la *Colonia Augusta Treverorum*. In: J.-L. Brunaux(dir.), Les sanctuaires celtiques et leur rapport avec le monde méditerranéen, actes du colloque de St-Riquier, novembre 1990. Paris, Éditions Errance: 42-58.

2002 Religion, Institutions et Société de la Rome Antique. L'Archéologie Archeologie Nouvelle. Paris, Éditions Errance, n°61, ago-set.

2007 **La religion des Romains**. Paris, Masson & Armand Colin Éditeurs.

SMITH, E. Baldwin.

1959 **Architectural Symbolism of Imperial Rome and the Middle Ages**. Princeton, Princeton University Press.

THEVENOT, Émilie.

1966 **Histoire des Gaulois**. Paris, Presses Universitaires de France. 6^a ed.

1968 **Divinités et sanctuaires de la Gaule**. Paris, Librairie Arthème.

TONDRE-BOILLOT, Therese.

1985 **Catalogue des collections archeologiques de Besançon: la ceramique sigillée gallo-romaine du sud-ouest de la Gaule**. Paris, Belles Lettres.

TOUSSAINT, Maurice.

1948 **Metz à l'époque gallo-romaine**. Metz, Imprimerie Paul Even.

TREGUER, Michel.

2004 Revolucionário olhar sobre a expansão. História Viva. São Paulo, Duetto, n°7: 40-43.

VAGNE, Henri La

1989 *a* La Romanisation de La Gaule. Archeologia. Dijon, S.F.B.D., n°141: 44-57.

1989 *b* Les Dieux de la Gaule Romaine. Archeologia. Dijon, S.F.B.D., n. 246, mai.: 48-57.

VEYNE, Paul.

1992 Humanitas: Romanos e não romanos. In: GIARDINA, Andréa (dir.). **O Homem Romano**. Lisboa, Editorial Presença: 283-302.

VERNANT, Jean-Pierre

1979 **Religion, histoires, raisons**. Paris, Éditions La Découverte.

ZANKER, Paul.

1992 **Augusto y el poder de las imágenes**. Madrid, Alianza.

2000 The city as symbol: Rome and the creation of an urban image. *In*: **Romanization and the City, Creation Transformations, and Failures: Proceedings of a Conference Held at the American Academy in Rome May 14-16 1998**. Journal of Roman Archaeology Supplementary Ser. 38. Portsmouth, Journal of Roman Archaeology: 25-41.

WARD-PERKINS, J.B.

1981 **Roman imperial architecture**. New Haven, Yale University Press, 2^a ed.

WEBSTER, Jane.

1996 Sanctuaries and Sacred Places. *In*: GREEN, Miranda Jane (org.) **The Celtic World**. London, New York, Routledge: 445-464.

WILSON, C.W.L.

1993 **Rome faces the barbarian: 1000 years to create an empire**. Daoulas, Cultural Centre Abbaye of Daoulas, with the National Library.

WOOLF, Greg.

1989 Urbanization and its discontents in early Roman Gaul. Journal of Archeology Supplementary Series - Romanization and the City. Portsmouth, Journal of Roman Archaeology, mai.:115-131.

1998 **Becoming roman: the origins of provincial civilization in Gaul**. Cambridge, Cambridge University Press.

WRIGHT, James

1995 The spatial configuration of belief: the archaeology of Mycenaean religion. *In*: ALCOCK, Susan & OSBORNE, Robin. **Placing the gods, sanctuaries and sacred space in ancient Greece**. USA, Oxford University Press: 37-78.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

OS FANA NO CONTEXTO GALO-ROMANO

Volume II: *Corpus* Documental

Tatiana Bina

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de *Mestre* em Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Maria Isabel d'Agostino Fleming

Linha de Pesquisa: Processos de Formação e Transformação Social

São Paulo

2008

Índice

Notas ao <i>corpus</i> documental: as limitações da documentação e o possível recolhimento de dados	165
Fichas	170
Alba	171
Alesia	175
Amiens	179
Anderlecht	182
Antigny	185
August	190
Autun	194
Avenches	204
Baudecet	211
Besaçon	214
Bois l'Abbé	220
Bordeaux	223
Bouchauds	226
Cahors	229
Chassenon	233
Corseul	236
Evreux	240
Iuliomagus	243
Izernore	245
Jublains	247
La Terne	254
Le Viel Evreux	256
Le Vieux Lisieux	260
Mandeure	262
Martigny	264
Meaux	268

Perigueux	273
Réze	277
Saint. Bertrand	280
Saint. Marcel	284
Saintes	287
Sanxay	290
Sens	292
Studen	295
Talmont –Barzan	297
Tongres	301
Tours	306
Tours Mirande	308
Tréves	310
Vertault	314
Vidy	318
Vieux	322
Vitudurum	325
Windish	327
Bibliografia	330

**Notas ao *corpus* documental:
As limitações da documentação e o possível recolhimento de
dados.**

O *corpus* documental apresentado a seguir foi formulado segundo alguns critérios. O primeiro e mais importante era que fosse uma reunião de espaços urbanos, do séc. I ao III d.C., cujos principais vestígios do período tivessem sido escavados, suas plantas publicadas e onde tivessem sido encontrados *fana*. Por mais que existam muitas escavações de diversos edifícios do período é raro encontrar plantas que dêem conta de conjuntos urbanos; comumente as plantas apresentam apenas edifícios isolados, em parte, devido ao nível desigual entre as escavações de diferentes construções. Assim, as plantas apresentadas em seguida foram aquelas que possuíam um quadro o mais completo possível de estruturas urbanas, segundo a publicação na bibliografia especializada. No caso dos *fana* ainda há questões adicionais, uma delas é que as escavações tendem a se concentrar em edifícios de maior “prestígio” como anfiteatros e fóruns e nas construções que poderiam estar inseridas no plano ortogonal do espaço urbano. O número de plantas recolhidas aqui, quarenta e quatro, não engloba a real totalidade de templos de tradição galo-romano presentes em estruturas urbanas. Isabelle Fauduet já em 1993 (*b*: 29) conhecia a existência de cerca de 266 santuários estabelecidos em ligação com um assentamento ou um grupo de habitações importantes, embora admitisse a dificuldade de realizar um estudo sobre esses casos.

A elaboração das plantas baixas a partir das evidências arqueológicas romanas, escavadas ou apenas reconhecidas, envolve uma série de problemas; no caso dos *fana* o principal é a não representação de vestígios fora dos muros ou distantes dos locais de ajuntamento de um número maior de edifícios de tradição romana. Os *fana* também são um tipo de edifício corriqueiro e que, talvez por isso, não seja visto como uma representação relevante na elaboração das plantas baixas. Um dos melhores exemplos é Autun, na cidade existe um dos *fanum* de melhor conservação do território galo-romano, em muitas das plantas encontradas durante a pesquisa o templo, conhecido como de Jano, não era representado. Na própria ficha referente a Autun apresentamos algumas dessas plantas por trazerem dados importantes sobre a constituição interna da *ciuitas*.

Outro dado relevante ao observar essas plantas é que a representação das ruas em grande parte são projeções. Os responsáveis pela execução das ruas em geral têm apenas alguns vestígios arqueológicos, a partir desses traçam o que seriam as *insulae* e a rede urbana. Essa é uma questão relevante na medida em que o não alinhamento dos edifícios a essa projeção é freqüentemente considerado como uma evidência de diferentes projetos

urbanísticos ou no caso em que apenas os *fana* têm um alinhamento diferente, costuma se considerar esse indício como uma prova da existência de um local de culto anterior à instauração de um projeto urbanístico. As elaborações mais recentes de plantas de baixo relevo representando um conjunto de estruturas urbanas, conscientes dessa questão, estão se abstendo das projeções viárias. A percepção dos problemas que podem surgir em decorrência das projeções nos diversos estudos que se utilizam desses documentos é louvável, contudo, para nossa pesquisa, essa solução deixa em aberto a existência ou não de trechos de ruas e onde estariam. A instauração de uma rede de vias, efetivamente, é um dos elementos que compõem uma estrutura urbana e devia ter um peso decisivo na paisagem urbana, sobretudo, porque na Gália pré-conquista não existia um projeto urbano nos mesmos moldes.

O trabalho com plantas tem como característica a representação de uma estrutura urbana que por ser apresentada em seu conjunto final, ou seja, o grupo total de evidências do período imperial romano na Gália, não possibilita uma visualização de diferentes períodos de desenvolvimento dos sítios, a não ser por informação externa. Por exemplo, um muro que só foi construído no fim do século II d.C. aparece nas plantas concomitantemente a outra estrutura que no século II d.C. já poderia ter sido abandonada. Por essa razão, a análise da relação entre as estruturas urbanas e os *fana* apóia-se em um momento em que a maior parte da estrutura urbana já está erguida, o que nem sempre ocorre ao mesmo tempo em todos os locais levantados, mesmo que as “ondas” de fundação e construção de determinados edifícios possam ocorrer em um mesmo período. O mais seguro é dizer que a análise que será feita a partir da interpretação de dados será condizente com a situação das estruturas urbanas dos séculos II e III d.C., mais do que do séc. I d.C, apesar de tentarmos estabelecer um quadro cronológico das edificações.

Outra particularidade do levantamento de plantas é a pequena homogeneidade entre elas. Cada planta foi criada segundo critérios de representação divergentes, há algumas que levam em conta a topografia local, outras não, algumas podem ser chamadas de mapas por fornecer escalas, além das direções, outras são apenas croquis nos quais os tamanhos e distâncias são aproximados. O recorte das plantas apresentadas também diverge, há aqueles que se concentram em zonas específicas e outros que apresentam inclusive edifícios já

distantes dos assentamentos. É por essas razões que quando possível levantamos e apresentamos mais de uma planta.

Além das questões relativas à elaboração de plantas, a estruturação desse *corpus* documental também está relacionada à disponibilidade e limitações das fontes bibliográficas. Para constituir cada uma das fichas foram pesquisadas diversas obras com o objetivo de que para cada um dos espaços urbanos, independentemente de seu status, houvesse uma bibliográfica com o maior número de títulos, porém, como foi dito, as escavações e publicações se concentram mais em construções do que em conjuntos urbanos. Assim sendo, as informações relativas à cronologia de determinados edifícios e fases de ocupação, nem sempre é completa. Obras gerais mais relevantes por tentarem estabelecer um quadro amplo da situação urbana se contrapõem a artigos e publicações extensas sobre uma única questão ou edifício, resultando em fichas com informações ora muito específicas ora lacunares.

Portanto, as fichas apresentadas a seguir são um compêndio do máximo de plantas e dados obtidos em escavações que pudemos reunir e que se mostram relevantes para a pesquisa. A estrutura das fichas em itens já é indicativo das questões e interesses que foram levantados em um primeiro momento de pesquisa. Optou-se por uma descrição das informações levantadas como maneira de organizá-las e dispor do modo mais completo possível, para que tabelas fossem posteriormente apresentadas como forma de estabelecer comparações.

Os itens selecionados foram: o nome latino, quando houvesse, o status, o desenvolvimento histórico, os monumentos da época galo-romana encontrados, os antecedentes religiosos e a descrição dos *fana*. O status é uma informação importante porque indica a posição política que o espaço urbano tinha, já que não existe necessariamente uma proporção entre florescimento urbano e situação política; também, dependendo do status o assentamento tem prerrogativas que outros não têm. O item “desenvolvimento histórico” tem por objetivo apresentar informações relativas à existência de ocupações em período gaulês, a fundação, os conflitos, intervenções políticas e período de expansão urbana. Os achados arqueológicos relativos ao período galo-romano são listados no item seguinte, sempre que possível com informações relativas à cronologia e

construção. Como os *fana* são templos que associam influências arquitetônicas gaulesas e romanas, é relevante saber se no local do assentamento urbano havia existido um espaço de culto para tentar estabelecer uma continuidade ou não. Por fim, é fornecida uma descrição sumária da quantidade de *fana*, cronologia, tamanho, localização e possíveis atribuições dos templos a divindades. As fichas a seguir são apresentadas em ordem alfabética pelo nome atual do sítio.

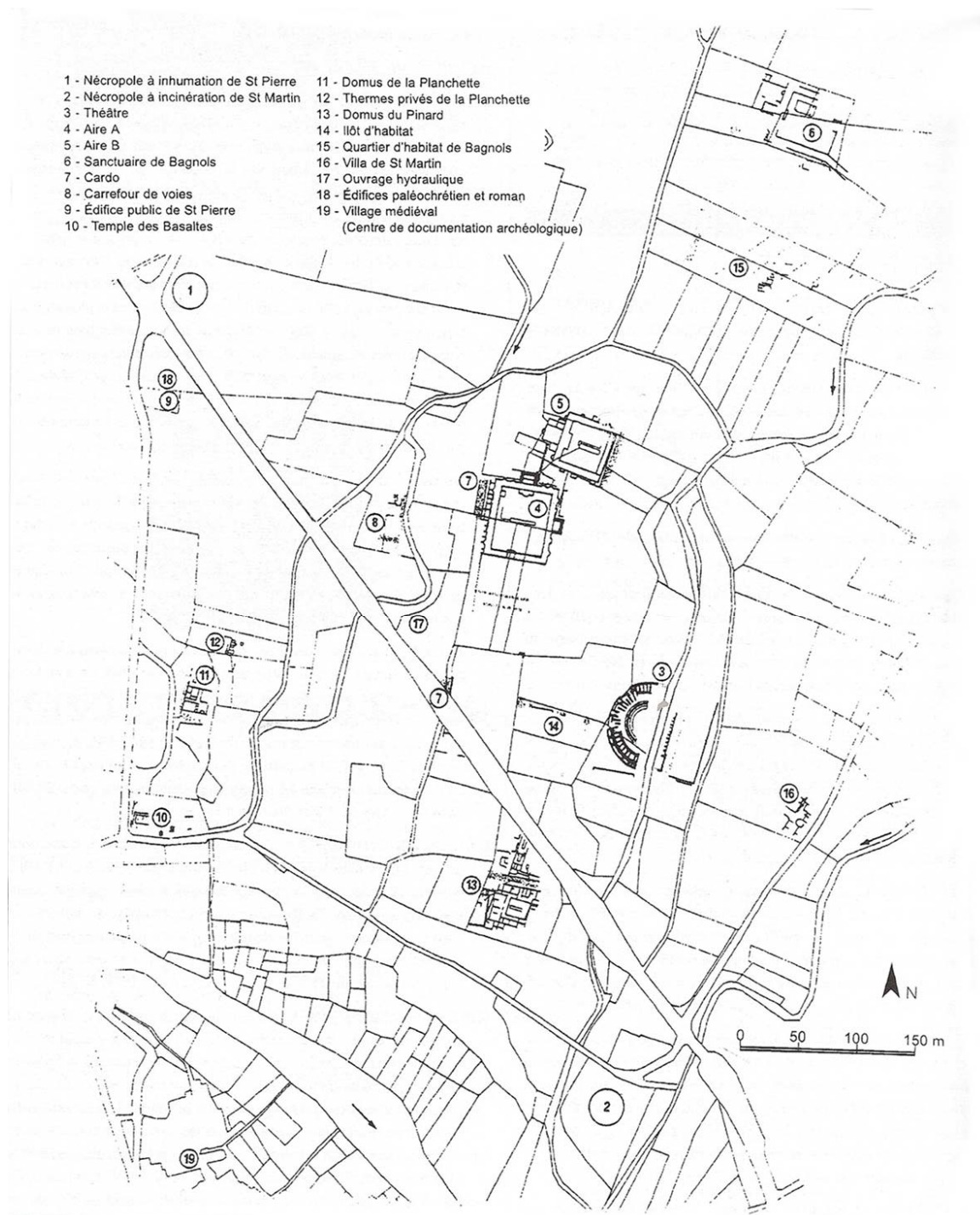
Fichas

Alba

BEDON, Robert.

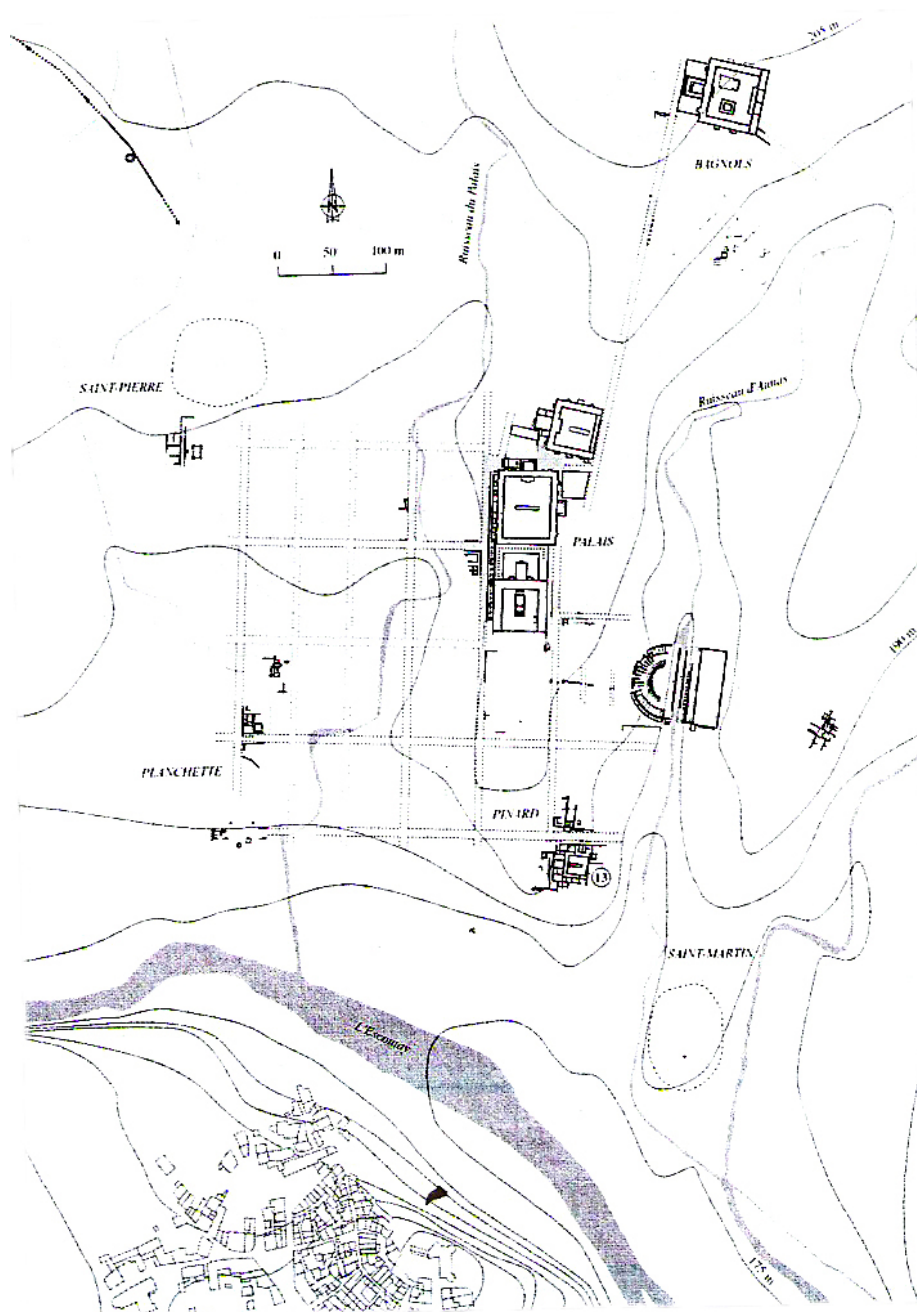
2001 Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain. Paris: Éditions

Picard: 58.



DUPRAZ, Joëlle & RIGAUD, Pierre.

2003 Alba, Capitale des Helviens. *L'Archeologue*. Archéologie Nouvelle, Paris, Éditions Errance, n°66, jun-jul: 5.



Nome: *Alba Helviorum* (*Augusta?*) – *ALBENSES* (Narbonesa)

Status: A cidade é citada por Plínio, o Velho, como um *oppidum Latinum*. Os habitantes tinham o direito romano e estavam inscritos na tribo Voltinia. *Alba Helviorum* foi a capital dos helvios até o fim do séc. IV. O título de Colônia foi dado por César ou Otaviano, com isso, o nome da cidade pode ter mudado para *Alba Augusta Helviorum*.

Desenvolvimento histórico: O sítio foi ocupado desde a pré ou proto-história, em grande parte, por ser um ponto de passagem importante no vale do Ródano. A região foi anexada em 121 a.C. pelos romanos. Os helvios forneceram uma contribuição armada aos romanos no fim da guerra das Gálias. Embora se saiba que *Alba Helviorum* foi a capital dos helvios, a capital do tempo da independência continua desconhecida até hoje. A aglomeração começa a se desenvolver entre 20 a.C e 30/40 d.C., contando com habitações e santuários. Há um desenvolvimento nos sécs I e II d.C. e um provável declínio no séc. III d.C., quando a cidade teria sido destruída por um chefe bárbaro, *Crocus*. Embora arqueologicamente a destruição não pareça ter sido nem tão brutal, nem ter ocorrido em toda o assentamento ao mesmo tempo, os vestígios materiais apontam um abandono que parece ter começado no séc. II e ter sido progressivo até o séc. V, quando a cidade foi completamente abandonada. A perda de sua importância também pode estar ligada a sua situação econômica marginal, já que estava em um eixo de distribuição secundário.

Monumentos da época galo-romana encontrados: Templo de Júpiter; fórum; teatro augusteano (completado no séc. II d.C.); sistema hidráulico; lojas; casas. Não havia muralhas, era uma cidade aberta; uma inscrição indica que havia corporações de artistas e comerciantes: tecelões, lenhadores, carpinteiros, além da atividade de vinicultura.

Antecedentes religiosos: Não foram encontradas menções de antecedentes religiosos na bibliografia.

Descrição dos fana: Três templos rodeados de um peribulo e com entrada a leste, aparentemente se trata de um santuário de Sucellus, hoje é conhecido como “Santuário Imperial de *Bagnols*”. Os edifícios religiosos são abandonados no séc. III d.C.

Bibliografia:

BEDON, Robert.

1988 **Architecture et urbanisme en Gaule Romaine**. Paris, Éditions Errance: 49-50.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions Picard: 57-58.

DUPRAZ, Joëlle & RIGAUD, Pierre.

2003 Alba, Capitale des Helviens. L'Archeologue. Archéologie Nouvelle, Paris, Éditions Errance, n°66, jun-jul: 5-6.

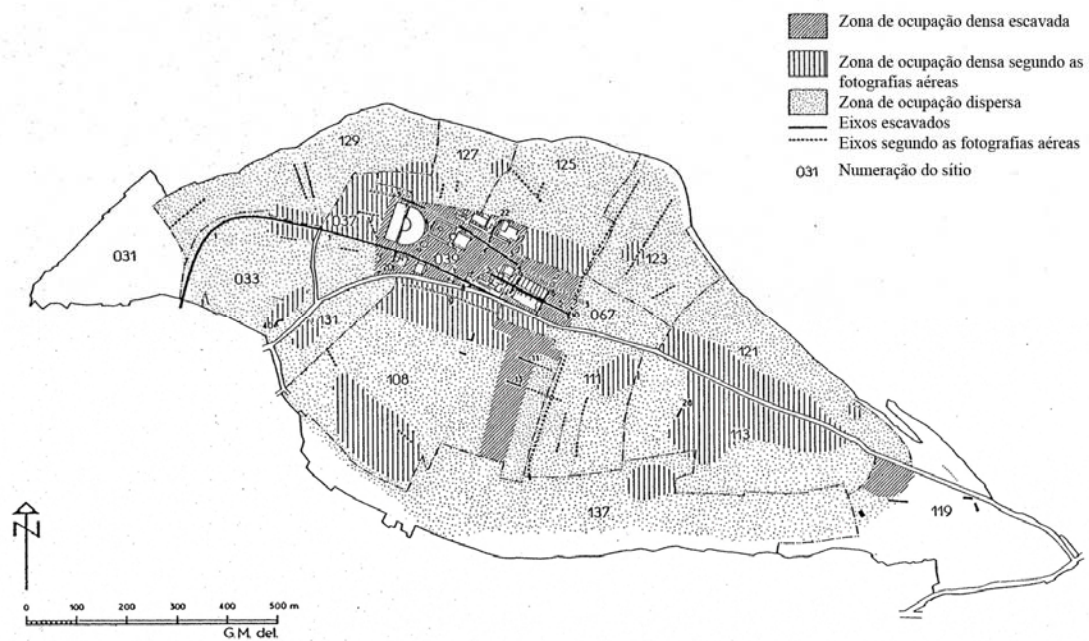
Alise-Sainte-Reine

Caesadonorum

AEBERHARDT.

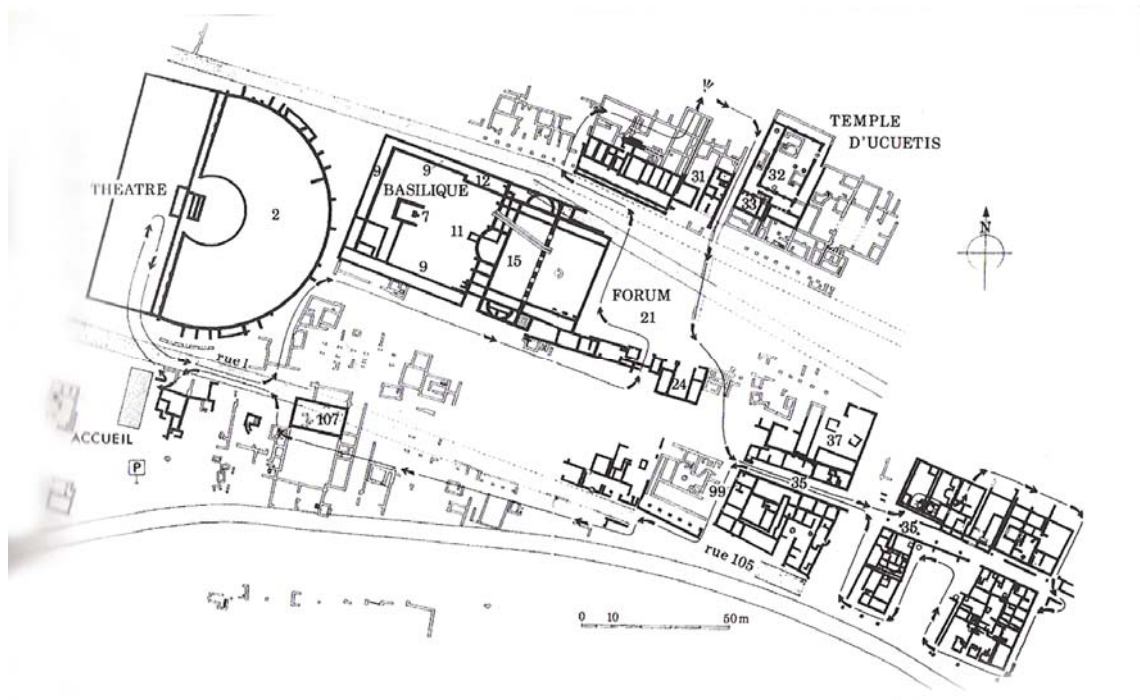
1985 Sanctuaires ruraux et preurbanisation en Charente. *In*: Les Débuts de l'urbanisation en Gaule et dans les provinces voisines. Caesarodunum XX: Actes du colloque, ENS 1984. Paris: 52

O *fanum* está ao lado do fórum e da basílica



BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions Picard: 65.



Nome: *Alesia* (Lionesa)

Status: *Uicus* dos Lingones

Desenvolvimento histórico: O estabelecimento de Alésia se deu em 70 a.C. Antes da conquista romana era o *oppidum* principal da população dos *Mandubii*. O *oppidum* já tinha uma proteção muralhada, embora, descontínua. No período gaulês o *oppidum* contava com lojas e ateliês, há certeza da atividade com o bronze, porém, só se pode supor a atividade com a prata e os ateliês monetários, possibilidade vislumbrada graças à descoberta de moedas gaulesas. Nessa época já havia trocas comerciais com o Mediterrâneo, como bem provam as ânforas vinárias e a cerâmica campânica. A cerâmica local foi identificada como pertencendo ao período de La Tène III.

O sítio foi apresentado por César (B. G., VII, 69) como *urbs* e ficou conhecido pelo cerco romano em 52 a.C. Na época de Augusto, os *Mandubiis* são associados aos *Lingones*, a título de *pagus*, como capital de sua antiga capital que se torna agora um *uicus*.

O desenvolvimento do *oppidum* como um assentamento galo-romano é desigual. Em um primeiro momento, mais ou menos até a época de Tibério, o mobiliário e a produção de moedas continuam gauleses. O assentamento se desenvolve a partir desse momento e chega ao seu máximo no séc. II d.C. com a reorientação do conjunto de

edifícios do centro monumental e construção de edifícios conforme o modelo romano, pois antes a orientação era variada e parte dos edifícios seguia a orientação do templo. Ainda nessa época uma via monumental é construída na borda sul do fórum. Ela parece ter sido destruída em 260 e de novo em 270 d.C., quando foi reconstruída parcialmente. Entre 280 e 340 d.C. há um novo renascimento do sítio. A cidade nunca teve um plano urbano rigoroso e teve adjunções consideráveis sob Tibério e Cláudio.

Monumentos da época galo-romana encontrados: Fórum; basílica construída na época de Trajano e reconstruída na época dos Severos, em cima de antigas habitações gaulesas; templo à Cibele; teatro do séc. I d.C.; fontes, sendo a mais importante a do santuário de Apolo, onde havia uma terma; uma parte do esgoto foi encontrada; dois bairros metalúrgicos perto do fórum, trabalhando com o bronze e o ferro. As peças de bronze, segundo Plínio, o Velho (XXXIV, 162), eram difundidas até as unidades militares estacionadas no Reno, já o ferro servia ao consumo local. Essas atividades continuam até o séc. III d.C.. As escavações também forneceram traços de ateliês de marchetaria; lojas, em um edifício construído na época de Augusto perto do fórum e, a partir da época de Cláudio, outras lojas se estabeleceram ao longo das ruas leste e oeste e em pórticos – no séc. II d.C. até os próprios pórticos foram transformados em lojas –; *macellum* construído no período dos Flavianos, a leste do fórum; um local de corporações com uma dedicatória a *Vcuetis*; casas em quase todos os bairros: havia desde habitações modestas até grandes casas, se imagina que as habitações do norte do fórum, teatro e santuário, como já existiam desde o começo do séc. I d.C., existiriam já na época da independência; sepulturas de incineração foram encontradas perto de uma via.

Antecedentes religiosos: Existia um templo gaulês, com uma área ritual, vizinho ao futuro templo galo-romano. O mobiliário faz supor que o templo fosse dedicado a Taranis (BERNARD & MANGIN 1985:104)

Descrição dos fana: Na época da independência, existia um edifício de madeira no *oppidum* a oeste da praça principal. Em um primeiro momento esse edifício é mantido, porém, na época de Augusto se constrói um edifício de madeira com fundações de pedra, com entrada a oeste e que abrigava estátuas. No período Flaviano esse santuário foi reconstruído: o templo estava deslocado com relação à entrada do peribolo, desenhado segundo o alinhamento do fórum. A princípio ele estava aberto a leste até que a construção

da basílica o fechasse desse lado. O *fanum* foi engolido pelos edifícios mais importantes administrativamente. Um edifício, a noroeste do fórum deixou uma dedicatória ao deus *Vcuētis* e à deusa *Bergusia* (C.I.L., XIII, 2880 e 11247). Ele era composto de um pórtico em torno de um pátio, com três lados e uma cripta no ângulo sudoeste.

A 100 m ao sul do teatro se encontrava um outro *fanum*, em um recinto com peristilo.

Na periferia do assentamento havia três santuários: um no setor oriental era dedicado a Apolo Moritasgus (C.I.L., XIII, 2873; I.L.S., 4682, A.E., 1964, 191; 1965, 181) e provavelmente datava da época da independência. Com grandes dimensões, ele compreendia um *fanum* de planta hexagonal construído sobre um *podium*, uma sala com grandes recipientes para água e termas. A presença de ex-votos indica uma atribuição de cura ao local. Um *Hospitalia* identificado na vizinhança, a sudoeste, servia para abrigar os peregrinos. O segundo santuário se encontrava na vizinhança oeste do assentamento e o terceiro a sudoeste, tinha um *fanum* duplo.

Bibliografia:

BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions Picard: 63-66.

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums**. Paris, Éditions Errance: planta 76 e 80.

GRENIER, Albert.

1958 **Manuel d'Archeologie Gallo-Romaine. Troisième partie: L'Architecture**. Paris, Éditions Picard: 343.

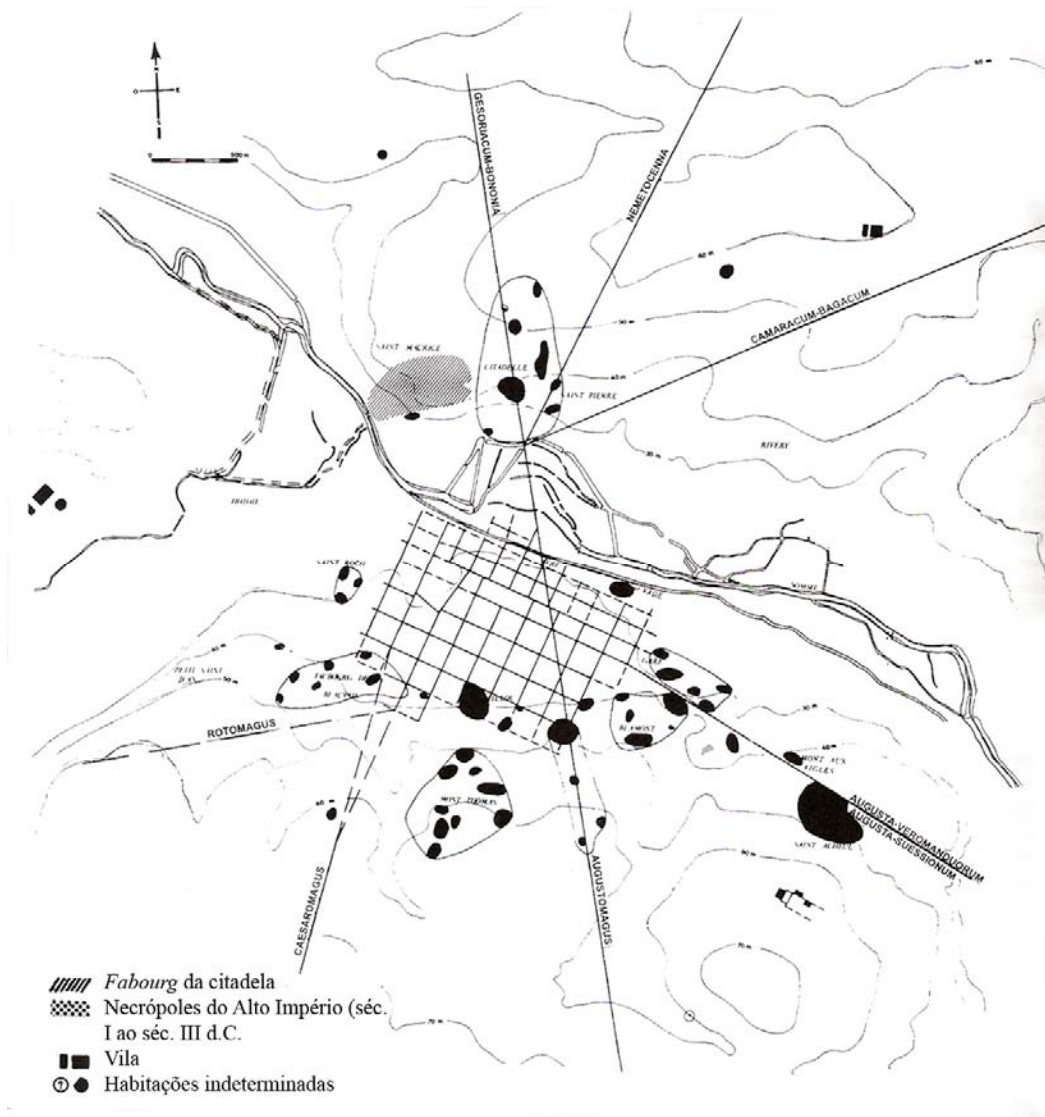
OLIVIER, Alberic.

1989 Corniches et couronnements gallo-romains à Alésia (Alise-Sainte-Reine, Côte d'Or). *Gallia*. Tome 46. Paris, CNRS: 43-70.

Amiens

BEDON, Robert.

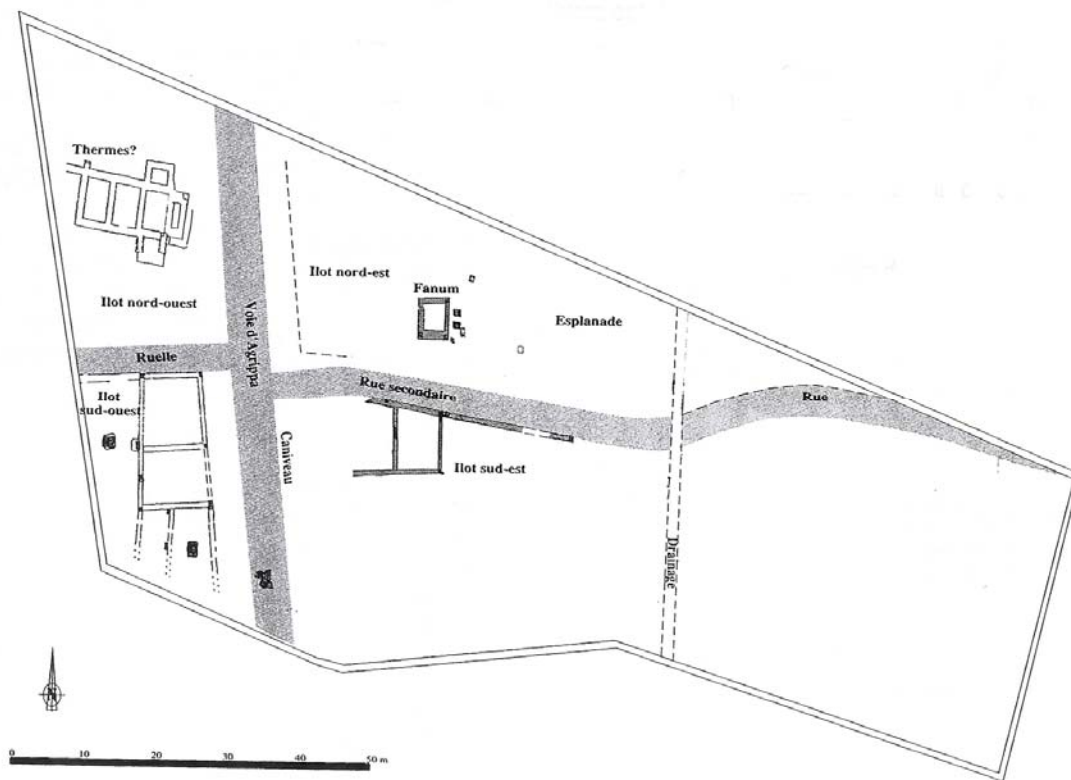
2001 *Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain*. Paris, Éditions Picard: 67-70.



BUCHEZ, Nathalie & GEMEHL, Dominique.

1997 Amiens, découvertes récentes. *Archéologia*. Paris, Éditions Faton, n°333, abr.: 52.

Planta de uma das zonas no começo do séc. III d.C.



Nome: *Samarobriua*, variantes: *Ambianos* e *Civitas Ambianorum*

Status: capital da *ciuitas* dos *Ambiani*. Segundo Bedon (2001:67), a partir de um momento pode ter ganho o status de município, porém, é certo que tenha se tornado capital dos Abiani

Desenvolvimento histórico: A cidade deve ter surgido a partir de um acampamento militar do terceiro quarto do séc. I a.C., que ficava nas suas imediações. A organização urbana se estabeleceu com ruas ortogonais. Um primeiro plano se estabeleceu na época de Augusto, na época de Cláudio o plano primitivo recebeu uma extensão a oeste e outra ao sul. Os primeiros edifícios datam de 32 d.C., a instauração da via de Agripa deve ter precedido essas construções. Teve seu apogeu na época dos flavios e antoninos, período de máximo desenvolvimento da cidade. A cidade deve ter tido como população máxima 15000 habitantes. Havia também um bairro suburbano, que era ocupado de maneira pouco densa na margem direita do Somme e o caminho para Boulogne, esse bairro tinha uma função artesanal.

Foi incendiada diversas vezes, sendo que os incêndios de 80-95 e 160-180, parecem ter se alastrado por toda a cidade. No começo do séc. III o sítio parece ter tido uma

importância como ponto de parada das tropas enviadas para a Bretanha. Depois dos Severos acontece uma grave crise, marcada pelo despovoamento. A cidade foi invadida entre 263-275; também na metade do séc. III há um novo incêndio, seguido de uma fase de recessão que parece ligada à desorganização da economia devido às incursões bárbaras.

Monumentos da época galo-romana encontrados: ruas; uma ponte de madeira; fórum da época de Nero ou Vespasiano (de 95 d.C., os anteriores, que ocuparam o mesmo lugar sofreram incêndios); santuário com pórtico; basílica e lojas; um conjunto administrativo; um *macellum*; havia o grande templo do fórum e outros dedicados a cultos orientais; um anfiteatro oval no centro da cidade, datado do fim do séc. I ou da primeira metade do séc. II d.C. ; poços; um aqueduto de época flaviana; termas; porto fluvial. As primeiras casas de pedra datam da época flaviana aos Severos. Um ateliê monetário funcionou durante alguns anos, a partir de 350; havia um comercio de cerâmica na periferia norte; fornos e ateliês, dentre os quais de ferro, foram identificados no sul; mós de grãos deveriam pertencer a padeiros; entrepostos; uma necrópole com 400 enterramentos; existiam enterramentos nas estradas, a norte, sul, leste e oeste. Muro reduzido construído entre 275-300 d.C., protegendo fórum e anfiteatro entre outros edifícios.

Antecedentes religiosos: A bibliografia consultada não menciona.

Descrição dos fana: Há um único *fanum* nas proximidades da via de Agripa e de uma secundária, nas imediações há uma terma.

Bibliografia:

BUCHEZ, Nathalie & GEMEHL, Dominique.

1997 Amiens, découvertes récentes. Archéologia. Paris, Éditions Faton, n°333, abr.: 48-55.

BAYARD, Didier & MAHEO, Noël.

1989 La redécouverte d'Amiens Antique. Dossiers d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton, n°140, jul-ago.: 57.

BEDON, Robert.

1988 **Architecture et urbanisme en Gaule Romaine**. Paris, Éditions Errance: 52-53.

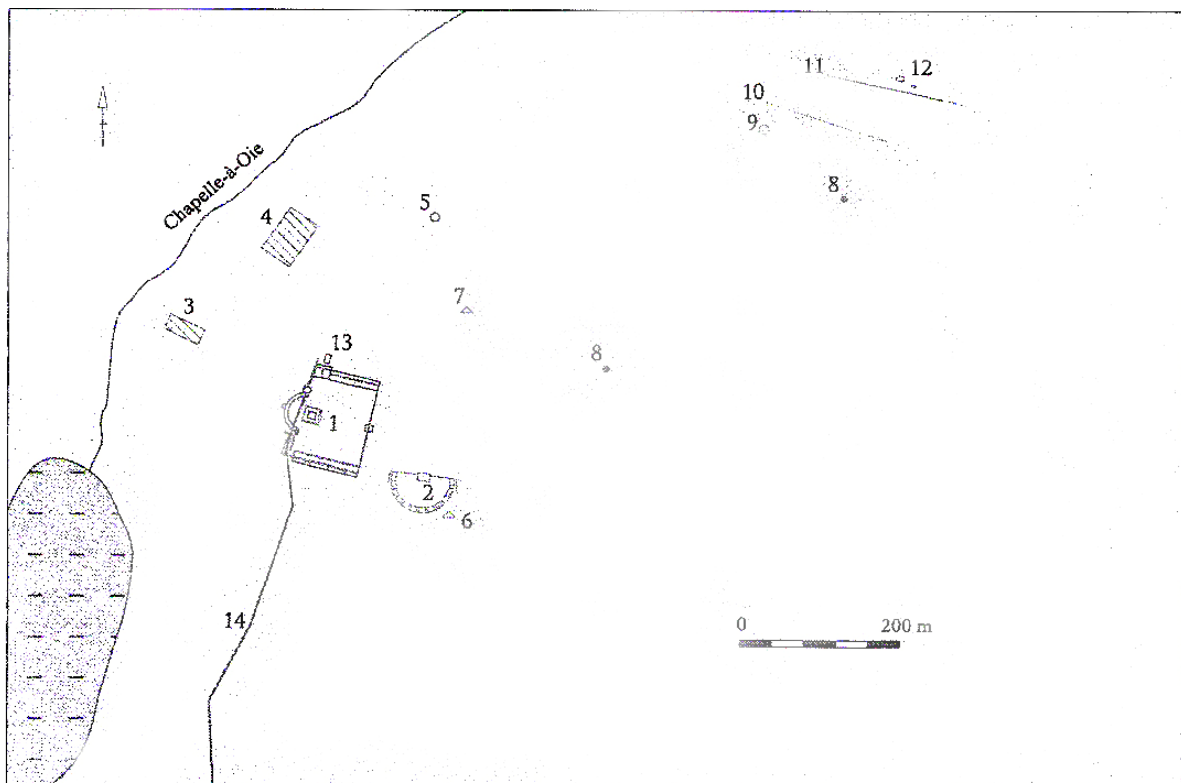
2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions Picard: 67-70.

Anderlecht (Ville d'Anderlecht, Boiry-Sainte-Rictrude)

PARIDAENS, Nicolas; GILLET, Évelyne & DEMAREZ, Léonce.

2006 La Ville d'Anderlecht à Blicquy: sanctuaire de cité. Dossier d'Archéologie.

Dijon: Éditions Faton, n°315, jul-ago.: 92.



- 1: Santuário.
- 2: Edifício indeterminado.
- 3: Termas (?).
- 4: Ateliê de bronze.
- 5: Forno
- 6: Setores artesanais.
- 7: Ateliê de recipientes de cerâmica.
- 8: Poços.
- 9: Caminho.

10: Grande fossa.

11: Monumentos funerários.

12: *Culina*.

13: Aqueduto.

14: Relevô.

Nome: o nome durante o período galo-romano não é conhecido, contudo, hoje o sítio faz parte da cidade de Nerviens.

Status: Provavelmente um assentamento que fazia parte da *Ciuitas Nerviorum*.

Desenvolvimento histórico: No local havia uma necrópole da Idade de Ferro, do tipo campo de urnas, com 35 tumbas. Na Idade do Bronze um espaço destinado à prática de ritos é implementada nas proximidades da necrópole, caracterizado como um local de enterramento de objetos; desses os vestígios arqueológicos metálicos são datados do séc. I a.C. Também foi encontrado um depósito de ossos resultante de uma manipulação *post mortem* do corpo de um jovem adulto e um conjunto monetário datados entre 50 e 30 a.C., provando uma ocupação contínua até o período galo-romano. A cidade parece ter sido ocupada até a segunda metade do séc. III d.C.. O sítio ficava a 2,5 Km de um outro assentamento formado nas margens de uma rota romana, chamada “*Camp romain*”.

Monumentos da época galo-romana encontrados: um teatro da primeira metade do séc. II d.C., que se estima ter sido capaz de acolher 5mil pessoas; aqueduto; termas; um bairro com ateliês de artesanato, no qual foi encontrada uma grande quantidade de cerâmica culinária da segunda metade do séc. II d.C. e da primeira metade do séc. III d.C., devido a sua proximidade com o santuário, PARIDAENS; GILLET & DEMAREZ (2006: 93) acreditam que haveria aí uma *culina*, utilizada na preparação de uma refeição ritual.

Antecedentes religiosos: Provavelmente haveria ritos religiosos ligados à necrópole existente durante a idade do ferro e do bronze.

Descrição dos *fana*: Os dois templos encontrados compunham o que hoje se chama de Santuário de Blicquy, sua composição se explica cronologicamente. Um primeiro templo com uma única *cella* foi implementado na proximidade do santuário proto-histórico, entre o meio do séc. I a.C. e o período augusteano. Um conjunto de 120 buracos com postes foi

descoberto a sudoeste do templo. Aparentemente, existia um conjunto de árvores no local, que talvez possa ser considerado como um bosque sagrado artificial.

Na segunda metade do séc. I ou no começo do séc. II, foi realizado um programa de monumentalização, um grande templo com *cella* e galeria é implementado a oeste do primeiro templo com acesso a leste, o templo se encontra no eixo da entrada do santuário. O santuário é equipado com pórticos com colunatas sobre três lados; a oeste há uma galeria semi-circular com 50 m de diâmetro e uma êxedra central. A noroeste do *fanum* e situado na extremidade norte do hemiciclo, uma peça com um recipiente destinado a contenção de água central, uma bacia, deveria servir a rituais religiosos e era alimentada pela água de um aqueduto. Na frente do templo havia duas fossas de oferendas destinadas, provavelmente, à exposição dos objetos; em uma fossa situada no ângulo noroeste do santuário foram encontrados restos de animais sacrificados: bois, cabras e aves. No santuário também foram encontrados materiais metálicos, como as estatuetas de bronze de Marte, Mercúrio, Júpiter, Minerva, animais e pequenas máscaras de bronze. As fíbulas e moedas encontradas mostram uma circulação dessa cultura material datada do começo do séc. I d.C., o material cerâmico só aparece no meio do séc. I d.C., porém, a quantidade de oferendas cerâmicas cresce nos sécs. II e III d.C, junto com os *votum* e os dons, em detrimento das oferendas de tipo militar e dos troféus.

Bibliografia:

PARIDAENS, Nicolas; GILLET, Évelyne & DEMAREZ, Léonce.

2006 La Ville d'Anderlecht à Blicquy: sanctuaire de cité. Dossier d'Archéologie.

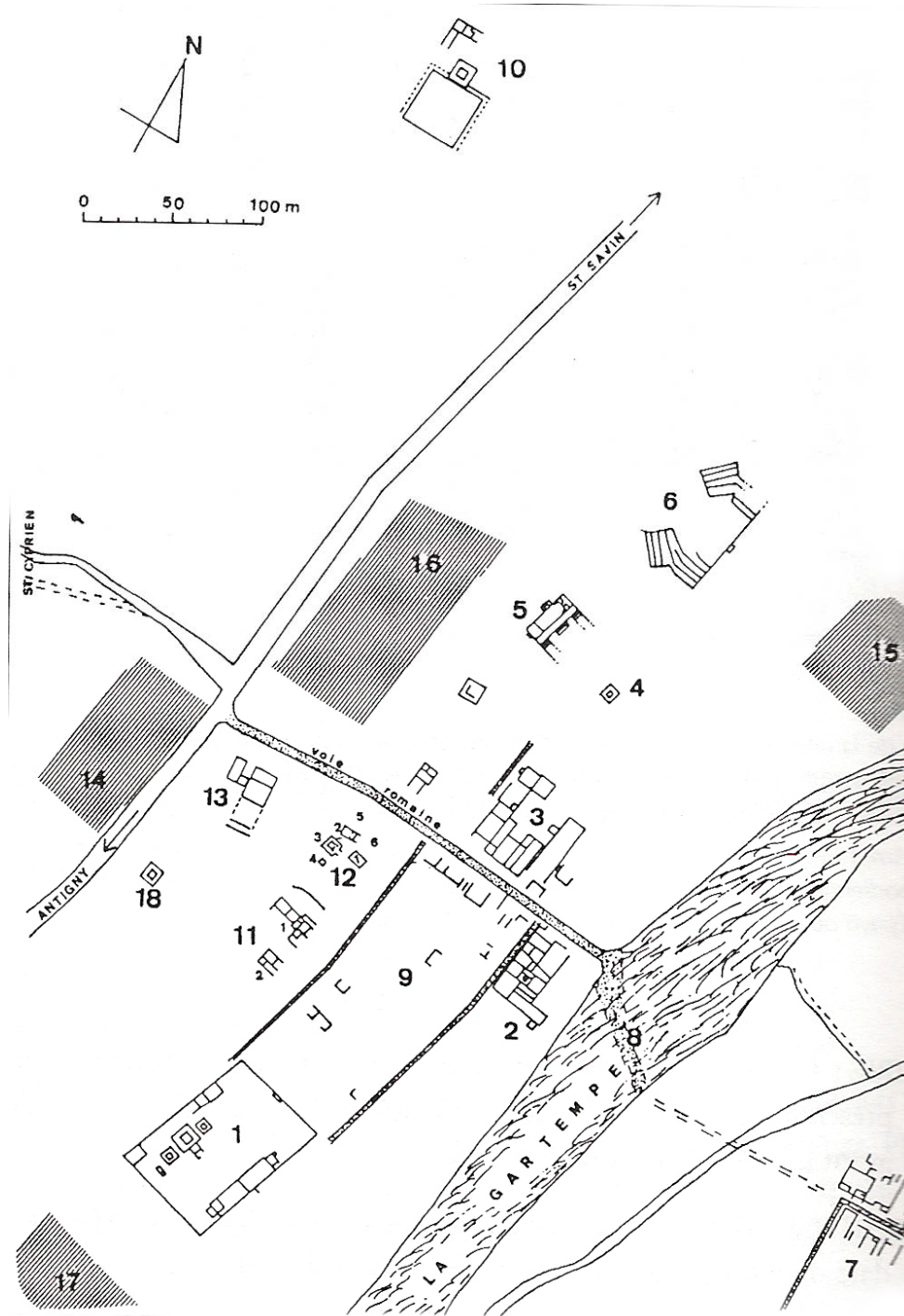
Dijon, Éditions Faton, n°315, jul-ago.: 90-93.

Antigny

BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain.** Paris, Éditions

Picard: 76.



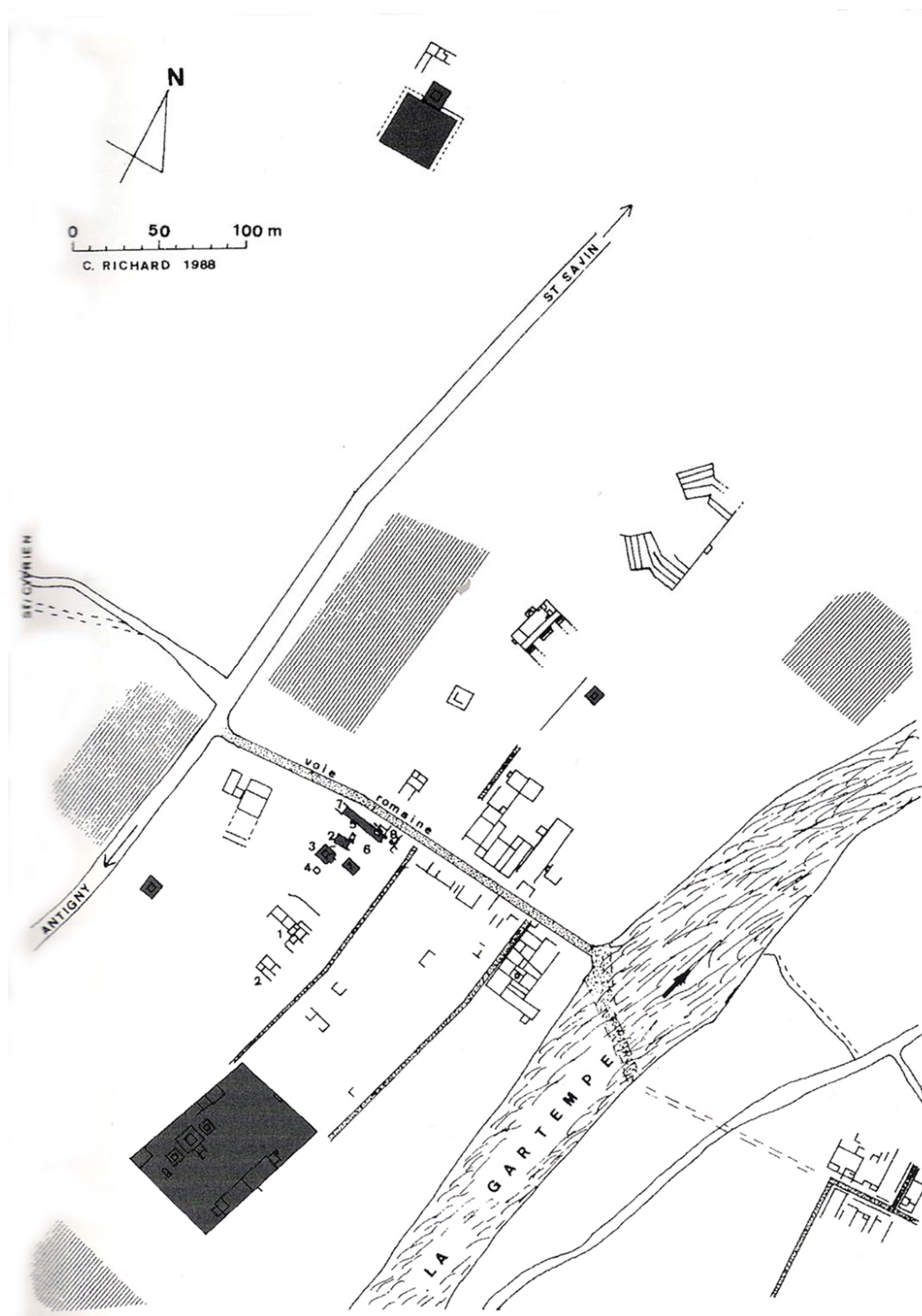
Legenda:

- 1 – Grande santuário
- 2 e 3 – Habitações
- 4 – *Fanum*
- 5 – Estabelecimento termal
- 6 – Teatro
- 7 – Quarteirão à direita do rio
- 8 – Córrego
- 9 – Traços de construção (ao redor do fórum?)
- 10 – Santuário
- 11 – Habitações (?)
- 12 – Santuário
- 13 – Construções não identificadas
- 14, 15, 16 e 17 – Zonas de habitação (?)
- 18 – *Fanum*

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Les temples de tradition celtique en Gaule romaine**. Paris, Éditions Errance:33.

O mapa apresenta os santuários e *fana* sombreados.



Nome: desconhecido

Status: *Uicus da Ciuitas dos pictos.*

Desenvolvimento histórico: O *uicus* surgiu na época de Augusto e tinha função cultural, orientada para o tratamento de doenças oculares. Há uma rede de ruas ortogonais na margem direita do rio. O *uicus* era a última etapa na estrada de *Limonum* a *Argentomagus*.

Monumentos da época galo-romana encontrados: Fórum; teatro, com mobiliário datado do séc. I; termas do séc. I d.C., com uma segunda parte construída no séc. II d.C. e destruída no fim do séc. III ou começo do séc. IVd.C.; instalações artesanais que se misturavam com as habitações; um templo de pedra de planta greco-romana, datado da metade do séc. II d.C, e, provavelmente, dedicado à tríade Júpiter, Juno e Minerva. Segundo Picard (1993:373), sua decoração é extremamente rica e só tem correspondência aos templos no Norte e Leste da Gália, talvez esse fosse um Capitólio, o que seria raro, pois esse tipo de culto não é recorrente na Gália, contando com apenas 20 menções.

Antecedentes religiosos: A bibliografia não menciona.

Descrição dos *fana*: O vicus está dotado de vários santuários que contêm *fana*:

O chamado “Grande templo tripartite (de Mercúrio) (1) era composto de três *Fana* quadrados com galeria, sendo que o do meio era maior que os outras dois, o santuário estava em um recinto fechado por um muro retangular de 5400m² e talvez fosse dedicado a Mercúrio. Além desses três edifícios, na parte leste do muro havia um edifício alongado, com comprimento de 43,70 m por 10, 25 de largura. O único elemento arquitetural remanescente é um pedaço de um capitel corinto de mármore, com a figuração de folhas de oliva.

A zona cultural (12) conheceu uma atividade religiosa que continua do último quarto do séc. I a.C. até meados do séc. IV d.C.. É possível reconhecer arqueologicamente três etapas principais, verificáveis pelos seguintes vestígios: a) poços com oferendas, onde se jogavam moedas e armas, um medalhão, talvez dedicado a Apolo (um pilar também foi achado no *uicus* em homenagem ao deus), um vaso dedicado ao deus Brito, os ex-votos relacionados aos olhos se agrupavam em torno de um recipiente de água, uma bacia, provavelmente de um altar e um edifício, é possível perceber a destruição desse primeiro, no fim do principado de Augusto ou sob o reino de Tibério e; b) sua substituição por um *fanum* quadrado construído com madeira, composto por uma *cella* de 3,10 metro de lado entornado de uma galeria de 7m de largura e provavelmente consagrada a Apolo. c) Uma reconstrução, com aumento para 9m foi efetuada no séc. II ou III d.C.

Picard (1993:377) acredita que o templo (12.3) podia ser um templo capitolino (“mini-capitole”), dedicado a Minerva, Juno, Júpiter, deuses esses que foram identificados graças ao *posticum*. Esse autor imagina que quem o construiu fez como uma forma de demonstrar sua lealdade a Roma, ainda assim, ele expõe a hipótese de Chr. Richard (*apud* PICARD 1993:378) de que talvez o templo 12.3 fosse um mausoléu.

A norte do santuário havia um *fanum* (18) com galeria, medindo 7m². A noroeste do assentamento havia um outro *fanum* (10), cuja *cella* era entornada por uma galeria que media ao redor de 30 m².

Bibliografia:

BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions Picard: 76-77.

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums**. Paris, Éditions Errance: plantas 65 e 67.

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Les temples de tradition celtique en Gaule romaine**. Paris, Éditions Errance: 33.

PICARD, Gilbert.

1993 La Romanisation de la Gaule, problèmes et rerspectives. Revue Archéologique. Paris, PUF, fasc. 2.: 353-385.

August

FELLMANN, Rudolf.

1992 **La Suisse Gallo-Romaine, cinq siècles d'histoire.** Suisse, Territoires,
Editions Payot: 102.

Planta da cidade romana e do *castrum rauracense* no baixo império

**Legenda:**

1 – Fórum, basílica e templo principal

2 – Teatro

- 3 – Templo conhecido como *Schönbühl*
- 4 – Banho público feminino
- 5 – Fórum secundário
- 6 – Banhos públicos centrais
- 7 – Santuário e termas romanos de *Sichelen*
- 8 – Quarteirões de habitações e artesãos
- 9 – Anfiteatro
- 10 – Santuário galo-romano de *Sichelen*
- 11 - Santuários galo-romanos de *Sichelen* II e III
- 12 – *Aubergio (mansio)* circular ?
- 13 - Aqueduto principal
- 14 – Porta oeste
- 15 – Porta leste
- 16 – Tumba monumental de planta circular
- 17 – Santuário conhecido como *Im Sager*
- 18 – Construção artesanal Schmidmatt
- 19 – “Cidade baixa” de Augusta Raurica ?
- 20 – Fossos pertencentes a “trincheiras” da primeira metade do primeiro século d.C.
- 21 - *Castrum* rauracense (baixo império)?
- 22 - Trabalho hidráulico do baixo império?
- 23 – Ponte sobre o Reno
- 24 – Construção circular monumental sobre a ilha de *Werdt*
- 25 – Necrópole oeste
- 26 – Necrópole leste, conhecida como *Am Stalden*
- 27 – Necrópole leste, setor ocupado a partir do meio do século IV d.C.
- 28 – Necrópole leste, conhecida como *Im Sager*
- 29 – Forno de telhas da “legio I Martia” ?
- 30 – Formação rochosa fortificada, conhecida como *Kastelen* ?
- 31 – Fossos separando o *Kastelen* ?
- 32 – Quarteirão ao longo da rua levando à porta oeste
- 33 - Quarteirão ao longo da rua levando à porta leste

34 – Aqueduto leste

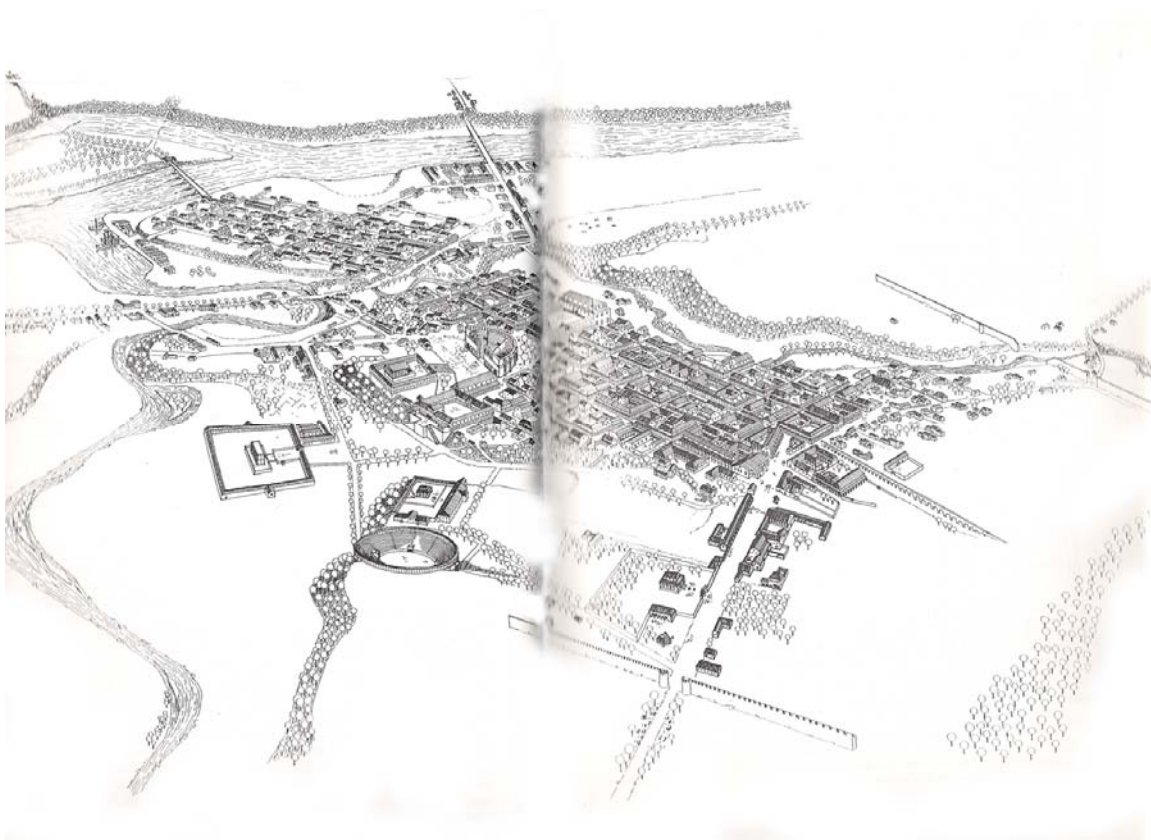
35 - Ponte sobre o Reno passando pela ilha de *Werdt*

FELLMANN, Rudolf.

1992 **La Suisse Gallo-Romaine, cinq siècles d'histoire.** Suisse, Territoires,

Editions Payot: 102

Reconstituição da cidade



Nome: **Augusta Raurica/August**

Status: colônia.

Desenvolvimento histórico: Fundada entre 44 e 43 a.C, mas teve um refundação na época de Augusto. A cidade está situada em uma parte alta no confluente de dois cursos de água: o Ergolz e o Violenbach. Há uma parte baixa próxima desses dois rios e do Reno. Augusta Raurica tinha uma grande importância militar, visto que estava em face à fronteira

Germânica, tanto que algumas tropas ficavam em uma “caserna” na cidade, no fim do séc. I d.C. Destruições no fim do séc. II d.C. Ataques germânicos entre 235 e 260 d.C..

Monumentos da época galo-romana encontrados: Fórum com: basílica, cúria, lojas, um pórtico e um templo a Júpiter. Um templo a Cibele, um teatro ligado ao templo de *Schönbühl*, um anfiteatro fora do perímetro urbano, dois aquedutos, canalização nas ruas, poços privados, termas para as mulheres, termas centrais, casas em pedra (só depois da metade do séc. I. d.C.), necrópole. Muro simbólico, com duas portas com muros inacabados de época flaviana.

Antecedentes religiosos: A bibliografia consultada não menciona.

Descrição dos fana: Os *fana* se dividem em dois recintos. Quanto ao primeiro (10), se trata de um *fanum* com galeria que parece estar dentro de um "peribolo", talvez fossem pórticos. É notável sua proximidade com o anfiteatro. Dois outros *fana* (11) estão a alguns metros do primeiro. Dentro de uma delimitação quase retangular se encontra um *fanum* maior e uma outra delimitação, onde se encontra um *fanum* menor. A bibliografia consultada não traz informações específicas sobre esses edifícios.

Bibliografia:

BEDON, Robert.

1988 **Architecture et urbanisme en Gaule Romaine**. Paris, Éditions Errance: 68-69.

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums**. Paris, Éditions Errance: plantas 90 e 91.

FELLMANN, Rudolf.

1992 **La Suisse Gallo-Romaine, cinq siècles d'histoire**. Suisse, Territoires, Editions Payot: 78, 102 e 104-105.

GRENIER, Albert.

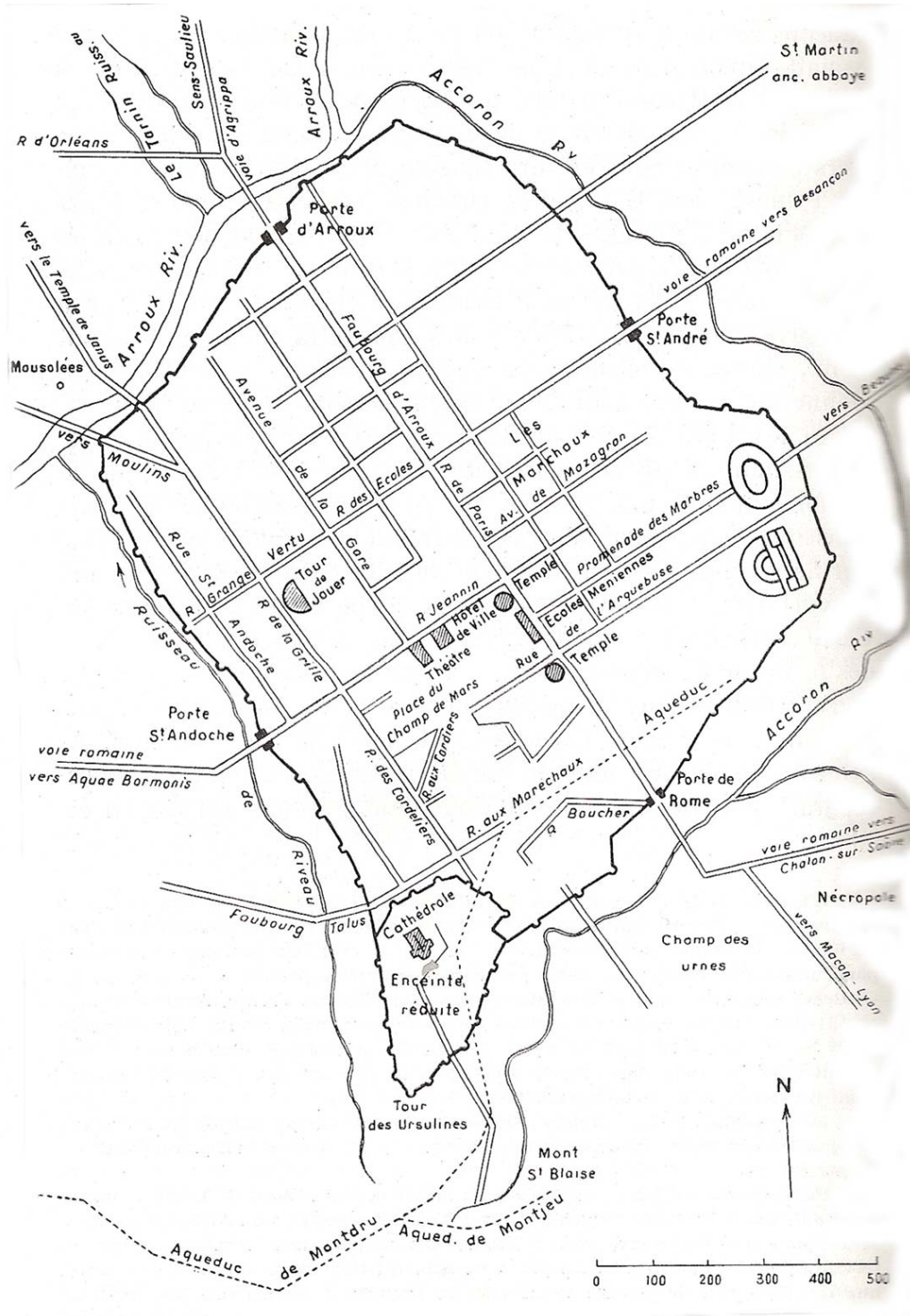
1958 **Manuel d'Archeologie Gallo-Romaine. Troisième partie: L'Architecture**. Paris, Éditions Picard: 369.

GRENIER, Albert.

1958 **Manuel d'Archeologie Gallo-Romaine. Troisième partie: L'Architecture.**

Paris, Éditions Picard: 236.

Planta sistemática de *Autun* (1899)

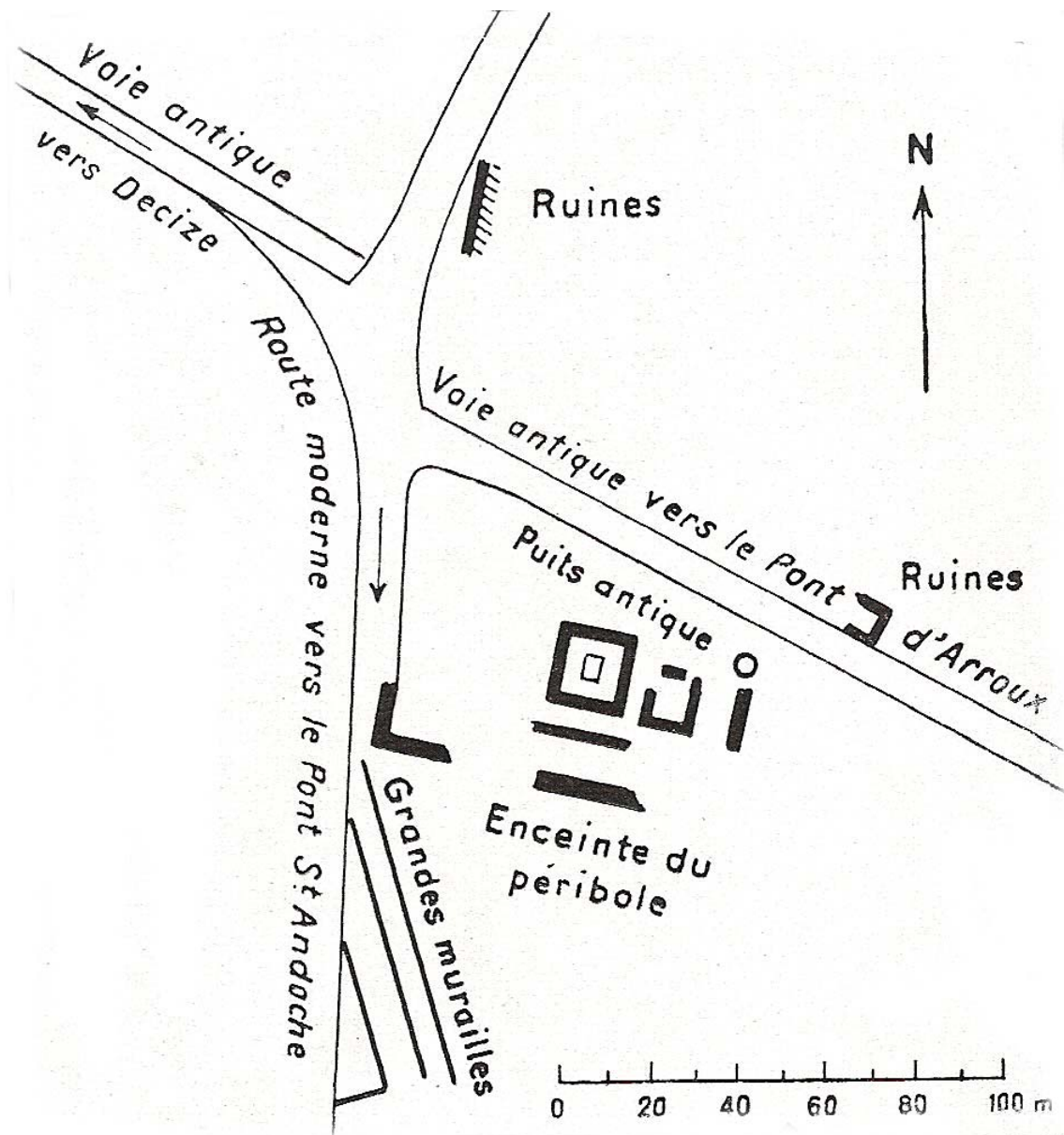


GRENIER, Albert.

1958 **Manuel d'Archeologie Gallo-Romaine. Troisième partie: L'Architecture.**

Paris, Éditions Picard: 458.

Planta do templo de Jano

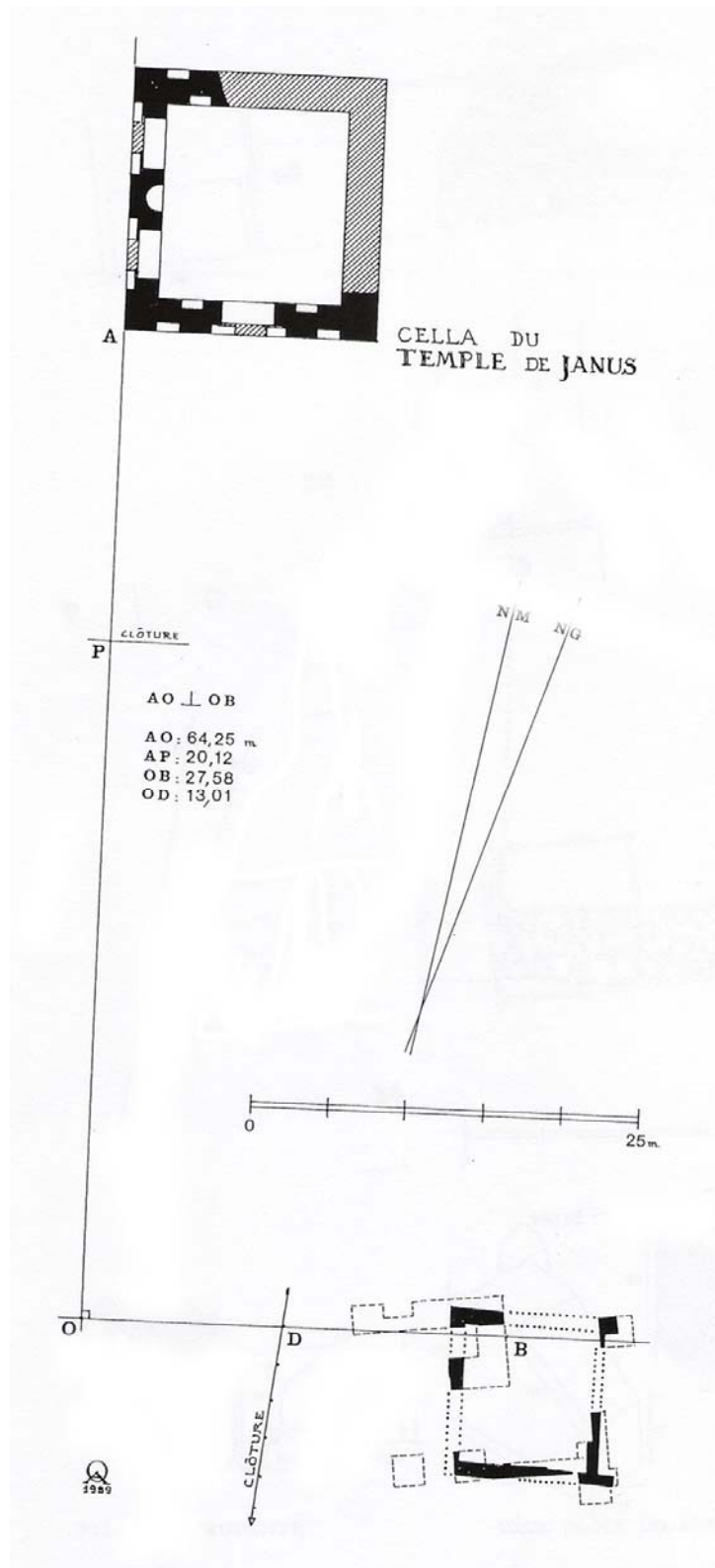


OLIVIER, Albéric & REBOUG, Alain

1989 Un nouveau temple gallo-roman à La Genetoyen Autun (Saône-et-Loire).

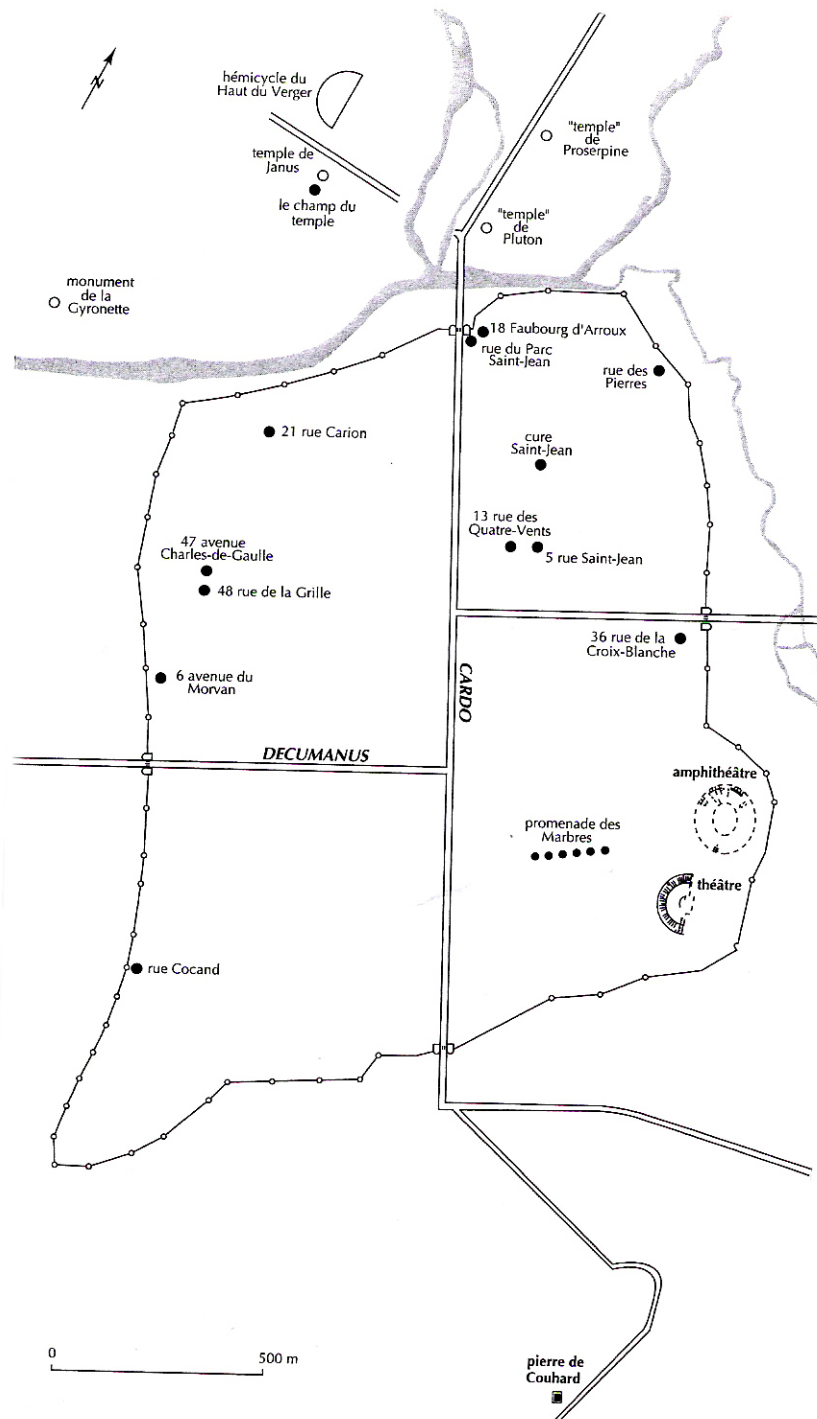
Revue de l'Archéologie de l'Est, Paris, Ed. du C.N.R.S., 40: 112.

Relação entre o templo de Jano e o templo de Genetoye.



WOOLF, Greg.

2000 Urbanization and its discontents in early Roman Gaul. Journal of Archeology Supplementary Series - Romanization and the City. London, sem ed.mai.:115-131.



COULON Gerard & GOLVIN, Jean-Claude.

2002 Voyage en Gaule Romaine. Arles – Paris, Actes Sud – Éditions Errance: 12.

Reconstituição



Monumentos visíveis

- 1 – Teatro
- 2 – Muros e torres
- 3 – Porta de Santo André
- 4 – Porta de Arroux
- 5 – Templo de Jano
- 6 – Templo de Apolo

Monumentos não visíveis

- 7 – Anfiteatro
- 8 – Teatro
- 9 – Fórum

Nome: *Augustodunum* (Gália Lionesa)

Status: capital da *ciuitas Aeduorum*, cidade federada ou aliada. Colônia entre o fim do séc. I d.C. e começo do séc. III d.C.

Desenvolvimento histórico: No local que ira abrigar a cidade havia necrópoles usadas na Idade do Bronze e do Ferro com inumações incinerações e mobiliário. Contudo, a fundação

ocorre apenas na época de Augusto, em torno de 15 a.C. A cidade está situada próxima do *oppidum* eduardo do Mont-Beuvray (Bibracte). Sua localização é o cruzamento de vias naturais entre o Loire, o Sena o Saône e o Ródano, também é o nó da rota de 12 vias. Durante o período romano chegou a ser ocupada por Julius Sacrovir, em 21 d.C., em uma das contestações ao poder romano mais conhecidas da Gália, mas foi rapidamente liberada. Também, em outra das grandes insurreições a Roma, durante os anos de 68-69, alguns habitantes tomaram o partido de C. Julio Vindex, governador da Lionesa, outros se aliam ao boeno Marrico, vencido por Vitellio. O status de colônia lhe foi dado, a título honorífico entre o fim do séc. I e o começo do séc. III d.C. Se seguiram dois séculos de paz interrompidos em 259 com o assédio de tropas da Germânia; em seguida, em 269, a cidade foi assediada durante sete meses pelo terceiro imperador gaulês, Victorino, pois esta tinha tomado partido no novo Augusto proclamado em Roma, Cláudio II, chamado “o Gótico”. Sofreu restauração e incentivos sob Constancio Chlore e Constantino. A cidade seguia uma rede de ruas ortogonais, com um *cardo* principal e dois *decumani* importantes.

Monumentos da época galo-romana encontrados: Muro augusteano com 54 torres circulares e quatro portas; elementos de ruas ortogonais em correspondência com as portas; Fórum, com criptopórticos foram vistos no séc. XVII; Capitólio na cidade alta; templos de fontes dedicados a Apolo, Minerva, Hércules, Plutão, Cibele (não há certeza); Teatro construído entre a época de Cláudio e dos Flavios – há uma inscrição de Vespasiano, possivelmente foi refeito em 105, segundo uma outra inscrição –; podium usado como anfiteatro (o anfiteatro de 69 d.C. desapareceu) devia haver uma escola de gladiadores de tipo *cruppellarii*, atestada para o ano 21; fontes, poços, dois aquedutos vespasiano e o mosaico de uma terma; duas séries de esgoto; também foram encontrados ateliês metalúrgicos de: bronze, cerâmica e vidros, ao longo dos muros no interior; no noroeste da cidade também devem ter existido ateliês: monetário, de bronze, de ferro; artesanato em osso da segunda metade do séc. I; um entreposto; um porto e uma “escola”, cuja localização se dá a partir da descrição das fontes antigas.

Augustudum tinha ricas casas no seu centro. Perto do “templo de Jano” se descobriu um teatro-anfiteatro; havia também duas necrópoles nas saídas da cidade a noroeste e a sudeste, com inumações e cremações, além de dois mausoléus, um, a “Pyramide de Couhard, foi datado do séc. I e tinha uma altura de 33m, foi encontrado nas rotas para

Chalon-sur-Saône e para Lyon; o outro foi encontrado a nordeste da cidade, perto do templo de Jano no caminho para Bourges. Ele continha uma tumba monumental, conhecida como “Gironette” ou “templo de Proserpine”, com planta circular com 27,40 m de diâmetro, cuja estrutura fez com que se acreditasse que tentaria recriar o aspecto de um *tumulus*; havia ainda uma terceira concentração de tumbas na borda da rota para Auxerre, com um mausoléu, chamado de “Templo de Pluton”; a noroeste, na rota para Besançon também foram encontrados túmulos e um mausoléu datado do séc. II ao III d.C.

Antecedentes religiosos: Os restos de um edifício, encontrados na parte noroeste da cidade foram interpretados como as ruínas de um santuário. Como sua orientação é diferente do esquema urbano, se imagina que sua implementação seja anterior ao período galo-romano. Graças às inscrições ao deus *Anuallus*, se acredita que o santuário fosse dedicado ao mesmo.

Descrição dos fana: Um santuário suburbano se situava no nordeste da cidade (lugar conhecido como Genetoye), na borda da estrada que se dirige a *Auaricum*. Ele compreendia numerosas construções, em particular muitos templos, dos quais um conhecido como de Jano (denominação sem fundamento), este consistia em uma *cella* quadrangular de 16,35m por 16,80m, com altura de 24m, originalmente rodeado de uma galeria com largura de 5,30 m. A parede sul da *cella* e, provavelmente, a norte tinham um grande nicho, a parede oeste dois nichos, a porta ficava a leste. No andar superior há três janelas na face leste, ao redor havia uma galeria de circulação de 5,30m.

A sudoeste do templo de “Jano” havia um pequeno templo quadrado de 11 m de lado. A construção está assentada sobre um solo no qual foram descobertos vestígios neolíticos, porém o único mobiliário encontrado capaz de fornecer alguma datação é uma moeda de Augusto; a cerâmica atesta uma ocupação contínua durante os três primeiros séculos da nossa era. A abertura deste templo era voltada para o leste.

Uma prospecção aérea, seguida de sondagens, também revelou a uma pequena distancia no norte um teatro cultural de tipo galo-romano, datado do começo do séc. II d.C.. Existe a possibilidade de que houvesse no sítio termas, todos esses elementos, mais a existência de outros edifícios isolados de função desconhecida reforçam a hipótese de que se tratasse de uma zona cultural.

Bibliografia:

BEDON, Robert ; CHEVALLIER, Raymond & PINON, Pierre.

1988 **Architecture et urbanisme en Gaule Romaine**. Paris, Éditions Errance: 70-73.

BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions Picard: 88-92.

BONNEAU, M. M. (org.).

1994-1995 Autun. Gallia Informations. L'Archéologie des régions Corse et Bourgogne. Paris, CNRS: 134

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums**. Paris, Éditions Errance: planta 80.

GRENIER, Albert.

1958 **Manuel d'Archeologie Gallo-Romaine. Troisième partie: L'Architecture**. Paris, Éditions Picard: 236 e 458.

OLIVIER, Albéric & REBOUG, Alain

1989 Un nouveau templo gallo-roman à La Genetoyen Autun (Saône-et-Loire). Revue de l'Archéologie de l'Est. Paris: Ed. du C.N.R.S., 40: 111-114.

WOOLF, Greg.

2000 Urbanization and its discontents in early Roman Gaul. Journal of Archeology Supplementary Series - Romanization and the City. London: sem ed.mai: 115-131.

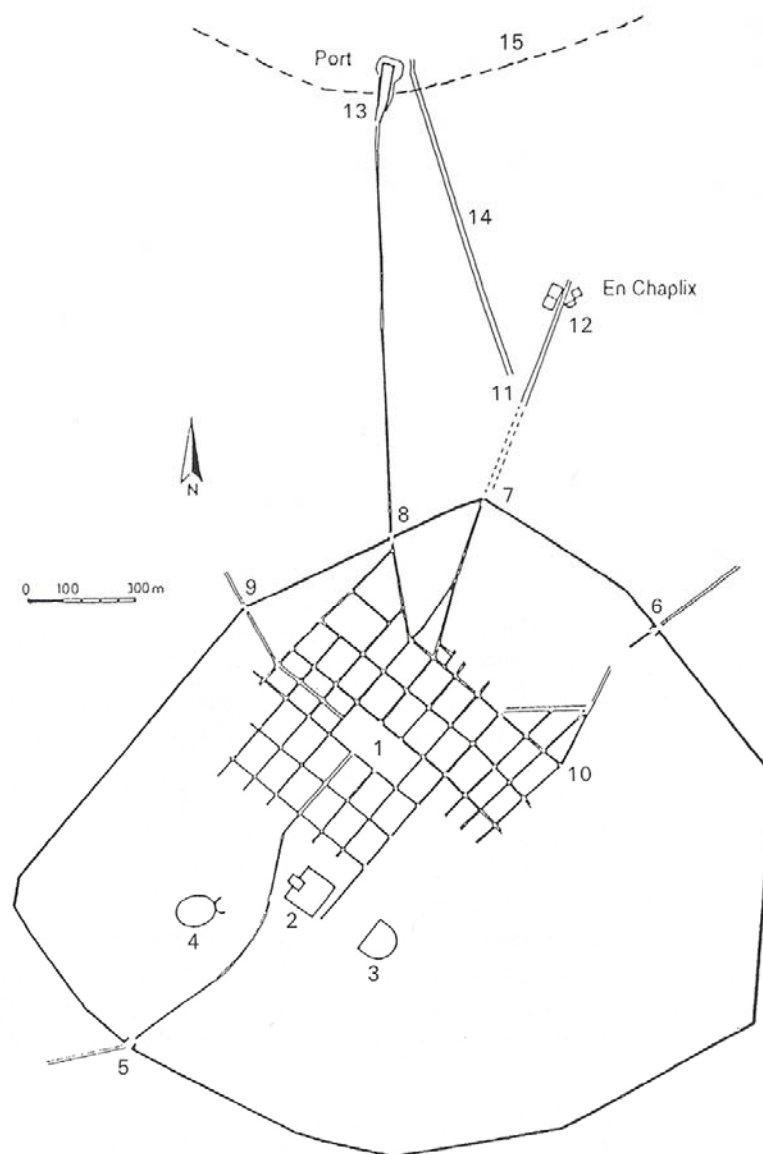
Avenches

FELLMANN, Rudolf.

1992 **La Suisse Gallo-Romaine, cinq siècles d'histoire.** Suisse, Territoires,
Editions Payot: 94.

Aventicum/Avenches

Planta esquemática da cidade (estado das pesquisas no fim de 1990)



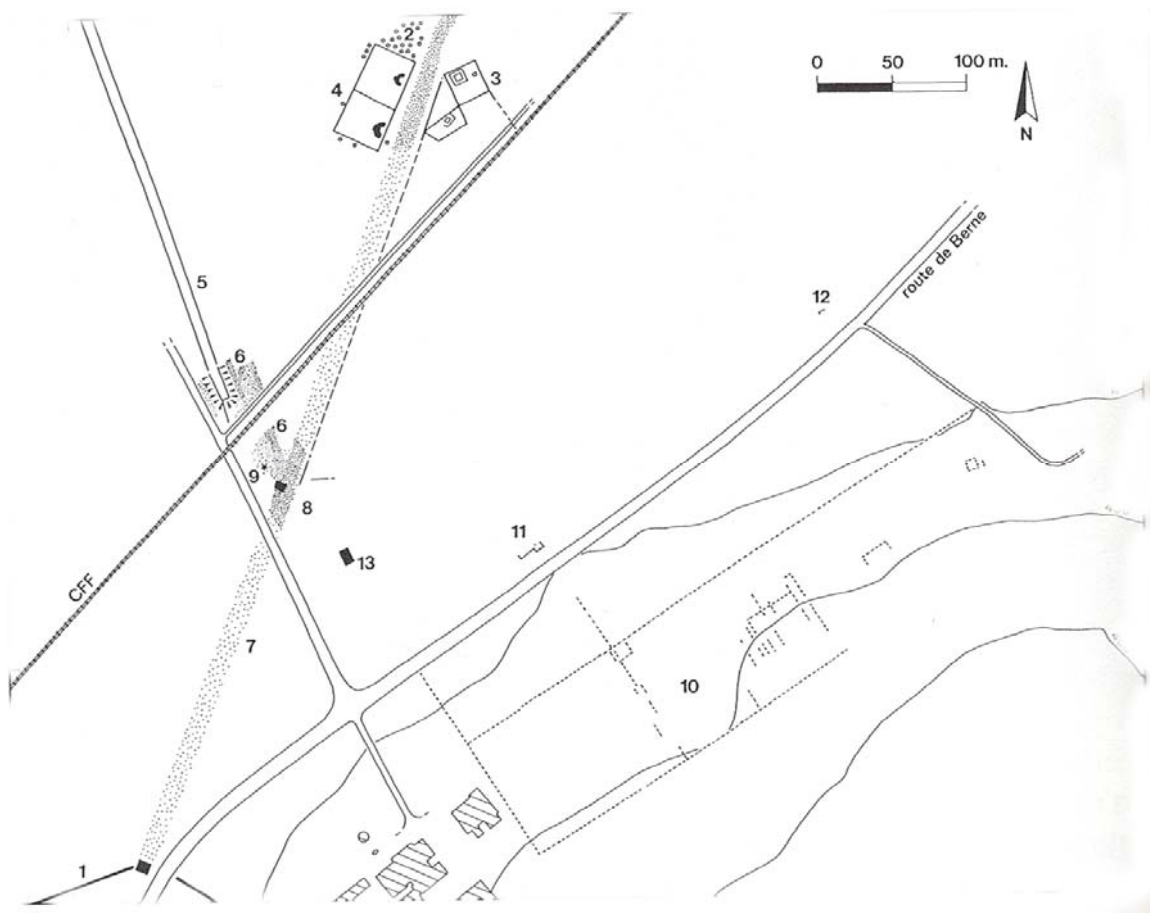
Legenda :

- 1 – Fórum
- 2 – Templo do Cigognier
- 3 – Teatro
- 4 – Anfiteatro
- 5 – Porta Oeste
- 6 – Porta Leste
- 7 – Porta Nordeste
- 8 – Porta pequena do Norte
- 9 – Porta do Norte
- 10 – Quarteirões sul da cidade
- 11 – Canteiro naval
- 12 – Zona "*En Chaplix*" (mausoleus, templos galo-romanos)
- 13 – Porto
- 14 – Canal navegavel
- 15 – Antigo rio do lago de *Morat*

FELLMANN, Rudolf.

1992 **La Suisse Gallo-Romaine, cinq siècles d'histoire.** Suisse, Territoires,
Editions Payot: 142.

Zona suburbana ao norte da cidade



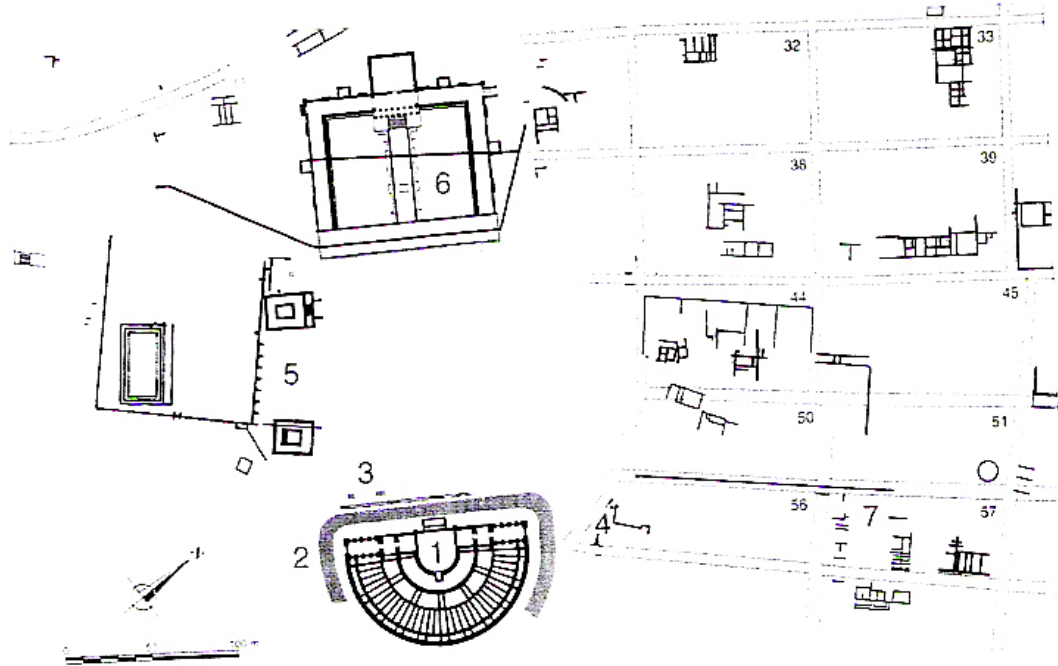
Legenda:

- 1 – Muro ao redor da cidade
- 2 – Necrópole, “En Chaplix”
- 3 – Santurios galo-romanos, “En Chaplix”
- 4 – Mausoleus, “En Chaplix”
- 5 – Canal navegável
- 6 – Canteiro naval
- 7 – Estrada norte-oeste
- 8 – Pequeno rio e ponte de madeira
- 9 – Base de coluna com dedicatória a Netuno e *Silvain* ?
- 10 – Grande “cidade” suburbana de “Russalet
- 11 – Grande “cidade” suburbana de “Russalet
- 12 – Forno de telhas

GRENIER, Albert.

1958 **Manuel d'Archeologie Gallo-Romaine. Troisième partie: L'Architecture.**

Paris, Éditions Picard: 375 .

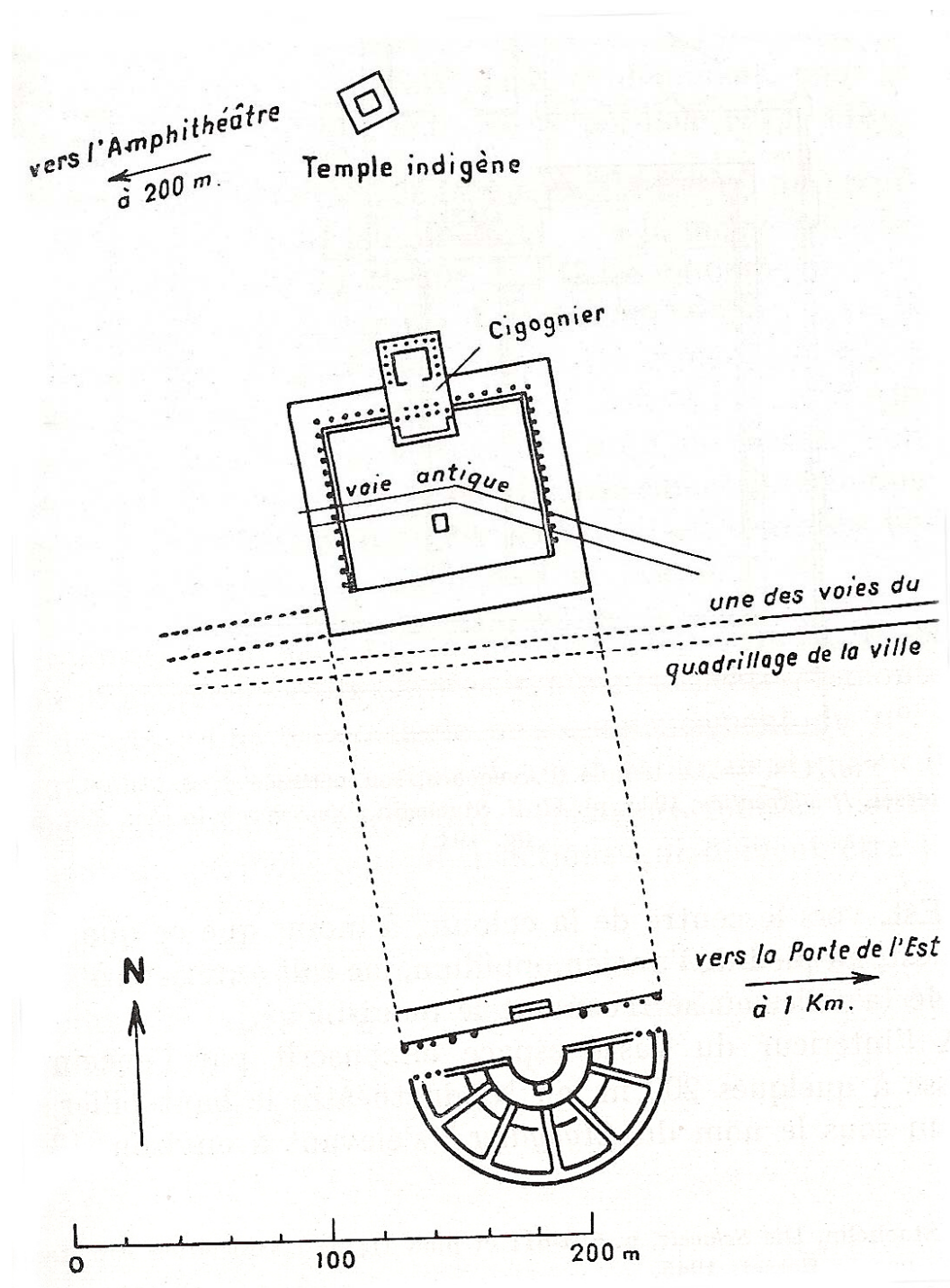


GRENIER, Albert.

1958 **Manuel d'Archeologie Gallo-Romaine. Troisième partie: L'Architecture.**

Paris, Éditions Picard: 375.

Avenches: conjunto templo, fórum e teatro, planta de 1948



Nome: Avenches (*Auenticum Heluetirum*), En Chaplix, Vaud

Status: *Colônia Pia Flauia Constans Emérta Heluetiorum Foederata*

Desenvolvimento histórico: Fundada na época de Augusto, ao redor de 8 a.C., às margens de uma zona sagrada freqüentada desde a época da independência. Tornou-se colônia sob Vespasiano, em 71 d.C. A cidade conhece um declínio a partir do meio do séc. III d.C., com o abandono progressivo dos bairros de habitação, tendo uma nova ascensão no séc. V d.C..

Monumentos da época galo-romana encontrados: O muro foi começado em 75 d.C., contava com 73 torres e devia ter cinco portas, sua importância era mais política do que defensiva, contudo, já no Baixo-Império o muro não existia. Havia também um fórum tripartite com monumentos religiosos e provavelmente uma biblioteca pública no seu nordeste; um anfiteatro; um teatro (ambos começados depois de 71 d.C.) – o teatro sofreu uma reforma no fim do séc. III, que o transformou em uma praça forte, com uma fossa defensiva –; três edifícios de banhos (um sob Cláudio e dois sob os Flavios); seis aquedutos; um porto; quatro necrópoles, perto das portas leste, nordeste, norte e oeste, uma perto do porto. Quanto às casas, eram de madeira até a época de Cláudio, depois há a substituição progressiva por uma arquitetura em pedra com tetos de telhas.

Antecedentes religiosos: Havia uma zona sagrada antes da implementação da cidade romana nas suas proximidades.

Descrição dos *fanum*: Dois edifícios religiosos no norte de Aventicum, nas áreas suburbanas de En-Chaplix. Em uma primeira fase entre os dois edifícios havia uma paliçada, um desses edifícios, na verdade, deveria ser uma tumba, pois foram descobertas uma mulher e uma criança incineradas em uma fossa no local da futura *cella*, na época, deveria ser protegida por uma edícula de madeira. A datação para esta tumba é do meio do segundo decênio a.C.. O edifício do segundo período foi construído com pedras, 4m a leste do primeiro edifício em razão da tumba, ainda mantida –esta recebia oferendas de moedas nessa fase, que data de 25 a 30 d.C..

Havia ainda comprovadamente um terceiro *fanum* dentro da cidade atrás do templo chamado de Cigognier, este último situado em frente ao teatro. Trata-se de um *fanum* com uma *cella* rodeada por uma galeria. A oeste do teatro existem duas estruturas distantes poucos metros uma da outra que parecem ser dois *fanum* rodeados, cada um, por uma galeria.

Bibliografia :

BEDON, Robert ; CHEVALLIER, Raymond & PINON, Pierre.

1988 **Architecture et urbanisme en Gaule Romaine**. Paris, Éditions Errance: 75-77.

BLANC, Pierre.

2003 Avenches/Aventicum, capitale des Helvètes. L'Archeologue. Archéologie Nouvelle. Paris, Éditions Errance, n°66, jun-jul: 8.

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums**. Paris, Éditions Errance: planta 88.

FELLMANN, Rudolf.

1992 **La Suisse Gallo-Romaine, cinq siècles d'histoire**. Suisse, Territoires, Editions Payot: 94, 100 e 142.

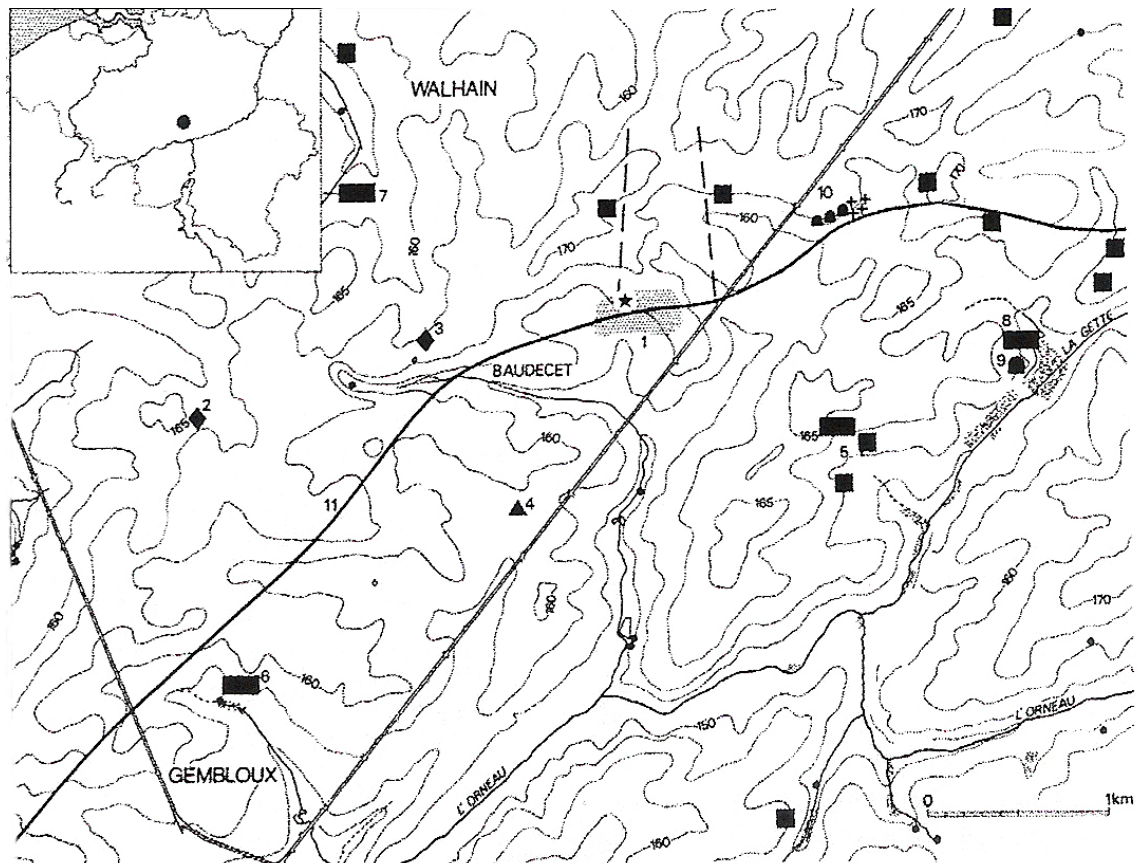
GRENIER, Albert.

1958 **Manuel d'Archeologie Gallo-Romaine. Troisième partie: L'Architecture**. Paris, Éditions Picard: 375.

Bauducet

PLUMIER, Jean.

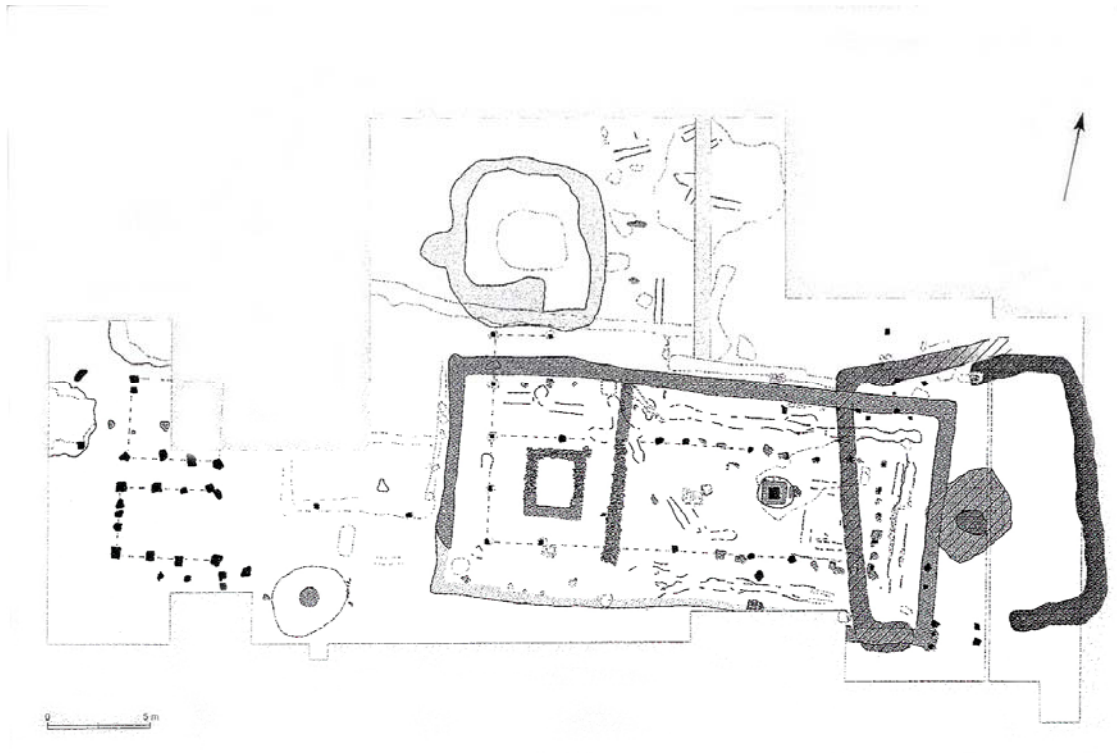
2006 Bauducet, sanctuaire d'agglomération. Dossiers d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton, n°315, jul-ago.: 94.



- 1: Assentamento de Bauducet.
- 2: Ocupações proto históricas.
- 3: Ocupações proto históricas.
- 4: Habitação indígena.
- 5: *villa* galo-romana.
- 6: *villa* galo-romana.
- 7: *villa* galo-romana.
- 8: *villa* galo-romana.
- 9: túmulo galo-romano.
- 10: tumulo galo-romano.

PLUMIER, Jean.

2006 Bauducet, sanctuaire d'agglomération. Dossiers d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton, n°315, jul-ago.: 95.



Plano do *fanum* de Bauducet

Fase I: enclos e poços centrais

Fase II: *cella*, *favissa* e anexo em pedra, poços exteriores.

Nome: Desconhecido

Status: Trata-se de um assentamento, há dúvidas se este seria ou não um *uicus*.

Desenvolvimento histórico: O santuário surgiu no séc. I d.C., no centro de um pequeno assentamento. A norte havia o *uicus* de Tourinnes-Saint-Lambert, ao sul o de Namur. A região foi ocupada pelos romanos a partir da segunda metade do séc. I d.C. Atividades no sítio se intensificam no segundo quarto do séc. II d.C. Contudo, o assentamento não sobrevive às agitações do séc. III d.C..

Monumentos da época galo-romana encontrados: Um *fanum*. Durante o séc. II d.C. o templo deveria ser freqüentado por viajantes que utilizavam a via Bavay – Cologne; uma *favissa* que continha uma plaqueta de outro com uma inscrição em latim de um texto gaulês, cujas hipóteses interpretativas não são conclusivas; atividade metalúrgica: mais de quarenta fornos de fundição, associados com restos de metal e carbono de madeira, na ruína do anexo do templo e em locais isolados da área cultural

Antecedentes religiosos: Desconhecidos

Descrição dos *fanum*: *Fanum* de pedra composto de uma *cella* descentralizada de 3,5 por 2,80m. O templo é aberto ao sul. Na sua proximidade foram encontrados poços com cerâmica, uma datada provavelmente do fim do séc. III.

Bibliografia:

PLUMIER, Jean.

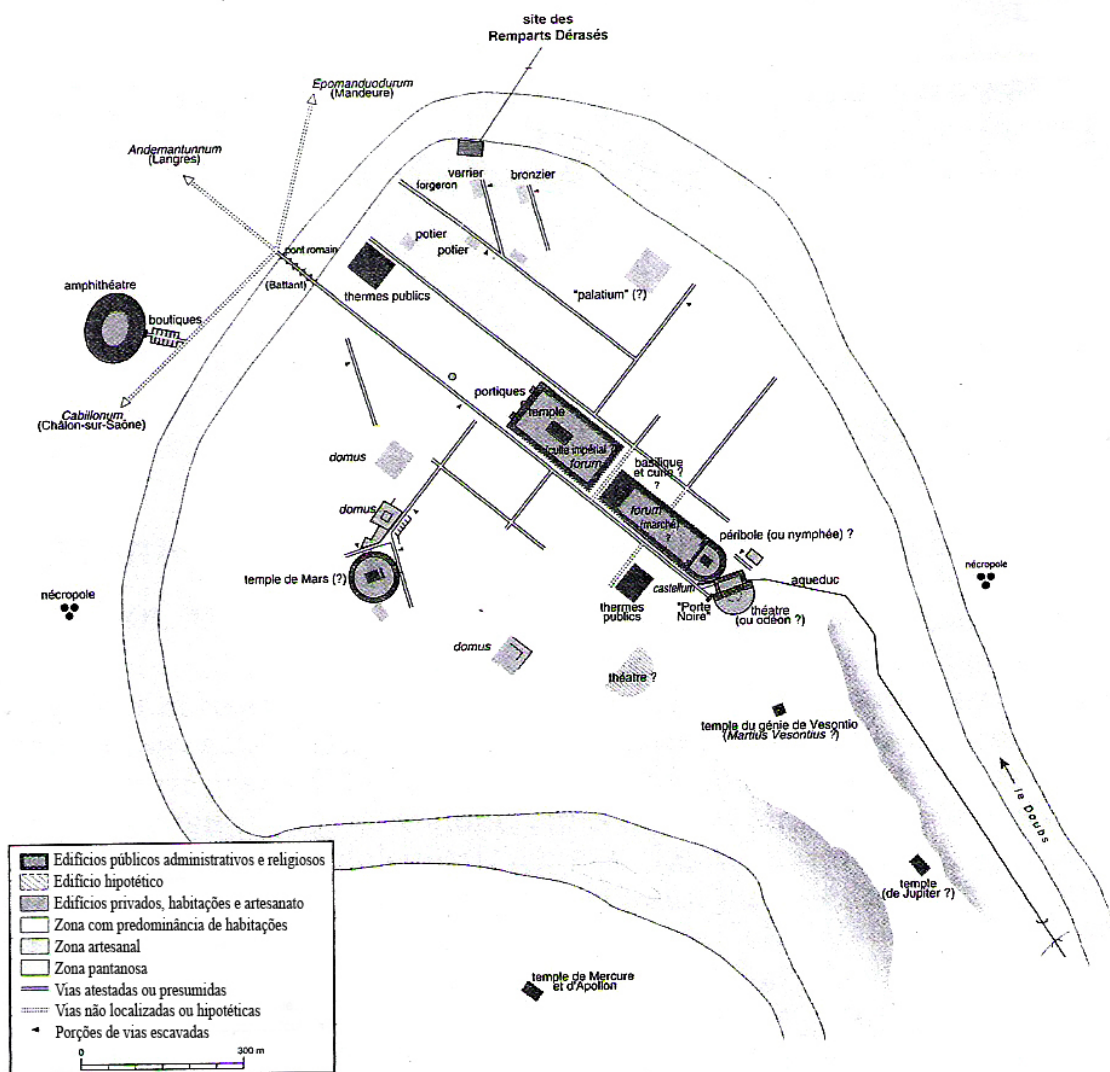
2006 Bauducet, sanctuaire d'agglomération. Dossiers d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton, n°315, jul-ago.: 94-97.

Besançon

VAXELAIRE, Laurent & SCHWIEN, Jean-Jacques.

2002 Besançon, rempart et quai sur le Doubs. *L'Archeologue*, Archéologie Nouvelle.

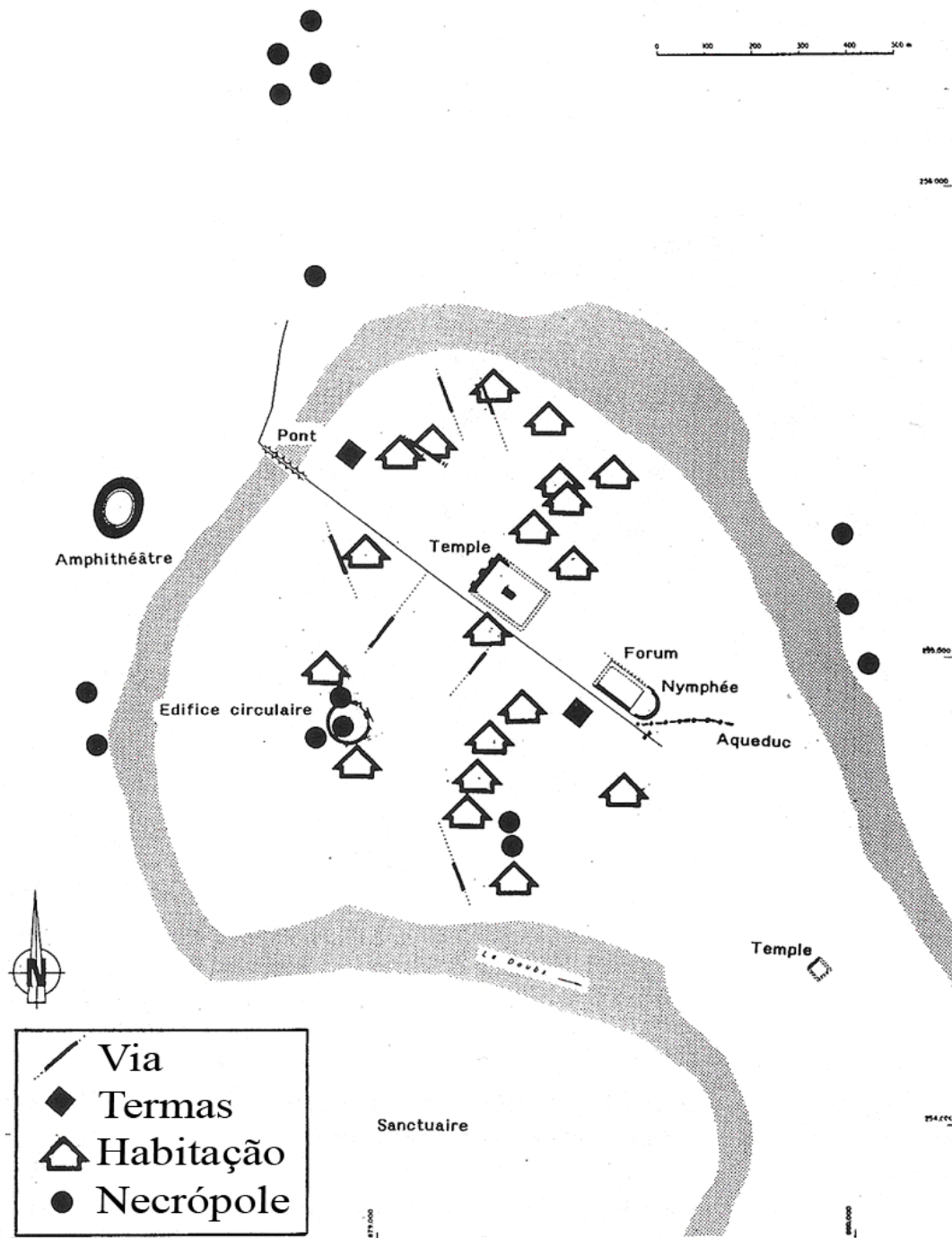
Paris, Éditions Errance, n°58, fev.-mar.:50.



DARTEVELLE, Hélène; ANDREY, Annie; HUMBERT, Sylviane & FISCHER, Brigitte.

1991 1990: Besançon antique, Nouvelles Données. *Revue Archéologique de l'Est*.

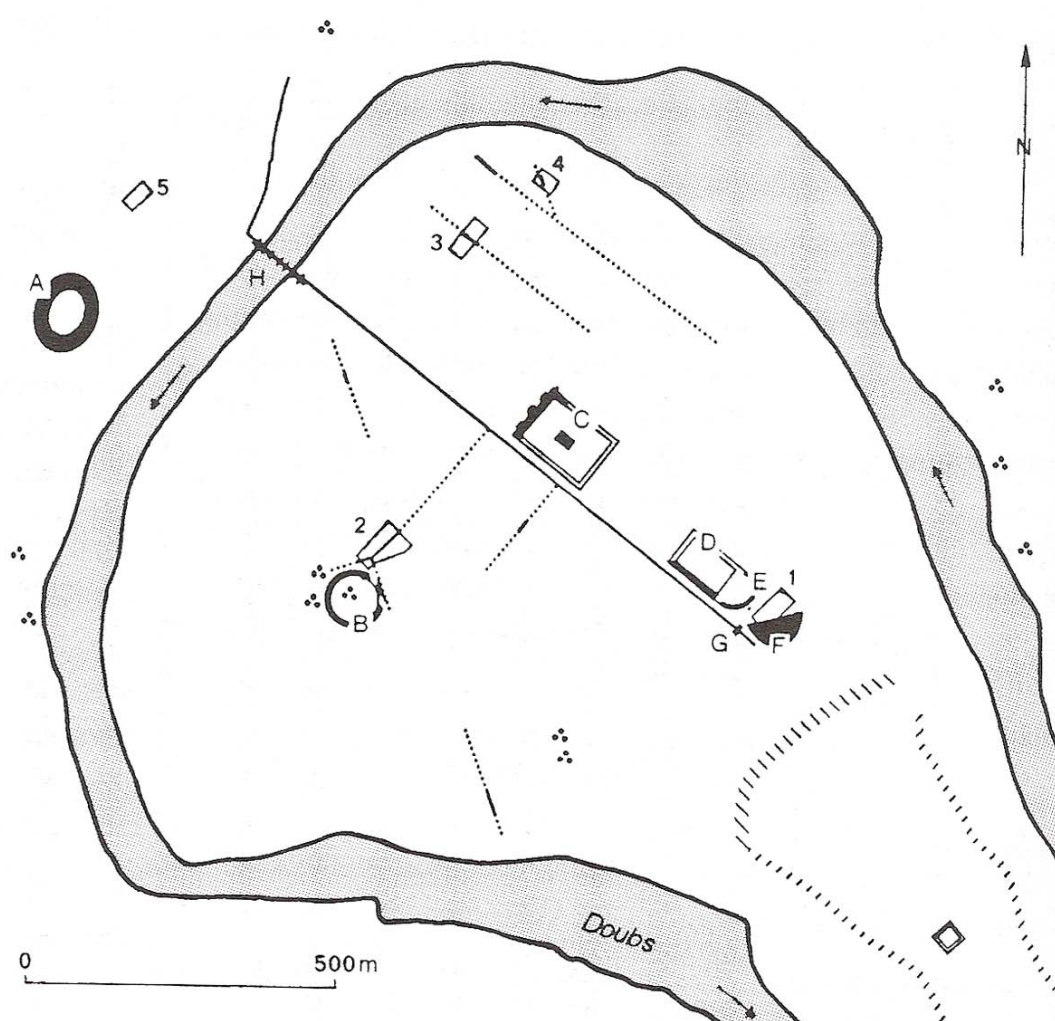
Paris, Ed. du CNRS, 42: 175.



BEDON, Robert.

2001 *Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain*. Paris, Éditions

Picard: 106.



A anfiteatro B templo com períbolo C templo com criptoportico D fórum
E nymphée F teatro G porta Noire H ponte Battant ☼necrópole

Nome: *Vesontio*, depois *Ciuitas Vesontiensium*, *Bisontios* (Gália Bélgica)

Status: Capital da *Ciuitas* dos Sequanos, Capital da província de *Máxima Sequanorum*. A cidade obteve o status de colônia, a título honorífico, provavelmente depois de 68-70 d.C..

Desenvolvimento histórico: Havia uma ocupação contínua desde a época neolítica no local. O assentamento surge no séc. II a.C. Antes da conquista Vesontio já era a capital dos Sequanos. Em 58 a.C. César ocupa o *oppidum* ameaçado pelos germânicos de Ariovisto. A partir do começo da época augusteana os edifícios “urbanos” adquirem um caráter mais romano. Em 68 d.C. a cidade é assaltada por Vergínio Rufo, governador da Germânia, sob

a acusação de a cidade ter se recusado a lhe acolher. Com a chegada de Julio Vindex, governador da Lionesa, ocorre uma batalha entre as duas tropas, que culmina no suicídio de Vindex. É possível que a cidade tenha sido pilhada em seguida. Entre 172-175 há agitações apaziguadas graças à intervenção de Marco Aurélio. Há um declínio no fim do séc. II d.C. e a ocupação humana se reorganiza em direção sudeste, sabe-se que a cidade continua existindo até o séc. IV d.C., embora não se saiba qual era então sua relevância.

Monumentos da época galo-romana encontrados: Foram encontradas duas ruas da época gaulesa final, no sentido norte-sul e norte-leste, mantidas durante o período romano; ruas romanas, algumas com pórticos; uma ponte que atravessava o rio que rodeia o sítio; no fim do período gaulês deveria existir muro, como mencionado por César, seus traços parecem ter sido encontrados por volta de 2002 e aparentemente ele teria sido construído ao redor de 80 a.C.; fórum; arco comemorativo erguido em seguida à intervenção de Marco Aurélio, entre 172 e 175 d.C., na sua proximidade foram encontrados fragmentos de um outro arco e um *nymphée*; templo destinado ao culto imperial, da época de Cláudio ou Nero, a noroeste do fórum, com um muro que continha no seu interior pórticos, o conjunto deveria estar em cima de um criptoportico; templo circular; um teatro, com capacidade para 4.500 pessoas; um anfiteatro da época flaviana, com capacidade para 20 mil espectadores, onde deveriam acontecer jogos de gladiadores; poços; aqueduto; *castellum diuisorium* circular, datado entre 20-65 d.C. e do período vespasiano; fontes de rua; termas: a sudoeste do fórum e outra no norte da cidade; traços de esgoto; vestígios de atividade artesanal desde a época da independência, na periferia norte e noroeste: ateliê de recipiente cerâmicos, da época de Augusto; fornos e bacias ao longo do rio, provavelmente de ateliês de tecelagem, já que foram encontrados pesos de tecelagem, vinte fossas, com possível relação com o trabalho de produção de vime ou curtição de peles; artesanato com ferro; ateliês de vidro. A grande quantidade de objetos de origem italiana faz crer que houvesse um intenso comércio, como ânforas, vasilhas em bronze e cerâmica da campânia; numerosos vestígios de habitações, as mais antigas da época gaulesa, feita de madeira e terra argilosa, amassada com palha, com um teto de telhas de madeira; na época de Augusto, os muros eram de tijolos crus e os pilares de madeira, em seguida a arquitetura em pedra se espalhou, algumas com “porão” e aquecimento, mosaicos e pinturas murais; tumbas de La Tène final; um cemitério com incinerações foi usado até a época de Nero, no limite sudoeste da cidade, em seguida, as

sepulturas mudam para o outro lado do rio, se encontram túmulos ao longo da via Chalon-sur-Saône, com incinerações, na vizinhança do anfiteatro; uma zona de incinerações e depois de inumações foi encontrada ao norte, ao longo de uma via em direção de *Vésoul*, a maioria das tumbas datada entre o período de Vespasiano e de Marco Aurélio, talvez também uma necrópole a leste, nas proximidades da rota para o Reno.

Antecedentes religiosos: Como a ocupação do sítio remonta a um período gaulês, se imagina que devem ter existido estruturas ou depósitos anteriores à chegada romana, contudo, não há evidências destes.

Descrição dos *zana*: Foi encontrado um *fanum*, trata-se de um edifício a sudoeste do fórum com um muro circular de 91,4m, formado de dois muros concêntricos, espaçados de 4,3m, o muro interior suportava uma colunada, o acesso se dava a leste por um edifício construído em forma trapezoidal. A construção data dos flavianos. Foi encontrada uma inscrição em honra da divindade indígena Marte *Vesontius*.

Também havia um edifício em hemicírculo, com quase 70m de diâmetro, encontrado na parte sudoeste da cidade, ao norte da porta Noire. Este foi interpretado como um santuário, que preserva igualmente um aspecto de *nymphée* e podia ser dedicado a uma divindade local, talvez *Vesontio*. Seus vestígios indicam três estágios, o primeiro da época Julio-claudiana, o outro da época dos Antoninos, o último seria de uma restauração do séc. III d.C. A partir do segundo estágio o templo era rodeado por um pórtico e dava para o fórum. Este edifício é relevante por talvez ser dedicado à mesma divindade do *fanum*.

Bibliografia:

- BARÇON, Jean-Claude; WALTER, Hélène; LEGROS, Agathe; RICHARD, Annick; *et alii*
2006 Dossier: Besançon, des origines à nos jours. *Archéologia*, Dijon, Éditions
Faton, n° 434, jun: 14-65.
- BEDON, Robert ; CHEVALLIER, Raymond & PINON, Pierre.
1988 **Architecture et urbanisme en Gaule Romaine**. Paris, Éditions Errance: 92-
95
- BEDON, Robert.
2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions
Picard:105-108.

DARTEVELLE, Hélène; ANDREY, Annie; HUMBERT, Sylviane & FISCHER, Brigitte.

1991-1990: Besaçon antique, Nouvelles Données. Revue Archéologique de l'Est.
Paris, Ed. du CNRS, 42: 153-177.

VAXELAIRE, Laurent & SCHWIEN, Jean-Jacques.

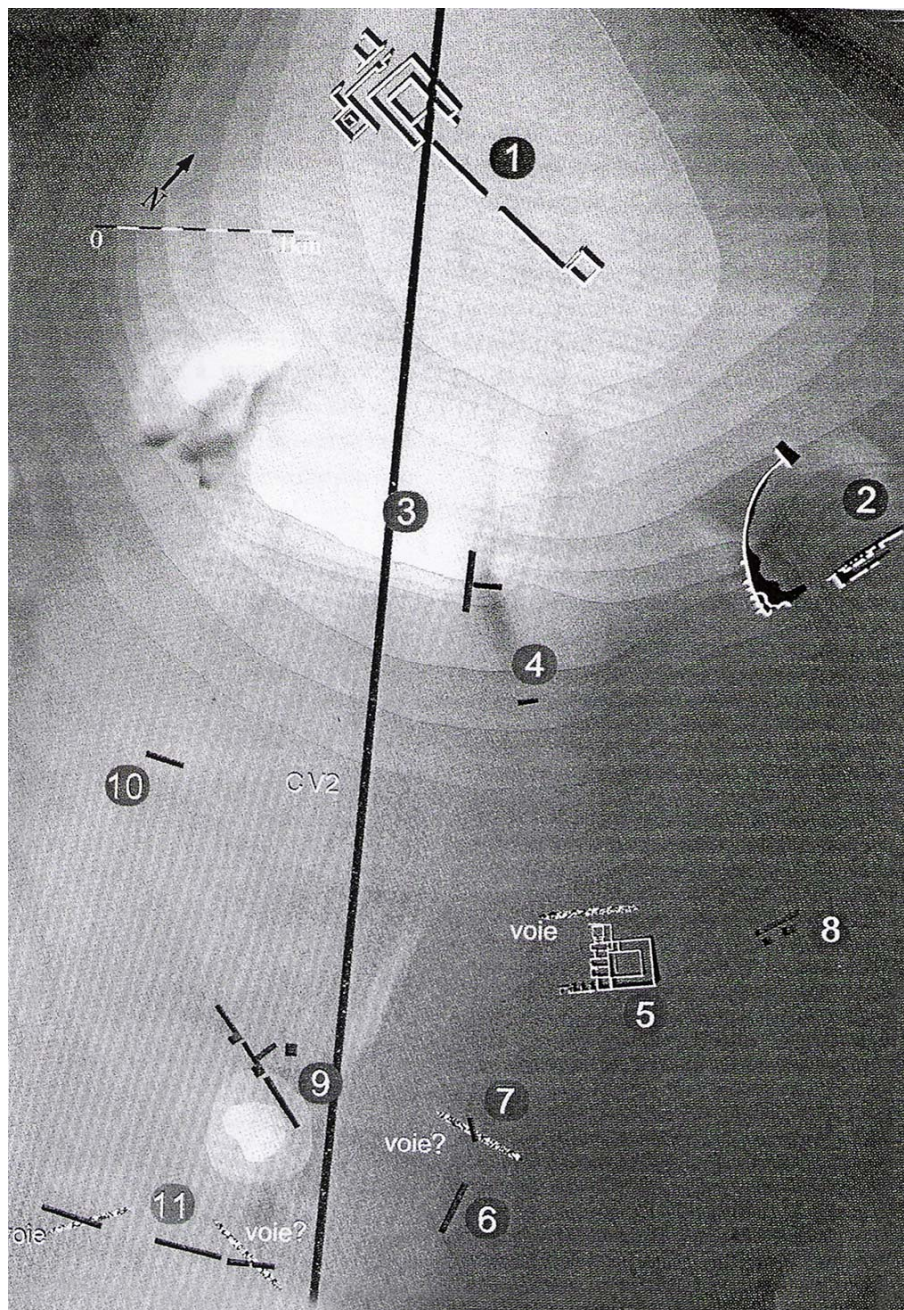
2002 Besaçon, rempart et quai sur le Doubs. L'Archeologue, Archéologie Nouvelle.
Paris, Éditions Errance, n°58, fev.-mar.: 49-50.

Bois l'Abbé (Eu)

CHOLET, Laurent & FOLLAIN, Éric.

2001 La ville-sanctuaire oubliée. *Archéologia*. Paris, Éditions Faton, n°375, fev.:
32.

Croqui com a localização de vestígios antigos do sítio de Bois l'Abbé:



1: Área cultural.

- 2: Teatro.
- 3: Terraço identificado com um campo militar.
- 4: Sondagem.
- 5: Pequenas termas femininas.
- 6: Sondagem.
- 7: Sondagem.
- 8: Sondagem.
- 9: Grandes termas.
- 10: Sondagem.
- 11: Sondagem.

Nome: *Augusta* (?) (Gália Belga)

Status: *Uicus* dos *Catuslugi* ou santuário

Desenvolvimento histórico: *Augusta* (?) englobaria os sítios de Bois l'Abbé, Eu e Oust. Na área cultural os níveis de ocupação mais antigos são posteriores à conquista romana, contudo, há uma hipótese bastante controversa de que o local teria sido um *Conciliabulum* (?)²⁶ na época da independência gaulesa. Comprovadamente, os primeiros vestígios são de depósitos rituais datando do último terço do séc. I a.C.. Esses depósitos parecem ter sido usados até o reino de Tibério, ou de Cláudio. Há uma cunhagem e emissão monetária na região que parece extensa temporalmente, mas é confirmada apenas até o governo de Augusto. O sítio é abandonado no fim do séc. IV d.C. e não parece ter sofrido com as agitações do séc. III d.C. O “grande templo” foi edificado no começo do séc. III, no reino de Sétimo Severo.

Apesar de o sítio já ser escavado há muito tempo, desde 1820, foram as últimas campanhas de escavação as responsáveis por aumentar a complexidade do conhecimento do sítio, através da escavação de habitações (em 2002), as termas (a maior em 2002 e a menor em 2000). O programa de escavações continua em 2008.

Monumentos da época galo-romana encontrados: Primeiros programas arquiteturais do santuário datam do fim do séc. I d.C. e do séc. II d.C.: templos, pórticos e teatro galo-romano, destruído por um incêndio no fim do séc. II d.C. e reconstruído no séc. III d.C.;

²⁶ Centros religiosos, econômicos e, às vezes, políticos.

edificação do grande templo data do começo do séc. III d.C.; duas termas, uma maior, com datação do fim do séc. II até o séc. III d.C. e outra menor, esta, mais antiga, tem datação do séc. I ao séc. III d.C.; um pequeno setor de habitação e uma via..

Antecedentes religiosos: Depósitos rituais do séc. I a.C.

Descrição dos *šana*: Os primeiros níveis da zona cultural (1) datam da conquista romana, o que é verificável através de uma série de depósitos rituais que começam nos últimos terços do séc. I a.C. e que continuam até o reinado de Tibério, ou mesmo Cláudio. Nessa área cultural há um fórum com um templo de arquitetura romana e a oeste dois *šana* um com galeria e outro sem, entre estes há uma galeria.

Bibliografia:

CHOLET, Laurent & FOLLAIN, Éric.

2001 La ville-sanctuaire oubliée. Archéologia. n°375, fev.Paris, Éditions Faton: 32.

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums**. Paris : Éditions. Errance: panta 57.

Status: Capital da *ciuitas* dos Biturges Vivisques. O direito latino foi concedido por Vespasiano. Os magistrados, tornando-se cidadãos romanos entraram desde cedo na tribo *Quirina*. Tornou-se capital da Aquitania, substituindo Poitiers, depois do fim do séc. II d.C. ou começo do III d.C.

Desenvolvimento histórico: Havia um assentamento proto-histórico relevante comercialmente, ou mesmo um *emporium* no séc. III a.C., na época o sítio era um importante porto de metal, sal, trigo e vinho. Não se sabe se os *Bitriges Cubi* fundaram esse assentamento ou na época da conquista romana eles se instalaram em um território densamente ocupado e estabeleceram sua capital nesse local pré-existente. Um plano ortogonal é estabelecido na época de Augusto na margem esquerda. Há uma renovação da arquitetura na época dos Severos, na mesma época em que ganhou o título de capital provincial. A administração aduaneira da *Quadragesima Galliarum* também devia ser lá. A cidade deve ter sofrido destruições quando invadida em 276 d.C.

Monumentos da época galo-romana encontrados: A cidade não tinha muros no Alto-Império, no Baixo-Império tinha muros reduzidos com torres a cada 50 m e com portas; não se tem certeza da localização do fórum; talvez houvesse um arco comemorativo das vitórias de Sétimo Severo sobre um povo no Oriente; um templo dedicado a Mitras, do começo do séc. III d.C.; um santuário dedicado provavelmente ao culto imperial; um Anfiteatro Severiano; aquedutos; fontes; termas; esgotos; porto fluvial; uma provável escola de retórica do começo do séc. IV, chamada de *auditorium*; há atividade artesanal, segundo os indícios de trabalho com o bronze e fundição, no fim do séc. I d.C. a atividade metalúrgica desaparece; no séc. I d.C. também há trabalho com o couro; foram encontradas casas e mosaicos do séc. I e séc. II d.C.; cinco necropoles, uma necrópole augusteana, duas usadas do séc. II ao III d.C., a de *Saint-Michel* e a na *Cours Pasteur*, uma do Alto Império, *Tèrre Negre*, e a última, a de *Saint-Seurin*, usada até o período cristão. A partir do séc. II d.C. a inumação e a incineração coexistem.

Antecedentes religiosos: Apesar de a ocupação do sítio datar do séc. III a.C., a bibliografia não menciona vestígios arqueológicos anteriores à conquista romana.

Descrição dos *fana*: Na periferia norte foi encontrado um *fanum* (4) com uma *cella* de 5,55m por 5,70m, em uma área sagrada de pelo menos 400m², rodeado por um muro. O templo foi provavelmente construído entre 41 e 60 d.C. e abandonado no último terço do

séc. III d.C. Nenhum elemento permitiu a identificação da divindade honrada. A base de pedra e o revestimento dos muros eram pintados de vermelho.

Bibliografia:

BARRAUD, Dany & BLANCARD, Pierre Régaldo.

2000 De Burdigala à Bordeaux. Archéologia. Paris, Éditions Faton, n°367, mai.: 56-65.

BEDON, Robert ; CHEVALLIER, Raymond & PINON, Pierre.

1988 **Architecture et urbanisme en Gaule Romaine**. Paris, Éditions Errance: 98-101.

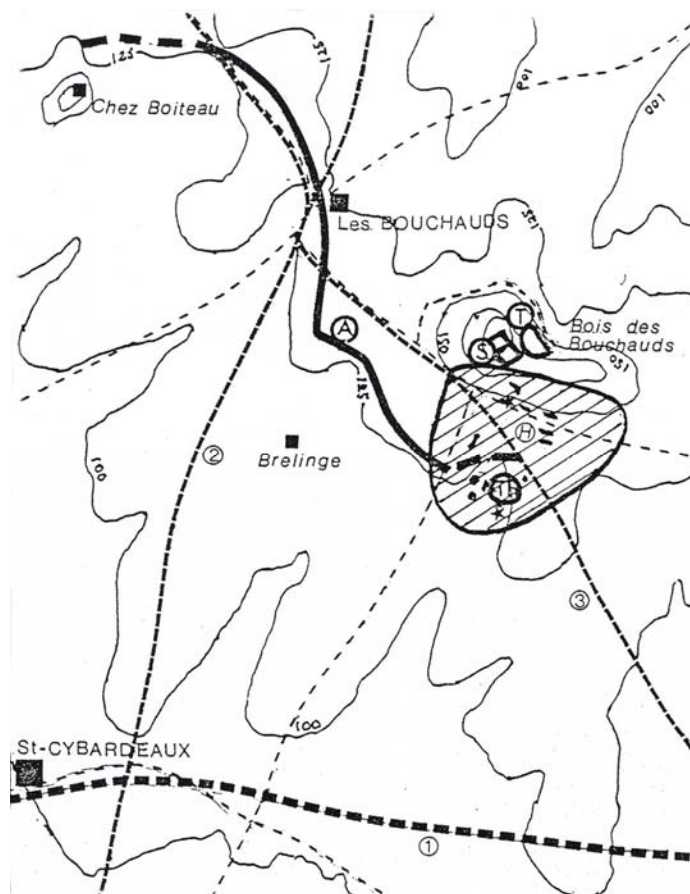
BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions Picard: 112-115.

Les Bouchauds

AEBERHARDT

1985 Sanctuaires ruraux et preurbanisation em Charente. In: *Les débuts de l'urbanisation en Gaule* et dans les provinces voisines. Caesarodunum. XX: Actes du colloque, ENS 1984. Paris: 55.



Legenda:

T - Teatro

S - Santuário

Th - Termas (?)

A - Aqueduto

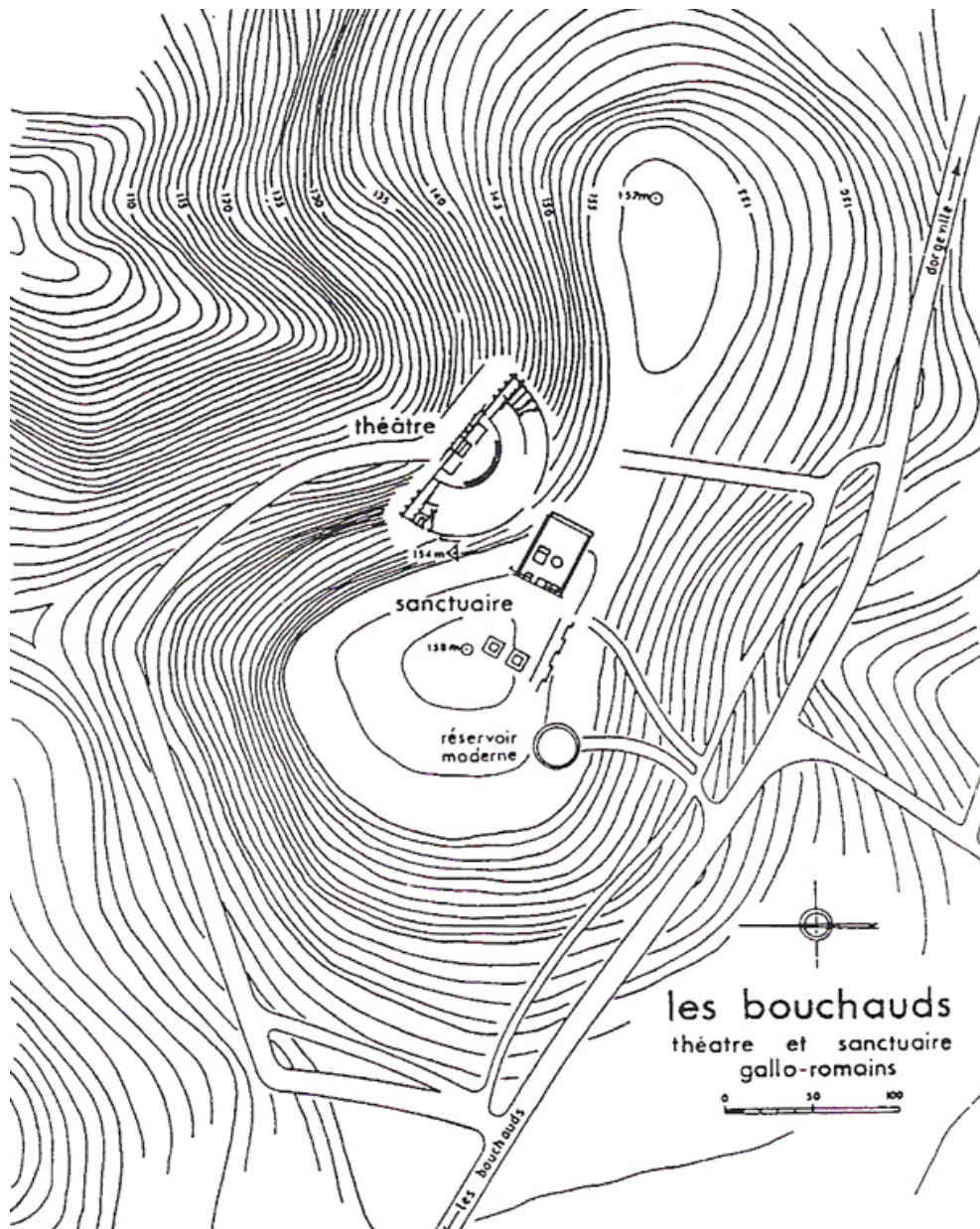
H - Habitações

Estrela: poços

- 1 - Via de Agripa
- 2, 3 - Vias romanas

RORISON, Monica

2001 *Vici in Roman Gaul*, BAR International Series 933. Oxford, Archaeopress:
250.



Nome: Les Bouchauds

Status: Assentamento

Desenvolvimento histórico: Próximo da via de Agripa, no trajeto Lyon - Saintes, em seu cruzamento com a via que liga Poitiers a Bordeaux. Segunda a bibliografia, Pausânias cita o assentamento como não tendo nem edifícios administrativos nem água corrente.

Monumentos da época galo-romana encontrados: Organização de ruas em uma trama ortogonal; muros; teatro; poços; habitações; termas; aqueduto; edifícios de uso artesanal ou comercial.

Antecedentes religiosos: A bibliografia não menciona antecedentes religiosos.

Descrição dos *fana*: O santuário está em frente ao teatro

Bibliografia:

AEBERHARDT

1985 Sanctuaires ruraux et preurbanisation em Charente. In: *Les débuts de l'urbanisation en Gaule et dans les provinces voisines*. Caesarodunum. XX: Actes du colloque, ENS 1984. Paris: 47-58.

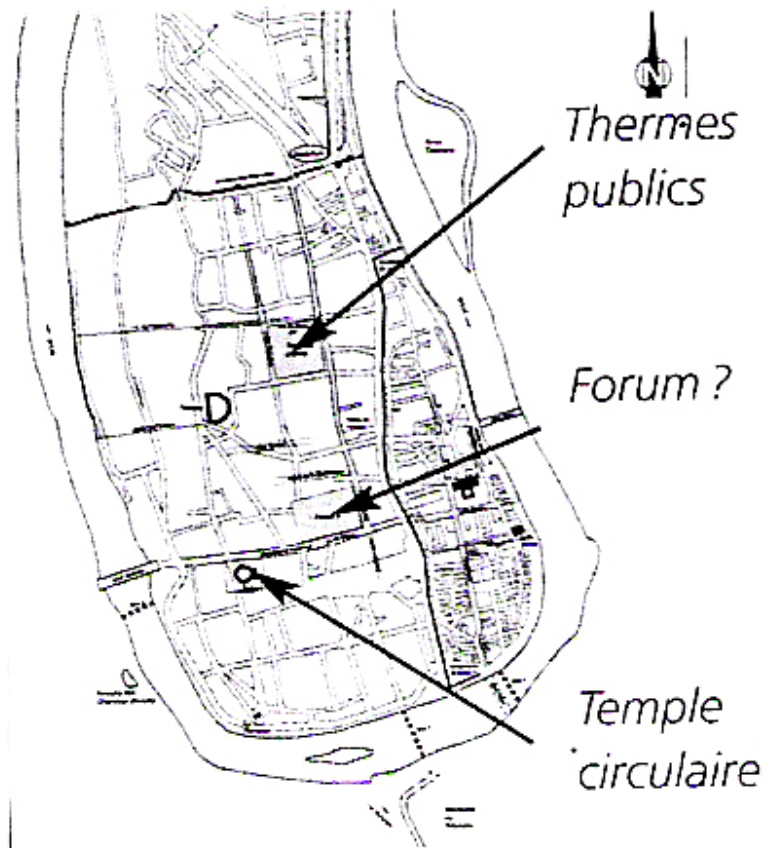
RORISON, Monica

2001 *Vici in Roman Gaul*, **BAR International Series 933**. Oxford, Archaeopress.

Cahors

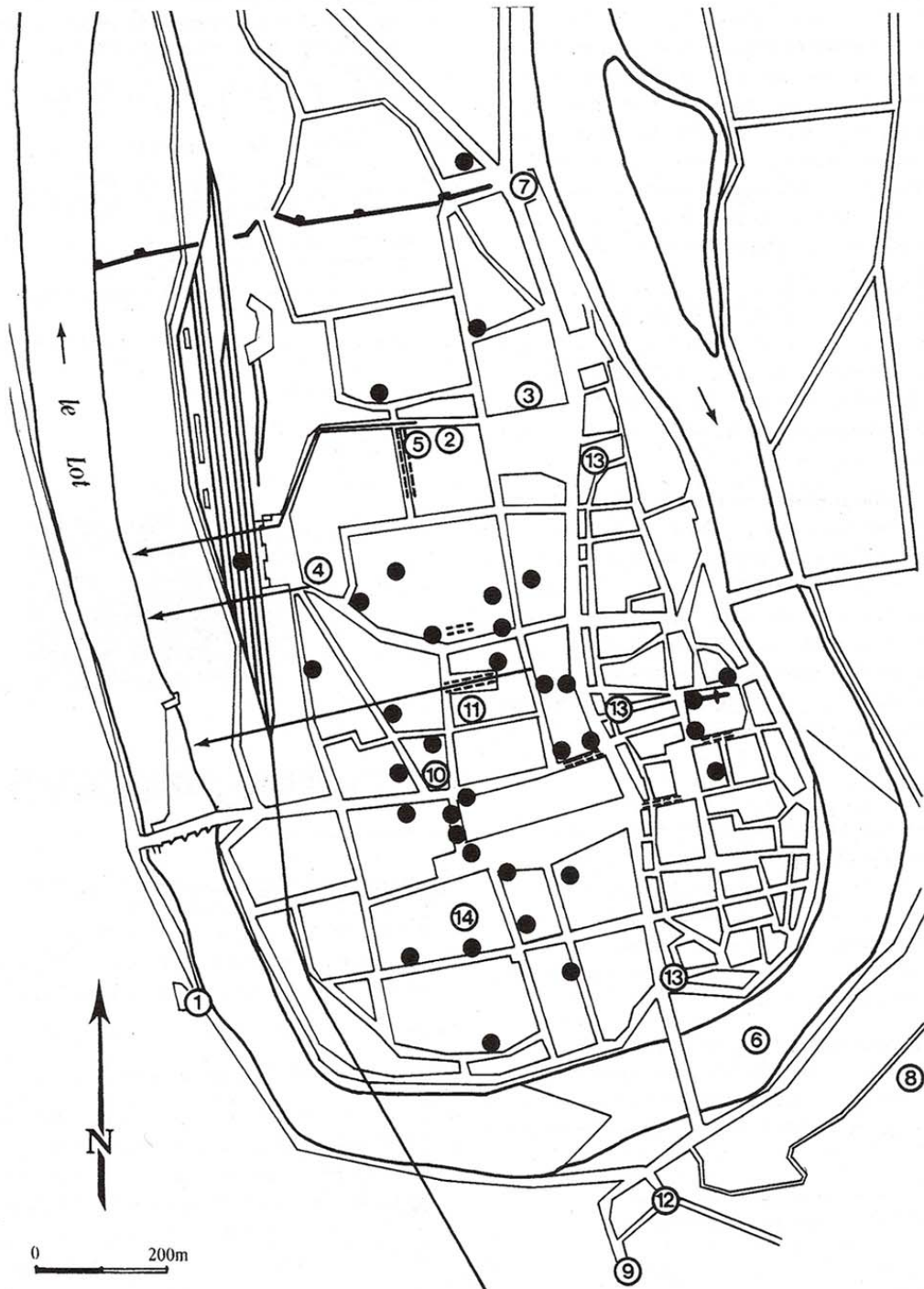
SCHEID, John; VAN ANDRINGA, William; FAUDUET, Isabelle & LONTCHO, Frédéric.

2002 Religion De Rome Et De Gaule. L'Archéologue. Archéologie Nouvelle. Paris, Éditions Fatou, n°61, ago-set.: 24.



BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain.** Paris, Éditions Picard: 129.



1. Fonte dos *Chartreux*
2. Arco de Diana
3. Caserna da Infantaria

4. Teatro antigo
5. Termas
6. Ponte *Vieux*
7. Estrutura medieval
8. *Mont Saint-Cyr* (Santuário de Mercúrio?)
9. *Saint-Georges* (necrópole)
10. Ateliê de cerâmica
11. *Chartreuse* (ateliê de metalurgia)
12. Tesouro da época de Constantino
13. Muro do Baixo Império
14. Edifícios antigos

Nome: *Diuona – Cadurci* (Aquitania)

Status: capital da *Ciuitas* dos *Cadurci*.

Desenvolvimento histórico: Existe uma tradição, não verificada, de que haveria um assentamento pré-romano fortificado. A fundação da cidade é datada de época augusteana e ocorreu em consequência da provável transferência da capital dos *Cadurci* que podiam antes estar no *oppidum* de *Murcens*, em Cras, a 15 km ao nordeste. A cidade tem uma planta ortogonal

Monumentos da época galo-romana encontrados: Não há certeza se a cidade teve um muro em algum período, mas se algum dia este existiu, ele provavelmente circundou os bairros do sudeste. Foi encontrado um Teatro; uma fonte sagrada dedicada à deusa *Diuona*; um aqueduto (que captava água de uma fonte situada no *oppidum* de *Murcens*); poços; uma rede de esgotos; Termas iniciadas entre 30 e 40 d.C., mas com aumentos no mesmo século, no séc. II e no séc. III d.C., deste edifício ainda restam alguns arcos, conhecidos como “Arc de Diane”; ateliês de vasos, de antefixos, de bronze, de ferro e um forno de produção de telhas, que funcionou até o séc. I d.C.; foram encontradas várias casas, as maiores com mosaicos; concentração de sepulturas no sul e na borda da estrada para Toulouse.

Antecedentes religiosos: a bibliografia não menciona antecedentes para o sítio.

Descrição dos fana: Santuário sub-urbano, consagrado a Mercúrio, estaria localizado no topo do monte Saint-Cyr, provavelmente existia um outro a uma pequena distância no “*Pech de Rolle*”

Bibliografia:

BEDON, Robert ; CHEVALLIER, Raymond & PINON, Pierre.

1988 **Architecture et urbanisme en Gaule Romaine**. Paris, Éditions Errance: 109-111.

BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions Picard:128-130.

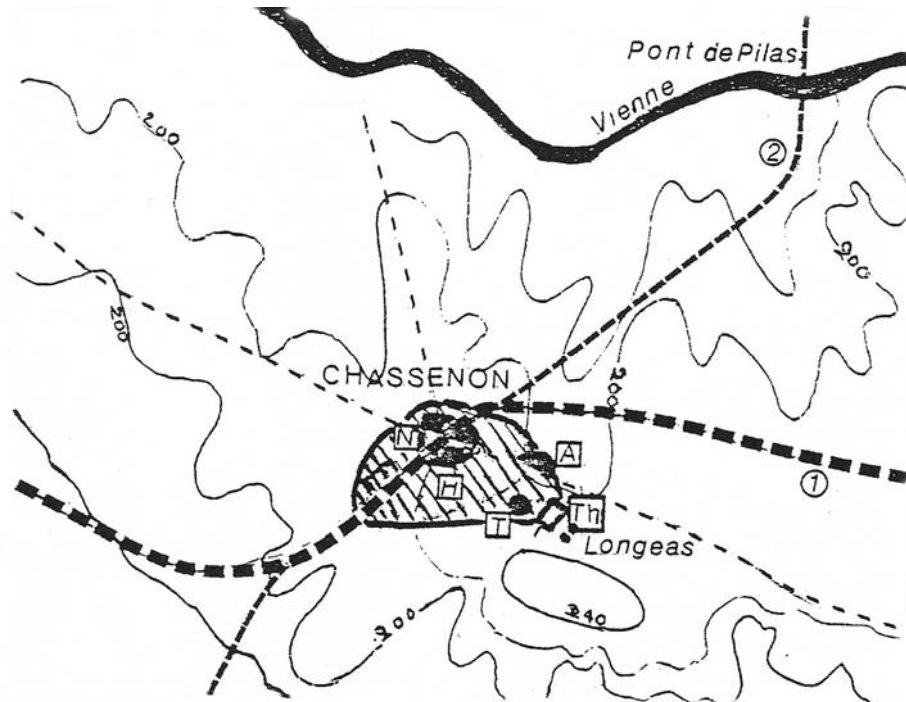
SCHEID John ; VAN ANDRINGA William; FAUDUET Isabelle & LONTCHO Frédéric.

2002 Religion de Rome et de Gaule. L'Archéologue. Archéologie Nouvelle. Paris, Éditions Faton, n°61, ago-set.: 4-29.

Chassenon

AEBERHARDT

1985 Sanctuaires ruraux et peurbanisation en Charente. *In*: Les Débuts de l'urbanisation en Gaule et dans les provinces voisines. Caesarodunum XX: Actes du colloque, ENS 1984. Paris: 51



Legenda:

A - Arenas

T - Templo

N - Necrópole

Th - Termas

H - Habitação

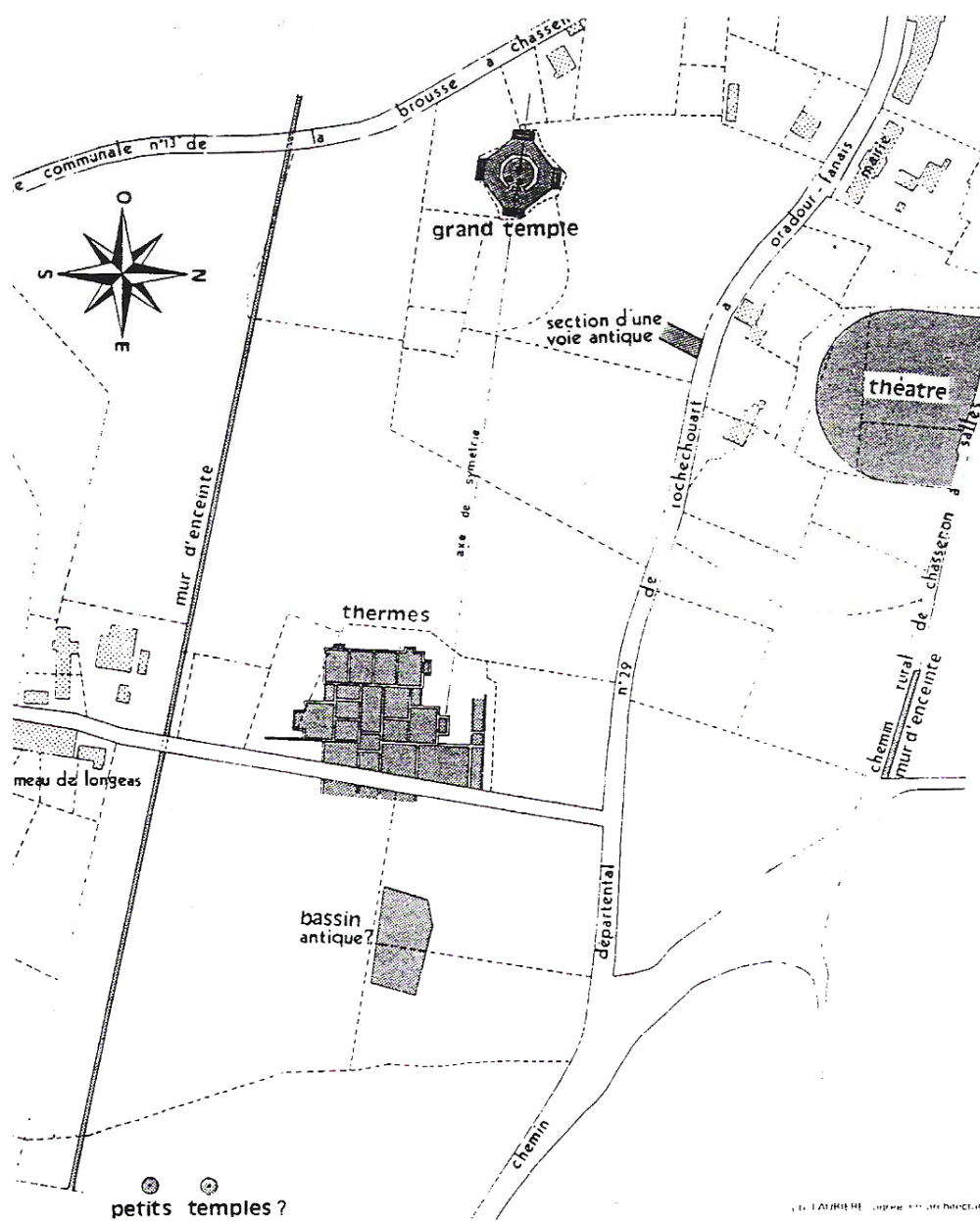
1 - Via de Agripa

2 - Via romana

RORISON, Monica

2001 *Vici in Roman Gaul*, BAR International Series 933. Oxford, Archaeopress:

234.



Nome: *Cassinomagus* (Aquitania)

Status: Assentamento.

Desenvolvimento histórico: Frequentação anterior ao período romano. A rota de Potiers a Périgueux devia passar nas proximidades.

Monumentos da época galo-romana encontrados: Um teatro de “planta gaulesa” a noroeste do templo de *Montelu* foi escavado no séc. XIX e depois destruído, a *cauea* devia

ter 70m e a arena 50m de diâmetro; as termas se situavam a leste do templo octagonal, o estado inicial deve remontar ao segundo quarto do séc. I d.C., mas os indícios mais seguros são de época flaviana, ele foi aumentado no séc. II d.C. e foi reconstruído nos anos 300, ele tinha uma rede de esgotos; aqueduto; poços; uma rua entre o templo e o teatro; sepulturas no noroestedo assentamento; poços religiosos.

Antecedentes religiosos: A bibliografia não menciona.

Descrição dos *fana*: grande santuário no sudoeste do assentamento. Ele era rodeado por um muro, suas dimensões são mal definidas (AEBERHARDT 1985: 52): 650 m leste-oeste por uma largura de 200 a 350m, o muro devia ter uma profundidade de 1,5m.

Nesse recinto havia um templo conhecido como “de *Montelu*”, estava sob um *podium* de 2m, com quatro rampas de acesso. A *cella* tinha planta octogonal por fora e circular por dentro. No seu solo havia uma fossa de planta elíptica e dois poços, dos quais um tinha 2m de diâmetro e continha ossos de animais. Sua porta ficava a leste, tinha uma largura de 6,55m e era rodeada por uma galeria, na sua frente havia uma bacia retangular de 1,80m por 2,60m.

Na parte leste do recinto encontramos um outro templo com uma *cella* decagonal de 16m². Havia ainda um terceiro *fanum* nas proximidades

Bibliografia:

AEBERHARDT

1985 Sanctuaires ruraux et preurbanisation en Charente. *In*: Les Débuts de l'urbanisation en Gaule et dans les provinces voisines. Caesardunum XX: Actes du colloque, ENS 1984. Paris: 47-53.

BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions Picard: 141-142.

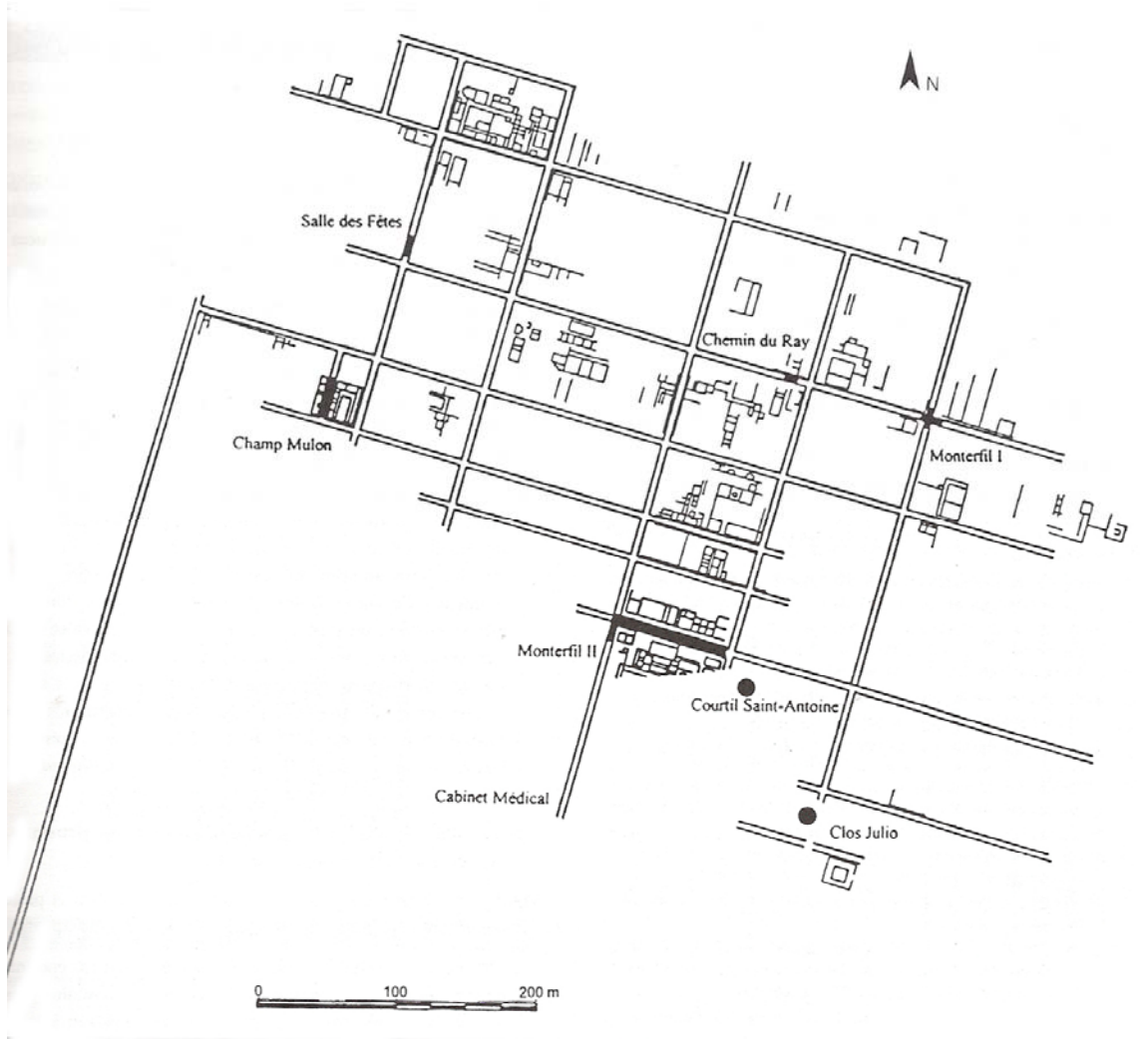
RORISON, Monica

2001 **Vici in Roman Gaul, BAR International Series 933**. Oxford, Archaeopress.

Corseul (Fanum Martis)

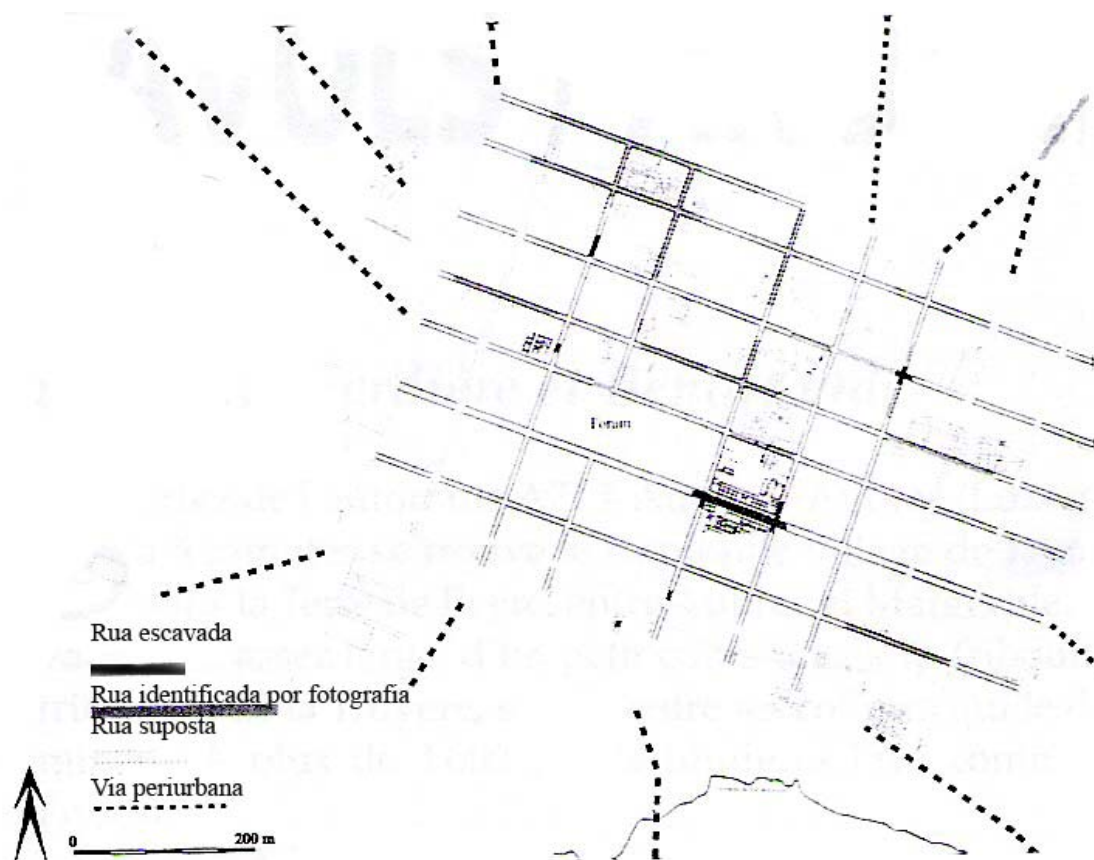
BEDON, Robert.

2001 *Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain*. Paris, Éditions Picard: 149.



KERÉBEL, Hervé.

2003 Corseul/ Fanum Martis, capital de la cité des Coriosolites. *L'Archeologue*. *Archéologie Nouvelle*, Paris, Éditions Errance, n°66, jun-jul: 13.



Nome: *Fanum Martis*, depois *Coriosolites* (Lionesa)

Status: Capital da *Ciuitas* dos *Coriosolites* (até o séc. IV d.C..)

Desenvolvimento histórico: Foram descobertos alguns fragmentos cerâmicos datando de La Tène III e uma dezena de moedas de produção regional, o sítio também está na proximidade de um cruzamento de rotas pré-romanas, contudo, esses indícios não provam a existência de um assentamento antes da conquista. A fundação remonta aos anos 10 a.C., a data tão antiga se justifica pelas rotas já mencionadas e que ligavam Carhaix, Vannes, Alet, Avranches, Le Mans, entre outras. A cidade deve ter adquirido relevância graças aos problemas políticos vividos pela Gália em 21 d.C.: parece que nesse momento houve um afluxo populacional para Corseul, com o abandono das aglomerações periféricas, pois destruições contemporâneas foram constatadas em Alet. Durante o período augusteano os indícios de uma urbanização romana são mínimos, as construções ainda são feitas de terra e madeira e não existem nem ruas. É só no período de Tibério que o sítio vai adquirir seu caráter urbano, entre outras coisas com a determinação do traçado das ruas. No séc. II d.C. a cidade passa por crises e até mesmo um incêndio, no séc. III d.C. Com a perda de seu status

no séc. IV d.C. a cidade definha. Planta ortogonal da época de Tibério ou começo da de Cláudio.

Monumentos da época galo-romana encontrados: A cidade parece não ter tido muros; um fórum no centro; ruas, lojas, uma casa de época claudiana no *Champ Mulon*, destruída no fim do séc. III d.C.; vestígios de habitação no *Cabinet Medical* e *Chemin du Ray*. A presença de numerosos poços mostra que a alimentação de água devia ser na maior parte do tempo individual, ou seja, não devia haver um abastecimento de água por meio de aquedutos; grandes termas foram construídas no fim do séc. III d.C. ou começo do séc. IV d.C., no *Champ Mulon*; um bairro artesanal foi criado na época de Tibério no setor central, *Monterfil II*, o trabalho executado no local devia ser com bronze, nesse bairro também existiam lojas que davam para uma “calçada” abrigada por uma galeria com pórticos; um entreposto ou mercado no mesmo bairro; um “alinhamento” de lojas no *Clos Julio* e um ateliê de bronze do séc. I no *Courtil Saint-Antoine*; santuário periférico na colina do Haut-Bécherel dedicado ao culto imperial, começou a ser construído na metade do séc I d.C. e destruído por um incêndio intencional no séc. III d.C.; as casas mais antigas descobertas datam do tempo de Augusto e são de tradição gaulesa, construídas em terra e madeira elas estavam situadas no *Clos Julio*, *Courtil Saint-Antoine*, e *château de Monterfil*; foi encontrada uma casa de três peças construída na época de Cláudio, outras casas foram encontradas a leste, ao sul e ao norte; algumas residências luxuosas se desenvolvem a partir da época de Nero; não se encontrou nenhum grupo de sepulturas, tampouco foi encontrado algum edifício de espetáculo.

Antecedentes religiosos: Nas proximidades existia um grande santuário peri-urbano, construído, ou reconstruído, em pedra entre 70 e 15 a.C.. De tradição celta, sua existência talvez tenha sido uma das causas desta instalação urbana (CLAIRFONTAINE, François Fichet & KERBEL, Hervé 1989: 142)

Descrição dos fana: Um edifício com *cella* quadrada rodeada por um períbolo, no sul da cidade, em local chamado de *Clos Julio*, a construção ainda não tem datação.

Bibliografia:

BEDON, Robert ; CHEVALLIER, Raymond & PINON, Pierre.

1988 *Architecture et urbanisme en Gaule Romaine*. Paris, Éditions Errance: 131.

BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions Picard: 148-150.

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums**. Paris : Éditions Errance: planta 64.

KERÉBEL, Hervé.

2003 Corseul/ Fanum Martis, capital de la cité des Coriosolites. L'Archeologue. Archéologie Nouvelle, Paris, Editions Errance,. n°66, jun-jul: 12-13.

LANGOUET, Loïc.

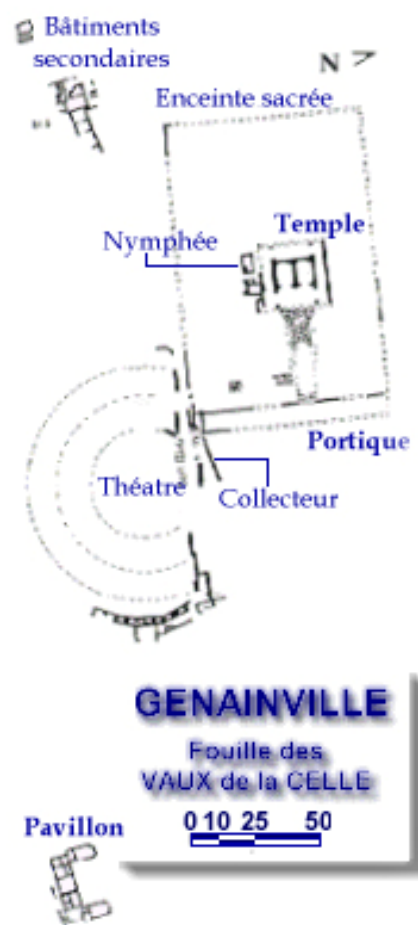
1996 La Cité d'Alet: de l'agglomération gauloise à l'île de Saint-Malo. Les dossier du Centre Regional d'Archéologie d'Alet. Suppl. S. Éditeur Centre Regional d'Archéologie d'Alet.

20. Genainville

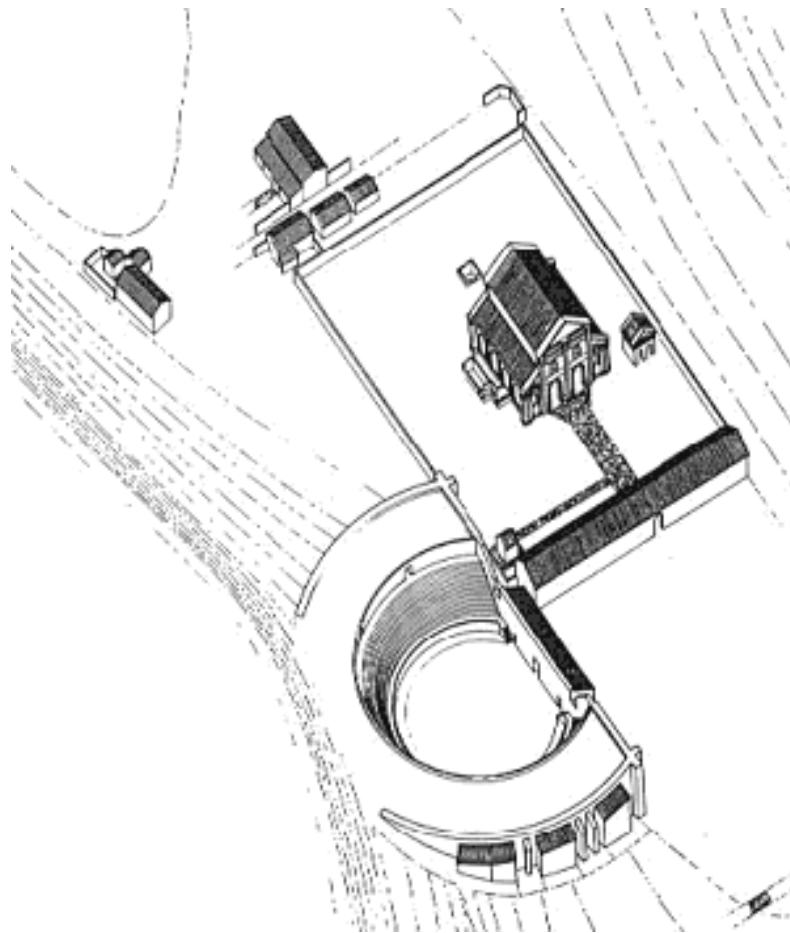
CIRCONSTANCE DE LA DECOUVERTE DU SITE ET L'HISTOIRE DE LA
FOUILLE In: LA ROMANISATION DU VAL D'OISE. [France 2008].

Disponível em: <www.ac-versailles.fr/.../GRPI/genainv.htm>. Acesso em 05
mai. 2008

Planta



Reconstituição



Nome: Desconhecido

Status: *Conciliabulum* ou assentamento secundário..

Desenvolvimento histórico: O território fazia parte da tribo gaulesa dos Vellocasses. Não há provas de que o assentamento populacional fosse permanente, sua importância devia residir na presença do santuário. Foi construído ou no meio do séc. II d.C. ou no começo do séc. III e sofreu uma destruição parcial no fim do séc. III d.C., sendo totalmente abandonado no séc. IV d.C.

Monumentos da época galo-romana encontrados: Piscinas: na pequena foi encontrada uma estátua votiva e ela deveria conter *deraus*, talvez sugerindo a imersão dos devotos. A maior foi identificada como um *nymphaeum*, foi encontrada uma estátua de Apolo. Já o teatro talvez tivesse uso também como anfiteatro, como em muitos casos na Gália. Este edifício tem uma datação aproximada de 195 d.C..

Antecedentes religiosos: A bibliografia não menciona.

Descrição dos fana: Santuário com um templo com 28 m de lado e com *cella* dupla, um teatro e um sistema de piscinas perto de uma nascente, onde mais tarde se adiciona um templo augusteano. As paredes da *cellae* dupla tinham 5m, internamente eram decorados com nichos, pilares e pinturas, de forma a parecerem revestidas de mármore. As fundações de uma base de estátua foram encontradas na *cella*. Foi descoberta uma estátua de bronze de Mercúrio no norte da *cella*. O precinto foi preservado, junto com uma estrada de 35m que levava do centro da fachada até o pórtico. A datação do edifício ainda é incerta, mas existem duas hipóteses: ou o templo e o teatro deveriam ser contemporâneos ou o templo mais recente, por volta de 215 d.C.

Bibliografia:

BROMWICH, James

2003 **Roman Remains of Northern and Eastern France**. Nova Iorque, Londres, Rotledge.

CHOLET, Laurent & DELESTRE, Xavier.

1992 Les Sanctuaire gallo-romain de Genainville. Archeologia. Paris, Éditions Faton n°278, abr.: 54-55.

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums**. Paris, Éditions Errance: plano 45.

MITARD, Pierre-Henri.

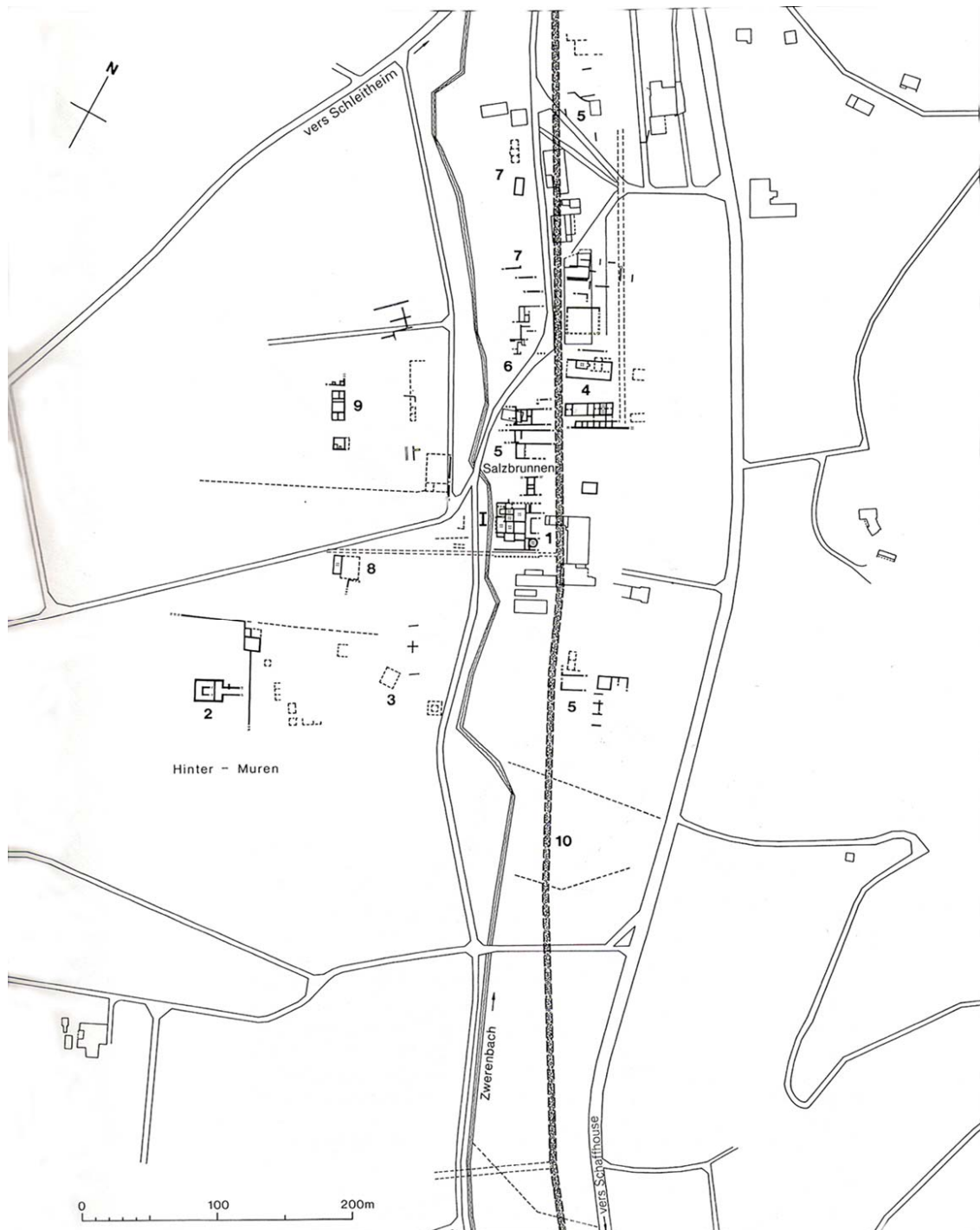
1989 Le sanctuaire gallo-romain de Genainville. Dossiers d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton n°140, jul-ago.: 54-56.

Iuliomagus/Schleitheim

FELLMANN, Rudolf.

1992 **La Suisse Gallo-Romaine, cinq siècles d'histoire.** Suisse, Territoires,
Editions Payot: 109.

Planta do *uicus*



Legenda:

Elementos visíveis:

I – Termas

Elementos não visíveis:

1 – Palestra

2 – Templo galo-romano I

3 – Templo galo romano II

4 – Habitações

5 – Zona artesanal com habitações

6 – Zona de fornos de recipientes cerâmicos (?)

7 – Construções utilitárias e técnicas

8 e 9 – Construção de uso desconhecido, mas com uma certa importância

10 – Estrada romana

Nome: *Iuliomagus*

Status: *Uicus*.

Desenvolvimento histórico: A bibliografia não menciona.

Monumentos da época galo-romana encontrados: Termas; palestra; habitações; zona artesanal; zona de produção cerâmica; estrada romana.

Antecedentes religiosos: A bibliografia não menciona.

Descrição dos fana: Foram encontrados dois *fana*, um deles maior e com uma *cellae*, o outro (3) aparentemente não tem *cellae*. O templo 3 está a leste do templo 2 e está no seu eixo axial, embora, não esteja na mesma posição.

Bibliografia:

FELLMANN, Rudolf.

1992 **La Suisse Gallo-Romaine, cinq siècles d'histoire**. Suisse, Territoires, Editions Payot: 109.

PROVOST, Michel.

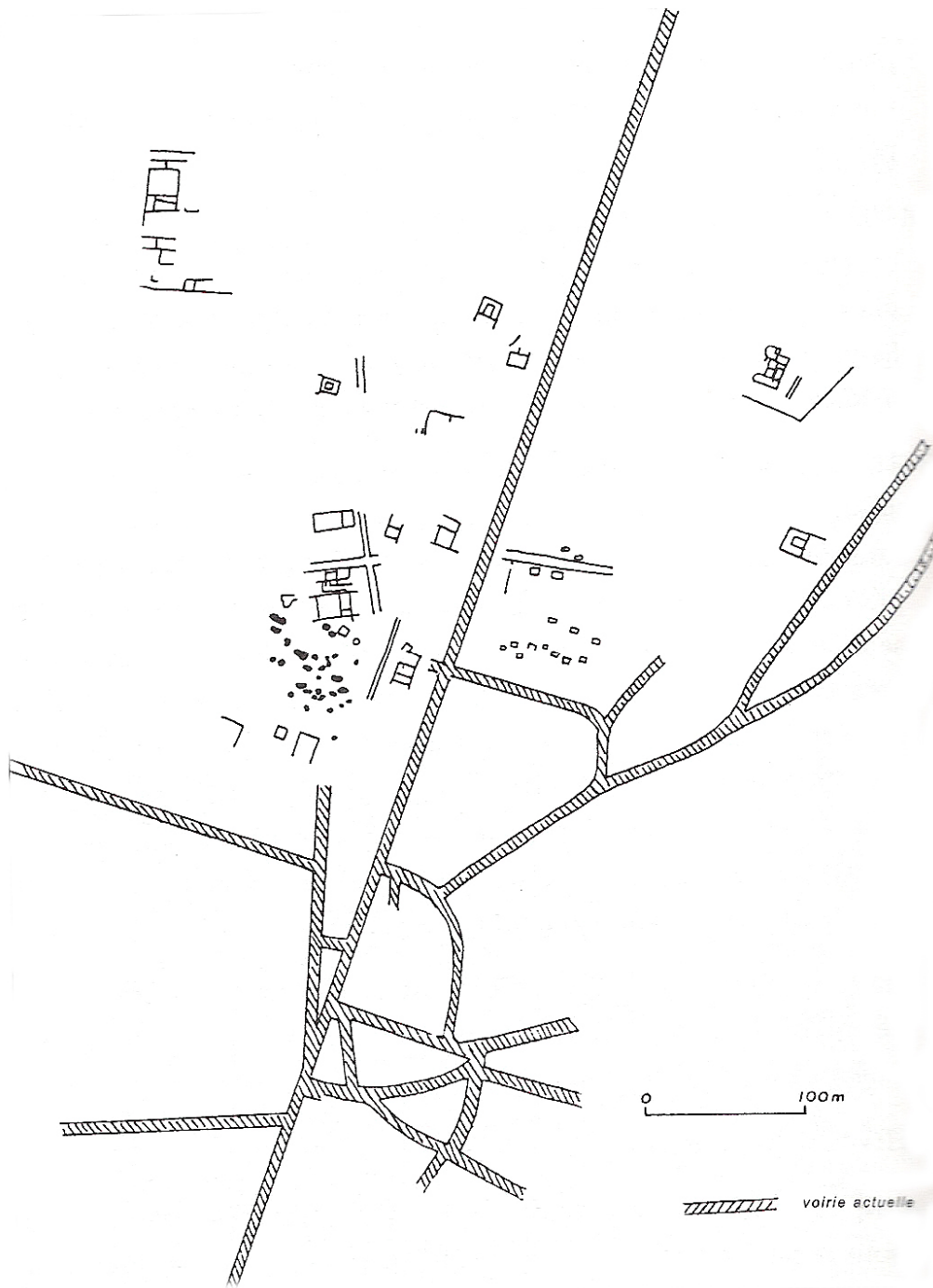
1993 Le Val de Loire dans l'Antiquité. Supplément à Gallia. Paris, CNRS Éditions, n°52.: 126.

Izernore

BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain.** Paris, Éditions

Picard: 176.



Nome: *Isarnodurum* (Gália Belgica).

Status: *Uicus*, capital dos *Ambarri*.

Desenvolvimento histórico: *Isarnodorum* já era uma aglomeração e, talvez, a capital da população dos *Ambarri*, na metade do séc. I a.C. Depois de ser ligada a *ciuitas* dos sequanos, o *uicus* se desenvolve entre o governo de Augusto e Nero. Incendiada entre 68-70 d.C., segundo Bedon (2001:176) provavelmente pelas tropas de Vitélius, o assentamento tem uma prosperidade arquitetônica modesta até o séc. II d.C., quando sofre novos danos. Ela continua existindo, mas sem grande vitalidade até o séc. IV d.C..

Monumentos da época galo-romana encontrados: O assentamento se organiza em dois pólos: a leste, uma zona de santuário e a oeste um setor de habitações. Foram encontrados vestígios de ruas; poços; termas – da primeira metade do séc. I d.C. ou o meio deste – que se situavam 100m ao norte do santuário e talvez estivesse relacionado a ele; um ateliê de vidro ou forja de ferro e um forno para vasos cerâmicos foram reconhecidos; também vestígios de habitações, alguns com mosaicos.

Antecedentes religiosos: A bibliografia não menciona.

Quantidade de fana: O assentamento possuía um santuário dedicado a divindades indígenas nomeadas como Marte e Mercúrio. Inicialmente ele foi construído em madeira e destruído entre 68-70 d.C.. Reconstruído com pedras, o edifício tinha 19 m por 32 m, com 28 colunas, quatro pilares, dos quais três ainda estão de pé. No interior havia uma *cella* retangular. Durante o reino de Adriano foram feitas modificações.

Bibliografia:

BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions Picard: 176-177.

FAUDUET, Isabelle.

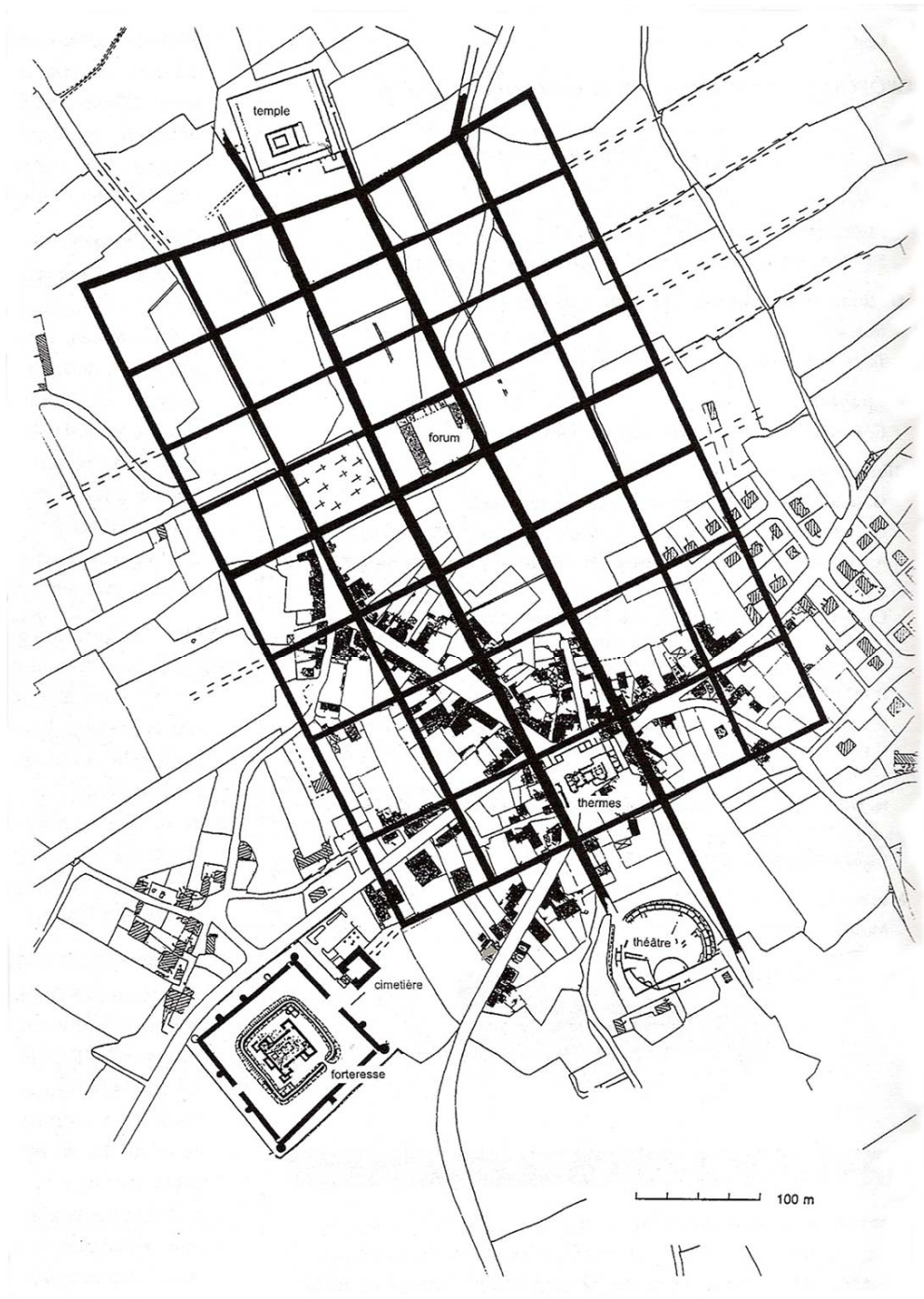
1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums**. Paris, Éditions Errance: planta 74.

Jublains (Noviodunum)

BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain.** Paris, Éditions

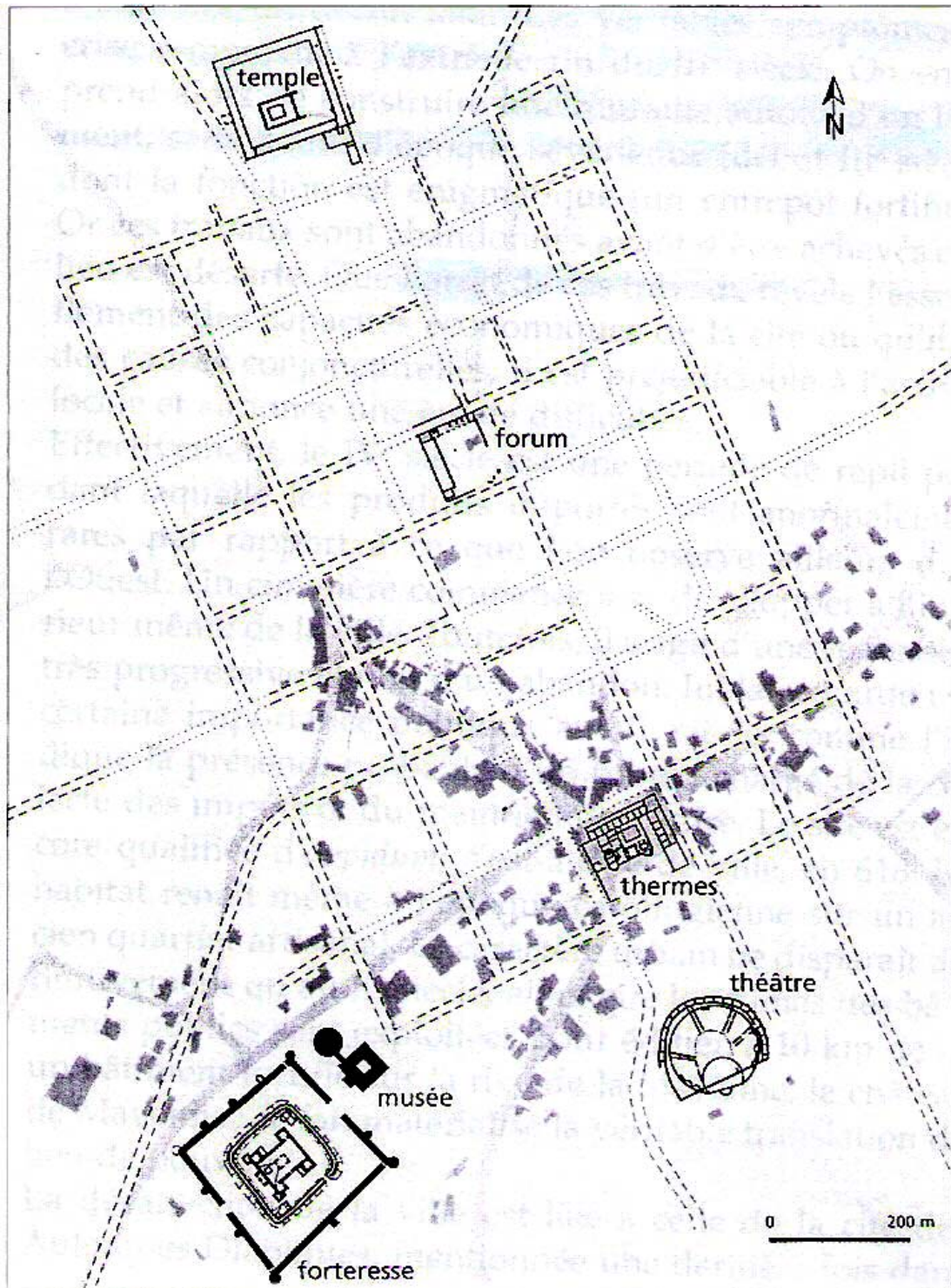
Picard: 180.



BOCQUET, Anne & NAVEAU, Jacques.

2003 Jublains/Noviodunum. L'Archeologue. Archéologie Nouvelle. Paris, Éditions

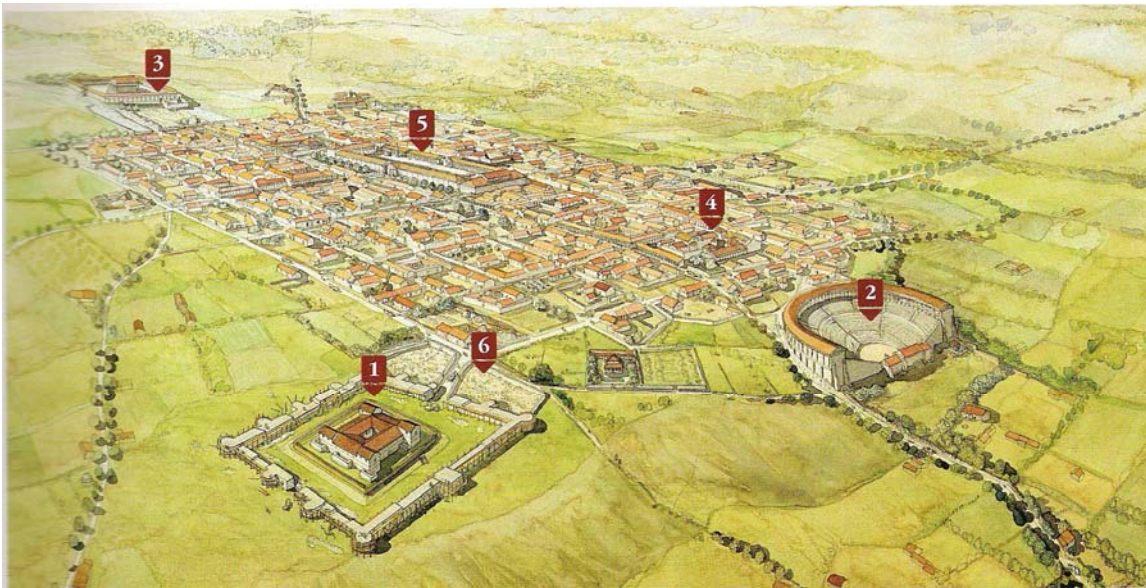
Errance, n°66, jun-jul.: 17.



COULON, Gerard & GOLVIN

2002 **Voyage e Gaule romaine**. Paris, Ales: Éditions Errance: 17.

Reconstituição



Monumentos visíveis

1. Complexo fortificado
2. Teatro
3. Santuário suburbano
4. Termas

Monumentos não visíveis

5. Fórum
6. Necrópole

Nome: *Noviodunum Diablintum* – Diablintes (Lionesa)

Status: capital da *ciuitas* dos *Auleri Diablintes*

Desenvolvimento histórico: A cidade se encontra em um cruzamento de vias celtas, na proximidade de um assentamento indígena que aparentemente tinha poucos contatos com o mundo mediterrâneo antes da conquista romana. Os primeiros traços de ocupação datariam do séc. IV ou III a.C.. Foram encontradas armas sacrificadas, entre outros vestígios, no santuário, que foi reformado no período romano. Algumas habitações, na época gaulesa, foram construídas ao redor do santuário. Não se sabe com certeza a data de fundação da cidade, é certo que, sob Tibério ou sob Cláudio em torno de 50 d.C., ela já existisse e estivesse integrada ao Império, porém, a orientação urbanística tem antecedentes pré-romanos e a circulação econômica de moedas e cerâmica sigillata data do império de

Tibério (14-37); assim há duas hipóteses: a da fundação romana durante o reino de Tibério ou a de em torno dos anos 50 d.C. (NAVEAU 1986: 32). A cidade era um importante local de passagem, porém, um local de ocupação pouco denso.

Após a fundação um plano urbanístico foi instaurado. O desenvolvimento da cidade se estende até o séc. III d.C., a situação se degrada em 270 d.C. com problemas comuns a outras cidades gaulesas como os incêndios. Além dos problemas locais, o declínio também deve ter sido causado pela modificação dos fluxos de mercadoria. Quanto a sua estrutura urbana, a cidade só adquiriu seu aspecto definitivo na época dos Flavios. A cidade tinha um *cardo* principal e um outro próximo que parece ter tido a mesma importância deste, já o *decumano* ganha uma forma de trapézio devido ao santuário no norte.

Monumentos da época galo-romana encontrados: Durante o Alto Império a cidade não tinha muros, estes só foram construídos no Baixo Império, porém, havia uma fortificação dupla no seu limite sul, que só em torno de 275 d.C. ganha paredes de pedras, a sala interior data da segunda metade do séc. II d.C.. No séc. III d.C. as muralhas começadas são deixadas inconcluídas, o que revelaria, talvez, um esgotamento dos recursos econômicos; Foi encontrada uma praça principal, no centro da cidade antiga que parece ser um fórum rodeado de galerias. Também foram encontrados poços; aqueduto; um edifício de banhos construído no séc. I d.C. e refeito no séc. III d.C. (o único esgoto reconhecido da cidade servia à evacuação das termas); diversos indícios de habitações, inclusive um mosaico, uma grande casa com um anexo balneário do séc. I d.C. foi identificada; um teatro “de planta gaulesa” (BEDON 2001: 180) que podia ter uso misto, pois foi precedido por uma arena – sua primeira fase data dos anos 81-83 d.C., quando foi financiado por um notável chamado *Orgetorix* –, e tinha planta circular, na segunda fase, o teatro possuía uma *cauea* com diâmetro de 80m, uma *arena* em meio-círculo e uma *cena* de 12m por 4m.

Também foi encontrado um bairro que continha um ateliê de recipientes cerâmicos, além de indícios de atividade siderúrgica; na cidade também devia se trabalhar o ferro e o couro. Na periferia oeste foram encontrados: fornos de vidro e um ateliê de recipientes cerâmicos. No sul da cidade havia uma necrópole, usada do séc. I ao séc. IV d.C., com 220 incinerações e nove inumações, é provável que existisse outra zona funerária perto do santuário.

Antecedentes religiosos: Havia um santuário no lugar onde foi construído o santuário galo-romano, que datava da Idade do Ferro, talvez fosse o santuário principal da população dos *Diablintes*.

Descrição dos fana: Ao norte da cidade, entre os dois *cardos* principais havia um santuário, cuja primeira fase remonta à Idade do Ferro. Ele foi reconstruído perto do fim do reino de Nero, tendo como medidas 20, 50m por 25, 60. Sua particularidade era ter pilares no lugar de colunas, sua *cella* media 11,70 m por 9,70m. O conjunto estava sobre um *podium* com 3 m de altura e comprimento de 30m; a área sagrada tinha 78m leste-oeste 74 m norte-sul, com abertura a leste e a oeste. A *cella* retangular era entornada de uma galeria de circulação. O santuário não está na mesma orientação da cidade, provavelmente devido à estrutura que o precedia. Segundo Naveau (1986:30) o santuário se integraria bem ao esquema espacial, mesmo que seja o único edifício com orientação própria.

Houve outras modificações na época dos Severos no final do séc. III e começo do IV d.C.. Na vizinhança foi encontrado um altar a Júpiter, construído no séc. I d.C. e várias figuras de terracota representando Vênus e as deusas-mães, além de estatuas de divindades gaulesas “romanizadas”, ao seu redor havia pequenas peças, provavelmente lojas.

Bibliografia:

BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions Picard: 179-181.

BOCQUET, Anne & NAVEAU, Jacques.

2003 Jublains/Noviodunum. L'Archeologue. Archéologie Nouvelle. Paris, Éditions Errance, n°66, jun-jul.: 17.

BOCQUET, Anne; CHUNIAUD, Kristell & NAVEAU, Jacques.

2004 Le quartier antique de la Grande-Boissière à Jublains (Mayenne). Revue Archéologique de l'Ouest. Rennes: Association pour la diffusion des recherches archéologiques dans l'Ouest de la France, n°21: 131-174.

COULON, Gerard & GOLVIN

2002 **Voyage en Gaule romaine**. Paris, Ales, Éditions Errance: 17.

DASSIÉ, Jacques.

1998 La Grande Lieu Gauloise: Identification de *Tamnum, Novioregum et Lamnum*.
Archeologia. Paris, Éditions Faton, n°343.: 40-43.

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums**. Paris,
Éditions Errance: planta 61.

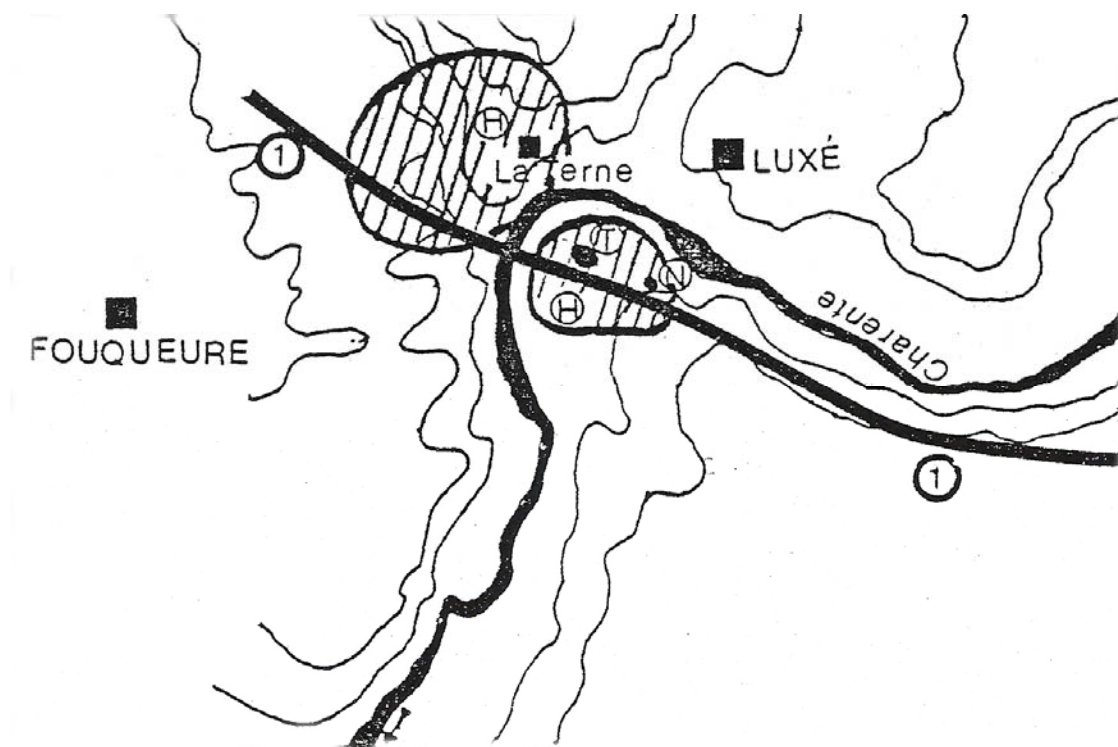
NAVEAU, Jacques.

1986 Jublains ou l'Echec d'une Ville. Dossiers d'Histoire et Archéologie. Dijon,
Éditions Faton, n°106, jun: 30-33.

La Terne

AEBERHARDT

1985 Sanctuaires ruraux et peurbanisation en Charente. In: Les Débuts de l'urbanisation en Gaule et dans les provinces voisines. Caesarodunum XX: Actes du colloque, ENS 1984. Paris: 51.



T: Teatro

N: Necrópole

1: Via romana

H: Habitações

Nome: Desconhecido

Status: Desconhecido

Desenvolvimento histórico: Situado em um entroncamento da via de Agripa religando a partir de Chassenon, Limoges e Aulnay e Saintes. As evidências arqueológicas encontradas não permitem caracterizar o urbanismo. Sabe-se que havia duas zonas distintas, uma de

habitações agrupadas em torno de um templo e um bairro artesanal e outra com teatro, instalações comerciais e necrópole a leste, separadas por um rio

Monumentos da época galo-romana encontrados: Vestígios de habitações; fossas de depósitos; fornos de cerâmica; uma necrópole; estatuetas vindas das redondezas; moedas do séc. I ao séc. V d.C.; teatro

Antecedentes religiosos: A bibliografia não menciona

Descrição dos fana: O *fanum* ficaria na zona de habitação, em torno dele se agrupariam os edifícios residências, contudo, a bibliografia não fornece informações sobre o templo.

Bibliografia:

AEBERHARDT

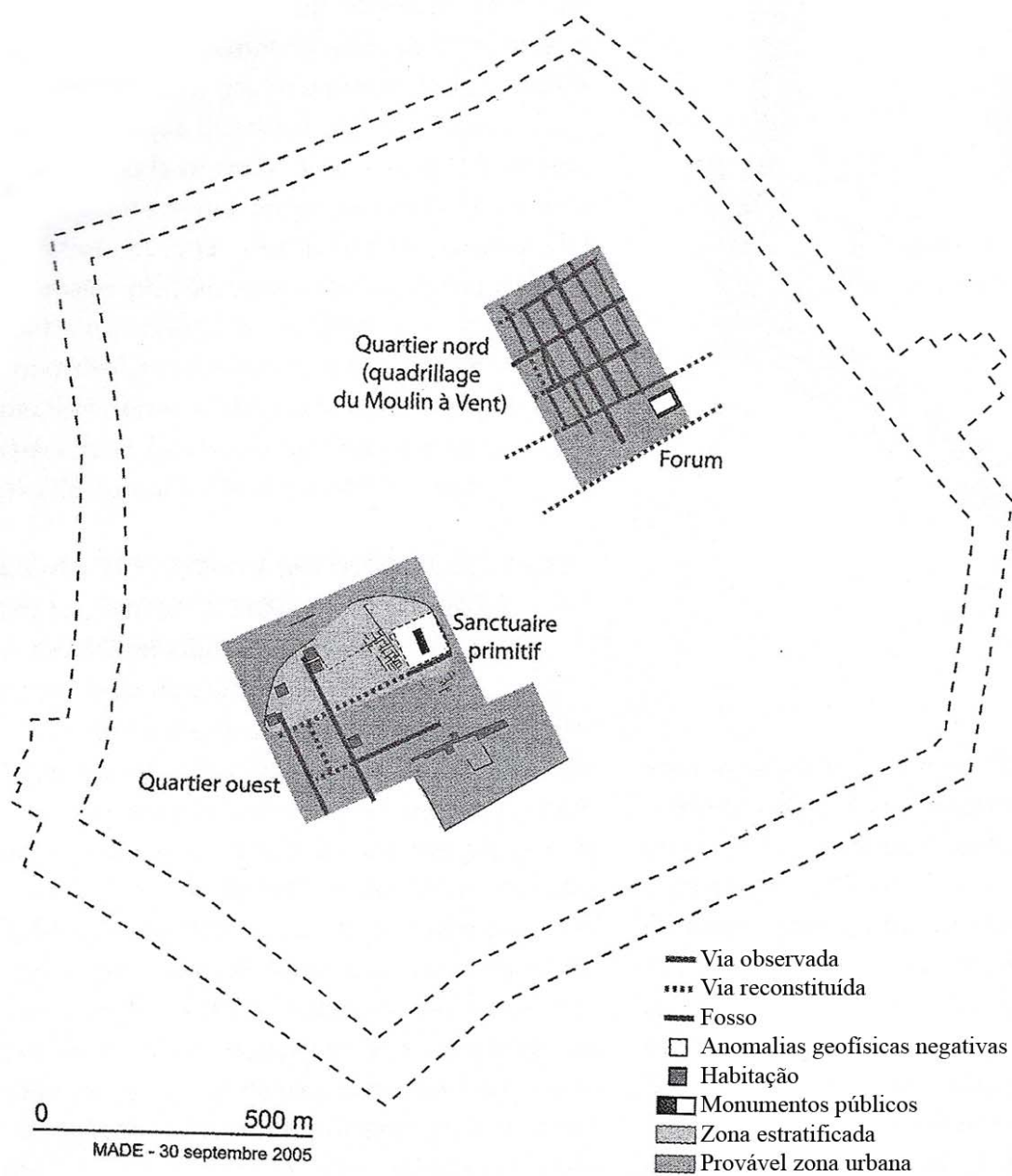
- 1985 Sanctuaires ruraux et preurbanisation en Charente. In: Les Débuts de l'urbanisation en Gaule et dans les provinces voisines. Caesarodunum XX: Actes du colloque, ENS 1984. Paris: 47-53.

Le Vieil-Évreux

DABAS, Michel; GUYARD, Laurent & LEPERT, Thierry.

2005 Gisacum revisité, croisement géophysique et archéologie. Dossiers d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton, n° 308, nov.: 52.

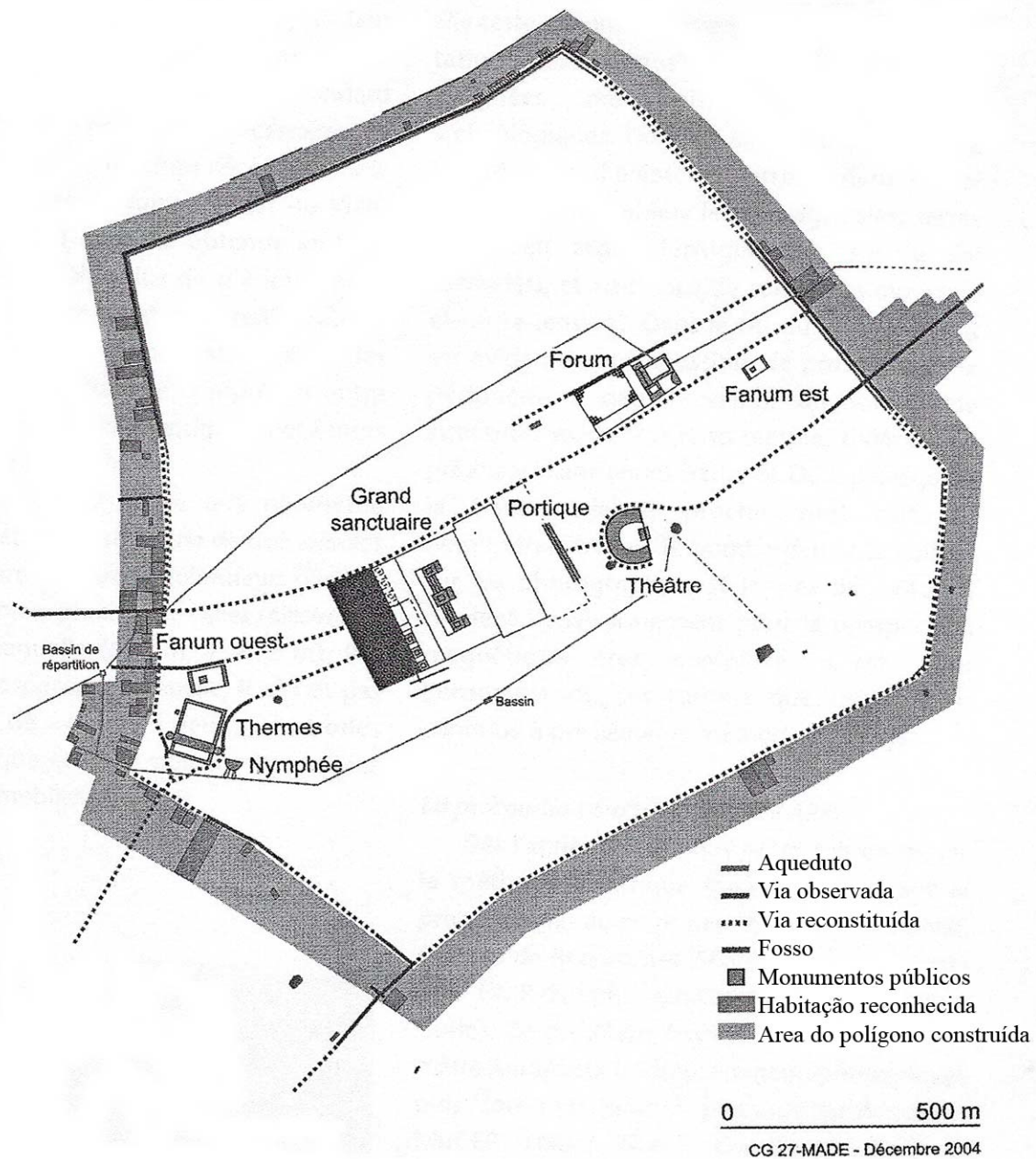
Planta de Gisacum no séc. I d.C.. Em pontilhado o polígono do começo do séc. II d.C.



DABAS, Michel; GUYARD, Laurent & LEPERT, Thierry.

2005 Gisacum revisité, croisement géophysique et archéologie. Dossiers d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton, n° 308, nov.: 53.

Gisacum no séc. III d.C.



Nome: Desconhecido

Status: Durante o período galo-romano o assentamento estava ligado, de forma não esclarecida pela bibliografia, a Evreux (*Mediolanum Aulercorum*, Gália Lionesa).

Desenvolvimento histórico: A primeira ocupação do santuário data do começo do séc. I d.C. O sítio está localizado a 6km a leste da capital, a cidade de (*Mediolanum Aulercorum* (Évreux), o desenvolvimento dos dois foi paralelo. O sítio é considerado o grande santuário dos Aulerques Eburovicese, suas medidas são 275 por 250m. Na época romana o santuário teve novos recintos sagrados, o que incluiu um templo à tríade capitolina, onde o imperador deveria ser cultuado. O desenvolvimento máximo do santuário se situa entre final do séc. II e começo do séc. III d.C. No séc. IV as termas são recuperadas, mas o santuário não mais funciona como tal.

Monumentos da época galo-romana encontrados: talvez um fórum, que não parece se integrar na organização geral do santuário; teatro, com capacidade média de sete mil lugares; termas, do séc. II d.C., abandonadas no meio do séc. III d.C., com duas redes de esgoto; templo; *nymphée*; grandes recipientes para água; habitações na periferia – todas as casas são alinhadas ao longo de um pórtico –; aqueduto; palestra, rodeada de uma galeria com colunata; três vias saindo do polígono que rodeava o santuário: uma ia para Évreux, a segunda colocava o santuário em relação à via Évreux-Dreux, a terceira adentrava na bacia parisiense, no vale do Sena.

As habitações, encontradas nas proximidades, estavam alinhadas, viradas para o grande santuário. Um grande fosso, na borda da rua, separa claramente o centro monumental das instalações periféricas, entre essas habitações pode ter havido pequenos conjuntos termais.

Antecedentes religiosos: Esse assentamento céltico com santuário é anterior ao período galo-romano.

Descrição dos *fana*: Dois grupos de três *fana*. Neles foram encontradas estátuas e estatuetas que sugerem o culto a Apolo, Hercules, Júpiter.

Além desses, dois outros *fana* com 14 m de lado, foram encontrados no noroeste e no sudoeste do grande santuário. Cada um está em um períbolo de pedras, eles medem respectivamente 20m por 50m e 35m por 75m.

Também havia vários *fana* satélites em um raio de 10 a 15 km, a sul e a leste de Évreux. Há também *fana* num raio de 25 a 30 km de Vieil-Évreux, em uma “coroa” de santuários rurais, porém, pouco desenvolvidos e datando do final do séc. I e começo do séc. II d.C.

Bibliografia:

DABAS, Michel; GUYARD, Laurent & LEPERT, Thierry.

2005 Gisacum revisité, croisement géophysique et archéologie. Dossiers d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton, n° 308, nov.: 52-53.

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums**. Paris, Éditions Errance: plantas 56 e 59.

GUYARD, Laurent & LEPERT, Thierry.

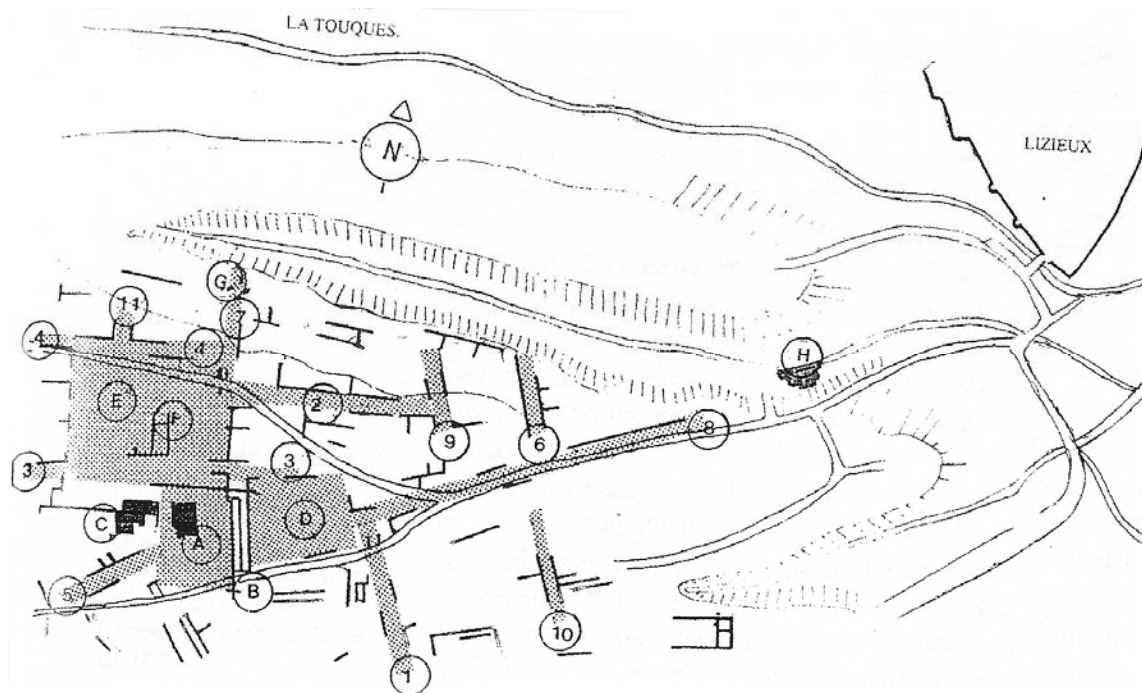
1999 Le Vieil-Évreux, ville sanctuaire gallo-romaine. Archéologia. n°359, set. Paris, Éditions Faton: 20-29.

Le Vieux-Lisieux

LEMAITRE, Claude

1998 Le Vieux-Lisieux, ville ou sanctuaire suburbain? Dossiers d'Archéologie.

Dijon, Éditions Faton, n°237, out.: 59.



- A: Santuário
- B: Pórtico duplo
- C: Termas
- D: Provável fórum
- E: Praça (?)
- G: Aqueduto
- H: Teatro-anfiteatro

Nome: Não se tem conhecimento do nome exato do assentamento.

Status: Assentamento ou santuário.

Desenvolvimento histórico: Existia um *oppidum* (Castellier) nas proximidades. O desenvolvimento do sítio parece ter ocorrido no século II d.C., embora tenha sido

encontrada cerâmica anterior à época Júlio-claudiana. Sua destruição deve ter ocorrido no séc. IV, devido a um incêndio, até esse período foram encontradas moedas imperiais.

Monumentos da época galo-romana encontrados: Teatro-anfiteatro; ruas; aqueduto; termas; provável fórum; pórtico duplo.

Antecedentes religiosos: A bibliografia não menciona.

Descrição dos *fana*: Não se sabe ao certo se seria um *fanum* ou não, pois sua abertura está voltada para o oeste e não para o leste como é comum entre os templos de tradição celta. Contudo, sua estrutura remonta ao *fanum* de Beaumont. Foram encontrados ex-votos e um fragmento de estátua que parece indicar se tratar de uma representação de Apolo ou Diana.

Bibliografia:

LEMAITRE, Claude

1998 Le Vieux-Lisieux, ville ou sanctuaire suburbain? Dossiers d'Archéologie.

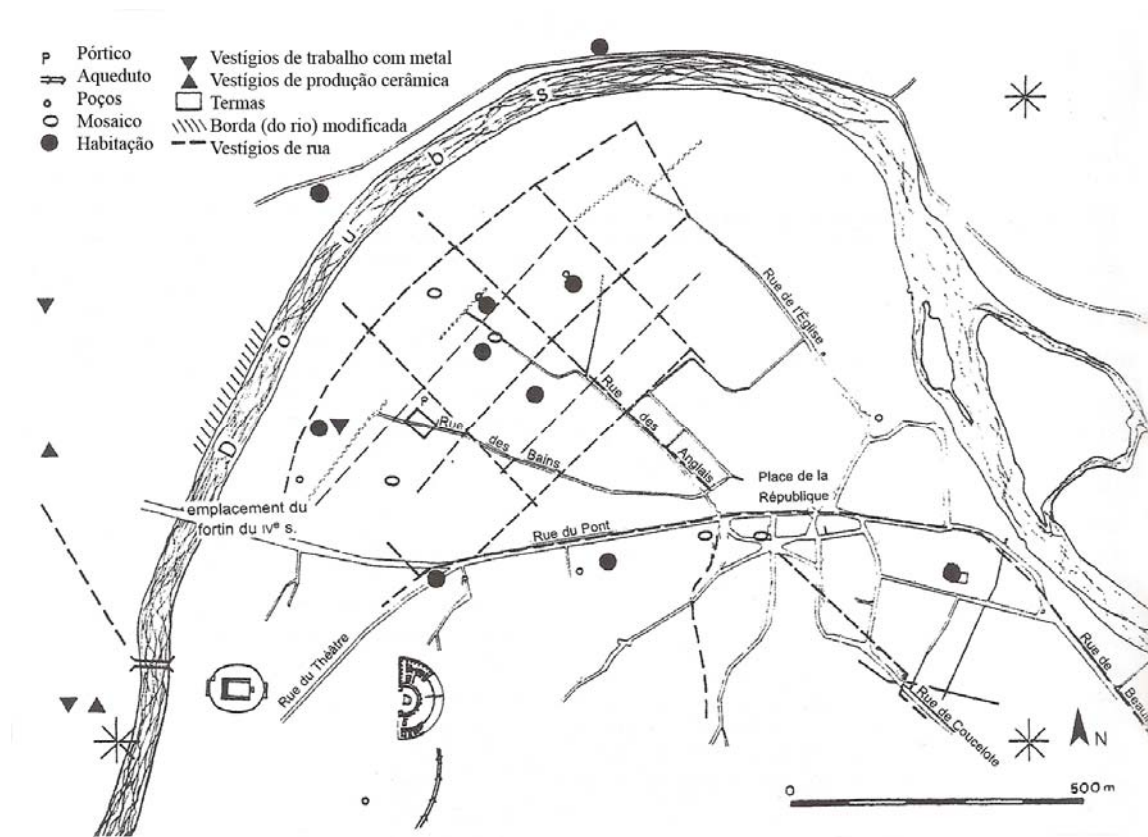
Dijon, Éditions Faton, n°237, out.: 58-63.

Mandeure

BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions

Picard: 214.



Nome: *Epomanduodurum* (Gália Bélgica)

Status: Assentamento secundário da *ciuitas* dos sequanos

Desenvolvimento histórico: Poucos indícios até o momento testemunham a existência de um assentamento antes do reino de Cláudio. É nesse período que o assentamento floresce até a segunda metade do séc. II. A partir de Cômodo há uma regressão acompanhada de depopulação. O assentamento só subsiste por que está no caminho para o Reno e Cologne. Contudo, no Baixo Império, o exército constrói um pequeno forte no limite oeste do *uicus*, o que dá um novo vigor ao assentamento, destruída nos ano 380.

Monumentos da época galo-romana encontrados: Fórum; teatro “de tipo gaulês”, datado provavelmente de Domiciano, seu diâmetro é de 142 m e ele não tem muro de cena, sua

fachada tem três andares e a *cauea* é orientada para o santuário; muitos poços, mas pouco profundos; um aqueduto, cuja água era distribuída em um *castellum diuisorium* situado próximo do teatro; havia duas termas, uma suburbana, que se situava na borda sudoeste do *uicus*, a outra no centro do assentamento, das quais foram encontradas placas de mármore, mosaicos e uma inscrição mencionando um dom feito por um notável *Flavius Catullus* e seu herdeiro *C. Flavius Gallus* para financiar a decoração do edifício, os dois parecem remontar ao período flaviano; ao norte do santuário havia um arco ou uma porta monumental, do qual sobraram dois fragmentos de baixo-relevo, figurando um guerreiro e armas; ateliês ao longo do caminho para o Reno, quatro fornos para recipientes de cerâmica, seis ateliês metalúrgicos, que trabalhavam o ferro e o bronze, também existiam talhadores de pedra, de mosaicos, de vidros, de entalhadores e artesãos que defumavam a carne; instalações portuárias foram encontradas na parte noroeste da curva do Doubs; entre os edifícios que subsistiam no séc. III d.C. havia albergues e tavernas, ao longo do caminho para o Reno; foram encontrados vestígios de habitação e grandes casas, uma de nove peças, tinha pinturas murais; no noroeste do *uicus* foi encontrado um grupo de incinerações e algumas inumações.

Antecedentes religiosos: O templo datava do período da independência e foi reconstruído ao redor da metade do séc. I d.C. Contudo, seu muro é datado da época de Domiciano.

Descrição dos *fan*: Foi encontrado um *fanum*, com 52,7m norte-sul e 64,80m leste-oeste. Ainda existem traços de uma *pronaos*, com comprimento de 14m do lado leste. Esse templo estava na parte central de um períbolo, de planta elíptica, entornado por um muro. Havia dois acessos a leste e a oeste.

O teatro e as portas do santuário se alinham em um mesmo eixo, o que sugere uma ligação funcional entre os dois edifícios

Bibliografia:

BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions Picard: 213-215.

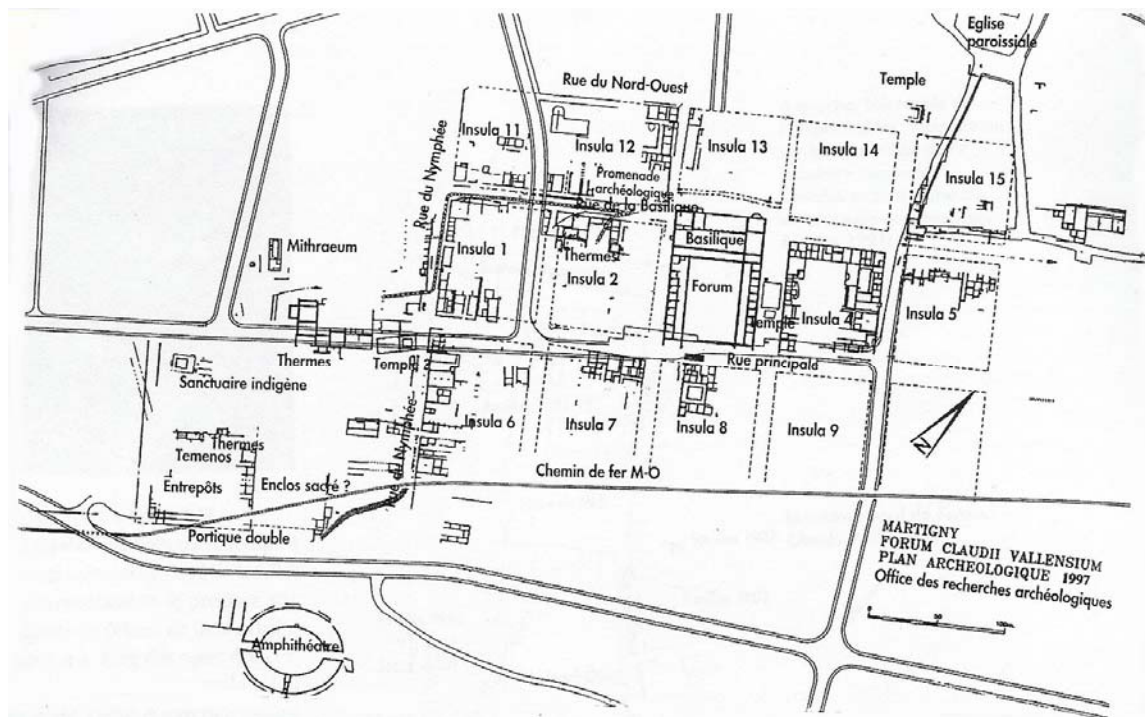
FAUDUET, Isabelle.

1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums**. Paris, Éditions Errance: planta 75.

Martigny

WIBLÉ, François.

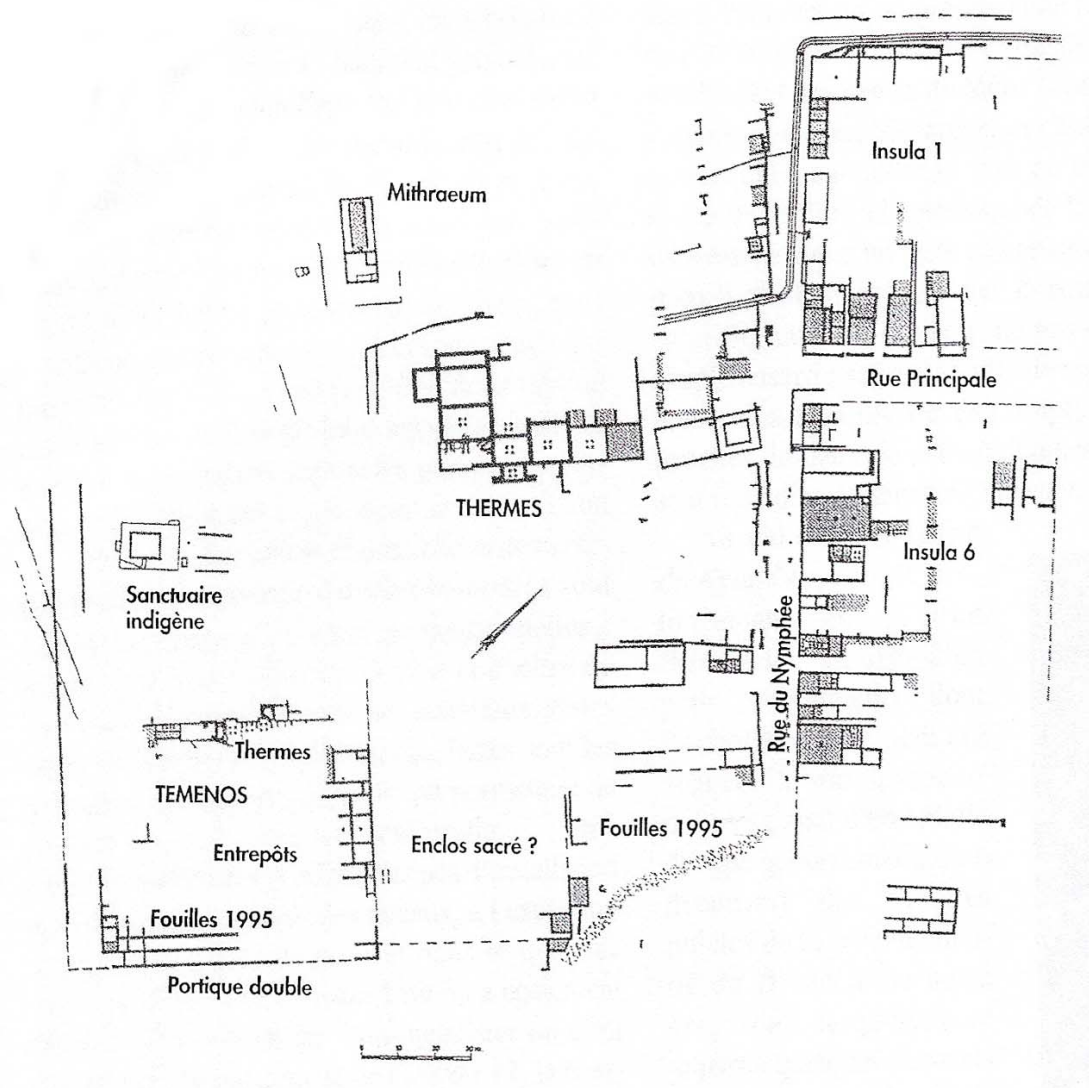
1998 Forum Claudii Vallensium, les faubourgs de la ville romaine. Dossiers d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton, n°237, out: 78.



WIBLÉ, François.

1998 Forum Claudii Vallensium, les faubourgs de la ville romaine. Dossiers d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton, n°237, out.: 80.

Detalhe, setor sul do fórum.



Nome: *Octodurus Forum Claudii Augusti Valensium*

Status: Capital da *ciuitas Vallensium*, que reunia quatro pequenos assentamentos gauleses: os *Nantuates* os *Veragri*, os *Seduni* e os *Uberi*. Capital da província dos *Alpes Poeninae e Graioe*. Os habitantes têm o direito latino, porém a cidade não tem nem o título de colônia, nem de município, mesmo que fundada por decisão imperial. Portanto, se imagina que seu nome "*forum*" indique mais sua importância econômica, do que uma função jurídica.

Desenvolvimento histórico: O local era um assentamento gaulês que foi ocupado por Sêrvio Galba, legado de César, XIIª legião. Atacado pelos Seduanos e *Véragres*, foi conquistado definitivamente em torno de 15 a.C.. Cláudio faz de *Octodurus* o *Fórum*

Claudii Augusti, em torno de 47 d.C. A cidade é abandonada em torno de 400 d.C.. O sítio fica próximo a um dos braços do Reno.

Monumentos da época galo-romana encontrados: Ruas de pedra; fórum próximo a lojas, *scholae*, tavernas sob os pórticos; uma basílica, onde foram descobertos grandes bronzes, com duas fases datando de 47 d.C. e do período Vespasiano; um templo clássico no noroeste do fórum, provavelmente dedicado a Júpiter Optimus Maximus; um edifício termal próximo (insula 2), desativado por volta do séc. I d.C.; termas do séc. II d.C., (próximo do santuário indígena); um anfiteatro, do começo do séc. II d.C., em um local onde havia uma necrópole; termas, aqueduto e *nymphée* construídos por Valeriano em 253 d.C.; esgotos; *fabrica*; lojas; um *téménos*-mercado (usado do séc. I a.C. até o IVd.C.); entreposto apoiado no muro de época claudiana, lojas, ateliês, provavelmente para o trabalho com bronze e vidro, depósitos; um *auditorium* com aquecimento; casas com pórticos; uma necrópole (só uma foi escavada), que continha cerca de 70 sepulturas; um *mithraeum*, no local onde havia uma casa modesta talvez de um pequeno explorador agrícola, do séc. III d.C.

Antecedentes religiosos: O templo encontrado próximo do *temenos* foi, sem dúvida, edificado antes da conquista romana, contudo, ele não fornece pistas da localização do assentamento gaulês.

Descrição dos *fana*: Na época da fundação do *Fórum Claudii Vallensium*, no meio do séc. I d.C. será separada uma área sagrada com 85m por 136m, que incorporará o templo gaulês da época da independência. Sua *cella* foi refeita na época romana, passando a ser de pedra. Atrás do pórtico monumental que se abria para a rota que levava a *Grand-Saint-Bertrand* havia entrepostos no noroeste, salas de reunião e uma pequena terma. Foram encontrados numerosos objetos votivos a um Mercúrio associado com uma divindade gaulesa, provavelmente a quem era dedicado o templo que foi destruído no fim do séc. IV d.C. A orientação desse complexo monumental é ligeiramente diverso da orientação do núcleo central do assentamento.

Perto das *insulae* 14 e 15, no prolongamento de uma rua foi encontrado um templo galo-romano, cuja edificação remonta à segunda metade do séc. I d.C., exterior ao *pomoerium*, ele foi freqüentado até o fim do séc. IV d.C., foram encontradas moedas

votivas. A área sagrada no noroeste também tinha pórticos, edícula e outros templos ou capelas.

Bibliografia:

BEDON, Robert ; CHEVALLIER, Raymond & PINON, Pierre.

1988 **Architecture et urbanisme en Gaule Romaine**. Paris, Éditions Errance: 172-173.

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums**. Paris, Éditions Errance: planta 88.

FELLMANN, Rudolf.

1992 **La Suisse Gallo-Romaine, cinq siècles d'histoire**. Suisse, Territoires, Éditions Payot: 106.

WIBLÉ, François.

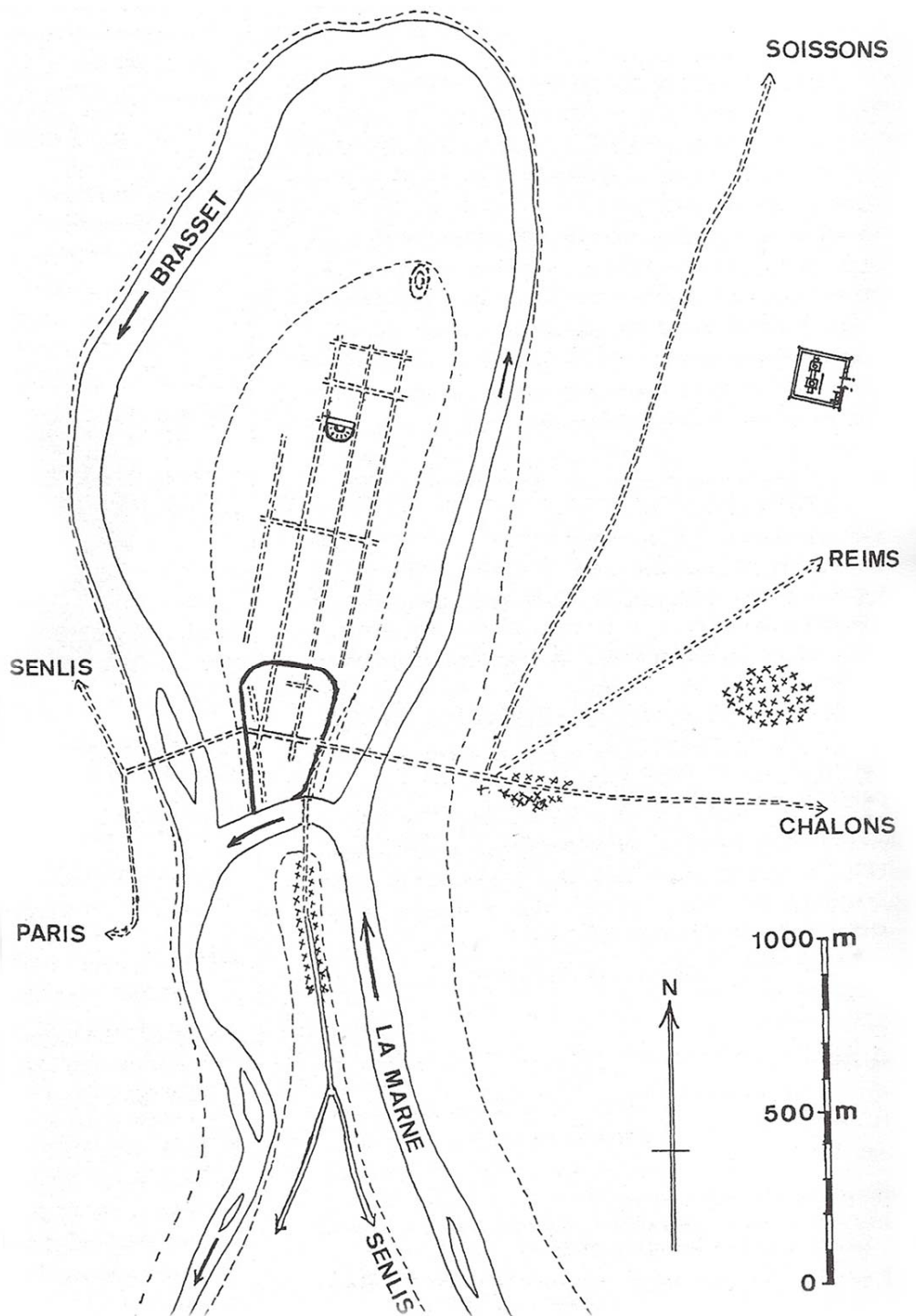
1998 Forum Claudii Vallensium, les faubourgs de la ville romaine. Dossiers d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton, n°237, out.: 76-83.

Meaux

BEDON, Robert.

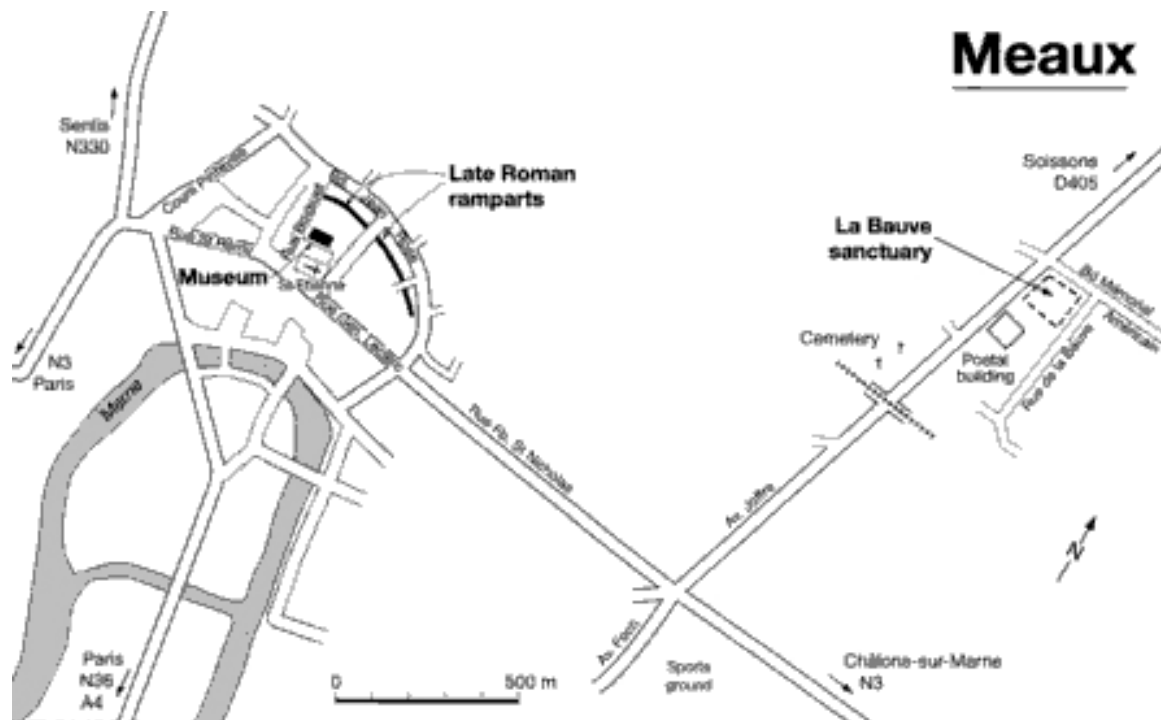
2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain.** Paris, Éditions

Picard: 220.



BROMWICH, James

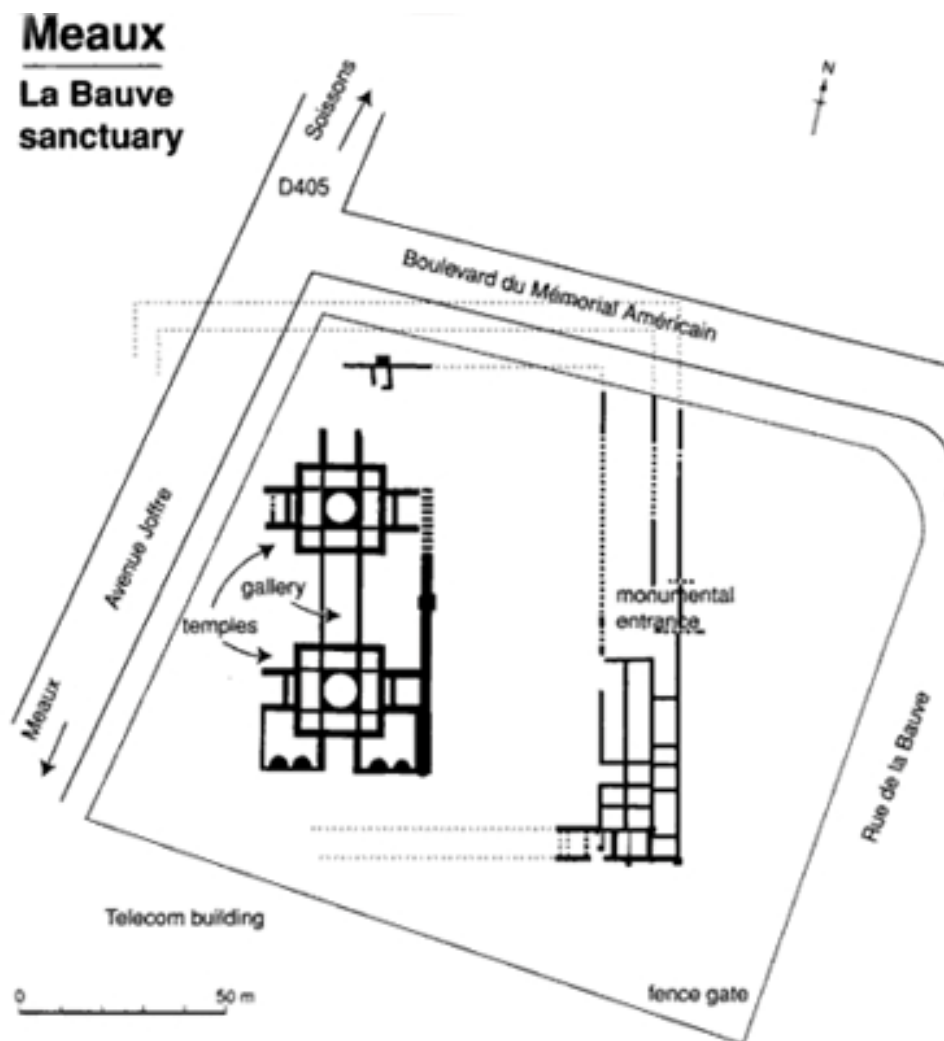
2003 **Roman Remains of Northern and Eastern France**. Nova Iorque, Londres,
Rotledge: 76.



BROMWICH, James

2003 **Roman Remains of Northern and Eastern France**. Nova Iorque, Londres,
Rotledge: 77

Santuário de "la Bauve", na periferia de Meaux



Nome: *Iatinum*, *Fixtinnum*, depois variantes de *MELDOS*, *CIUITAS MELDORUM*, ou, *MELDENSIUM* (Gália Lionesa)

Status: Capital da *ciuitas dos Meldi*

Desenvolvimento histórico: Antes da fundação da cidade, existia em seu lugar um assentamento gaulês com vocação comercial, por conta da proximidade com o Marne. O urbanismo romano data do fim do séc. I a.C. Provavelmente no séc. III d.C. havia um ateliê monetário imperial.

Monumentos da época galo-romana encontrados: um Muro reduzido no Baixo-Império; o fórum não foi localizado; um aqueduto; o *Cardo Maximus* parece corresponder às ruas Saint-Rémy, Saint-Étienne e Marechal Leclerc; por epigrafia se sabe que havia um teatro, na parte norte da cidade, que foi identificado com vestígios antigos que datariam do séc. I d.C., por causa do *pulpitum* se acredita que a planta seguisse padrões romanos; havia um

anfiteatro de planta gaulesa, com cerca 50 a 60 m de diâmetro na periferia nordeste; traços de um aqueduto; um conjunto arquitetural que parece corresponder a uma terma; talvez tenham existido estabelecimentos balneários na cidade; esgotos; casas nas bordas dos *decumano*; sepulturas no sudoeste da cidade ao longo da via Châtolons-sur-Marne; provável atividade de navegação.

Antecedentes religiosos: Os primeiros vestígios do santuário de “la Bauve” datam do séc. IV a.C., contudo, como ele foi modificado no período romano, não se sabe como era sua estrutura antes da conquista.

Descrição dos *fanum*: Santuário suburbano, a 1 km ao nordeste da cidade antiga. Os primeiros vestígios são datados do séc. IV a.C. No estado, tal como se apresenta, pode-se conhecer a estrutura quadrada do séc. II d.C. com 130 m de cada lado, fechada por um muro duplo, com uma entrada a leste. No interior havia um edifício de plano simétrico composto de duas *cellae*, ao norte e ao sul, ligados por uma galeria com 22 m de comprimento. O santuário foi abandonado, no fim do séc. IV, ou começo do V d.C.

Bibliografia:

BEDON, Robert ; CHEVALLIER, Raymond & PINON, Pierre.

1988 **Architecture et urbanisme en Gaule Romaine**. Paris, Éditions Errance: 174.

BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions Picard: 26 e 219-221.

BROMWICH, James

2003 **Roman Remains of Northern and Eastern France**. Nova Iorque, Londres: Rotledge.

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums**. Paris, Éditions Errance: planta 45.

MAGNAN, Danielle

1999 Le sanctuaire antique des Meldes. Dossiers d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton, n°273, jun-jul.: 78.

MAGNAN, Danielle; MARION, Stéphane & RAPIN, André

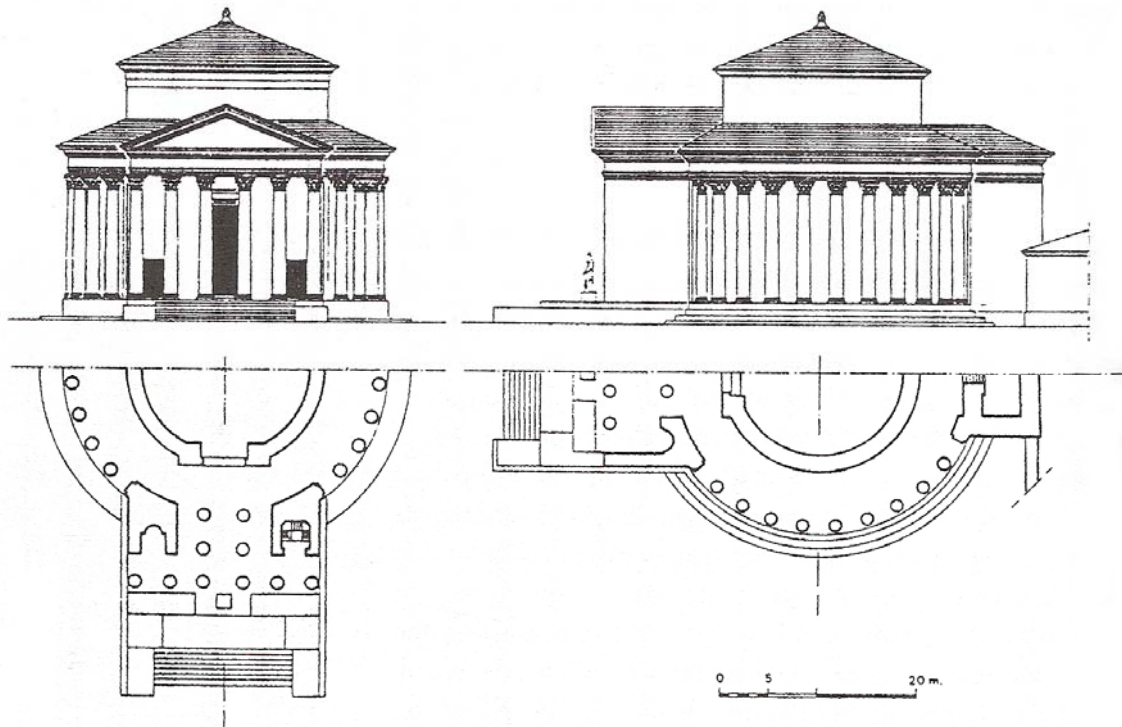
2002 Le trophée des Meldes: La Bauve à Meaux. L'Archeologue. Archéologie
Nouvelle. Paris, Éditions Errance, n°42, mai.: 38-42.

Périgueux

BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions

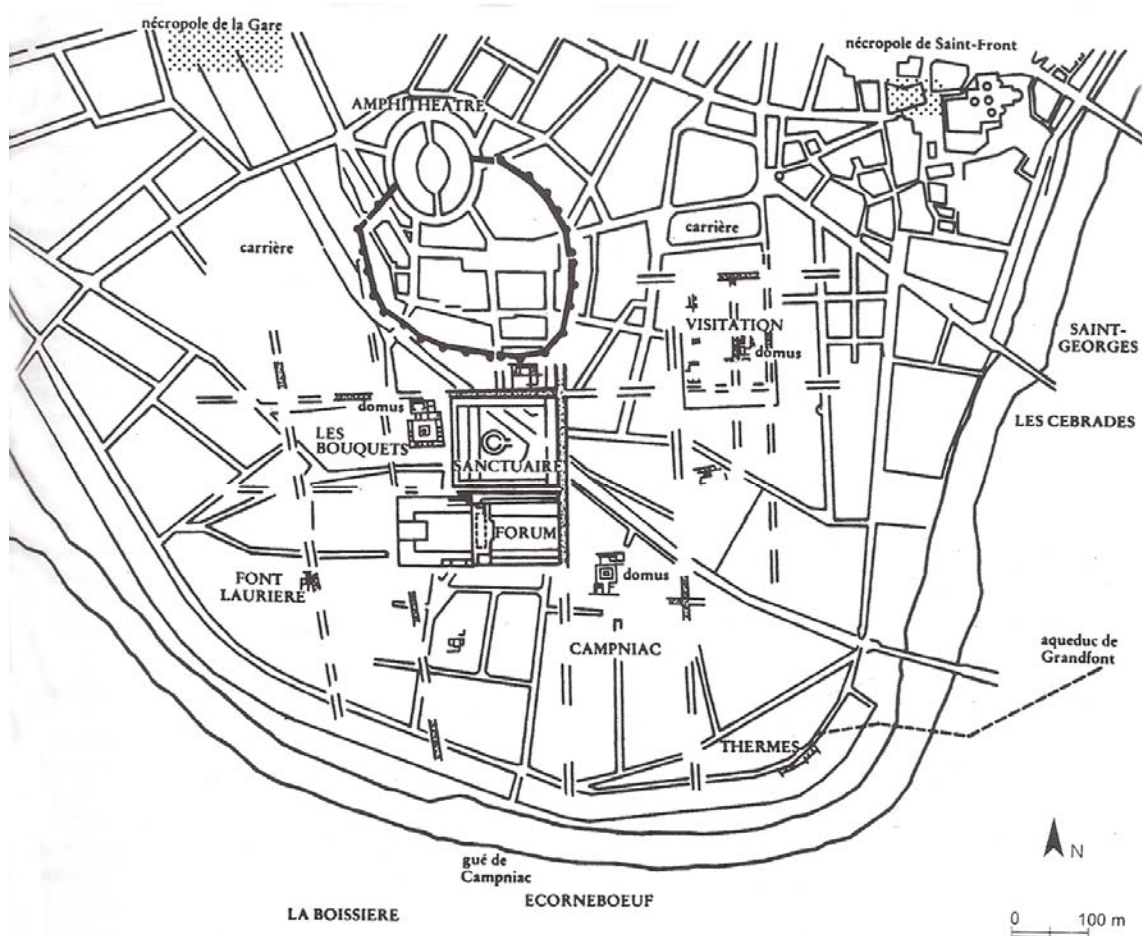
Picard: 26.



BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions

Picard: 253.



Nome: *Vesunna Petrucoriorum* – *Petrucorios* (Gália Aquitania)

Status: Capital da *Ciuitas* dos *Petrocorii*. Os cidadãos romanos desta localidade estavam inscritos na tribo *Quirina*.

Desenvolvimento histórico: Na época gaulesa havia dois *oppida* nas proximidades: *Ecorneboeuf* e *La Curade*, nos locais altos próximos das cidades. O primeiro ocupado desde a Idade do Bronze e o segundo com vestígios datando de 80 e 40-35 a.C.. A fundação aconteceu no começo do período augusteano, depois das últimas campanhas de Agrippa e Valerius Messala Corvinus em 25-20 a.C. Os edifícios monumentais foram construídos na segunda metade do séc II d.C., em torno de 160 d.C.. Apesar de seguir uma planta urbana ortogonal, a cidade tinha vários setores, onde os *cardos* apresentam inclinações diferentes. Na parte ocidental eles conservam a direção de um caminho proto-histórico, as outras alterações na planta devem ter ocorrido com as alterações arquiteturais do séc. II. d.C.

Monumentos da época galo-romana encontrados: Um muro reduzido, com quatro portas, que data do fim do séc. III, ou começo do IV d.C.; ruas, cujo traçado mostra uma reforma sistemática no segundo quarto ou meio do séc. I d.C.; um fórum com várias etapas, a primeira remonta ao fim do séc. I a.C., na época de Augusto ou Tibério o fórum é pavimentado e é rodeado de pórticos e lojas, salvo a oeste, aonde se construiu uma basílica, esta com uma provável cúria na sua parte sul, no meio do séc. II d.C., graças a uma reforma, é construído um anexo do lado oeste; talvez um templo tenha existido associado a esses edifícios, todas essas construções devem ter sido abandonadas no fim do séc. III ou no séc. IV d.C.

Foram encontrados também: um anfiteatro no limite norte da cidade, começado na primeira metade do séc. I d.C. por *A. Pompeius Dumnom* e terminado decênios mais tarde por um descendente; numerosos poços, um com uma bomba; vários aquedutos; fontes; pelo menos três estabelecimentos balneários; esgotos; um quarteirão artesanal perto do templo; na proximidade norte do fórum um ateliê metalúrgico que funcionou até o fim do séc. I d.C.; uma via; quatro *domus* importantes e várias outras habitações ao redor do centro monumental; uma necrópole nos limites noroeste da cidade, usada até o séc. IV d.C.; havia uma outra zona funerária no nordeste.

Antecedentes religiosos: Havia dois *oppida* próximos do sítio onde foi fundada *Vesunna Petrucoriorum*, mas não foram encontrados vestígios religiosos no sítio anteriores à conquista romana.

Descrição dos *fana*: Um santuário dedicado à deusa *Tutela Augusta Vesunna* e também a *Telo* e *Stanna*, conhecido como “*Tour de Vésonne*”; próxima do fórum e construída no séc. I d.C., para seu estabelecimento uma grande *domus* foi destruída. O santuário era composto de um *temenos* rodeado por um pórtico, ou períbolo, com dimensões exteriores de 121,80 m norte-sul por 142,80m leste-oeste, uma *cella* no centro com plano circular de um diâmetro de 21m e uma altura total estimada em 24 a 25m. A *cella* era rodeada de colunas. A construção é datada do fim do séc. I ou começo do séc. II d.C.. Há uma inscrição que menciona a restauração do santuário e de uma terma (BEDON 2001: 253-4).

A dois km, ao noroeste, havia um santuário de periferia em um lugar conhecido como Chamiers. Foram identificados termas e um conjunto arquitetônico composto de duas esplanadas retangulares justapostas em uma direção norte-sul e situadas em níveis

diferentes. As escavações evidenciaram dois estados sucessivos. O mais baixo, a norte, tinha uma *cella*. Também havia duas estruturas, em forma de hemicíclo, com um diâmetro de 34,80m e comportando uma sala semi-circular.

Bibliografia :

BEDON, Robert ; CHEVALLIER, Raymond & PINON, Pierre.

1988 **Architecture et urbanisme en Gaule Romaine**. Paris, Éditions Errance: 198-200.

BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions Picard: 252-255.

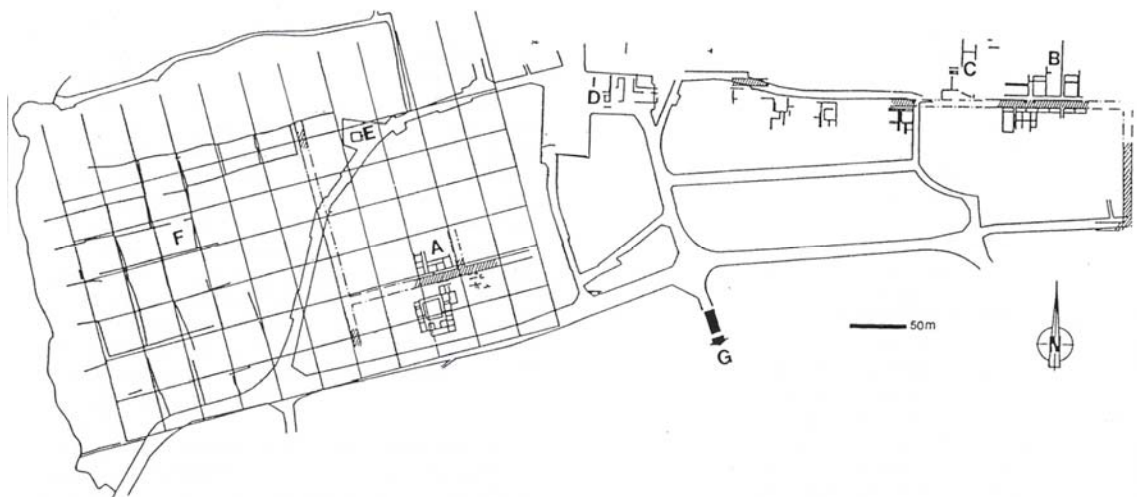
FAUDUET, Isabelle.

1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums**. Paris, Éditions Errance: planta 68.

Rezé

DESCHAMPS, Stéphane; GUERIN, Frédéric; PASCAL, Jérôme & PIRAULT, Lionel.

1992 Ratiatum (REZE, Loire-Atlantique): Origines et developpement de l'organisation urbaine. Revue Archéologique de l'ouest. Rennes, Pole Editorial Archeologique de l'Ouest: 114



Planta do assentamento antigo e proposição de modelo parcial, com projeção parcial de limites.

Legenda:

- A: bairro galo-romano
- B: entrepostos comerciais
- C: edifício termal
- D: bairro galo-romano
- E: santuário
- F: Clos Saint-Martin
- G: Via que se prolonga ao sul do assentamento.

Nome: *Ratiatum* (Gália Aquitania).

Status: Os autores divergem sobre o status de Ratiatum, Deschamps, Guerin, Pascal e Pirault (1992) consideram que o sítio seria um assentamento, já Provos (1993) acredita que seria um *uicus*. Contudo, os autores concordam que o sítio teria uma grande importância econômica, graças a sua estrutura portuária.

Desenvolvimento histórico: Aparentemente já existia um assentamento no local antes da conquista romana, porém, ele pertencia ao grupo dos *Ambilatri* ou dos *Anagnutes*. Durante a criação da província da Aquitania, ele foi incorporado à *ciuitas* dos pictos, pois esses tinham lutado ao lado dos romanos na Guerra Gálica. O assentamento teve um desenvolvimento rápido de Augusto a Cláudio, isso porque interessava a Roma fortalecer os pictos que tinham sido seus aliados, em contrapartida aos amoricanos. A primeira fase de urbanização do sítio parece ter se dado na segunda metade do séc. I d.C.. Nela foi estabelecido uma planta urbana regular que se mantém até a antiguidade tardia. Na segunda metade do séc. II sofre uma regressão, talvez tenha relação com as agitações que ocorreram na região, no período em que Marco Aurélio foi imperador, em particular a revolta de Maternos. A concorrência com *Condevincum* (Nantes), cidade de origem picta extremamente próxima e um esvaziamento do rio também podem ter tido um papel nesse declínio. Uma retomada parece ter acontecido entre o fim do séc. III e começo do séc. IV.

Monumentos da época galo-romana encontrados: provavelmente uma planta de ruas ortogonais da época de Augusto ou Tibério, ela se alinhava com uma estrada romana que seguia a margem esquerda do Loire; ruas, algumas com pórticos; poços rituais; templo; poços; provavelmente um aqueduto; termas do séc. II; estabelecimento balneário; esgotos; atividades artesanais e portuárias, no setor leste do assentamento; cinco lojas; três grupos de entrepostos do séc. II, em cima de casas ateliês e lojas, o mais oriental tinha seis grandes salas e foi destruído no fim do reino de Cláudio e depois reconstruído, o do centro pode ter sido um mercado; um ateliê de bronze do séc. I foi encontrado embaixo de um estabelecimento balneário; num bairro residencial, na parte ocidental do assentamento, foram identificados dois *domus*, do fim do séc. Id.C. e a leste foi encontrada uma casa; três setores de sepulturas na borda sul, leste e oeste da cidade e poços funerários.

Antecedentes religiosos: A bibliografia não menciona.

Descrição dos *fana*: *Fanum* com plano quadrado (6,80m ou 7,40m).

Bibliografia:

DESCHAMPS, Stéphane; GUERIN, Frédéric; PASCAL, Jérôme & PIRAULT, Lionel.

1992 Ratitum (REZE, Loire-Atlantique): Origines et développement de l'organisation urbaine. Revue Archéologique de l'ouest. Rennes, Pole Editorial Archeologique de l'Ouest: 111-127.

PIRAULT, L.

2000 Rezé. L'Archeologue. Archeologi Nouvelle. Paris, Éditions Errance, n.48, jun-jul: 25-26.

PROVOST, Michel.

1993 Le Val de Loire dans l'Antiquité. Supplément à Gallia. Paris, CNRS Éditions, n°52: 128.

BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions Picard: 265.

Saint-Bertrand-de-Comminges

BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions

Picard: 274.

Planta da parte central da cidade



Nome: *Lugdunum Conuenarum – CONVENAE* (Gália Aquitania).

Status: Capital da *Ciuitas* dos *Conuenaes*. Direito latino concedido por Augusto, em 27 a.C. ou nos anos consecutivos. Colônia de direito romano sob Trajano ou Adriano. Os cidadãos romanos da *ciuitas* estavam inscritos na tribo *Voltinia*.

Desenvolvimento histórico: Sabe-se que antes de a cidade ser fundada, existia um *oppidum* que até hoje não foi bem explorado. Esse teria sido construído por um povo céltico, possivelmente os *Garumni*, ligados aos *Volci Tectosages*. A fundação da cidade data de 72 a.C., por ocasião da guerra de Pompeu contra *Sertorius*. Pompeu tenta agrupar os montanheses da região de origens diversas que são logo chamados de *Conuenaes* e talvez para obter o controle do vale da Garonne e da rota entre a Espanha e a *Prouincia*. A cidade foi local de exílio de Calígula; Herodes Antipas, da Judéia também teve uma residência no sítio.

Há marcas de desgastes nos edifícios do sítio, provavelmente datando de 68 ou 70, períodos conflituosos na Gália. No séc. III d.C. a cidade passa por destruições, contudo, há uma retomada de construções que tem seu apogeu na época de Constantino. Com os danos da invasão de 409 a cidade baixa é abandonada e seus habitantes se mantêm na parte alta.

Monumentos da época galo-romana encontrados: A cidade era composta de uma parte alta e uma baixa, sendo que só a primeira, no Baixo-Império, tinha um muro. No limite leste da cidade foi construído o que parece ter sido um muro fortificado, datado do começo do séc. III d.C.. Quanto ao urbanismo, as ruas principais tinham intercessões com vias: o *cardo*, que conservava um traçado gaulês, se ligava ao caminho para Toulouse e o *decumanus maximus* prolongava a rota de Dax.

Foram encontradas: ruas; um troféu, com tema naval, datado de 13-12 a.C. e talvez destruído entre 68-70 d.C.; fórum, aparentemente tripartite; templo provavelmente dedicado ao culto Imperial a leste do fórum, entornado de pórticos e com uma entrada monumental a sudeste, na frente do templo havia um grande altar, edícula, ou grupo de estátuas; mercados e feiras existiram algum tempo, a partir de 40 a.C., lojas no sudoeste do fórum; um prédio administrativo augusteano em calcário; refeito em mármore pelos Antoninos e modificações da época de Constantino; anfiteatro, no sul, datado do fim do séc. I. d.C. ou início do séc. II d.C.; um teatro na cidade alta, datado do começo do séc. I d.C..

Termas do fórum, do fim do séc. I ou começo do séc. II d.C. , construídas sobre um outro estabelecimento balneário, de época augusteana; termas do norte construídas

provavelmente na época de Adriano, pelos próprios habitantes, completadas no começo do séc. III e freqüentadas até o séc. IV d.C.; nas suas proximidades provavelmente existia um templo dedicado a Cibele; termas de “Salles Arrouges”, na parte noroeste da cidade, construídas no séc. I d.C. e destruídas em 409 d.C.; aqueduto, provavelmente construído na época de Augusto; fontes nas ruas; grandes casas a leste do centro monumental; habitações mais modestas ao norte do fórum; necrópole ao longo do caminho de *Dax*, onde foram encontradas três piras funerárias; *um macellum* a leste do fórum, edificado na época de Tibério, refeito no séc. II d.C., já que havia sido destruído por um incêndio; bairro artesanal no noroeste da cidade; um posto aduaneiro foi mencionado pela epigrafia: provavelmente, na cidade se trabalhava com o Mármore dos Pirineus: a cidade devia ter um papel comercial com relação ao cruzamento de rotas.

Antecedentes religiosos: Não foram encontradas evidências de práticas religiosas no sítio.

Descrição dos *fana*: A cidade tem vários edifícios disseminados que podem ser templos de tradição indígena. O edifício localizado no “*Bord de Garonne*” (103) parece ser um desses.

Bibliografia:

BEDON, Robert.

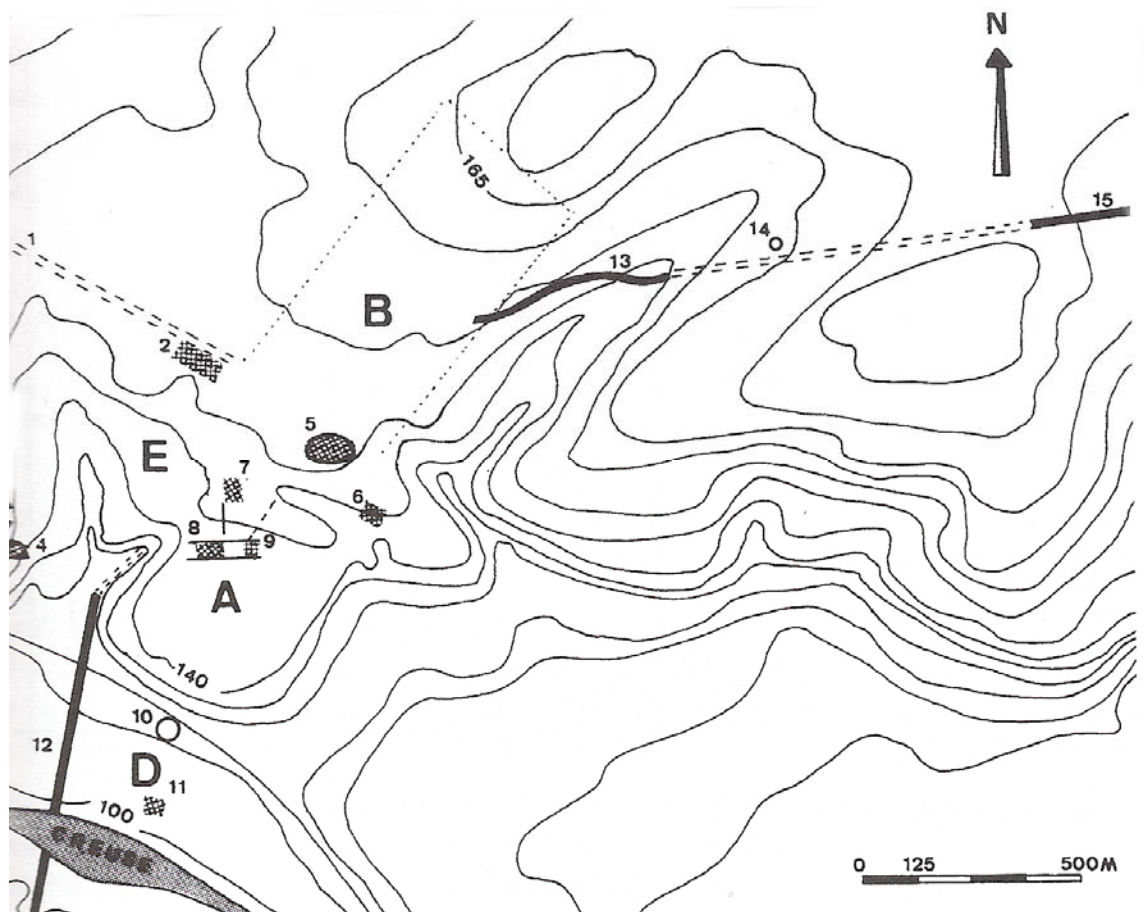
2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions Picard: 273-278.

Saint-Marcel

BEDON, Robert.

2001 *Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain*. Paris, Éditions

Picard: 285.



Legenda:

A – *Les Mersans*

B – *Les Courates*

C – *Le Virou*

D – *St-Étienne*

E – *Burgo de Saint Marcel*

1 – Estrada entre *Poitiers* e *Orléans*

2 – Necrópole do “*Champ de l’image*”

3 – Santuário

4 – Teatro

- 5 – Anfiteatro
- 6 – Necrópole dos *Ripottes*
- 7 – Escavações do Museu
- 8 – Conjunto *culturel*
- 9 – *Fontaine*
- 10 – Termas
- 11 – Igreja de *St-Étienne*
- 12 – Estrada de *Bordeaux*
- 13 – Caminho de *l’Osselet*
- 14 – Tumba de pedra
- 15 – Estrada em direção a Bourges e a Lyon

Nome: *Argentomagus*

Status: *Uicus* da *ciuitas* dos *Biturgi Cubi*

Desenvolvimento histórico: O assentamento foi precedido por um *oppidum* que media entre 27 e 30 hectares. O apogeu do assentamento galo-romano foi no reino de Antonino (138-161 d.C.). Podem ter havido destruições importantes no séc. III d.C. O assentamento ocupava 1400 m por cerca de 400-500m . Na época de Augusto o *uicus* recebeu uma planta quadriculada, tendo em conta os caminhos anteriores.

Monumentos da época galo-romana encontrados: localização do fórum incerta; a oeste do assentamento em situação suburbana foi encontrado um teatro de planta gaulesa datado de 30-50 d.C., foi refeito muitas vezes; na segunda parte do séc. I d.C., depois de 170 d.C. houve um aumento; um anfiteatro na parte norte do assentamento, datado do séc. II d.C.; poços; fonte da segunda metade do séc. I d.C.; canalizações; esgoto; termas no sul do assentamento, da metade do séc. II d.C.; ruas; pórtico com lojas próximo da fonte, as quais deveriam estar ligadas a um entreposto ou um mercado; artesanato com metal; trabalho com ferro; provável fabricação de armas; forno de cerâmica no sudoeste do assentamento; habitações numerosas no centro mais dispersos na periferia; um bairro de habitações ao norte do santuário e outro próximo do rio *Creuse*; concentrações de sepulturas a leste, a noroeste, do séc. I ao séc. II d.C, a oeste e próximo ao rio.

Antecedentes religiosos: A bibliografia não menciona.

Descrição dos *vana*: A oeste do local em que se imagina que estivesse o fórum havia um conjunto cultural do séc. I d.C., com três *vana*. Na segunda parte do séc. I d.C. o templo central foi refeito com pedras. No séc. II d.C. foi construído um muro com um pórtico do lado norte. No mesmo século, ou no séc. III d.C., o *fanum* oeste foi refeito com pedras. Foram encontradas duas placas ao norte do santuário e podem estar relacionadas com ele. Elas mencionam a reconstrução de um templo por *Quintus Sergius Macrinus* no séc. III d.C. e cultos aos *numina* do deus *Augusti* e a Mercúrio. Houve um incêndio no séc. IV d.C., desta maneira, a colunata do pórtico norte teve que ser substituída por um muro.

Recentemente foi encontrado um outro santuário na parte oeste do assentamento.

Bibliografia:

BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain.** Paris, Éditions Picard: 284-286.

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums.** Paris, Éditions Errance: planta 49.

Desenvolvimento histórico: Há indícios da existência de um assentamento no local no período gaulês, sua provável data é do meio do séc. I a.C. A cidade foi fundada em torno de 20 a 19 a.C., na seqüência da Guerra das Gálias. Teve um grande desenvolvimento na época de Augusto, mas o apogeu se dá entre os Flavianos e os primeiros Antoninos. No fim do séc. II d.C. há uma regressão progressiva marcada pelo abandono de numerosas habitações, na parte norte da cidade, e a ausência da manutenção para uma parte dos monumentos públicos. Há uma reestruturação na metade do séc. III d.C., que incluiu a construção de um muro, embora, existissem bairros extra-muros. Segundo o estudo das camadas estratigráficas, o sítio parece ter sido incendiado em 260 d.C. A população máxima que o sítio deve ter tido é estimada em seis mil habitantes. A cidade teria uma planta regular, quase ortogonal (BEDON 2001:278), se não fosse pela parte sul. A planta a principio se limitava ao centro monumental, mas foi estendida entre Tibério e Cláudio. O *decumano* fazia parte da rota vinda de Lyon.

Monumentos da época galo-romana encontrados: um Muro; que dataria do Baixo- Império, em torno de 300 d.C., com torres e portas; ruas; fórum, talvez um monumento ao culto Imperial – todo o centro monumental foi edificado no começo do principado de Augusto, com uma segunda reconstrução na época dos Flavios e uma seguinte na época dos primeiros Antoninos –; se considera provável a existência de uma basílica; um arco dedicado a Tibério, Germânico e Drusus, o arco servia para formar uma entrada monumental da cidade, tendo sido construído em 18 ou 19 d.C. por um notável da cidade, *Caius Iulius Rufus*, provavelmente também existiria outro arco, desse porém sobraram apenas fragmentos de seus relevos; um templo de ordem coríntia construído no segundo decênio I a.C.; um templo construído entre o fim do séc. I a.C. e começo do séc. I d.C.; um templo no sul do sítio; edifício cultual (talvez uma tumba); anfiteatro, começado na época de Tibério e terminado na época de Cláudio, por volta de 50 d.C., sua capacidade era de 15mil a 20mil lugares; arena; se supõe a existência de um teatro, pois foram encontrados elementos de frisos com máscaras trágicas, mas pode-se tratar de um mausoléu; poços, na maioria das casas; dois aquedutos, um deles iniciado no fim do séc. I d.C.; *castellum diuisorium*; esgotos; duas termas; lojas; ateliês de recipientes de cerâmica de época augusteana; um bairro metalúrgico; trabalho e comércio de lã conhecido pela literatura (BEDON 2001:281); estabelecimento de trabalho com o bronze datando entre 50-25 a.C.;

ateliês de vidro; ponte; habitações, as mais antigas datam de 50-25 a.C., da época de Tibério – onde antes havia um bairro artesanal – passam a existir habitações cobertas com telhas e algumas com murais pintados, a maioria dessas habitações tem pátios e poços; na época dos Flavios e primeiros Antoninos há uma extensão dos bairros de habitação, em direção ao norte e ao rio Charente; necrópoles a sudoeste e a oeste do anfiteatro; tumbas de época Julio-claudiana foram encontradas no norte da cidade, durante o mesmo período houve construção de mausoléus, alguns com mais de 20 m de altura; no Baixo Império as tumbas se aproximam do centro.

Antecedentes religiosos: Não são conhecidos

Descrição dos *fana*: Foi encontrado um santuário nos “Ateliers Municipaux”. No primeiro estado do santuário, do começo do séc. I d.C., havia um espaço circular de 50m de diâmetro, delimitado por uma fossa de 5m de largura e 2,5m de profundidade. Ele foi parcialmente encoberto a partir de 20 a.C. Na época de Tibério ou de Cláudio se construiu, na parte sudoeste do santuário, uma estrutura de 14,75m por 16,5m, organizada ao redor de uma *cella* de 6,3 por 2,30m, entornada por uma galeria de seus lados sul, oeste e norte. A leste havia um pátio de 15,5m de largura e 9,5m de profundidade. O edifício sofreu várias transformações, em particular no séc. II d.C. Vários poços com depósitos culturais também foram encontrados nas proximidades.

Bibliografia:

BEDON, Robert ; CHEVALLIER, Raymond & PINON, Pierre.

1988 **Architecture et urbanisme en Gaule Romaine**. Paris, Éditions Errance: 222-226.

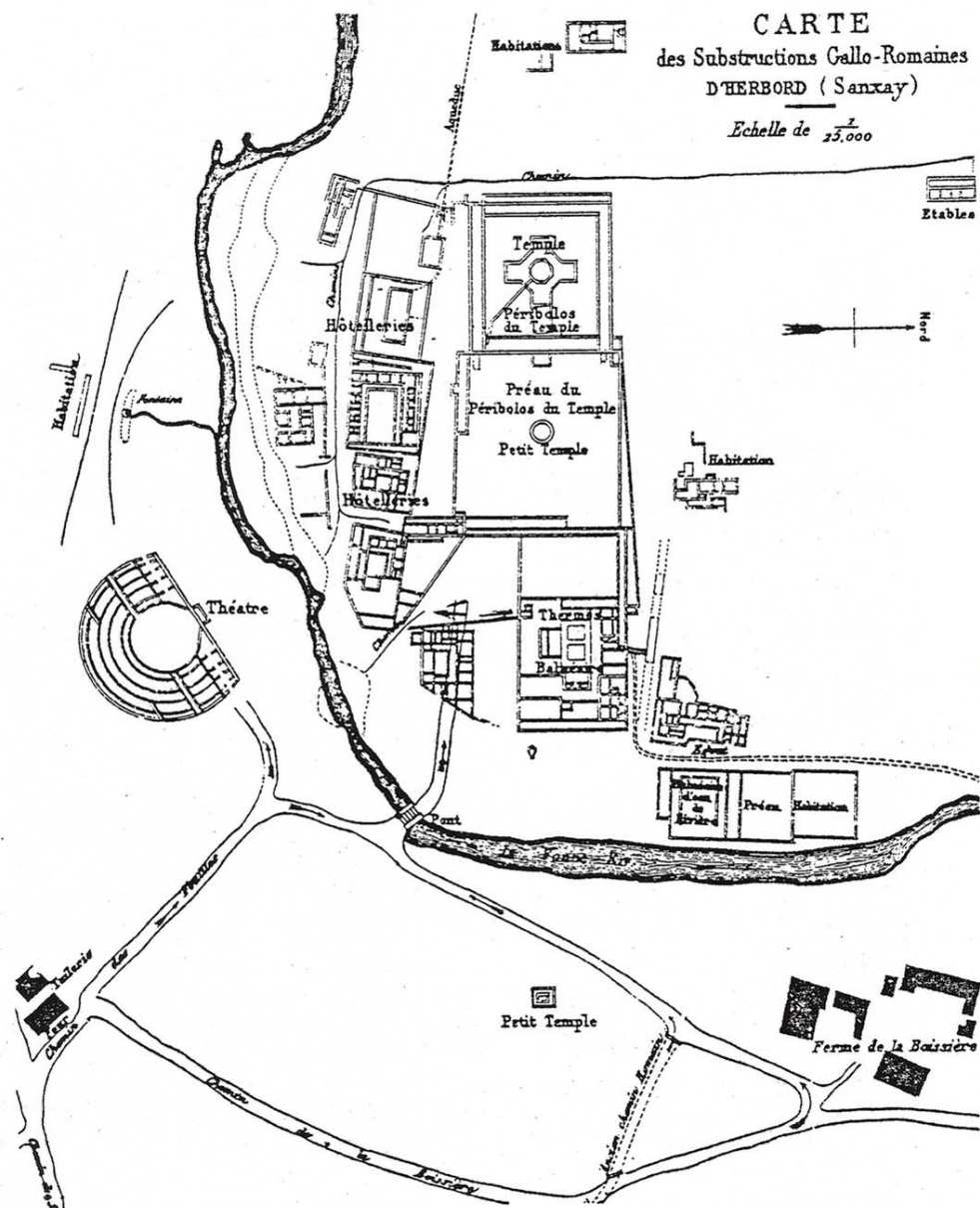
BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions Picard: 278-281.

Sanxay

AEBERHARDT.

1985 Sanctuaires ruraux et preurbanisation en Charente. In: *Les débuts de l'urbanisation en Gaule* et dans les provinces voisines. Caesarodunum. XX: Actes du colloque, ENS 1984. Paris: 51.



Nome: Sanxay

Status: Santuário

Desenvolvimento histórico: A bibliografia não menciona.

Monumentos da época galo-romana encontrados: Teatro; termas; habitações.

Antecedentes religiosos: Deve ter existido um templo gaulês no local onde seria construído o templo octogonal.

Descrição dos fana: Um templo octogonal erguido no séc. I d.C., no local onde deve ter havido um lugar de culto gaulês; um templo redondo com galeria, em um períbolo contínuo ao do primeiro templo; e um templo quadrado com galeria distante alguns metros do que parece ter sido o santuário principal.

Bibliografia:

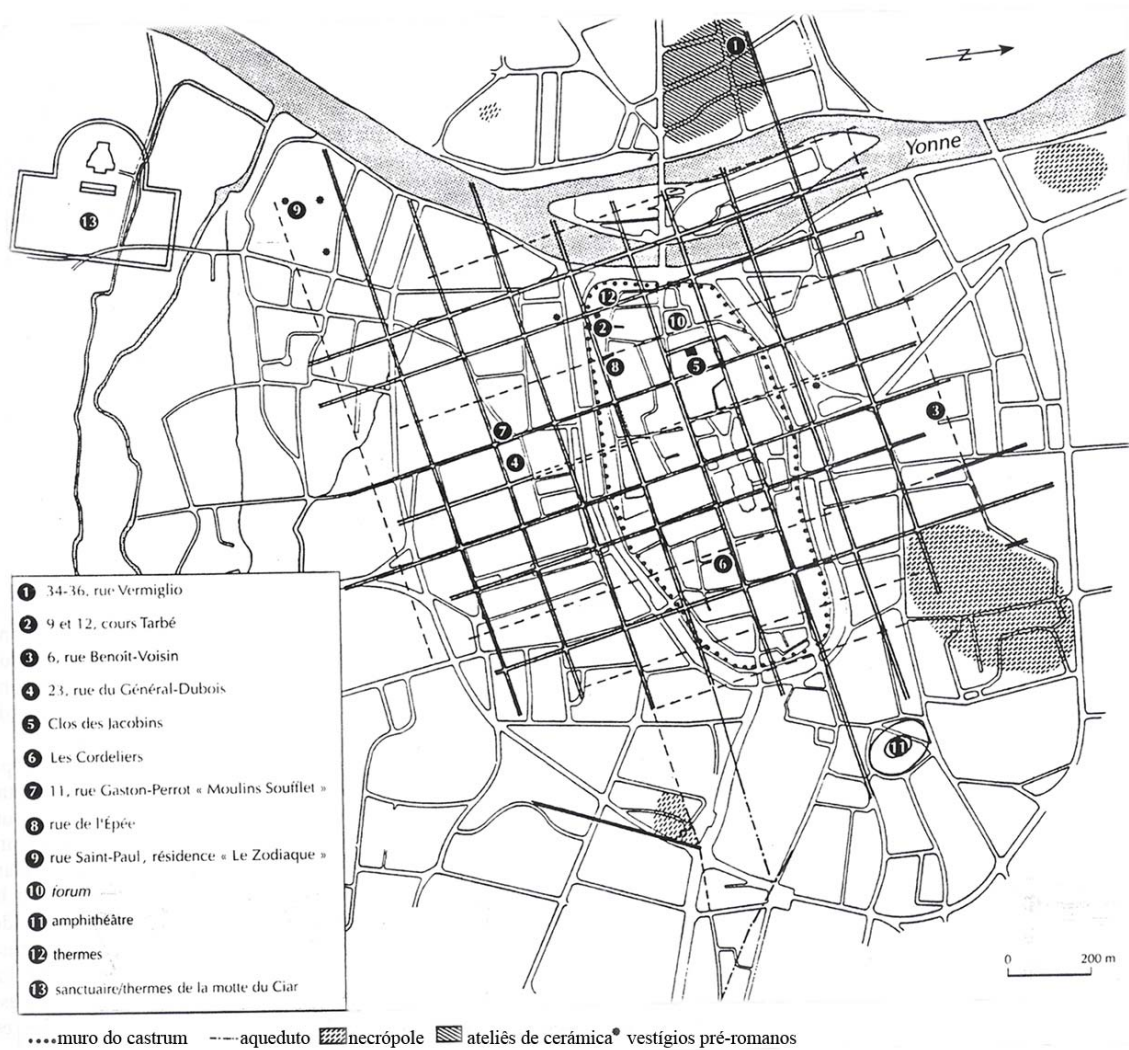
AEBERHARDT.

1985 Sanctuaires ruraux et preurbanisation em Charente. In: *Les débuts de l'urbanisation en Gaule* et dans les provinces voisines. Caesarodunum. XX: Actes du colloque, ENS 1984. Paris: 47-58.

Sens

BROMWICH, James

2003 **Roman Remains of Northern and Eastern France**. Nova Iorque, Londres,
 Rotledge: 231.

**Legenda:**

10 - Fórum

11 - Anfiteatro

12 - Aqueduto

13 - Santuário/ termas “*de la motte du Ciar*”

Nome: *Agedincum*, depois variantes de *Senones* e *Ciuitas Senonum* (Gália Lionesa)

Status: Capital da *Ciuitas* dos *Senones*. Tornou-se colônia, antes ou durante o reino de Marco Aurélio.

Desenvolvimento histórico: Na época gaulesa havia um *oppidum*, próximo da cidade romana que será construída, esta ficava a noroeste do *oppidum*, próximo da falésia do “*Gâtinais*” na margem esquerda do “Yonne”. Na época gaulesa o *oppidum* era provavelmente a capital dos *Senones*, no local havia inclusive um ateliê monetário. No fim da Independência, César estabeleceu no local seis legiões. A fundação da cidade galo-romana provavelmente se deu na época augusteana, já que foram encontradas cerâmicas sigilatas arretinas do período. Contudo, a adoção de um padrão urbano romano parece ter sido lenta, só no meio do séc I d.C. se adotou uma planta ortogonal. No séc. II d.C. o sítio aumentou grandemente seu setor monumental e residencial. A cidade sofreu importantes destruições no fim do séc. II d.C., provavelmente devido aos problemas que antecederam a ascensão de Sétimo Severo. A cidade foi reconstituída, para que no séc. III d.C., ela fosse destruída novamente. Há uma nova reconstrução bastante limitada.

Monumentos da época galo-romana encontrados: ruas; um muro no Baixo Império, com torres; fórum no sudoeste do encontro das duas ruas principais, no séc. II d.C. ele era composto de um templo – provavelmente dedicado ao culto imperial – sobre um *podium* totalizando 25 m de largura, um espaço cívico no centro e uma basílica a oeste; um anfiteatro, a leste da cidade; poços; um aqueduto; termas na parte oeste da cidade, ao sul do fórum, construídas na época de Trajano, ou de Adriano; estabelecimento balneário, do séc. III d.C.; esgotos; um edifício que talvez possa ser identificado como uma praça ou um mercado; havia no sítio trabalho com madeira e um possível comércio de ostras a oeste, na frente da cidade, na margem oeste do Yonne havia um bairro de fabricação de recipientes de cerâmica; vários vestígios de habitações, inicialmente elas eram construídas com materiais leves, foi só no começo do séc. II d.C. que passaram a utilizar materiais mais resistentes, desta época até o fim do séc. III d.C., as *domus* contam com vernizes pintados, mármore e mosaicos; vários grupos de sepultura foram encontrados, um se situava a leste, na borda da rota de *Augustobona*, um outro a sudeste, um terceiro a norte e um outro a oeste, na margem oeste do Yonne, essa necrópole foi usada até o séc. III d.C.

Antecedentes religiosos: A bibliografia não menciona.

Descrição dos *fana*: Santuário no “Motte-du-Ciar”, a sudoeste da cidade. Rodeado por um períbolo de 396 m por 198m, com uma abside de 221 m e abertura a oeste, ele ocupava uma superfície de mais de 10 hectares . Na parte central havia um templo, do qual só há indícios do *podium* de plano cruciforme em pedra, com medida de 75 m por 65m. A edificação foi datada do fim do séc. I d.C. ou no séc. II d.C.

Bibliografia:

BEDON, Robert ; CHEVALLIER, Raymond & PINON, Pierre.

1988 **Architecture et urbanisme en Gaule Romaine**. Paris, Éditions Errance: 231-234.

BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions Picard: 295-297.

BONNEAU, M. M. (org.).

1994-1995 Sens. Gallia Informations. L'Archéologie des régions Corse et Bourgogne. Paris, CNRS: 212.

BROMWICH, James

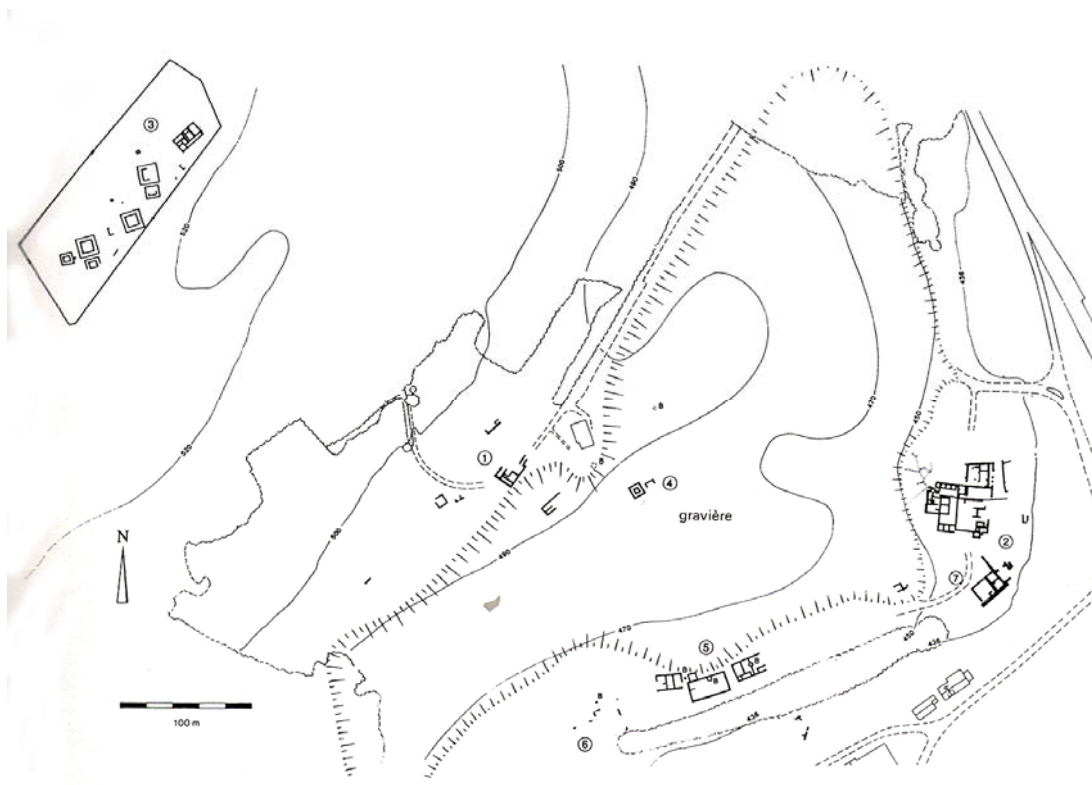
2003 **Roman Remains of Northern and Eastern France**. Nova Iorque, Londres: Rotledge: 231.

Studen/ Petinesca

FELLMANN, Rudolf.

1992 **La Suisse Gallo-Romaine, cinq siècles d'Histoire**. Suisse, Territoires,
Editions Payot: 267.

Planta do conjunto dos *vicus* e dos santuários galo-romanos



Legenda:

- 1 – Edifícios do *vicus*
- 2 – Parte do *vicus* ou rota intermediária
- 3 – Santuário, conhecido como *Grumpboden*
- 4 – Santuário, conhecido como *Ried*
- 5 e 6 - Edifícios do *vicus*
- 7 – Porta do Baixo Império

Nome: Petinesca

Status: *uicus*

Desenvolvimento histórico: Antes da ocupação romana devia existir um *oppidum* dos helvos. O sítio foi dotado de uma guarnição antes da campanha da Germânia e sofreu uma decadência no séc. III d.C. tendo sido abandonado no séc. IV d.C.

Monumentos da época galo-romana encontrados: Casas da primeira metade do séc. I d.C. feitas de madeira; só no séc. II as habitações passam a ter uma “ossatura” de madeira e são completadas com materiais leves ou tijolos crus: foram encontradas casas de um tipo particular, longitudinais, uma das suas faces dá para a rua, onde havia comércios e lojas; atrás ateliês ou lojas, com alojamento, com uma peça quente para o inverno; telhas com “exercícios alfabéticos” (FELLMAN 1992: 177); via vinda de Aventicum; porta romana tardia; necrópole.

Antecedentes religiosos: Não foram encontradas informações sobre vestígios religiosos anteriores ao período galo-romano.

Descrição dos fana: Dois grupos de templos, um situado (3 e 4), o Santuário de *Grumpboden* (3), situado em um local mais alto em relação ao núcleo do assentamento, tinha pelo menos seis *fana* com galerias, também tinha três capelas simples e uma construção interpretada como uma habitação de sacerdotes ou edifício de vigilância (FELLMAN 1992: 265), ele era rodeado por um muro com três portas. O santuário de *Ried* (4) teria dois *fana*, um deles com galeria.

Bibliografia:

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums.** Paris, Éditions Errance: plano 91.

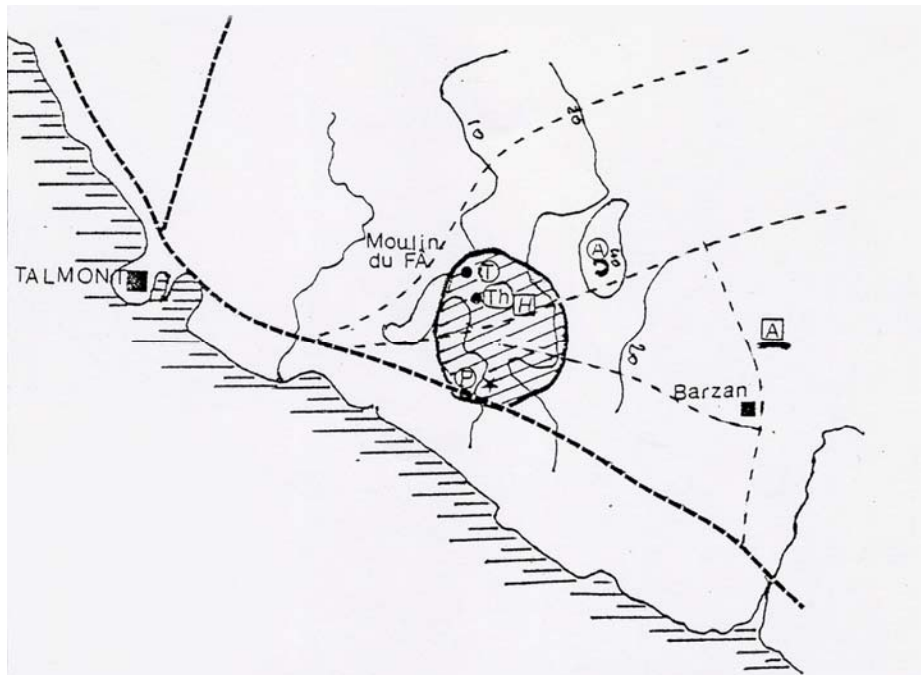
FELLMANN, Rudolf.

1992 **La Suisse Gallo-Romaine, cinq siècles d’histoire.** Suisse, Territoires, Editions Payot.

Talmont-Barzan

AEBERHARDT

1985 Sanctuaires ruraux et peurbanisation em Charente. In: *Les débuts de l'urbanisation en Gaule* et dans les provinces voisines. Caesarodunum. XX: Actes du colloque, ENS 1984. Paris: 54.

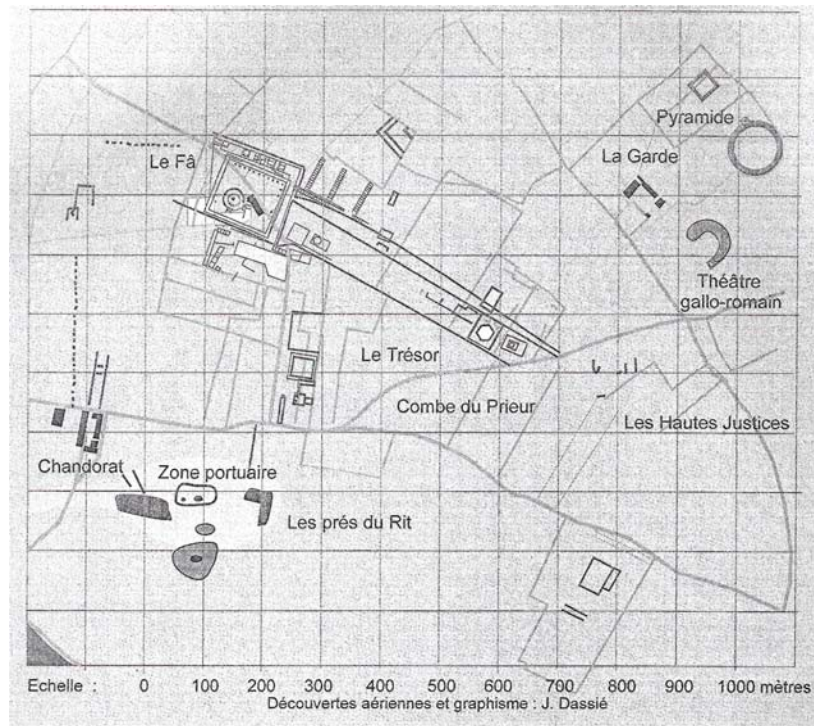


Legenda:

- A (com círculo) - Anfiteatro
- A (com quadrado) - Aqueduto
- T - Templo
- Th - Termas
- H - Habitação
- P- Porto

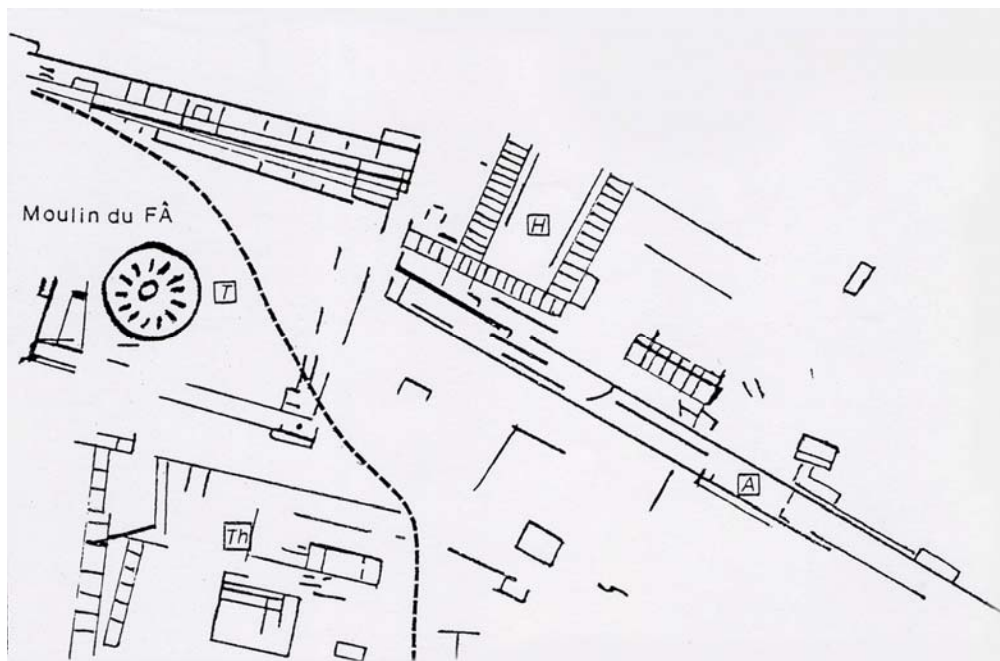
DASSIÉ, Jacques.

1998 La grande lieu gauloise: Identification de tamnum, novioregum et lamnum. Archéologia. Dijon, Éditions Faton, n° 343: 43.



AEBERHARDT

1985 Sanctuaires ruraux et peurbanisation em Charente. In: *Les débuts de l'urbanisation en Gaule* et dans les provinces voisines. Caesarodunum. XX: Actes du colloque, ENS 1984. Paris: 54.



Legenda:

A - Eixo principal

H - *Horrea*

T - Templo

Th - Termas

Nome: *Novioregum*

Status: assentamento

Desenvolvimento histórico: a ocupação do sítio data do séc. II a.C. a I a.C., embora tenha sido encontrado também mobiliário do séc. IV a.C. e II a.C. Uma malha de vias antigas que convergem para o assentamento

Monumentos da época galo-romana encontrados: Entrepósitos comerciais; termas; teatro; habitações; provavelmente um porto; anfiteatro e aqueduto.

Antecedentes religiosos: A bibliografia não menciona antecedentes religiosos.

Descrição dos *fana*: Situado em um ponto mais alto do assentamento, foi encontrado um santuário conhecido como “Le Fâ”. O *fanum* é redondo com diâmetro de 20,80m e está sobre um *podium*; a entrada da *cella*, rodeada de colunas, fica a leste. O templo é rodeado por um pórtico com 7m de fachada leste e 5,70 m de profundidade. O templo parece ter tido

duas fases, sendo que a segunda data do séc. II d.C., quando este ganhou o aspecto revelado pela escavação.

Bibliografia:

AEBERHARDT

1985 Sanctuaires ruraux et preurbanisation em Charente. In: *Les débuts de l'urbanisation en Gaule* et dans les provinces voisines». Caesarodunum. XX: Actes du colloque, ENS 1984. Paris: 47-54.

DASSIÉ, Jacques.

1998 La grande lieu gauloise: Identification de tamnum, novioregum et lamnum. Archéologia. Dijon, Éditions Faton, n° 343: 43.

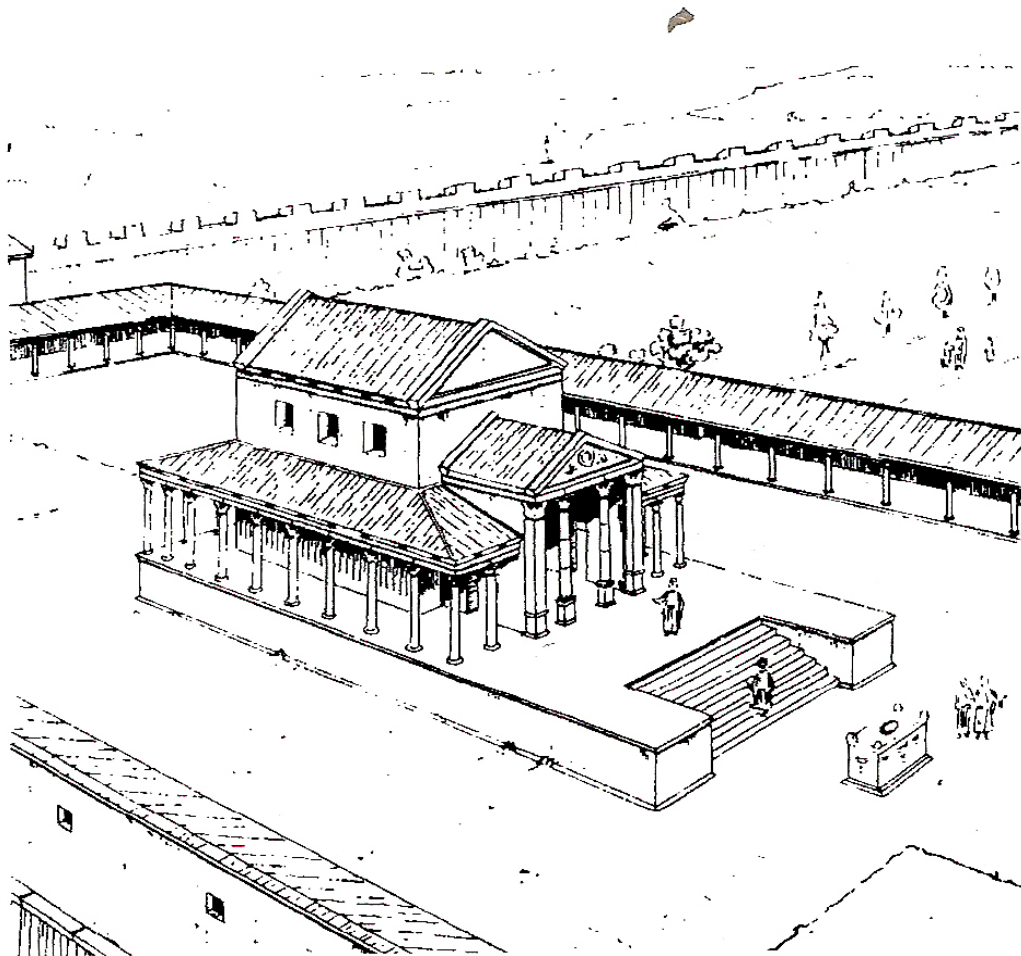
Tongres

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Les Temples de tradition celtique em Gaule Romaine.** Paris, Editions

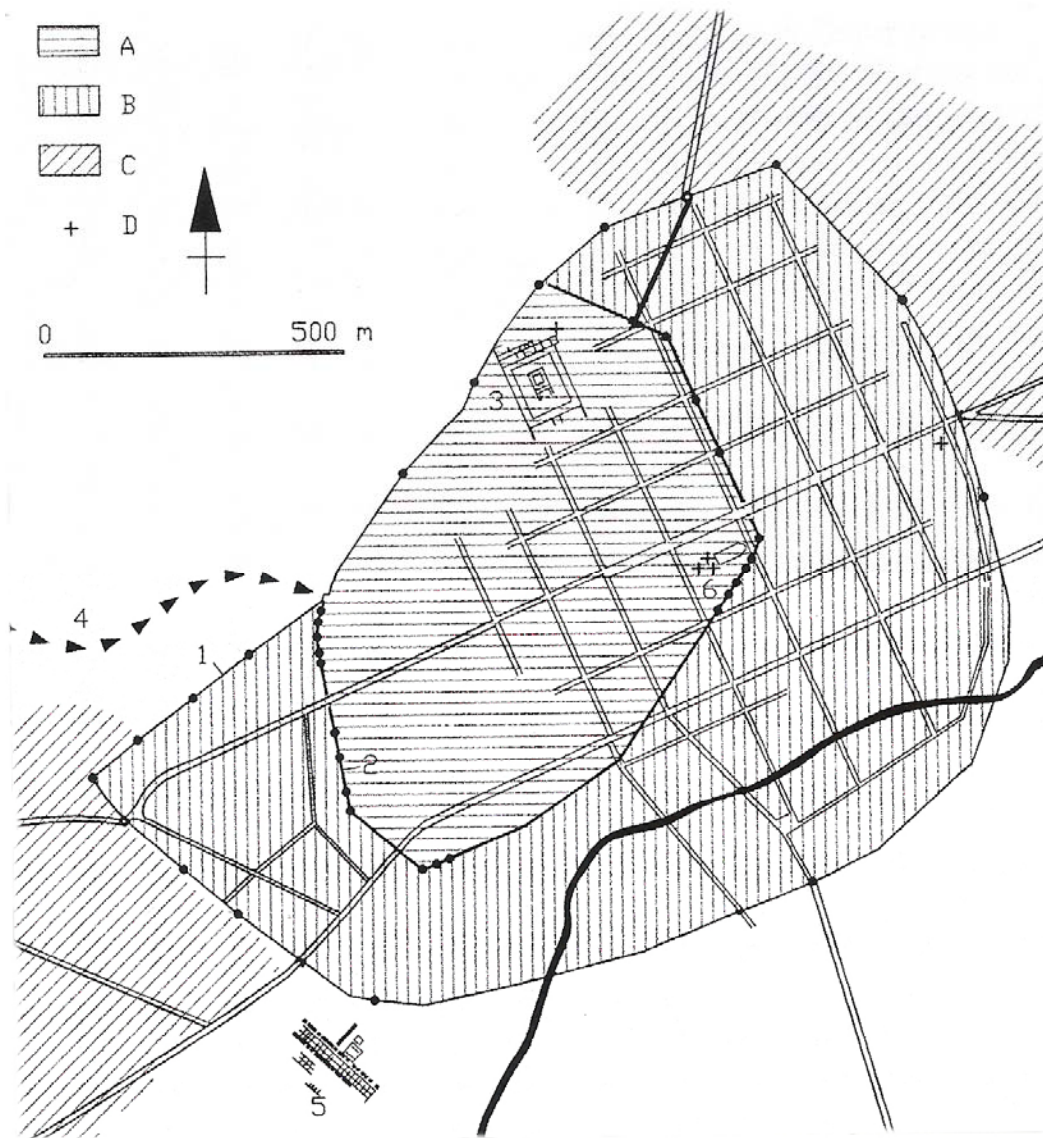
Errance: 152

Reconstituição do templo



VANDERHOEVEN, Alain & VYNCKIER, Geert.

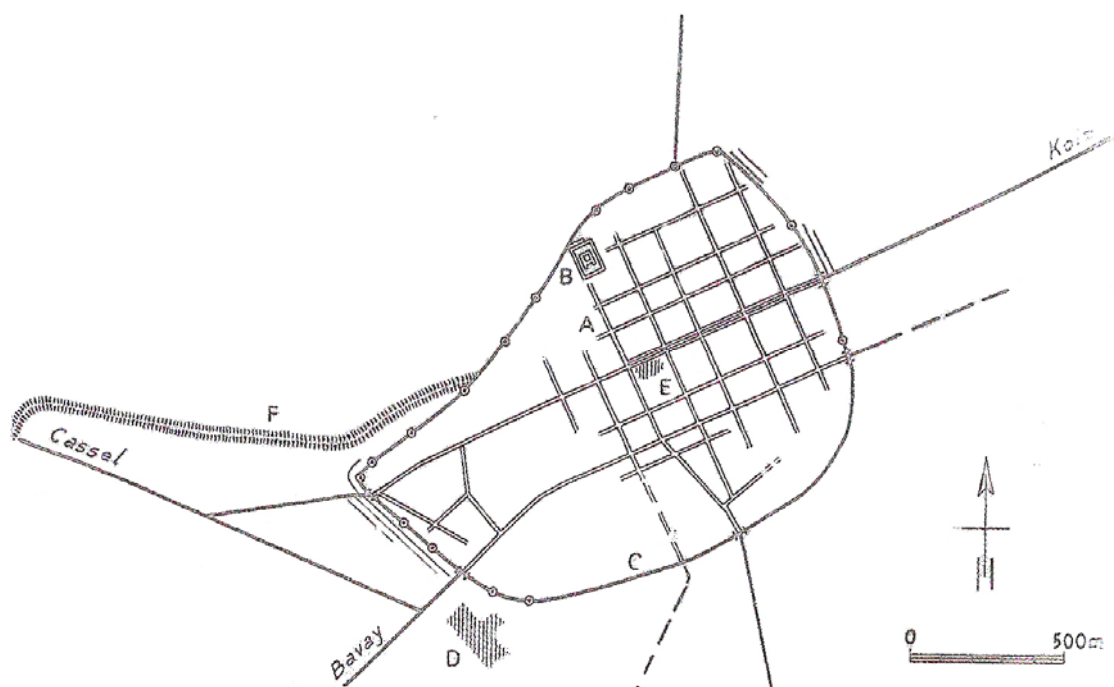
2006 Tongres, chef-lieu de municipe. Dossier d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton,
n°315, jul-ago.: 17.



- A: Cidade no Alto Império.
 B: Cidade no Baixo Império.
 C: Cemitérios romanos.
 D: Tumbas merovingias.
 1: Muro do séc. II d.C..
 2: Muro do séc. IV d.C..
 3: Templo.
 4: Aqueduto.
 5: *Horreum*.
 6: Basílica.

MERTENS, J.

1986 Les villes romaines du nord de la Gaule. Dossiers d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton, n°109, out.: 48.



Planta de Tongres depois da construção do muro:

A: Zona do fórum (?)

B: Templo

C: Muro

D: Lojas

E: Termas

F: Aqueduto

Nome: *Ad/tuatuca Tungrorum – Tunгри* (Gália Bêlgica, no fim do séc. I d.C. passa a fazer parte da Germânia inferior)

Status: *Ciuitas*. Uma inscrição em um altar votivo, datando da segunda metade do séc. II ou do séc. III d.C., menciona este estatuto jurídico do sítio.

Desenvolvimento histórico: A cidade é uma criação da administração militar romana. Tentou-se identificá-la com o campo de inverno de César, Atuatuca, que foi atacado pelos *Eburons* em 54 a.C., porém, sem muito sucesso, pois sua fundação é um fenômeno posterior ao deslocamento do exército romano, no quadro da preparação das campanhas contra os Germanos. Sua data de fundação é do último decênio do séc. I a.C.. Depois da fundação da cidade uma parte da população indígena rural se instalou no centro urbano. Essa população morava em casas construídas com terra e madeira, de planta retangular e uma subdivisão interna delimitando uma zona de habitação e uma para o estábulo, sempre orientadas para a trama das ruas. Essa era uma tradição local que remonta à Idade do Ferro. Essas casas foram substituídas por outras com pátio central, na metade do séc. I d.C. Essa evolução urbana foi interrompida por um grande incêndio, essa camada é geralmente associada com a revolta dos Batavos em 69-70 d.C. Não se sabe ao certo o papel da capital na revolta, porém, a sua destruição foi quase total. Depois desse evento começam a construir usando materiais mais resistentes, houve também um reflorescimento arquitetural, com a implantação da planta urbana por soldados romanos no fim do séc. I d.C., quando uma população civil se instalou na cidade, esses chegaram a construir casas segundo o modelo autóctone. No meio do séc. I d.C., essas casas foram substituídas por outras com um padrão romano, construídas com pedras e madeiras. A cidade tinha, em primeiro lugar, um papel consumidor. Na segunda metade do séc. II d.C. um segundo incêndio destruiu a cidade, talvez causado pela incursão dos *chauques*, populações germânicas combatidas na região pelo imperador *Didius Julianus*, entre 170 e 175 d.C. Em 275 d.C. foi novamente destruída pelos francos. No último quarto do séc. III d.C. a cidade estava em ruínas. No Baixo-Império a cidade retoma seu papel de posto militar sobre a via Boulogne-Cologne, e no reino do imperador Constantino ganha novos muros.

Monumentos da época galo-romana encontrados: O primeiro muro, de época augusteana, era feito de madeira e terra, no começo do séc. II d.C., um novo muro foi feito com torres redondas e o último foi feito no fim do séc. III d.C.. O muro do séc. II d.C. era um dos maiores da Gália do Norte e deve ter sido construído no momento em que a cidade ganhou o status de município. Foram encontradas seções ortogonais de ruas; provavelmente um Fórum com templo; aqueduto; termas; lojas da época de Augusto; *horreum* a oeste, que continua fora do muro no séc. II d.C., o que faz supor que esse complexo econômico não

estava sob a autoridade administrativa da *civitas*; foi encontrado o que seria uma *villa* urbana ou uma *domus*; há também a estrutura de um grande edifício, que talvez seja um templo. Foram encontradas três necrópoles importantes a oeste, a norte e a leste; bairros artesanais; um pequeno porto.

Antecedentes religiosos: A bibliografia não menciona evidências de edificações no período gaulês.

Descrição dos *vana*: Foram encontrados dois espaços religiosos de tradição gaulesa: um santuário indígena de tipo monumental a norte, que foi destruído em 69 d.C.²⁷; e um templo galo-romano em pedra datado do fim do séc. I d.C.; na segunda metade do séc. II d.C. este foi transformado em um templo romano.

Bibliografia:

BEDON, Robert ; CHEVALLIER, Raymond & PINON, Pierre.

1988 **Architecture et urbanisme en Gaule Romaine**. Paris, Éditions Errance: 241-242.

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums**. Paris, Éditions Errance: planta 86.

MERTENS, J.

1986 Les villes romaines du nord de la Gaule. Dossiers d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton, n°109, out.: 38-49.

VANDERHOEVEN, Alain & VYNCKIER, Geert.

2006 Tongres, chef-lieu de municipe. Dossier d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton, n°315, jul-ago.: 16-21.

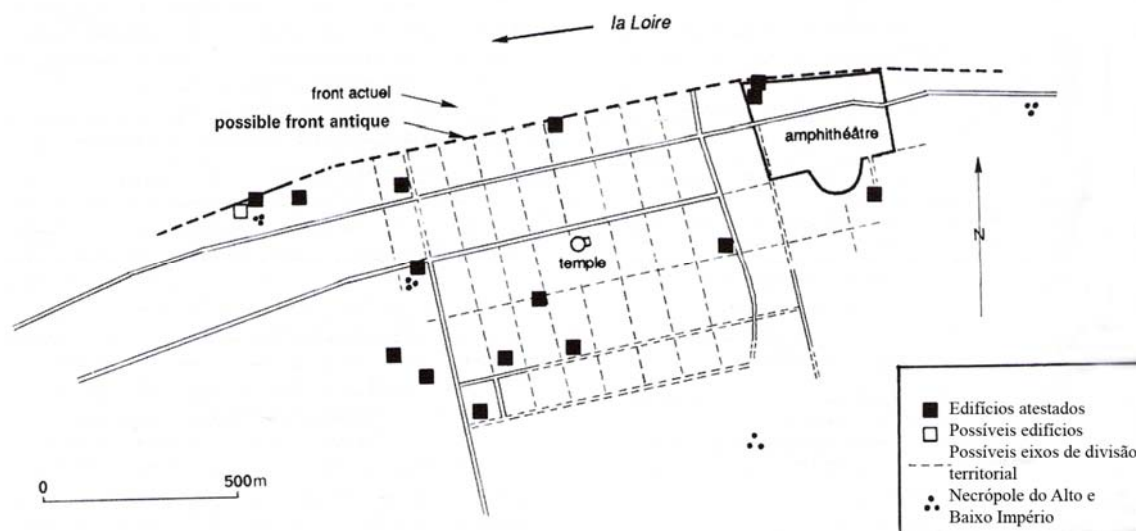
²⁷ Em nenhum dos mapas encontrados esse santuário foi representado.

Tours

BEDON, Robert.

2001 *Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain*. Paris, Éditions

Picard: 310.



Nome: *Caesarodunum* e também variantes de *Turones*, *Turoni* e *Ciuitas Turonorum* (Gália Lionesa)

Status: Capital da *Ciuitas* dos *Turones*.

Desenvolvimento histórico: Fundada entre 10 a.C e 10 d.C. em um espaço onde aparentemente não havia ocupações anteriores. No séc. II d.C. há o abandono de bairros no oeste. Até o séc. V d.C. a cidade foi defendida pelos romanos. A superfície urbanizada ainda é mal conhecida, se estima que conte com um número de hectares de 40 a 80m, o traçado das ruas é quase ortogonal e a via considerada como o *cardo maximus* levava até Bourges

Monumentos da época galo-romana encontrados: Muro somente datado do séc. IV d.C., entre 370 e 380 d.C. ele contava com 25 torres; o *decumanus maximus* tinha um pórtico na sua calçada norte, ao menos na primeira parte do séc. II d.C.. A localização do fórum continua desconhecida; um anfiteatro no limite leste, construído provavelmente na época de Adriano, na segunda metade do séc. I d.C.; um aqueduto; poços; duas termas, edificadas na primeira metade do séc. I d.C., que foram refeitas no séc. II d.C. e desfeitas alguns decênios mais tarde; lojas do séc. I d.C.; forno de cerâmica; ateliês produtores de cerâmica,

atividades de “açougue” ou uma atividade de entalhe na madeira; mineração; pesos usados na tecelagem, em contexto do séc. I d.C.

Na época augusteana se construíram algumas casas com instalações balneárias ao noroeste do anfiteatro, na parte ocidental da cidade, algumas delas foram feitas com madeira durante a primeira metade do séc. I d.C.; algumas estruturas desse período subsistem do séc. II d.C.; uma concentração de sepulturas na rota levando a *Cenabum* (Orleans), uma outra no sul da cidade se ligava à rota para *Auaricum* (Bourges), uma terceira à rota para *Caesaromagus* (Angers), com fundações que parecem ter começado no séc. II d.C.

Antecedentes religiosos: Não são conhecidos antecedentes religiosos.

Descrição dos *zana*: um santuário de planta celta, construído nos anos 40 d.C. se localizava na parte central da cidade. Era composto de uma *cella* circular, de 34,5m de diâmetro, com um *pronaos* com 18 m de largura e situada no meio de um períbolo quadrado.

Bibliografia:

BEDON, Robert ; CHEVALLIER, Raymond & PINON, Pierre.

1988 **Architecture et urbanisme en Gaule Romaine**. Paris, Éditions Errance: 247-249.

BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions Picard: 309-311.

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums**. Paris, Éditions Errance: planta 50.

PROVOST, Michel.

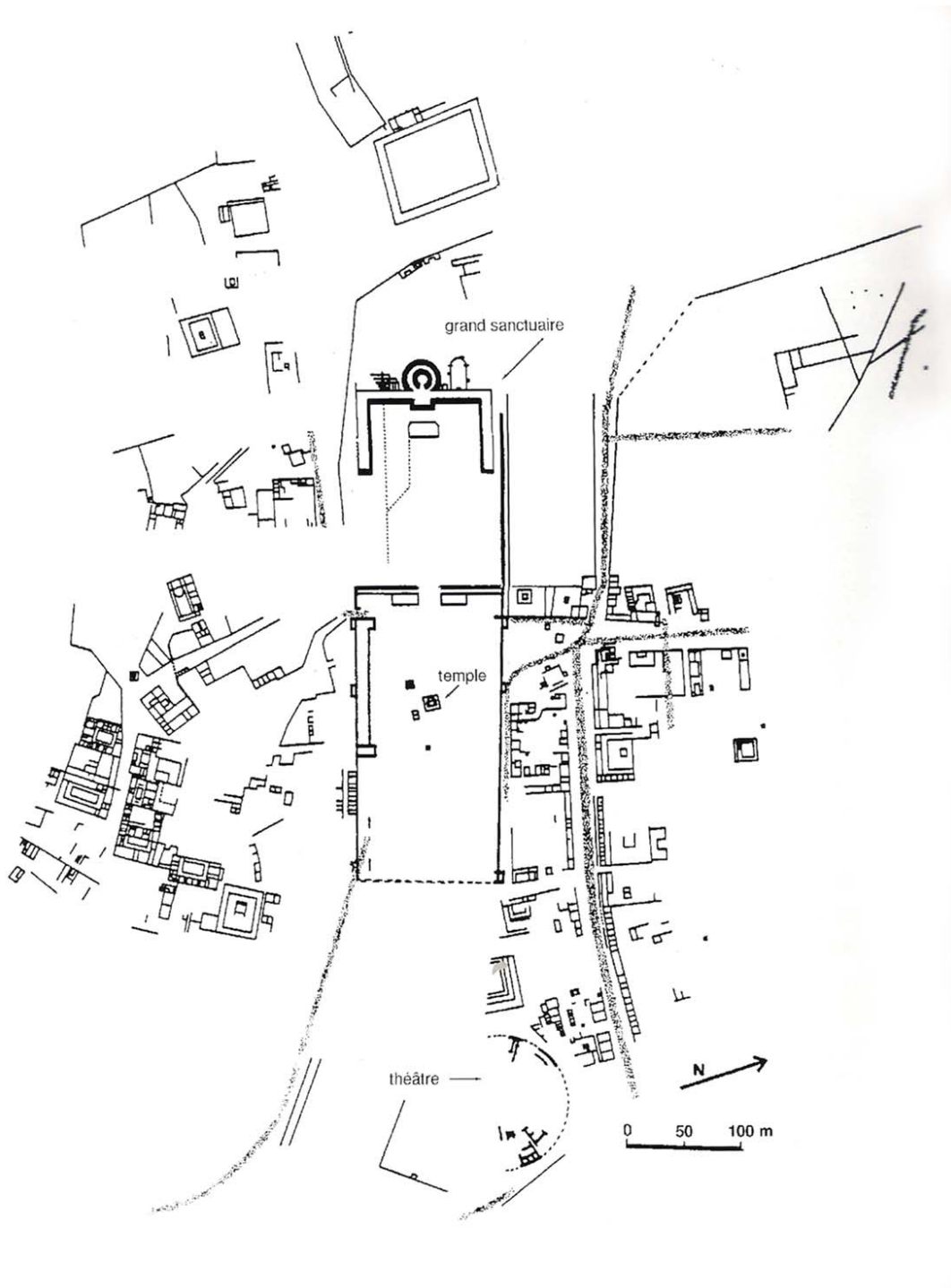
1993 Le Val de Loire dans l'Antiquité. Supplément à Gallia. Paris, CNRS Éditions, n°52: 125.

Tours Mirandes

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Les temples de tradition celtique en Gaule romaine.** Paris, Éditions

Errance: 134.



Nome: *Uindobriga* (?)

Status: *Uicus*

Desenvolvimento histórico: O sítio tinha uma origem gaulesa era provavelmente habitado pelos pictos. O *uicus* parece ter sido fundado no séc. I d.C. O assentamento tinha 120 hectares. O sítio deve ter sido abandonado no séc. III d.C. ou IV d.C.

Monumentos da época galo-romana encontrados: Teatro; habitações; fórum; fontes; basílica;

Antecedentes religiosos: Não se sabe de vestígios arqueológicos religiosos do período gaulês.

Descrição dos *vana*: Um templo circular da primeira metade do séc. I d.C., com 32 metros de diâmetro, dedicado ao deus Mercúrio.

Bibliografia:

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums.** Paris, Éditions Errance: planta 67.

FAUDUET, Isabelle.

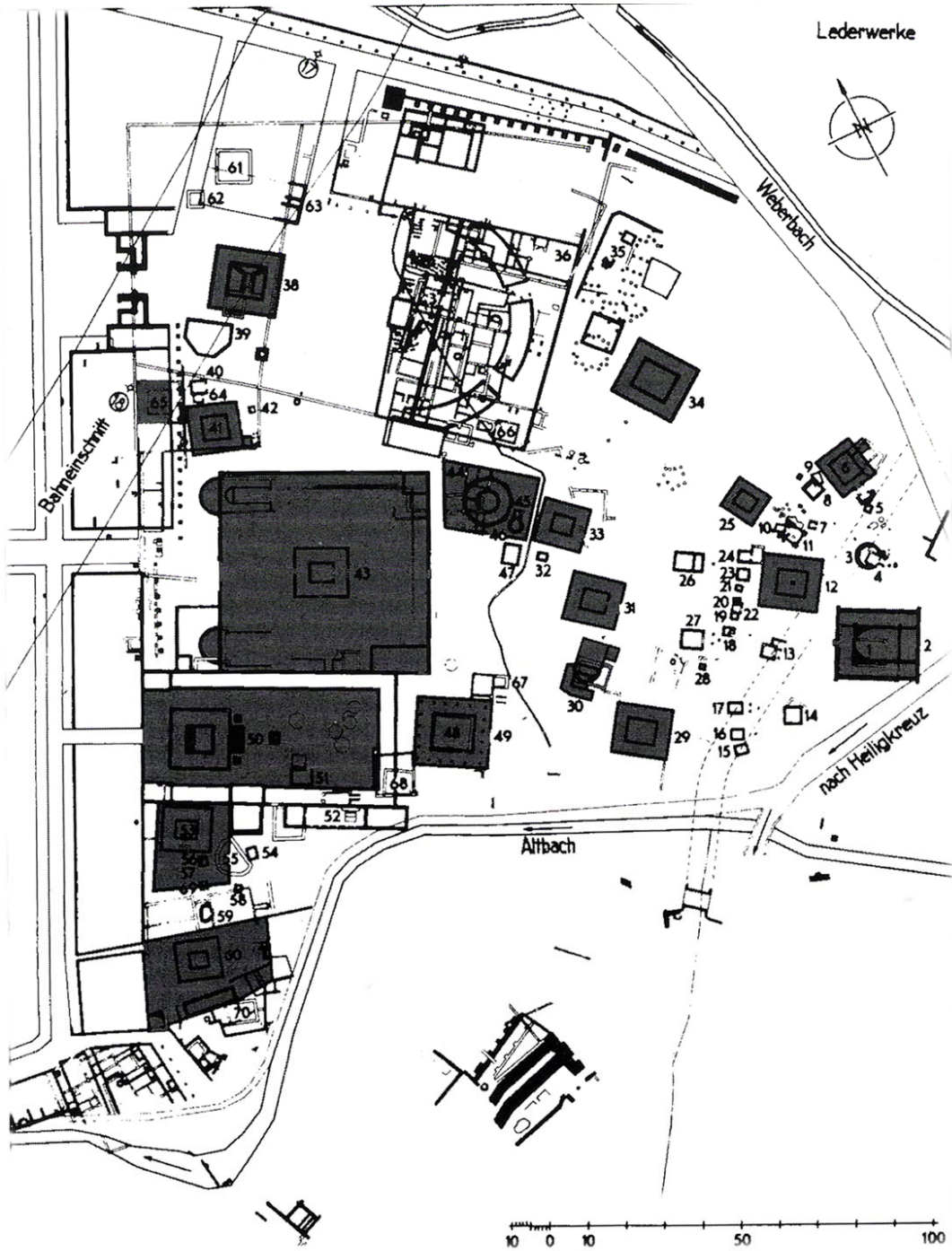
1993 **Les temples de tradition celtique en Gaule romaine.** Paris, Éditions Errance: 134.

Trèves

FAUDUET, Isabelle.

1993 Les temples de tradition celtique en Gaule romaine. Paris, Éditions

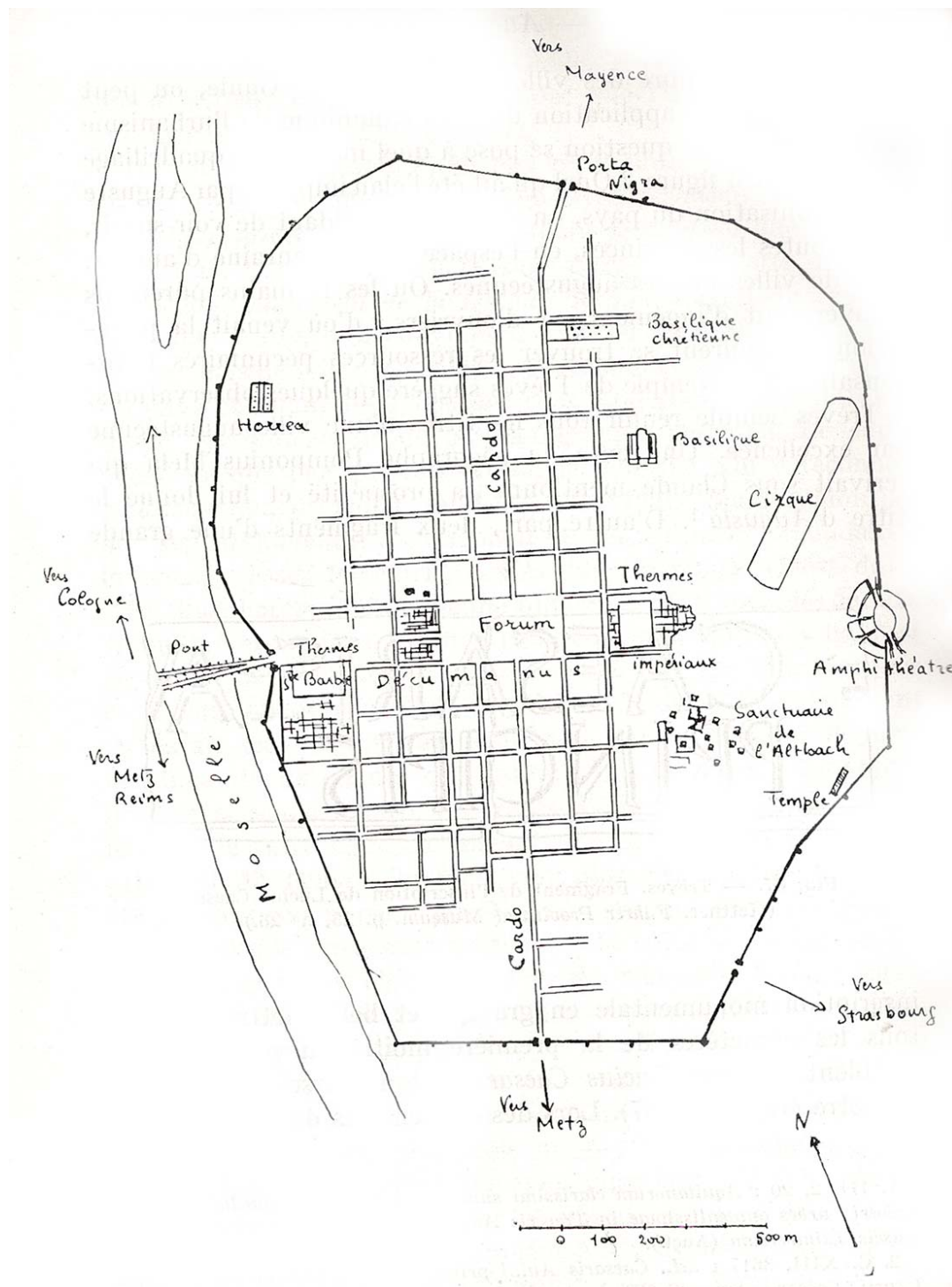
Errance: 34.



GRENIER, Albert.

1958 **Manuel d'Archeologie Gallo-Romaine. Troisième partie: L'Architecture.**

Paris, Éditions Picard: 258.



Nome: *Colônia Treuiroru/ Colônia Augusta Treuerorum* (depois de 138 d.C.).

Status: A questão é controversa, há autores, como Scheid (2002), que acreditam que parte da cidade era uma colônia.

Desenvolvimento histórico: Não se tem certeza de como ocorreu a fundação. Bedon (1989:250) acredita que o local talvez tenha sido um campo de cavaleiros, depois um *uicus* na época de Augusto.

Monumentos da época galo-romana encontrados: Acredita-se que o muro tenha sido construído no último quarto do séc. II, embora, essa datação seja discutível, hoje, uma porta dupla ainda existe; o fórum foi originalmente construído na época de Augusto. Ao longo do tempo, se torna um dos maiores do mundo romano, continha: cúria, pórtico, lojas e basílicas. A cidade também tinha vários templos: um dedicado a Esculápio, datado de 100 d.C., um templo clássico sobre podium, com escadas, além dos santuários com templos de tradição gaulesa: *Lenus Mars* e *Altbachtal*; um anfiteatro, que até 100 d.C. era de madeira; um Circo construído em duas etapas, uma no séc. II e outra no séc. IV; duas termas: termas de *Ste-Barbara* e termas imperiais, construídas em 293; um Palácio Imperial construído cerca de 310, sobre uma residência oficial de um alto funcionário; uma “universidade”; duas pontes sucessivas sobre o Moselle, a primeira em madeira, datada de 71d.C., a segunda, de pedra, foi edificada em 144; criptoporticos; lojas; entrepostos comerciais; ateliês especializados em bordaria; fábricas de escudos e balistas; necrópoles no norte na rota de Mayence e no sul na de Metz.

Antecedentes religiosos: A bibliografia consultada não menciona a existência de um templo gaulês.

Descrição dos fana: Os 18 *fana* estão contidos no santuário de *Altbachtal*, que continha também um teatro e um *mithraeum* no séc. III d.C. Bedon (2000) afirma que, em um primeiro momento, o santuário de *Altbachtal* ficava fora dos muros da cidade, é apenas com a construção de um segundo muro por volta do séc. III, que o santuário é incluído na estrutura urbana.

O templo a “*Lenus Mars*” ficava nas imediações da cidade e também era um templo de tradição galo-romana dedicado a Marte.

Bibliografia:

BEDON, Robert ; CHEVALLIER, Raymond & PINON, Pierre.

1988 **Architecture et urbanisme en Gaule Romaine**. Paris, Éditions Errance: 250-251.

BEDON, Robert

2000 **Les villes des Trois Gaules des origines à Néron. Leur contexte historique, territorial et politique**. Paris, Picard, 2000.

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums**. Paris, Éditions Errance: planta 94.

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Les temples de tradition celtique en Gaule romaine**. Paris, Éditions Errance: 34.

GRENIER, Albert.

1958 **Manuel d'Archeologie Gallo-Romaine. Troisième partie: L'Architecture**. Paris, Éditions Picard: 258.

GOUDINEAU, Christian (org.).

2006 **Religion et Société en Gaule**. Paris, Éditions Errance: 201.

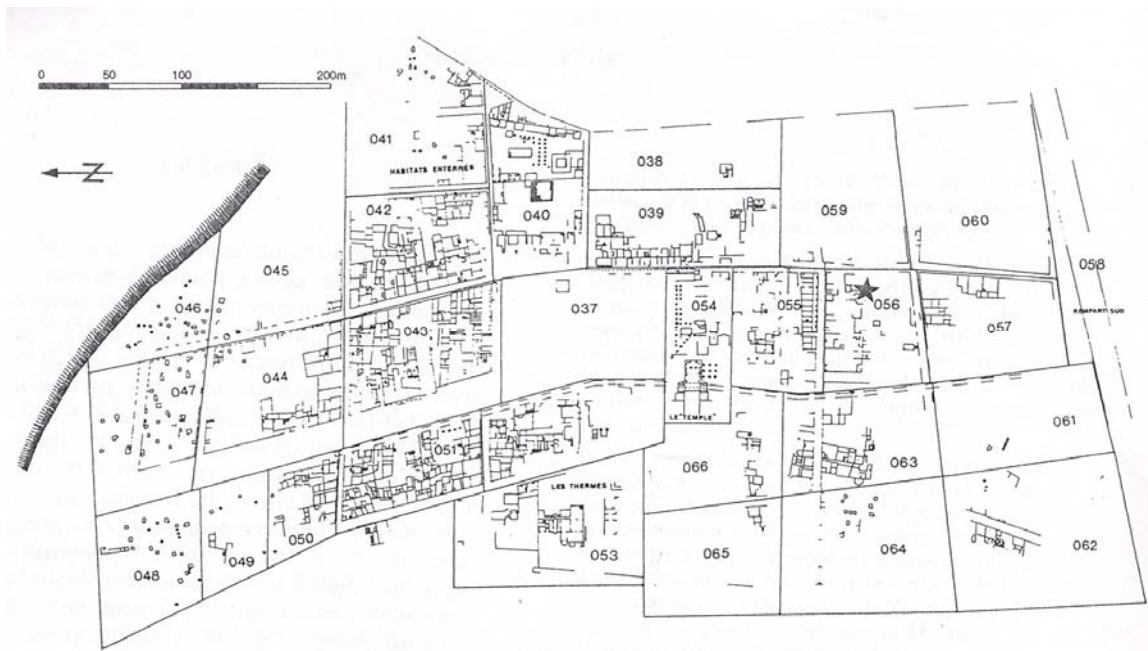
SCHEID, John.

2003 **Religion, Institutions et Société de la Rome Antique**. Paris, Collège de France: Fayard.

Vertault

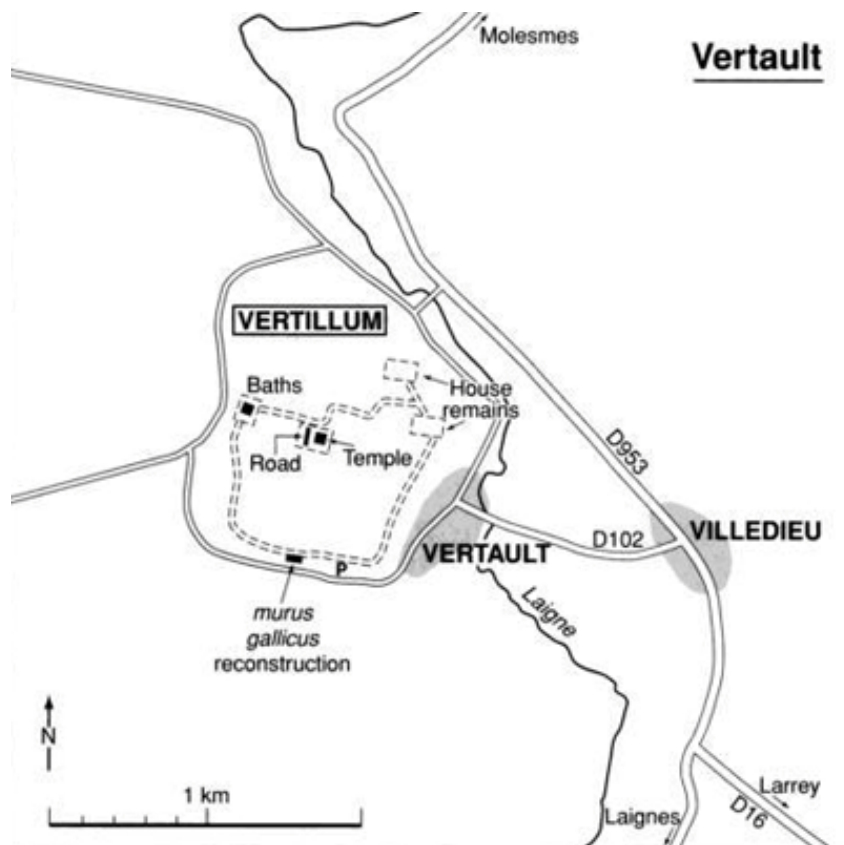
FEUGÈRE, Michel.

1994 La Vaisselle Romaine en Bronze de Vertault (Côte-d'Or). Revue d'Archéologie de l'Est. Paris, C.N.R.S. Editions, 45, 1: 138.



BROMWICH, James

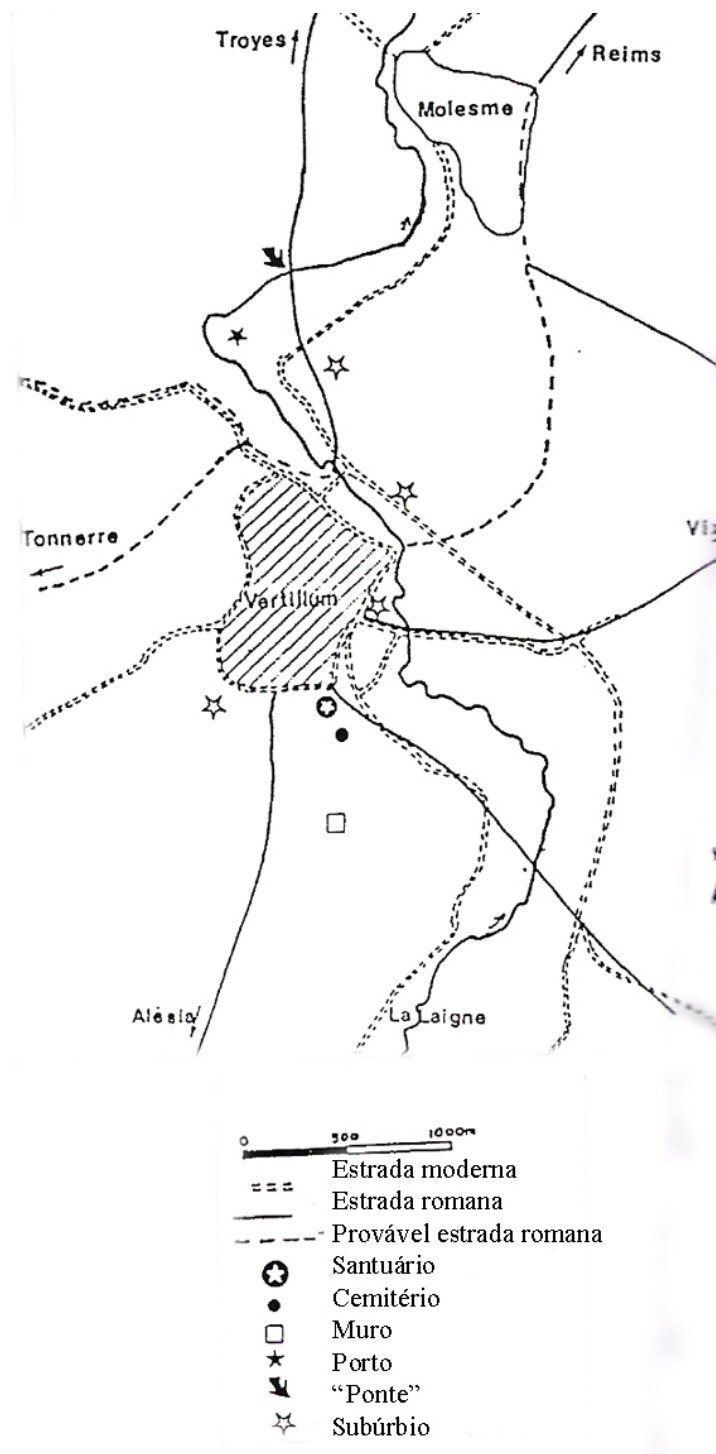
2003 **Roman Remains of Northern and Eastern France**. Nova Iorque, Londres, Rotledge: 326.



RORISON, Monica

2001 *Vici in Roman Gaul*, BAR International Series 933. Oxford, Archaeopress:

140.



Nome: Vertillum (Gália Bêlgica)

Status: *uicus*

Desenvolvimento histórico: O início do assentamento parece ser datado do meio do séc. I d.C. Esta se desenvolve até os Antoninos. Na última parte do séc. III d.C. ela sofre danos importantes. O sítio deve ter sido abandonado no começo do séc. V d.C.

Monumentos da época galo-romana encontrados: Ruas com pórticos pavimentados, praça no sudoeste; muro construído na época do triunvirato ou no principado de Augusto; fórum; termas do séc. II d.C.; lojas; ateliês de trabalho com o ferro, de entalhe em madeira, de cerâmica; casas; tumbas a 200m ao sul do assentamento.

Antecedentes religiosos: Na época da independência já existia um templo, ele vai ser reconstruído na época romana.

Descrição dos *fana*: Foi encontrado um *fanum*, reconstrução de um templo gaulês na época romana, na beira sul do *uicus*

Bibliografia:

BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain.** Paris, Éditions Picard: 322.

BROMWICH, James

2003 **Roman Remains of Northern and Eastern France.** Nova Iorque, Londres: Rotledge.

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums.** Paris, Éditions Errance: planta 460.

FEUGÈRE, Michel.

1994 La Vaisselle Romaine en Bronze de Vertault (Côte-d'Or). Revue d'Archéologie de l'Est. Paris, C.N.R.S. Editions, 45, 1:137-168.

RORISON, Monica

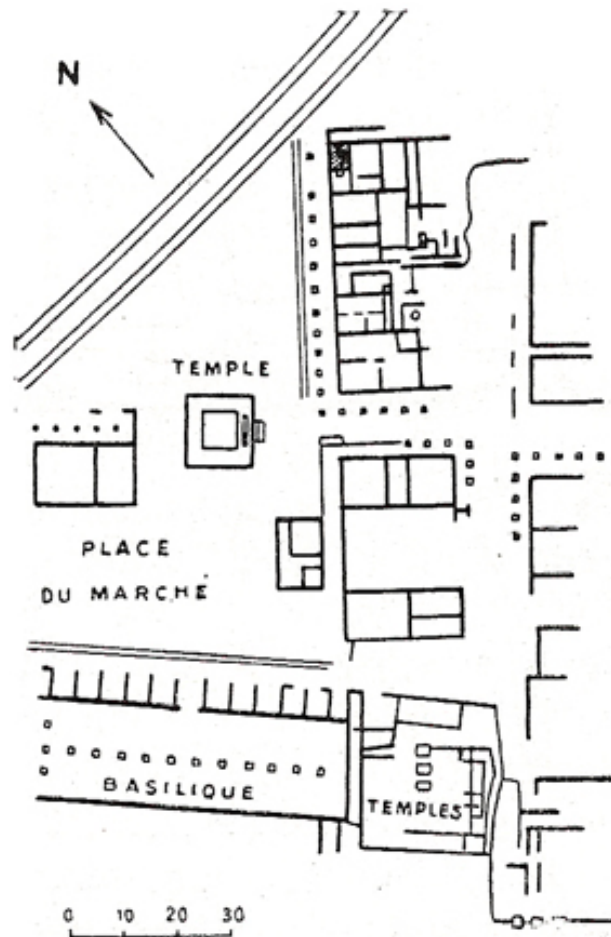
2001 **Vici in Roman Gaul, BAR International Series 933.** Oxford, Archaeopress.

Vidy

GRENIER, Albert.

1958 **Manuel d'Archeologie Gallo-Romaine. Troisième partie: L'Architecture.**

Paris, Éditions Picard: 508.



FELLMANN, Rudolf.

1992 **La Suisse Gallo-Romaine, cinq siècles d'histoire.** Suisse, Territoires,

Editions Payot: 112.

Lousonna/Vidy-Lausanna

Planta do conjunto do vicus



Legenda:

Monumentos visíveis:

I – Fórum

II – Basílica

III – Templo principal I

IV – Santuário com três capelas

V – Termas

VI – Porto

VII - Entrepostos?

VIII – Casa com mosaico

IX – Museu com um quarto pintado de uma habitação

Monumentos não visíveis:

1 – Antiga borda do lago?

2 – Aqueduto

3 – Santuário galo-romano

4 – *Mansio* ?

5 – Entrepostos?

6 – Quarteirões artesanais

7 – Fornos de cerâmica

8 – Villa?

Nome: Vidy (Lausanne) Lousonna

Status: *uicus*

Desenvolvimento histórico: Antes da ocupação romana parece ter havido um *oppidum* no local. Por sua posição geográfica, na borda do lago *Léman*, Vidy se tornou porta de entrada para as mercadorias destinadas ao conjunto do planalto. Segundo Fellmann (1992:108), o interessante é que o conjunto de edifícios aparece justaposto, sem que pareça ter havido qualquer tipo de planificação. O *uicus* cresce a partir do fórum, a oeste de maneira planificada, a leste e a oeste com casas.

Monumentos da época galo-romana encontrados: Fórum; basílica (nave dupla); lojas (do lado da basílica); instalações portuárias; termas; casas; templo; santuário com três capelas; entrepostos (?); aqueduto; ateliês.

Antecedentes religiosos: A bibliografia não menciona espaços sagrados antes da conquista romana.

Descrição dos *fanum*: Foram encontrados um templo, três capelas e um santuário com um *fanum*.

Fanum de *cella* quadrada(III), com galeria de mais ou menos 2 m de largura.

No sul, ao lado da basílica, há um muro retangular de 25 m de lado, no interior do qual se encontram três *fana* (IV), sem galerias individuais.

Santuário galo-romano a oeste (3): na primeira fase de construção havia dois, depois três, sistemas de fossos paralelos, formando uma zona quadrada, talvez delimitados por uma palissada. Essa primeira forma do santuário data do séc. I d.C.; no séc. II d.C. um muro substituiu as fossas e um templo galo-romano com galeria tomou lugar no interior deste muro, juntamente com outros edifícios erguidos nas bordas do templo.

Bibliografia:

GRENIER, Albert.

1958 **Manuel d'Archeologie Gallo-Romaine. Troisième partie: L'Architecture.**

Paris, Éditions Picard: 508.

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums.** Paris,

Éditions Errance: planta 87.

FELLMANN, Rudolf.

1992 **La Suisse Gallo-Romaine, cinq siècles d'histoire.** Suisse, Territoires,

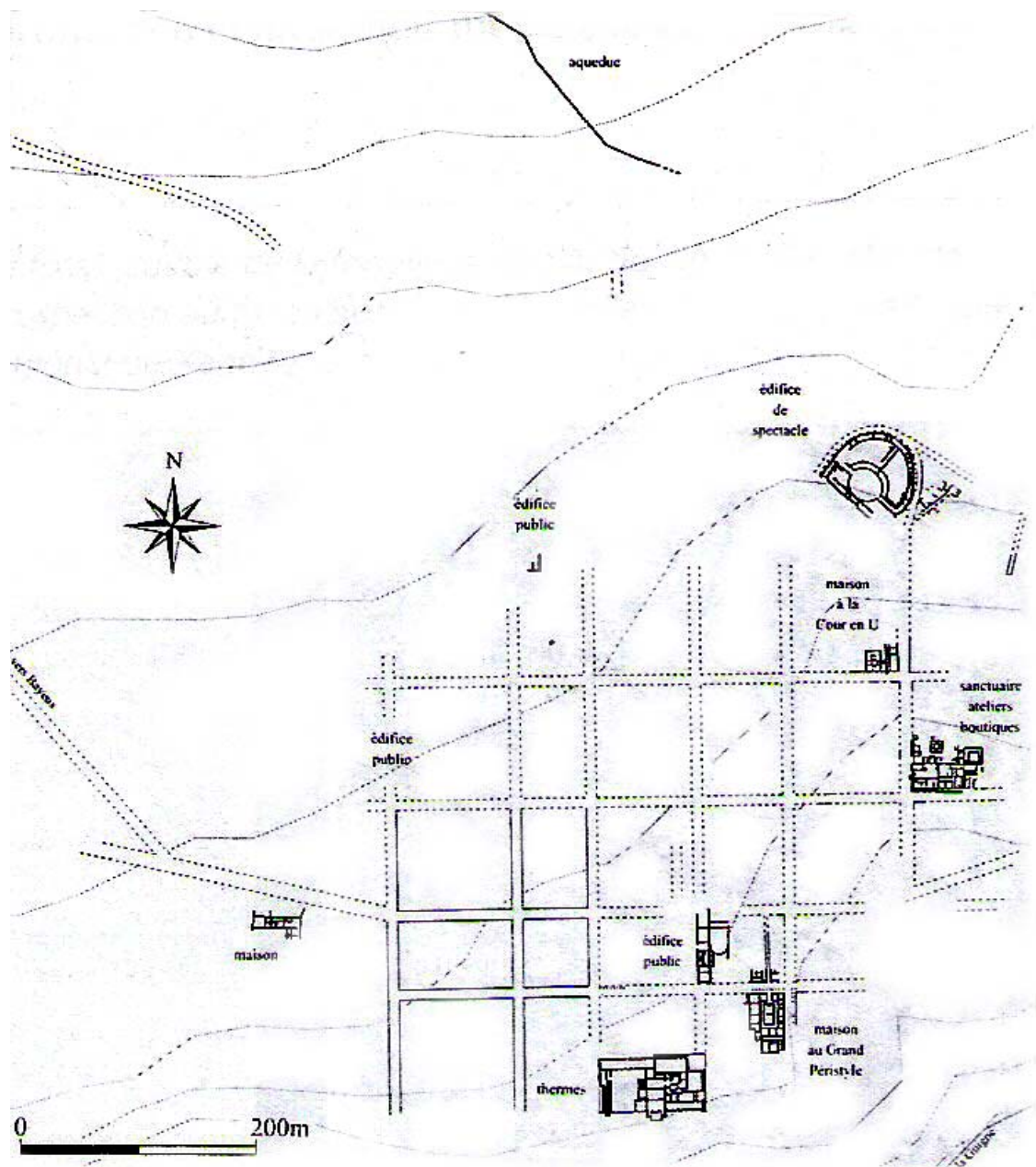
Editions Payot: 112.

Vieux

DELAVAL, Eric & HINCKER, Vicent.

2003 Vieux/Argenua: De la ville au village. *L'Archeologue*. Archéologie Nouvelle.

Paris, Éditions Errance, n°66, jun-jul: 22.



Nome: *Araegenua, Argenuae, Viducases* (Lioneasa)

Status: Capital da *ciuitas* dos *Uiducasses* durante o Alto Império.

Desenvolvimento histórico: Embora, a cidade tivesse um nome celta não foi encontrado nenhum traço de ocupação pré-romana. Contudo, a 2,5km de distância havia um importante santuário gaulês. A fundação provavelmente data de época augusteana, com desenvolvimento sob Tibério e Cláudio. *Argenua* prospera entre o meio do séc. II d.C. e o meio do séc. III d.C.. Há uma regressão da cidade depois das invasões no fim do séc. III d.C, mas a cidade subsiste até o séc. IV d.C.. O *decumano maximus* da cidade era o “*Chemin Haussé*” e o *cardo* fazia parte da estrada de Caen. Tinha rotas secundárias para Bayeux, Jublains, Coutances, Avranches e ligações com as *ciuitates* do interior da Gália. A planta é ortogonal, porém, há ruas orientadas de maneira diversa, o que pode ser um indício de caminhos anteriores à época romana.

Monumentos da época galo-romana encontrados: *Decumano* com pórtico; fórum, com templo, rodeado de lojas; talvez uma basílica com mosaicos; e as termas; traços de ruas; provavelmente dois Templos, um embaixo da igreja “Notre-Dame” e o outro no “Bas-de-Vieux”; um teatro-anfiteatro no noroeste da cidade, datado da época de Adriano, ou do séc.II d.C., com diâmetro de 80m; poços; partes de aquedutos; rede de drenagem; dois estabelecimentos balneários situados no sudoeste da cidade, um chamado de termas do norte é datado do meio do séc. II d.C., o outro tinha duas partes, uma para homens e outra para mulheres, datado de 234, graças a uma inscrição, que indica também que foi construído por dois notáveis – *Solemninus* e depois seu filho *Titus Sennius Solemnis* –; um bairro artesanal de vidro e bronze, que no séc. II d.C. foi coberto por habitações; lojas, algumas perto da termas; um ateliê de recipientes de cerâmica no *decumano* principal; um forno de telhas; um forno de vidro ao norte dessa rua; um mercado de tecido e vestimenta; uma casa de um comerciante de grãos e de recipientes para a alimentação, com uma loja; três grandes casas e outras habitações construídas com estruturas de madeira, pedra e barro; lojas ao longo do *cardo*. Algumas urnas foram encontradas na borda oriental da cidade e no seu limite oeste.

Antecedentes religiosos: A bibliografia não menciona antecedentes religiosos.

Descrição dos *fana*: Parece ter havido um *fanum* junto a ateliês e lojas.

Bibliografia:

BEDON, Robert ; CHEVALLIER, Raymond & PINON, Pierre.

1988 **Architecture et urbanisme en Gaule Romaine**. Paris, Errance: 260-261.

BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions Picard: 332-333.

DELAVAL, Eric & HINCKER, Vicent.

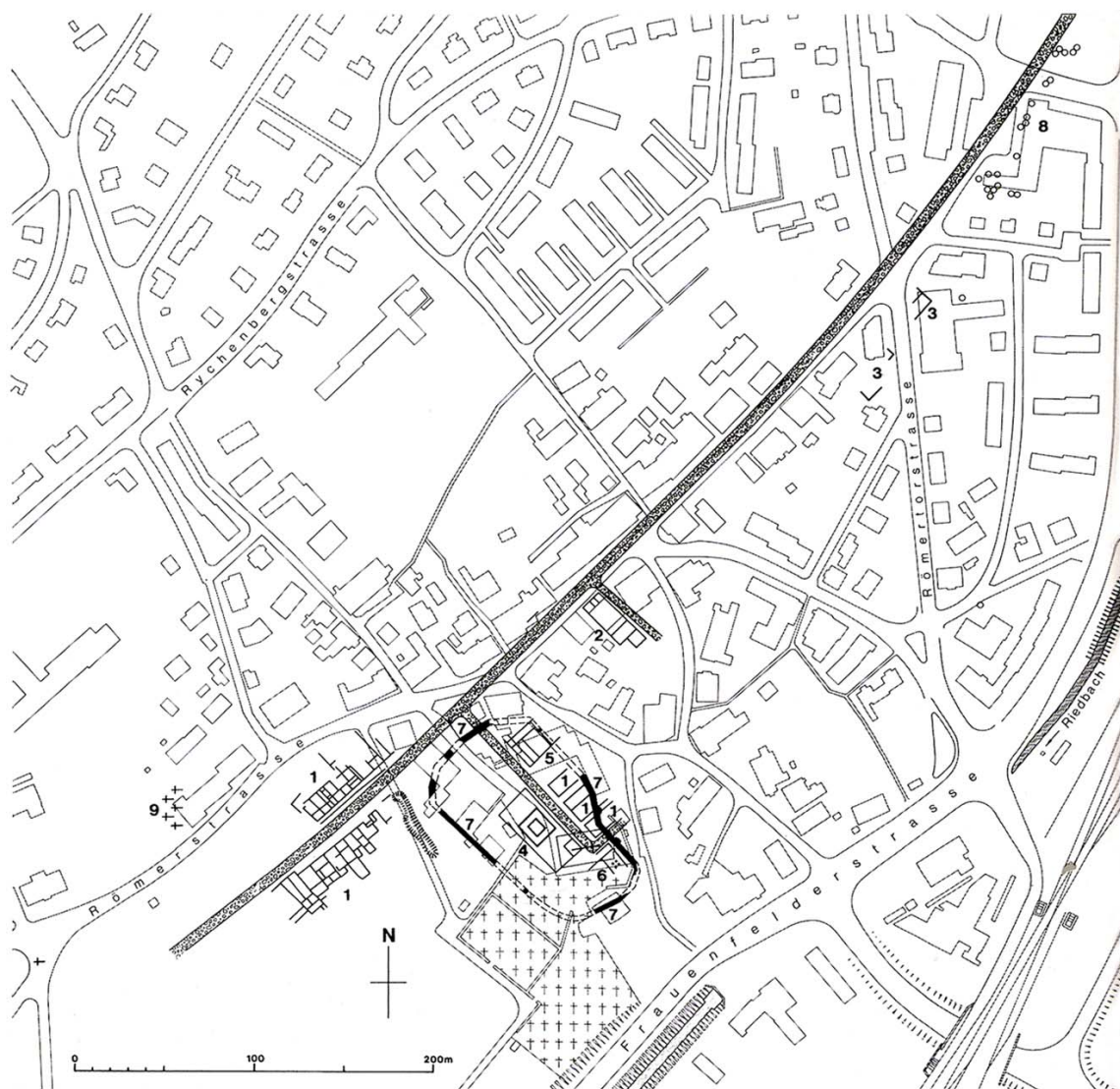
2003 Vieux/Argenua: De la ville au village. L'Archeologue. Archéologie Nouvelle. Paris, Éditions Errance, n°66, jun-jul: 21-22.

Vitudurum/Oberwinterthur

FELLMANN, Rudolf.

1992 **La Suisse Gallo-Romaine, cinq siècles d'histoire.** Suisse, Territoires,
Editions Payot: 110.

Planta do conjunto do *uicus* e do *castrum* no Baixo Império



Legenda:

- 1 – Construções em madeira do *uicus* do séc. I d.C.
- 2 – Grande construção em madeira isolada
- 3 – *Mansio*
- 4 – Templo galo-romano

- 5 – Edifício público
- 6 – Termas
- 7 – Muro do Baixo Império
- 8 – Necrópole com incinerações
- 9 – Tumbas com inumação

Nome: Uitudurum

Status: *uicus*

Desenvolvimento histórico: Localizado numa via de comunicação. Camadas de destruição que parecem relativas aos anos de 69 d.C., novas destruições por volta de 170 d.C. ligadas a conflitos. Diminuição da circulação monetária no séc. III d.C. Fellman (1992:199) acredita que essa queda que começa já no séc. I d.C. se deve à dependência do *uicus* à presença militar em Vindonissa. Construção do *castrum* em 294 d.C.

Monumentos da época galo-romana encontrados: Só uma pequena parte do *uicus* foi rodeada de um muro; os primeiros edifícios de madeira foram erguidos no séc. I d.C.; redes de distribuição de água feitas com canos de madeira; três habitações com quatro estágios sucessivos, 1-35 d.C., 35-55d.C., 55-75/80 d.C., 75/80-120 d.C., essas habitações eram retangulares e seu lado mais estreito dava para a rua, na frente havia comércios e lojas e atrás ateliês ou lojas, elas terminavam dando para um pátio central; registros de “livros de conta” em tabletes de madeira; ânforas de vinho importado; pentes de madeira importada; ateliê de cerâmica; trabalho com couro; tingimento de tecidos; termas; necrópole com incinerações; tumbas com inumação.

Antecedentes religiosos: A bibliografia não menciona antecedentes religiosos.

Descrição dos *vana*: Foi encontrado um *fanum* quadrado com *cella* central e galeria.

Bibliografia:

FELLMANN, Rudolf.

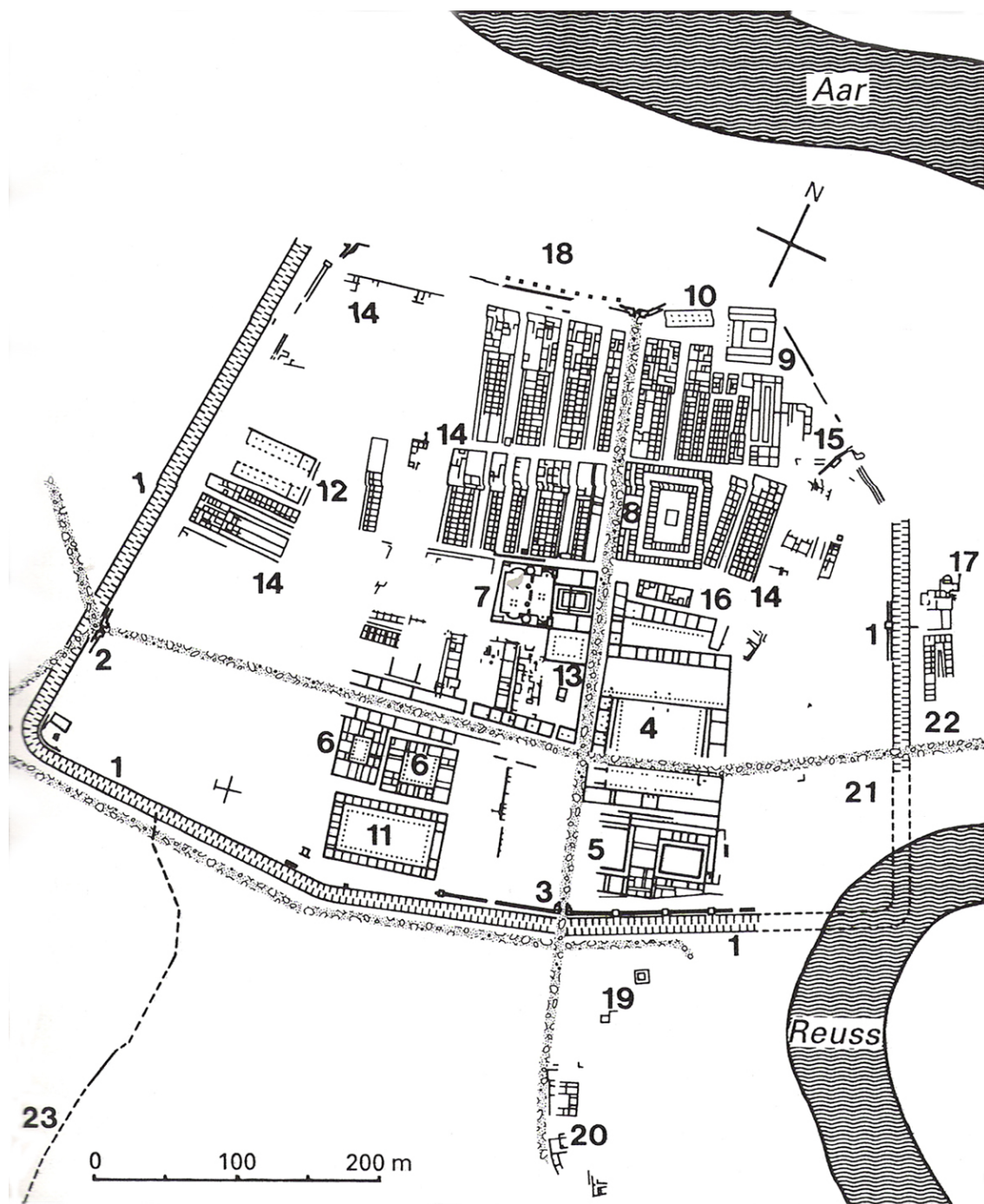
1992 **La Suisse Gallo-Romaine, cinq siècles d’histoire.** Suisse, Territoires, Editions Payot.

Windisch

FELLMANN, Rudolf.

1992 **La Suisse Gallo-Romaine, cinq siècles d'histoire.** Suisse, Territoires,
Editions Payot: 115.

Planta do conjunto do campo legionário e suas dependências.



Legenda:

- 1 – Muro e fosso
- 2 – Porta Oeste (*porta principalis dextra*)
- 3 – Porta Sul (*porta praetoria*)
- 4 – Edifício central
- 5 – Habitação do comandante da legião (*legatus legionis*)
- 6 – Habitação dos tribunos militares
- 7 – Termas
- 8 – Hospital militar (*valetudinarium*)
- 9 – Arsenal
- 10 – Entrepasto *de trigo* (*horreum*)
- 11 – Entrepasto com pátio interno (*fabrica*)
- 12 – Escola (?)
- 13 – Templo de Marte
- 14 – Casernas
- 15 – Cocheira
- 16 – Edifícios de administração do campo
- 17 –Termas do *mansio*
- 18 – Depósito do campo legionário
- 19 – Templo galo-romano do *uicus*
- 20 – Parte do *uicus*
- 21 – Local da porta leste (*porta principalis sinistra*), ainda não escavada
- 22 – Acomodações de Estrada
- 23 – Aqueduto

Nome: Vindinissa (Germânia inferior)

Status: *uicus*

Desenvolvimento histórico: Campo legionário de 17 d.C. – quando foi fundado – até 150 d.C., data da ocupação do campo pelo assentamento civil: *uicus* a leste: *canabae* sobre três lados. A XI legião parte do sítio em direção ao Danúbio em 101 d.C., mas provavelmente até 150 d.C. uma pequena guarnição, ligada à VIII legião de Strasburgo, ficou no *uicus*. A

construção do campo remete ao modelo dos “campos móveis do exército” do período republicano. No reino de Tibério o campo se estende uma primeira vez, o fronte oeste avança 100m para abrigar novos contingentes de soldados. No meio do séc. I d.C., no momento de sua extensão máxima, Felmann (1992: 113) estima que o campo abrigava perto de 10 mil homens.

Monumentos da época galo-romana encontrados: Muro com quatro portas; fórum, com uma sala lateral que podia servir de depósito de armas (*armamentaria*); basílica, onde havia um *podium*; santuário do campo, que abrigava o *aerarium*, onde se guardavam os recursos financeiros; havia outras salas, dentre as quais uma deveria ser destinada a abrigar os arquivos (*tabellarium*); residência do comandante da legião (*praetorium*); hospital militar (*valetudinarium*); instalações técnicas (*fabricae*); termas; habitações; anfiteatro, utilizado não apenas pelos legionários, mas por toda população da região, mesmo depois da finalização das atividades da legião, em 101 d.C.; inscrição atestando a existência de uma associação de cidadãos romanos de mercadores de legumes; rede de esgotos; caserna de centuriões.

Antecedentes religiosos: A bibliografia não menciona.

Descrição dos *fana*: foi encontrado um *fanum* quadrado com galeria no sul, fora do muro.

Bibliografia:

BEDON, Robert ; CHEVALLIER, Raymond & PINON, Pierre.

1988 **Architecture et urbanisme en Gaule Romaine**. Paris, Éditions Errance: 261.

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums**. Paris, Éditions Errance: planta 89.

FELLMANN, Rudolf.

1992 **La Suisse Gallo-Romaine, cinq siècles d'histoire**. Suisse, Territoires, Editions Payot.

Bibliografia

AEBERHARDT

1985 Sanctuaires ruraux et preurbanisation en Charente. *In: Les Débuts de l'urbanisation en Gaule et dans les provinces voisines. Caesarodunum XX* :Actes du colloque, ENS 1984. Paris: 47-59.

BAYARD, Didier & MAHEO, Noël.

1989 La redécouverte d'Amiens Antique. Dossiers d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton, n°140, jul-ago: 57.

BARÇON, Jean-Claude; WALTER, Hélène; LEGROS, Agathe; RICHARD, Annick; *et alli*
2006 Dossier: Besançon, des origines à nos jours. Archéologia, Dijon, Éditions Faton, n° 434, jun:14-65.

BARRAUD, Dany & BLANCARD, Pierre Régaldo.

2000 De Burdigala à Bordeaux. Archéologia. Paris, Éditions Faton, n°367, mai.:56-65

BEDON, Robert; CHEVALLIER, Raymond & PINON, Pierre.

1988 **Architecture et urbanisme en Gaule Romaine**. Paris, Éditions Errance

BEDON, Robert.

2001 **Atlas des villes, bourgs, villages de France au passé romain**. Paris, Éditions Picard.

BLANC, Pierre.

2003 Avenches/Aventicum, capitale des Helvètes. L'Archéologue. Archéologie Nouvelle. Paris, Éditions Errance, n°66, jun-jul: 8.

BONNEAU, M. M. (org.).

1994-1995 Gallia Informations. L'Archéologie des régions Corse et Bourgogne. Paris, CNRS.

BOCQUET, Anne & NAVEAU, Jacques.

2003 Jublains/Noviodunum. L'Archeologue. Archéologie Nouvelle. Paris, Éditions Errance, n°66, jun-jul: 17.

BOCQUET, Anne; CHUNIAUD, Kristell & NAVEAU, Jacques.

2004 Le quartier antique de la Grande-Boissière à Jublains (Mayenne). Revue Archéologique de l'Ouest. Rennes, Association pour la diffusion des recherches archéologiques dans l'Ouest de la France, n°21: 131-174.

BROMWICH, James

- 2003 **Roman Remains of Northern and Eastern France**. Nova Iorque, Londres, Rotledge.
- BUCHEZ, Nathalie & GEMEHL, Dominique.
1997 Amiens, découvertes récentes. Archéologia. Paris, Éditions Faton, n°333, abr: 48-55..
- CHOLET, Laurent & FOLLAIN, Éric.
2001 La ville-sanctuaire oubliée. Archéologia. Paris, Éditions Faton, n°375, fev: 32.
- CHOLET, Laurent & DELESTRE, Xavier.
1992 Les Sanctuaire gallo-romain de Genainville. Archeologia. Paris, Éditions Faton n°278, abr.: 54-55.
- CIRCONSTANCE DE LA DECOUVERTE DU SITE ET L'HISTOIRE DE LA FOUILLE
In: LA ROMANISATION DU VAL D'OISE. [France 2008]. Disponível em: www.ac-versailles.fr/.../GRPI/genainv.htm. Acesso em 05 mai. 2008
- COULON, Gerard & GOLVIN
2002 **Voyage e Gaule romaine**. Paris, Ales, Éditions Errance.
- DABAS, Michel; GUYARD, Laurent & LEPERT, Thierry.
2005 Gisacum revisité, croisement géophysique et archéologie. Dossiers d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton, n° 308, nov: 52-53.
- DARTEVELLE, Hélène; ANDREY, Annie; HUMBERT, Sylviane & FISCHER, Brigitte.
1991 1990: Besaçon antique, Nouvelles Données. Revue Archéologique de l'Est. Paris, Ed. du CNRS, n°42: 153-177.
- DASSIÉ, Jacques.
1998 La Grande Lieu Gauloise: Identification de *Tamnum*, *Novioregum* et *Lamnum*. Archeologia. Paris, Éditions Faton, n°343: 40-43.
- DELAVAL, Eric & HINCKER, Vicent.
2003 Vieux/Argenua: De la ville au village. L'Archeologue. n°66, jun-jul: 21-22..
- DESCHAMPS, Stéphane; GUERIN, Frédéric; PASCAL, Jérôme & PIRAULT, Lionel.
1992 Ratiatum (REZE, Loire-Atlantique): Origines et developpement de l'organisation urbaine. Revue Archéologique de l'ouest. Rennes, Pole Editorial Archeologique de l'Ouest: 111-127.
- DUPRAZ, Joëlle & RIGAUD, Pierre.

2003 Alba, Capitale des Helviens. L'Archéologue. Archéologie Nouvelle, Paris, Éditions Errance, n°66, jun-jul: 5-6.

FAUDUET, Isabelle.

1993 **Atlas des sanctuaires romano-celtiques de Gaule: les fanums**. Paris, Éditions Errance.

FELLMANN, Rudolf.

1992 **La Suisse Gallo-Romaine, cinq siècles d'histoire**. Suisse, Territoires, Editions Payot.

FEUGÈRE, Michel.

1994 La Vaisselle Romaine en Bronze de Vertault (Côte-d'Or). Revue d'Archéologie de l'Est. Paris, C.N.R.S. Editions, 45, 1: 137-168..

GOUDINEAU, Christian (org.).

2006 **Religion et Société en Gaule**. Paris, Éditions Errance.

GRENIER, Albert.

1958 **Manuel d'Archeologie Gallo-Romaine. Troisième partie: L'Architecture**. Paris, Éditions Picard.

GUYARD, Laurent & LEPERT, Thierry.

1999 Le Vieil-Évreux, ville sanctuaire gallo-romaine. Archéologia. Paris, Éditions Faton, n°359, set: 20-29.

KERÉBEL, Hervé.

2003 Corseul/ Fanum Martis, chef-lieu de la cite des Coriosolites. L'Archéologue. Archéologie Nouvelle, Paris, Éditions Errance, n°66, jun-jul: 12-13.

LANGOUET, Loïc.

1996 La Cité d'Alet: de l'agglomération gauloise à l'île de Saint-Malo. Les dossier du Centre Regional d'Archéologie d'Alet. Suppl. S., Éditeur Centre Regional d'Archéologie d'Alet.

LEMAITRE, Claude

1998 Le Vieux-Lisieux, ville ou sanctuaire suburbain? Dossiers d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton, n°237, out: 58-63.

MAGNAN, Danielle

- 1999 Le sanctuaire antique des Meldes. Dossiers d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton, n°273, jun-jul : 78.
- MAGNAN, Danielle; MARION, Stéphane & RAPIN, André
 2002 Le trophée des Meldes: La Bauve à Meaux. L'Archeologue. Archéologie Nouvelle. Paris, Éditions Errance, n°42, mai: 38-42..
- MERTENS, J.
 1986 Les villes romaines du nord de la Gaule. Dossiers d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton, n°109, out: 38-49.
- MITARD, Pierre-Henri.
 1989 Le sanctuaire gallo-romain de Genainville. Dossiers d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton n°140, jul-ago.: 54-56.
- NAVEAU, Jacques.
 1986 Jublains ou l'Echec d'une Ville. Dossiers d'Histoire et Archéologie. Dijon, Éditions Faton, n°106, jun: 30-33.
- OLIVIER, Alberic.
 1989 Corniches et couronnements gallo-romains à Alésia (Alise-Sainte-Reine, Côte d'Or). Gallia. Paris, CNRS, Tome 46: 43-70..
- OLIVIER, Albéric & REBOUG, Alain
 1989 Un nouveau templo gallo-roman à La Genetoyen Autun (Saône-et-Loire). Revue de l'Archéologie de l'Est. Paris, Ed. du C.N.R.S., n°40: 111-114.
- PARIDAENS, Nicolas; GILLET, Évelyne & DEMAREZ, Léonce.
 2006 La Ville d'Anderlecht à Blicquy: sanctuaire de cité. Dossier d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton, n°315, jul-ago: 90-93.
- PICARD, Gilbert.
 1993 La Romanisation de la Gaule, problèmes et rerspectives. Revue Archéologique, Paris, PUF, fasc. 2: 353-385.
- PLUMIER, Jean.
 2006 Baudecet, sanctuaire d'agglomération. Dossiers d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton, n°315, jul-ago: 94-97.
- PROVOST, Michel.

- 1993 Le Val de Loire dans l'Antiquité. Supplément à Gallia. Paris, CNRS Éditions, n°52.
- RORISON, Monica
- 2001 **Vici in Roman Gaul**, **BAR International Series 933**. Oxford, Archaeopress.
- SCHEID, John; VAN ANDRINGA, William; FAUDUET, Isabelle & LONTCHO, Frédéric.
- 2002 Religion De Rome Et De Gaule. L'Archéologue. Archéologie Nouvelle. Paris, Éditions Faton, n°61, ago-set: 4-29..
- SCHEID, John.
- 2003 **Religion, Institutions et Société de la Rome Antique**. Paris, Collège de France: Fayard.
- VANDERHOEVEN, Alain & VYNCKIER, Geert.
- 2006 Tongres, chef-lieu de municipes. Dossier d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton. Dijon, Éditions Faton, n°315, jul-ago: 16-21.
- VAXELAIRE, Laurent & SCHWIEN, Jean-Jacques.
- 2002 Besaçon, rempart et quai sur le Doubs. L'Archeologue, Archéologie Nouvelle. Paris, Éditions Errance, n°58, fev.-mar.: 49-50.
- WIBLÉ, François.
- 1998 Forum Claudii Vallensium, les faubourgs de la ville romaine. Dossiers d'Archéologie. Dijon, Éditions Faton, n°237, out:76-83.
- WOOLF, Greg.
- 2000 Urbanization and its discontents in early Roman Gaul. Journal of Archeology Supplementary Series - Romanization and the City. London, sem ed. Mai: 115-131.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)